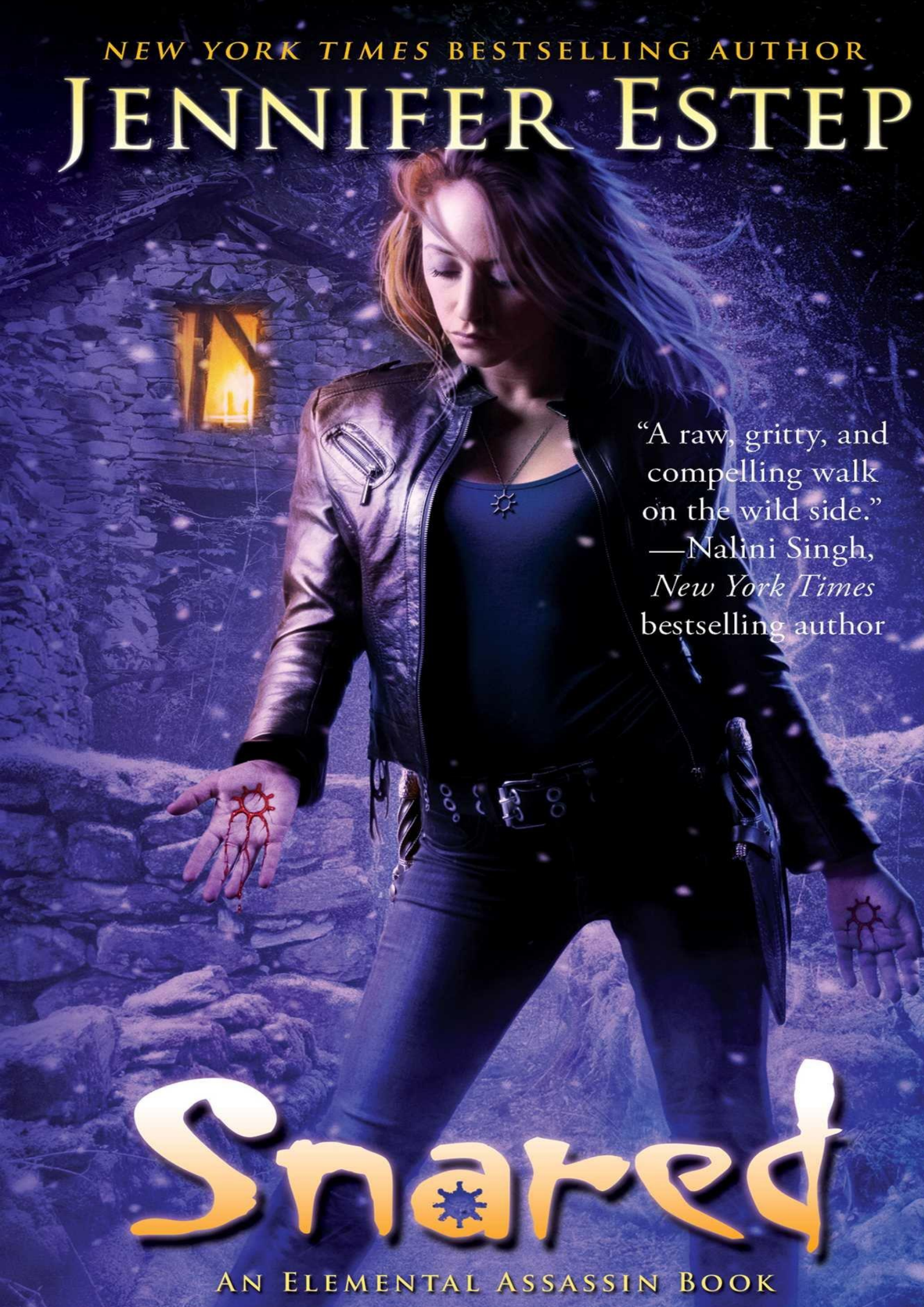

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
JENNIFER ESTEP
"A raw, gritty, and compelling walk on the wild side."
—Nalini Singh, *New York Times* bestselling author
Snared
AN ELEMENTAL ASSASSIN BOOK

Se você não conhece Gin "a Aranha" Blanco, você não conhece heroínas femininas perigosas.

Ironia 101 – A própria Aranha entrou na rede de outra pessoa...

Outra semana, mais algumas pistas que surgem sobre o Círculo, o misterioso grupo que supostamente administra o submundo da cidade. Reunir informações sobre meus inimigos ocultos é um processo meticuloso, mas um mistério mais imediato surgiu no meu radar: uma garota desaparecida.

Minha busca pela menina começa nas ruas de Ashland, mas com todos os assassinos e bandidos nesta cidade, não tenho muita esperança de que ela ainda esteja viva.

Uma série de pistas me leva por um caminho cada vez mais sombrio e perigoso, e percebo que a menina desaparecida é realmente apenas o primeiro fio dessa teia do mal. Como uma assassina, estou acostumada a enfrentar o pior dos piores, mas nada me prepara para esse novo e aterrador inimigo – alguém que ataca das sombras e está determinado a me transformar na próxima vítima.

Snared

AN ELEMENTAL ASSASSIN BOOK

JENNIFER ESTEP

Capítulo 1

Ser um assassino significava saber quando matar e quando *não* matar.

Infelizmente.

Eu estava em uma poça de sombras da meia-noite, minhas botas, jeans, gola alta e casaco de lã preto como a noite ao meu redor. Meu cabelo castanho escuro estava enfiado debaixo de uma toca preta que combinava com o resto das minhas roupas, e eu passei um pouco de tinta preta sob meus olhos para reduzir a palidez da minha face. O único pedaço de cor no meu corpo era a faca de silverstone que brilhava na minha mão direita. Eu até inalava e exalava pelo meu nariz, para que minha respiração não mostrasse muito no ar frio de janeiro e desse a minha posição.

Não que alguém estivesse realmente procurando por mim.

Oh, um guarda anão estava patrulhando a vasta propriedade. Supostamente, ele estava aqui para ficar de olho e certificar-se de que ninguém saísse da floresta, corresse pelo gramado e invadisse a mansão ao longe. Mas ele estava fazendo um trabalho ruim. Eu estava observando-o por pelo menos três minutos agora, fazendo um circuito excepcionalmente lento nesta parte dos jardins.

De vez em quando, o anão levantava a cabeça e olhava em volta, examinando as sombras distorcidas, lançadas pelas árvores e arbustos ornamentais que pontilhavam o gramado aparado. Mas na maioria das vezes, ele estava mais interessado em jogar em seu telefone, a julgar pelos bipes e sinos que continuamente emanavam dele. Ele nem sequer tinha o som mudo – ou a arma dele desembainhada.

Eu balancei a cabeça. Era tão difícil encontrar bons funcionários nos dias de hoje.

Ainda assim, eu fiquei tensa quando o guarda se aproximou da minha posição. Eu estava em pé na esquina de uma casa de pedra cinza, situada bem no fundo do quintal, a várias centenas de metros do prédio principal. As árvores estavam agrupadas ao redor da casa, seus galhos arqueando sobre o telhado de ardósia preta e tornando as sombras particularmente escuras aqui, me dando o esconderijo perfeito para observar e esperar o guarda.

Sem dúvida, o homem que morava na mansão se referia caridosamente a esta casa como a casa de caseiro ou alguma outra coisa igualmente desdenhosa, mesmo que fosse quase grande o suficiente para ser sua própria mansão separada.

Até mesmo Finnegan Lane, meu irmão adotivo, ficaria impressionado com os quartos espaçosos e móveis antigos caros que eu tinha vislumbrado através das janelas quando eu estava espreitando ao redor da casa de campo e me posicionando...

— Então, você vai realmente invadir a mansão, ou vamos ficar por aqui a noite toda no escuro? — uma voz sarcástica murmurou no meu ouvido.

Fale do diabo e ele te irritará.

Eu olhei para a minha direita. A uns quinze metros de distância, uma sombra alta em forma de homem pairava na borda da linha das árvores. Como eu, Finn estava vestido todo de preto, apesar de eu poder ver o brilho de seus olhos, como os de um gato na escuridão.

— Estou esperando o guarda se virar e ir para a outra direção — eu sibilei. — Como você pode muito bem ver por si mesmo.

O transmissor no meu ouvido estalou pela força do bufo de Finn. — Sr. Videogame de celular? — Ele bufou novamente. — Por favor. Você poderia fazer cambalhotas nua pelo gramado bem na frente dele, e ele ainda não notaria.

Finn provavelmente estava certo, mas com o guarda a apenas nove metros de mim agora, eu não poderia arriscar a responder. Em vez disso, deslizei um pouco mais para dentro das sombras, me pressionando contra a lateral da casa de campo. Meu corpo tocou a parede, e eu estendi a mão para

minha magia elemental de Pedra, ouvindo as rochas cinzentas que compunham a estrutura.

Sussurros sombrios e maliciosos ecoaram de volta para mim, pontuados por notas altas, estridentes e gritantes de medo e agonia, enquanto a pedra murmurava sobre todo o sangue e violência que testemunhou ao longo dos anos e todas as pessoas que morreram dentro de suas paredes.

Os murmúrios não me surpreenderam, considerando onde eu estava, mas sua intensidade profunda e dura me fez franzir o cenho. Eu não teria pensado que a casa do caseiro teria sido afetada pelo homem na mansão, dada a distância entre as duas estruturas.

Por outro lado, tudo era possível quando se tratava do Círculo.

Eu bloqueei os murmúrios da pedra na minha mente e concentrei-me no guarda. Como a maioria dos anões, ele era baixo e atarracado, com bíceps protuberantes que ameaçavam rasgar as mangas do paletó. O típico guarda-costas, exceto pelos finos e desgrenhados pelos negros que revestiam seu lábio superior. Alguém estava tentando deixar crescer um bigode com pouco sucesso.

Parando a uns três metros de mim, o guarda levantou o olhar do telefone e olhou para frente da casa. Ele inclinou a cabeça para o lado, ouvindo o assobio do vento de inverno que fazia os galhos das árvores acima da casa rangerem como ossos secos e quebradiços.

Eu aumentei meu aperto na faca, o símbolo estampado no punho pressionando o maior, combinando com a cicatriz embutida na palma da minha mão, ambos um círculo cercado por oito raios finos, uma runa de Aranha, o símbolo da paciência.

Algo que o guarda tinha pouco. Cinco segundos depois, ele voltou sua atenção para o telefone e retomou sua lenta caminhada, passando perto do meu esconderijo. Eu poderia facilmente ter saído das sombras, colocado a mão no cabelo do anão, puxado sua cabeça para trás e cortado sua garganta. Ele teria morrido antes mesmo de perceber o que estava acontecendo. Mas eu não podia matá-lo – ou qualquer outra pessoa aqui hoje à noite.

Infelizmente.

Uma vez que eu começasse a deixar corpos, os membros do Círculo, uma sociedade secreta responsável por grande parte do crime e da corrupção em Ashland, perceberiam que eu estava atrás deles. Eles iriam fechar fileiras, aumentar sua segurança e vir atrás de mim. Ou pior: mirar meus amigos. Algo para o qual eu não estava preparada.

Por mais fácil que teria sido matar o guarda, eu o deixei se afastar, ele nunca saberia quão perto ele chegou de jogar seu último videogame.

Depois que o guarda se afastou o suficiente, relaxei e olhei para Finn, que me mostrou um polegar para cima, em seguida, levantou a arma na outra mão e me saudou com ela. Sua voz estalou no meu ouvido novamente. — Eu estarei aqui esperando, mas com armas em vez de sinos. Apenas no caso de você precisar da cavalaria vir ao seu resgate.

Eu revirei meus olhos. — Por favor. Eu sou Gin Blanco, assassina temível e rainha do submundo, lembra? A única coisa que preciso ser resgatada é de você e dos seus trocadilhos ruins.

Finn sorriu, seus dentes brancos brilhando na escuridão. — Você sabe que me ama e meus trocadilhos ruins.

— Oh sim. Como uma dor de dente da qual não consigo me livrar.

— Esse sou eu, baby. Finnegan Lane, tão péssimo quanto parece.

Ele me saudou com sua arma pela segunda vez, orgulhoso por ter conseguido ter a última palavra. Revirei os olhos novamente.

Mas eu estava sorrindo quando me afastei dele, deixei as sombras para trás e corri em direção à mansão.

• • •

No início de janeiro, as festividades haviam oficialmente terminado, mas alguém demorou um pouco a guardar as decorações. Luzes brancas brilhantes ainda estavam enroladas nas colunas grossas que sustentavam a mansão de pedra cinza de dois andares, junto com fios de flocos de neve iluminados que brilhavam em azul pálido. Ainda mais luzes e flocos de neve curvavam-se sobre os arcos de pedra e delineavam todas as janelas, que também tinham arcos de veludo branco pendurados nelas.

Ano Novo, novos alvos para a Aranha.

Atravessei o amplo gramado, entrei em um pátio de pedra e me agachei atrás de algumas espreguiçadeiras que rodeava a piscina aquecida, ficando o mais longe possível do brilho alegre das luzes natalinas.

Então, eu olhei em volta das cadeiras e na mansão.

Já passava das dez horas e as luzes brilhavam em todos os cômodos do primeiro andar. Eu vi vários funcionários indo e vindo, terminando as tarefas para a noite. Através das janelas mais próxima de mim, vi duas mulheres tirarem bolas de vidro vermelhas e verdes de uma maciça árvore de Natal que ocupava a maior parte daquele cômodo.

Eu assisti as mulheres e alguns outros funcionários trabalharem por mais algum tempo, mas ninguém se aproximou das janelas e olhou para fora. Ninguém tinha me visto me aproximar, então eu levantei meu olhar para uma janela em particular no segundo andar. As luzes brilhavam naquela sala também, mas eu não vi ninguém se movendo lá dentro. Excelente.

Eu olhei por cima do meu ombro, mas o guarda estava na parte de trás do gramado agora, a várias centenas metros atrás de mim, ainda jogando seu jogo. Eu não teria uma chance melhor do que essa. Deslizei minha faca na minha manga para ter as duas mãos livres. Depois fiquei de pé, comecei a correr, pulei e agarrei uma treliça que estava presa ao lado do prédio.

A madeira rangeu e gemeu sob o meu peso, mais acostumada a segurar lindas rosas do que uma assassina mortal, mas as ripas não racharam, e eu me senti segura o suficiente para continuar subindo. Só me levou cerca de dez segundos para escalar a treliça, enganchar minha perna no parapeito do primeiro andar e me puxar para cima. Fiquei deitada de bruços por vários segundos, ouvindo, mas nenhum grito ou alarme soou. Eu também olhei para o guarda novamente, mas ele era uma forma escura e indistinta na noite. Ninguém tinha visto minha rápida escalada como aranha.

Mesmo que ficar deitada na varanda fria gelasse o meu corpo da cabeça aos pés, eu mantive minha posição, novamente estendendo a mão para a minha magia. Assim como as da casa do caseiro, as pedras da mansão sussurraram com intenção obscura e maliciosa, junto com sangue, violência, dor e morte. Os murmúrios eram muito mais fracos aqui, mais desleixados do

que notas claras e distintas, como se as próprias pedras tivessem absorvido completamente todo o álcool pelo qual seu dono era tão famoso por beber. Ainda assim, eu podia detectar as vibrações emocionais remanescentes de todos os atos malignos que foram cometidos aqui ao longo dos anos. Exatamente o que eu esperaria encontrar na casa de um membro do Círculo.

Infelizmente, porém, os murmúrios das pedras não eram tão perturbadores quanto os de muitos outros lugares que eu estive, e o burburinho certamente não iria me impedir de completar minha missão. Então, eu fiquei de pé e corri para a janela que eu queria, a mesma que eu tinha visto antes. Depois de uma rápida olhada através do vidro para me certificar de que o quarto ainda estava vazio, eu estendi a mão e tentei abrir a janela, que deslizou facilmente.

Esperei alguns segundos, mas nenhum alarme soou. Eu balancei a cabeça. Você pensaria que alguém que fazia parte de uma conspiração criminosa de décadas de idade teria bom senso suficiente de trancar as janelas de sua mansão chique ou pelo menos mandar sua equipe fazer isso por ele. Mas o dono da mansão pensou que ele estava bem protegido, anônimo e intocável, assim como o resto do Círculo.

Bem, eles não estavam. Não mais. Não de mim.

Afastei o arco de veludo branco pendurado, abaixei-me e deslizei pela janela aberta, certificando-me de fechá-la atrás de mim. Então me virei e olhei para o cômodo.

O escritório era o santuário interno de Damian Rivera, o primeiro membro do Círculo na minha lista de alvos. Várias gerações atrás, os ancestrais de Maria Rivera, mãe de Damian, fizeram uma fortuna em carvão antes de venderem suas minas e ramificarem-se em outras áreas. A própria Maria tinha sido notória no ramo imobiliário, comprando e vendendo imóveis em toda Ashland e renovando casas antigas em ruínas que ela decorava com móveis antigos e relíquias de família que ela conseguia por uma ninharia em vendas de garagem.

Damian definitivamente herdou o talento de sua mãe tanto para decoração quanto para espaços dramáticos. O escritório era enorme, ocupando todo esse lado da mansão. Cadeiras e sofás de couro marrom escuro

preenchiam a área decididamente masculina, junto com mesas cobertas com todo tipo de bugigangas caras. Vasos de porcelana, estatuetas de cristal, esculturas de madeira, estátuas de pedra. Tudo perfeitamente no lugar e tudo perfeitamente realçado pelos três candelabros banhados a ouro pendurados no teto.

Mas a peça central do escritório era um bar elaborado que ocupava uma parede inteira, completo com várias banquetas acolchoadas de vermelho alinhadas em frente a ele. Uma grande variedade de garrafas de bebidas empoleirava-se lindamente nas prateleiras de madeira atrás do bar com grades de latão, junto com fileiras de artigos de vidro reluzentes. Eu olhei para as garrafas, reconhecendo-as como sendo bem fora da minha faixa de preço, mas que se encaixava perfeitamente com o resto do mobiliário de luxo. O ar cheirava a perfume floral caro e fumaça de charuto ainda mais caro, adicionando a sensação de um clube de cavalheiros. Eu tive que enrugar meu nariz para conter um espirro.

Mas eu não estava aqui para me embasbacar com os móveis caros, então eu fui para a mesa no fundo do cômodo, perto da janela que eu tinha acabado de entrar. Para minha decepção, a madeira dourada estava imaculada, como se nunca tivesse sido tocada, muito menos usada, e nem mesmo uma caneta ou um clipe de papel cobria a superfície lisa e brilhante. Por outro lado, eu não deveria ter ficado surpresa. Damian Rivera não precisava fazer algo tão comum como trabalhar. Pelo que eu sabia dele, seus passatempos favoritos eram beber, fumar, comprar antiguidades e passar de uma mulher para outra. Não necessariamente nessa ordem.

Ainda assim, eu vim aqui para procurar informações sobre o Círculo, então abri todas as gavetas e bati ao redor da mesa, procurando por compartimentos escondidos. Mas as gavetas estavam vazias, exceto por algumas pilhas de guardanapos e porta-copos de papel, e nenhum esconderijo secreto foi esculpido na madeira.

Strike um.

Como não havia nada na mesa, fui até o bar, revistando as prateleiras por baixo e as de madeira atrás dele. Mas tudo o que encontrei foram mais

guardanapos e porta-copos, juntamente com vários agitadores de martini de prata de lei e outros apetrechos antigos para preparar bebidas.

Strike dois.

A frustração surgiu através de mim, mas me obriguei a ficar calma e revistar o resto do escritório. Eu passei minhas mãos por todos os móveis, procurando por quaisquer compartimentos secretos. Examinei todos os vasos, esculturas e estátuas à procura de fundos falsos. Bati nas paredes, procurando por painéis escondidos. Até rolei os tapetes grossos e usei minha magia para ouvir as lajes, para o caso de um cofre estar escondido no chão.

Mas não havia nada. Sem compartimentos secretos, sem painéis ocultos, sem cofres no chão.

Strike três, e eu estava fora.

Minha frustração se misturou com decepção, ambas queimando minhas veias como ácido amargo. Algumas semanas atrás, eu encontrei vários cofres cheios de informações sobre o Círculo que Fletcher Lane, meu mentor, havia compilado. Por alguma razão que eu não entendia, Fletcher tinha apenas fotos dos membros do grupo, mas tinha sido bastante simples para eu conseguir seus nomes, especialmente já que muitos deles eram tão ricos e proeminentes cidadãos de Ashland.

Eu tinha vigiado vários membros do Círculo, e Damian Rivera provou ser o alvo mais fácil com a menor quantidade de segurança. Então, eu tinha invado aqui esta noite na esperança de descobrir mais sobre o grupo, especialmente a identidade do homem misterioso que liderava a organização, o bastardo que tinha ordenado o assassinato da minha mãe. Mas talvez houvesse uma razão pela qual a segurança de Rivera fosse tão frouxa. Talvez ele não fosse tão importante ou tão envolvido como eu pensava.

Ainda frustrada, virei-me para a lareira, que ocupava a maior parte da parede em frente ao bar. Desde que qualquer informação poderia ser importante, eu peguei meu telefone e tirei fotos de todas as fotos emolduradas apoiadas na cornija da lareira, esperando que uma delas pudesse ter uma pequena pista.

Damian Rivera não apenas amava as coisas boas da vida, mas também amava a si mesmo, já que a maioria das fotos mostravam seu cabelo preto

ondulado, olhos castanhos escuros, pele bronzeada e dentes surpreendentemente brancos. Rivera estava no auge, com trinta e poucos anos, e ele era um homem excepcionalmente bonito – e um indivíduo totalmente repugnante, mesmo pelos padrões reconhecidamente baixos de Ashland. Não só ele nasceu em berço de ouro, vivendo da riqueza de sua família, nunca tendo trabalhado um dia em sua vida, mas ele também nunca enfrentou quaisquer consequências por nenhuma das coisas desprezíveis que ele tenha feito.

E ele tinha feito muito.

Silvio Sanchez, meu assistente pessoal, esteve investigando Rivera por apenas alguns dias, mas ele já tinha encontrado várias prisões, a maioria por dirigir embriagado, estendendo-se até quando Damian era adolescente. Rivera também tinha um temperamento violento e alguns sérios problemas de controle da raiva. Ele tinha batido em mais de uma namorada ao longo dos anos, funcionários também, e até colocou alguns deles no hospital com ossos quebrados e outros ferimentos graves.

Mas tudo isso não era nada comparado com a mulher que ele matou.

Uma noite durante seus anos de faculdade, Rivera entrou em seu SUV e decidiu ver o quão rápido ele podia conduzir bêbado pelas estradas de Ashland nas montanhas. Ele virou em uma curva, atravessou a linha central, e bateu de frente com um sedan sendo conduzido por uma mãe solteira de dois filhos. Ela morreu instantaneamente, mas Rivera saiu do acidente com ferimentos leves. Ele nunca foi acusado pela morte da mulher, graças a sua própria mãe, que puxou todas as cordas certas e pagou todas as pessoas certas para cobrir a coisa toda.

Mas Damian não aprendeu a lição. Ele não aprendeu *nada*, uma vez que foi preso por vários outros DUIs[1] ao longo dos anos, incluindo sua ofensa mais recente na véspera de Ano Novo apenas alguns dias atrás. Não que ele enfrentaria quaisquer consequências por isso também. Sua mãe morreu há muito tempo, mas Damian ainda tinha alguém para limpar sua bagunça: Bruce Porter, um anão que era chefe de segurança da família Rivera por anos.

---

[1] Abreviação para Drive Under the Influence. Dirigir embriagado.

Parei em frente a uma foto de Maria Rivera, uma linda mulher de longos cabelos dourados, olhos castanhos e lábios vermelhos. Na foto, ela estava sorrindo e de pé entre Damian e seu pai, Richard Rivera, com um Bruce Porter de aparência melancólica flutuando atrás deles à distância. Eu levantei meu telefone e tirei uma foto deles...

— Você já está aí há algum tempo. — A voz de Finn soou no meu ouvido. — Isso significa que você finalmente encontrou algo de bom?

— Não — eu murmurei. — Apenas um monte de bebidas, antiguidades e fotos.

— Que tipo de bebida? — Finn falou com óbvio interesse. — Qualquer coisa que eu beberia?

Eu deslizei meu celular no bolso da minha jaqueta e dei uma olhada nas fileiras de garrafas reluzentes atrás o bar. — Oh, eu acho que você beberia todas elas, especialmente porque os gostos de Rivera são ainda mais caros do que os seus. Ora, você gargalharia de alegria se pudesse ver todas as garrafas que ele tem aqui.

— Bem, por que você não me traz uma garrafa ou duas para eu poder gargalhar pessoalmente? — Finn falou novamente. — Eu poderia muito bem ter *algo* por estar aqui no frio.

Mesmo que ele estivesse no bosque do lado de fora e não pudesse me ver, eu ainda revirei os olhos. — Eu vim aqui para procurar informações sobre o Círculo. Não para roubar a bebida do pai como um adolescente rebelde.

— Você diz roubar, eu digo *oportunidade*.

Eu tinha começado a responder quando um rangido fraco soou no corredor do lado de fora, como se alguém tivesse pisado em uma tábua no chão. Eu congelei. O rangido veio novamente, mais alto e mais perto desta vez, e foi seguido por algo muito, muito pior: o *som* característico de uma chave deslizando em uma fechadura.

— Vamos tomar uma bebida — disse uma voz fraca e abafada do outro lado da porta.

Capítulo 2

Corri para a janela, com a intenção de abri-la e mergulhar pela abertura. Caso contrário, eu seria pega, e toda a minha cuidadosa vigilância de Damian Rivera e dos outros membros do Círculo teria sido para nada.

Mas eu esqueci o arco de veludo branco pendurado na moldura da janela, e corri direto para isso. Pior ainda, o tecido decidiu colar a mim, como um polvo agarrando as minhas roupas.

— Merda — eu sibilei, tentando tirar o veludo grudado e abrir a janela ao mesmo tempo. — Merda, merda, merda!

— Gin? — A voz de Finn soou no meu ouvido, afiada com preocupação. — O que há de errado?

Eu finalmente afastei o arco e agarrei a moldura. — Eu pensei que você disse que Rivera estava participando de algum jantar de caridade hoje à noite?

— Ele está. De acordo com as minhas fontes, ele confirmou a presença algumas semanas atrás. Só começou às oito horas, então o jantar não deve estar nem perto de terminar.

— Bem, diga isso para Rivera — eu murmurei. — Porque ele está do lado de fora do escritório.

— Saia daí, Gin. — A voz de Finn estalou com ainda mais preocupação. — Saia daí *agora mesmo*.

Eu ergui a janela, estremecendo com o ruído fraco que ela fazia. — Muito à frente de você.

Assim que o vidro estava fora do caminho, eu passei pela abertura e saí para o parapeito.

Pelo menos eu tentei.

Meu pé se enroscou naquele arco estúpido de novo, e minha perna ficou esticada no ar, como se eu estivesse fazendo uma pose de ioga complicada. Eu cerrei meus dentes e puxei meu pé para fora do tecido apertado. O movimento súbito e violento me empurrou para frente, mas consegui cambalear para longe da janela e me segurei antes de dar uma cabeçada no telhado ou, pior, cair completamente.

No segundo em que recuperei o equilíbrio, virei e corri de volta para a janela, estendendo a mão para a armação para abaixá-la.

Do outro lado do escritório, a antiga maçaneta de cristal girou e a porta sacudiu, como se alguém estivesse colocando o ombro na madeira para forçá-la a abrir.

— A maldita porta sempre emperra — disse uma voz masculina profunda.

A maçaneta de cristal girou novamente e a porta finalmente se abriu. Eu agarrei a armação e empurrei a janela para baixo o mais rápido que pude. Mas eu não tive o melhor controle sobre ela, e não consegui fechá-la totalmente. Eu grunhi, tentando forçar a janela a descer aquela última polegada, mesmo quando um homem entrou no escritório.

Se eu podia vê-lo, então ele poderia me ver, sendo assim abandonei a janela e fui para o lado para sair de vista. Meu coração martelou no meu peito, batendo na minha garganta, e eu bati minha mão ao meu lado, segurando uma faca e esperando pelos inevitáveis gritos de surpresa e descoberta.

Um... dois... três... quatro... cinco...

Dez... vinte... trinta...

Quarenta e cinco... sessenta... noventa...

Eu contei os segundos na minha cabeça, mas mais de um minuto se passou, e nenhum alarme soou.

Em vez disso, algo mais ecoou do escritório e através da janela ligeiramente aberta até mim.

Tinkle-tinkle.

O som característico de cubos de gelo caindo em um copo, seguido pelo estalo da abertura de garrafa e um constante *glug glug-glug* de líquido, aliviou

um pouco a minha preocupação. Ainda segurando minha faca, eu me agachei, me aproximei e olhei através do vidro.

Com certeza, Damian Rivera tinha voltado cedo do jantar de caridade. Ele parecia o mesmo que em todas as fotos na cornija da lareira – cabelo preto, dentes perfeitos, figura esbelta em um terno cinza caro. As únicas coisas que as fotos retocadas não mostravam eram o rubor que manchava suas bochechas bronzeadas e seus movimentos lentos e exagerados. Alguém já tinha bebido demais.

E ele estava decidido a ter ainda mais. Rivera bebeu o uísque e serviu-se de outro, enchendo seu copo quase até o topo, como se estivesse *morrendo* de sede. Ele tomou outro gole saudável, drenando metade do uísque, antes de se virar e gesticular para alguém.

— Bem, não fique aí fora — ele disse, sua voz um ronronar suave. — Entre e tome uma bebida.

Um suspiro de sofrimento soou e outro homem entrou na minha linha de visão. Com o cabelo preto e terno caro, ele poderia ter sido um clone mais velho de cinquenta e poucos anos de Damian Rivera, se não fosse pelo cavanhaque preto que se agarrava ao queixo e o desagradável franzir dos lábios. E, ao contrário do estado desleixado de Rivera, os olhos negros deste homem eram afiados e claros e fixados em um olhar frio e plano que eu conhecia muito bem.

Hugh Tucker, o vampiro executor número um do Círculo e meu inimigo.

Eu respirei fundo, meus dedos enrolando ainda mais ao redor da faca na minha mão.

— Gin? — Ouvi a voz de Finn no meu ouvido novamente. — O que está acontecendo? Você está bem?

— Eu estou bem — eu sussurrei. — Voltei para o telhado a tempo. Rivera está dentro do escritório agora. Tucker está com ele.

— Tenha cuidado — disse Finn. — Se Tucker te ver...

— Eu sei, eu sei. Fique quieto agora. Eu quero ouvir o que eles estão dizendo.

Um som fraco veio através do meu transmissor, como se Finn tivesse começado a emitir outro aviso, mas ele ficou em silêncio. Eu me movi para frente, inclinando a cabeça para que minha orelha estivesse perto da abertura da janela a fim de escutar a conversa.

Tucker se juntou a Rivera no bar, no entanto não se sentou em um dos bancos acolchoados. Em vez disso, ele observou seu companheiro pegar um segundo copo e enchê-lo de gelo e uísque. Rivera empurrou um copo através do bar para Tucker, mas o vampiro não se dignou a pegá-lo.

Rivera sorriu, sem se incomodar nem um pouco com a óbvia hostilidade do outro homem. Ele levantou seu próprio copo em um silencioso brinde zombeteiro, drenou todo o líquido âmbar e estalou seus lábios. — Você realmente deveria experimentar o uísque. É Brighton's Best, direto de Bigtime, Nova York. Custa uma fortuna, mas vale a pena.

A resposta de Tucker foi um decididamente evasivo — Mmm.

Rivera serviu-se de um terceiro uísque e afastou-se do bar. Ele cambaleou pelo escritório e jogou-se em um dos sofás de couro marrom, fazendo-o ranger sob seu peso.

— Então, Hugh — disse Rivera, sua voz soando um pouco rouca. — O que era tão importante que eu tive que deixar o meu jantar e minha adorável acompanhante e correr de volta para encontrá-lo?

Em vez de responder, Tucker foi até a lareira, descendo a fila de fotos e olhando para cada uma, como eu havia feito. Suas narinas se dilataram com desgosto enquanto ele olhava todas as fotos retocadas de Rivera, mas ele rapidamente passou por elas, parando na foto de Richard e Maria Rivera de pé com o filho deles. As narinas de Tucker queimaram novamente, como se algo na foto o desagradasse completamente, e ele cutucou a moldura com o dedo indicador, de modo que ela ficou torta e desalinhada com as outras.

— Você sabe exatamente por que estou aqui. — Tucker cruzou os braços sobre o peito e se virou para encarar Rivera. — É o mesmo problema que chamei a sua atenção há várias semanas. Um que você fez absolutamente *nada* para corrigir.

Rivera deu de ombros. — Isso é porque eu não vejo isso como um problema.

— Bem, você deveria — retrucou Tucker. — Desde que é totalmente sua culpa.

Rivera recostou-se no sofá, acomodando-se ainda mais no couro macio. Ele tirou seus sapatos e apoiou os pés cobertos por meias em uma pufe estofado que combinava com o sofá.

— Então, e se foi minha culpa? Ninguém sabe sobre isso, o que significa que ninguém vai fazer nada a respeito. Isso significa que não é realmente um problema.

Os olhos de Tucker se estreitaram com o tom descontraído de Rivera, mas o outro homem estava embriagado demais para notar a mandíbula apertada do vampiro e como seu dedo indicador bateu impacientemente contra o cotovelo oposto. Eu tinha a impressão de que Hugh Tucker estava a apenas mais uma atitude arrogante de atravessar o escritório, arrancar Damian Rivera do sofá e quebrar o seu pescoço.

Bem, isso teria sido ótimo para mim. Eu não me importava muito como os membros do o Círculo morriam, só que o seu reinado de terror terminasse e que eles finalmente pagassem por ordenar o assassinato da minha mãe. Pela primeira vez, eu realmente me vi torcendo por Tucker, esperando que ele cedesse à sua raiva e cuidasse de Rivera de uma vez por todas.

Mas é claro que isso não aconteceu.

Tucker descruzou os braços e alisou a gravata cinza e o paletó combinando, usando os movimentos para ajudar a controlar sua raiva e aborrecimento. Sua voz era tão fria quanto o vento do inverno, quando ele falou de novo. — Bem, *eu* sei sobre isso, o que significa que *ele* sabe disso. Você sabe tão bem quanto eu, que ele não gosta de complicações, e ele certamente não precisa delas, especialmente agora.

Meus olhos se estreitaram. *Ele*? Tucker tinha que estar falando sobre seu chefe, o misterioso líder do Círculo, quem puxava o resto das cordas do mal do grupo. Talvez esta noite não seria um fracasso completo, afinal.

Vamos, Tuck. Diga o nome dele. É tudo o que eu preciso que você faça. Diga o nome dele, diga o nome dele, diga o nome dele...

Rivera bufou. — Mesmo? Ele não quer complicações? Você quer dizer como todas as que você causou por não matar Gin Blanco ainda?

Tucker endureceu com o insulto.

Rivera deu-lhe um sorriso satisfeito, sabendo que ele havia marcado um golpe direto. — Você sabe como o nosso pequeno grupo gosta de fofocar. Eu ouvi *tudo* sobre isso. Como você pensou que forçaria Blanco a encontrar e entregar as joias do parque temático turístico de Deirdre. Mas Blanco enganou você, não foi? Deu-lhe uma sacola cheia de falsificações, e você foi burro demais para saber a diferença. Porque, pelo que eu ouvi, você orgulhosamente entregou essas joias falsas ao nosso destemido líder, e ele ficou tão bravo que esmagou todas elas com as próprias mãos bem na sua frente, e depois fez você limpar a bagunça.

Os lábios de Tucker pressionaram em uma linha apertada, mas ele não disse nada.

— Enfrente, Hugh. — A voz de Rivera assumiu um tom zombeteiro. — Você pode trabalhar para ele, mas você nunca será um de nós. Não realmente. Nunca mais. Seu pai não apenas desperdiçou a riqueza da sua família, mas ele também arruinou sua posição no grupo. Você nunca vai conseguir recuperar essa posição, esse respeito, não importa o quanto você tente.

O rosto de Tucker permaneceu plano e sem expressão, mas ele não conseguiu esconder o leve rubor subindo pelo seu pescoço, quase como se estivesse envergonhado pelas revelações de Rivera.

Eu fiz uma careta. Eu pensei que Hugh Tucker era o segundo no comando do Círculo, logo abaixo do misterioso *ele*. Mas Rivera estava fazendo Tucker soar como algum subalterno, algum primo pobre do campo que tinha caído em tempos difíceis. Algum servo que os membros do Círculo deixavam caridosamente fazer o seu trabalho sujo em troca do privilégio de pairar em sua órbita. Isso quase me fez sentir pena do vampiro.

Quase.

— E então, claro, houve a sua infeliz escolha de mulher naquela época, o que só soma a todos os seus muitos erros com Blanco agora. — Os lábios de Rivera se curvaram em um sorriso cruel. — Diga-me, Hugh, você ainda está apaixonado por Eira Snow depois de todos esses anos?

Eu ofeguei, choque sacudindo meu corpo como um relâmpago. Eu recuei da janela, fazendo com que um dos meus pés escorregasse de baixo de mim. Meu outro pé voou e minha bunda bateu no telhado um segundo depois.

Thud.

Por um momento, eu fiquei sentada lá, com os olhos arregalados, a boca escancarada, braços e pernas esticados em ângulos desajeitados, faca pendurada na ponta dos meus dedos, como se alguém tivesse acabado de atirar no meu coração e deixado meu corpo cair onde pudesse. Minha mente lutou para processar as palavras de Rivera, como se eu estivesse tentando traduzir alguma língua estrangeira que eu nunca tinha ouvido antes.

Hugh Tucker e minha mãe?

Não... não, não, não, não.

Assim que o pensamento horrível se formou em minha mente, forcei-o a se afastar. *Não havia como* Tucker amar minha mãe. Não quando ele ficou parado e deixou Mab Monroe matá-la. Mas minha mente continuava agitando, e outro pensamento igualmente horrível apareceu na minha cabeça.

Minha mãe não poderia ter *amado* Tucker em troca... ela poderia?

Não... não, não, não, não.

A bile subiu pela minha garganta e achei que ia vomitar por todo o telhado.

Arranhões suaves soaram, penetrando meu choque doentio, e notei uma sombra ficando maior e maior ao meu lado, como se alguém estivesse andando em direção à janela e bloqueando a luz de dentro do escritório. Eu não tinha feito muito barulho caindo na minha bunda, mas Tucker era um vampiro, e o sangue que ele bebia era mais do que suficiente para dar-lhe sentidos aprimorados, incluindo a audição.

Anos de treinamento com Fletcher assumiram, cortando o último do meu choque, e eu me levantei, inclinei para frente, e me pressionei contra o lado da mansão, inclinando a cabeça apenas o suficiente para que eu ainda pudesse ver através do vidro.

Bem na hora certa.

Tucker apareceu na janela. O vampiro empurrou o arco de veludo branco para fora do caminho e deu um passo à frente, seu nariz quase

pressionado contra o vidro, olhando para a escuridão além. Não duvidava que sua visão fosse tão afiada quanto sua audição, e eu não ousei mover um músculo por medo de que ele me notasse com o canto do olho. Mesmo que meu coração estivesse palpitando, eu me forcei a respirar devagar e profundamente pelo nariz e exalar da mesma maneira, não fazendo mais barulho do que absolutamente necessário.

Depois de vários longos e tensos segundos, Tucker relaxou e recuou, embora seu olhar tenha caído para a janela, que ainda estava entreaberta. Suas sobrancelhas se uniram, como se ele estivesse intrigado sobre o porquê de a janela estar aberta em uma noite tão fria.

— Bem? — Rivera falou, sua voz ainda estava maliciosa. — Você não respondeu minha pergunta sobre Eira. Ainda sente falta de seu pequeno amorzinho? Pelo que eu ouvi, vocês dois fizeram um lindo casal no passado.

Casal?

Não... não, não, não, não.

A negação surgiu em mim novamente, junto com aquela bile na minha garganta, mas eu me forcei a engoli-la. Agora não era a hora de deixar minhas emoções tirarem o melhor de mim.

O rosto de Tucker se contorceu pelo tom zombeteiro de Rivera, e seus olhos negros brilhavam de raiva assassina. O que quer que tenha acontecido entre ele e minha mãe, quaisquer *sentimentos* que ele pudesse ter tido por ela, era uma fenda na armadura dele, e Rivera tinha marcado outro ponto.

Mais uma vez, pensei que Tucker poderia ceder à sua raiva, girar e atacar o outro homem, mas ao invés disso ele inclinou a cabeça para o lado, estudando a janela aberta novamente, como se ela guardasse algum grande segredo. Um segundo depois, seu rosto se suavizou e seus lábios se ergueram em um leve sorriso, como se ele estivesse satisfeito com alguma coisa. Eu fiquei ancorada no lugar, mal ousando respirar, pensando que o vampiro tinha me visto depois de tudo e esperei que ele gritasse que havia um intruso no telhado.

Mas Tucker deixou a janela aberta, virou-se e saiu da minha linha de visão. — Eu não vim aqui esta noite para falar sobre o passado. Apenas o seu

futuro, Damian. O qual será decididamente curto e desagradável se você não cuidar das coisas do jeito que ele quer que você faça.

Rivera zombou, e o gelo tilintou em seu copo novamente enquanto ele bebia o resto de seu uísque.

Eu esperei vários segundos, dando a Tucker tempo suficiente para se afastar da janela, então me inclinei e olhei através do vidro novamente. O vampiro estava de volta ao lado da lareira, seus braços cruzados sobre o peito, olhando para Rivera, que havia deixado de lado o copo vazio e agora estava tirando sua gravata, completamente despreocupado com as ameaças de Tucker.

Toque-toque-toque.

Uma batida suave soou na porta, e um terceiro homem entrou no escritório: Bruce Porter, chefe de segurança de Rivera.

Porter era um anão de um metro e meio de altura com um corpo compacto e musculoso que parecia ainda mais duro do que as pedras que compunham a lareira. Ele também usava um terno, embora não fosse tão caro quanto o de seu chefe.

Seus olhos eram de um azul pálido, enquanto o cabelo grisalho tinha sido cortado tão curto que mal cobria a cabeça. Seu rosto de cinquenta e poucos anos tinha as linhas profundas e a pele perpetuamente corada de alguém que passou anos em pé ao sol esperando que outras pessoas lhe dissessem o que fazer.

Porter moveu-se com rígida precisão militar enquanto ele se aproximava e chamava a atenção de Rivera. — Senhor — disse ele em uma voz profunda e suave. — Como solicitado, acompanhei a sua amiga até a propriedade. Ela está esperando no seu quarto.

Rivera mostrou os dentes em um sorriso predatório. — Bom homem, Porter.

O anão acenou para Rivera, então educadamente inclinou a cabeça para Tucker também. Por um momento, o olhar de vampiro passou de Porter para as fotos na lareira. Então Tucker olhou para o anão e retornou seu aceno antes de se concentrar em Rivera novamente.

— Você tem exatamente uma semana para cuidar do seu problema — disse Tucker. — E nem um segundo a mais.

Rivera riu, recostando-se ainda mais nas almofadas do sofá e colocando os dedos atrás da cabeça. — Eu poderia realmente ficar com medo se fosse alguém além de você me ameaçando. Encare isso, Hugh. Nós dois sabemos que você é apenas um cachorro latindo em uma corrente. Não há realmente *mordida* com você.

Mais uma vez, aquele sorriso fino e satisfeito apareceu nos lábios de Tucker, como se a zombaria do outro homem fosse exatamente o que ele queria ouvir. — Não diga que eu não te avisei.

Sua última ameaça foi entregue, Tucker saiu do escritório.

Capítulo 3

Por um louco momento, pensei em perseguir Tucker.

Pular do telhado, correr para frente da mansão e atacar o vampiro antes de ele entrar em seu carro e ir embora. Ou pelo menos segui-lo até o seu covil para que eu pudesse decidir o que fazer a seguir. Talvez até capturá-lo, interrogá-lo e matá-lo, se as circunstâncias fossem apropriadas.

Damian Rivera não estava indo a lugar nenhum, mas eu ainda não tinha ideia de onde Tucker pendurava seu chapéu quando ele não estava circulando em torno de Ashland ameaçando as pessoas. Além disso, se eu pusesse minhas mãos no vampiro, eu poderia fazê-lo me dizer o que estava acontecendo com Rivera e quem era o líder do Círculo.

E qual relacionamento, se houve algum, que ele teve com minha mãe.

Hugh Tucker e minha mãe. Juntos. Um casal.

O pensamento nunca me ocorreu antes desta noite. *Nunca*. Mas as palavras zombeteiras de Rivera fizeram parecer que os dois estavam envolvidos em algum tipo de relacionamento romântico. Assim como as reações de Tucker às provocações de Rivera. Tinha que haver alguma outra explicação – por favor, *por favor*, permita que haja alguma outra explicação – mas, por mais que eu tentasse, não consegui encontrar uma. Nenhum dos homens tinha motivos para mentir sobre algo assim.

Hugh Tucker e minha mãe.

As palavras continuaram correndo pela minha cabeça como uma letra de música muito ruim que eu não conseguia esquecer, por mais que eu tentasse. A mera ideia deles juntos confundia a minha mente. Não, era pior

do que isso. Era como se uma bomba de Fogo elemental tivesse explodido em meu coração, destruindo tudo o que eu pensava que sabia, queimando todas as pistas, peças de quebra-cabeça e partes quebradas que eu passei tanto tempo, energia e esforço descobrindo, organizando e amarrando em algum tipo de ordem. Cada vez que eu conseguia algumas respostas sobre o Círculo, elas só levantavam mais perguntas sobre os membros do grupo sombrio, seus motivos distorcidos e porque eles mataram minha mãe.

Mas por mais que eu quisesse respostas, por mais que eu *precisasse* delas para a minha própria sanidade, eu não podia ir atrás Tucker. Mais guardas foram posicionados na frente da mansão, e atacá-lo aqui contaria ao Círculo que eu tinha identificado Rivera como um dos membros do grupo. Isso destruiria minha pequena vantagem.

Então, eu tive que deixar o Tucker ir.

Infelizmente.

Droga.

— O que foi aquilo? — Porter perguntou, ainda de pé ao lado do seu chefe.

Rivera olhou para o anão, com um pouco de irritação brilhando em seu olhar sombrio, e acenou com a mão. — Nada. Apenas Hugh tentando exercer o pouco poder que ele acha que tem. Eu já esqueci tudo sobre ele.

Ele se levantou, pegou o copo vazio e empurrou-o para Porter, como uma criança pedindo ao pai para guardar seu brinquedo favorito. O anão deu um passo à frente e pegou o copo de Rivera com um movimento suave e praticado, como se tivesse feito a mesma coisa centenas de vezes antes. Sem dúvida ele fez.

— Mande as garrafas de champanhe habituais para o meu quarto — ordenou Rivera, indo em direção a porta, seu corpo inclinando de um lado para o outro como um navio balançando nas ondas.

Eu não conseguia entender como ele ainda estava de pé, dado todo o uísque que ele bebeu no escritório, além de qualquer outra bebida que ele deve ter bebido antes. Mas eu supus que ele tinha construído uma considerável tolerância. Damian Rivera provavelmente poderia beber mais do que dez homens juntos e ainda ansiar por mais.

Porter assentiu. — Claro.

Rivera saiu cambaleando pela porta aberta sem olhar para trás.

Porter circulou pelo escritório, guardando o copo, agarrando os sapatos descartados de Rivera e arrumando as coisas. A única coisa levemente interessante que ele fez foi ir até a lareira, olhar a fileira de fotos sobre ela, e endireitar cada uma alguns centímetros para a esquerda e direita, mesmo que elas já estivessem tão retas quanto poderiam estar. Alguém era um pouco obsessivo em ter tudo perfeitamente no lugar. Ou talvez Porter soubesse que Damian descarregaria sua ira sobre ele se alguma coisa no escritório estivesse um pouco torta.

Porter franziu a testa quando chegou à foto de família dos Rivera, a que Tucker tirou do lugar, e ele passou a maior parte de um minuto mexendo nela, deslizando a moldura para frente e para trás até que estava exatamente onde ele queria.

Finalmente satisfeito, Porter acenou para si mesmo e olhou ao redor do escritório, como se estivesse verificando se não havia mais nada que ele precisava fazer aqui esta noite. Seu olhar deslizou pela janela, e ele deu uma segunda olhada, como se ele finalmente tivesse notado que a janela estava aberta.

Hora de ir.

Enquanto Porter caminhava em direção à janela, me afastei, deslizei minha faca de volta na minha manga, e disparei pelo telhado. Eu desci pela treliça e rapidamente cheguei ao chão.

O guarda patrulhando o lado de trás da mansão ainda estava absorto em seu videogame, tornando fácil para eu esgueirar pelo gramado e voltar para a floresta, onde Finn estava esperando. A julgar pelo rastro fraco que ele fez nas folhas, parecia que ele tinha passado os últimos minutos andando para lá e para cá.

— Por que você demorou tanto? — Finn reclamou, colocando a arma no coldre. — Eu estava ficando preocupado.

Eu arqueei minhas sobrancelhas. — Você? Preocupado comigo? Estou tocada.

— Bem, você deveria estar — ele resmungou novamente, empurrando sua toca preta para fora do caminho para que ele pudesse esticar a mão e massagear a testa dele. — Você acabou de me dar um novo conjunto de rugas.

— Pobre bebê — eu sussurrei. — Por outro lado, você não está ficando mais jovem. Talvez devesse deixar Jo-Jo dar-lhe alguns tratamentos faciais elementais do Ar. Antes que todas essas rugas e pés de galinha desagradáveis fiquem piores do que eles já são.

— Pés de galinha! — Finn assobiou em um tom indignado, batendo as mãos nos quadris. — Eu *não* tenho pés de galinha!

Eu apenas sorri e me afastei, sabendo que desta vez eu tinha conseguido a última palavra.

• • •

Finn e eu deixamos a mansão de Damian Rivera e caminhamos pela floresta, nossa respiração saindo ao nosso redor em estranhas trilhas de vapor branco. Quando as luzes da mansão desapareceram, nós tiramos pequenas lanternas de nossos bolsos e as ligamos. Nós éramos as únicas coisas que se moviam durante a noite, além da água lenta. O lado de trás da propriedade Rivera se amontava contra o rio Aneirin, e a floresta terminava em uma série de penhascos altos e rochosos que davam para a água muito abaixo.

Finn parou, apontou a lanterna para o lado dos penhascos e soltou um assobio baixo. — Não gostaria de cair daqui.

Eu tinha começado a retrucar que se ele não quisesse cair, então ele provavelmente deveria se afastar da borda, quando uma série de murmúrios baixos e duros chegou aos meus ouvidos. Por um momento, pensei que alguém estava na parte inferior dos penhascos íngremes, gemendo por ajuda, mas depois notei um brilho de vidro no canto do meu olho. Eu me virei em sua direção, mirando minha lanterna na escuridão, e vi o esboço de uma pequena cabana de pedra em ruínas à distância.

A cabana estava escondida nas árvores e coberta com grossos ramos mortos de kudzu, camuflando-a quase inteiramente. Eu estudei a estrutura, me perguntando se algum morador de rua poderia ter montado um

acampamento lá dentro, mas nenhuma luz ou lanterna tremeluziu nas janelas, e nenhuma fumaça saía da chaminé coberta de kudzu.

Apesar do fato de que a casa estava obviamente abandonada e tinha estado assim por algum tempo, as pedras ainda murmuravam com notas de sangue, violência, dor e morte. Estranho. Eu não achava que pessoas suficientes estariam por aqui para deixar vibrações emocionais nas rochas. Mas eu supus que mais de um andarilho desavisado tivesse escorregado dos penhascos e caído para a morte na margem rochosa abaixo. Talvez esses sons tivessem chegado a cabana e vagarosamente penetrado nas pedras ao longo dos anos.

— O que foi? — Finn perguntou, examinando a floresta com sua lanterna, sua mão tocando a arma no coldre em sua cintura. — O que há de errado?

Eu balancei a cabeça para limpar os murmúrios perturbadores da minha mente. — Nada. Vamos embora.

Nós caminhamos e deixamos os penhascos, a cabana e o rio para trás. Enquanto caminhávamos de volta para o carro, eu disse a Finn tudo o que Tucker havia dito, incluindo suas ameaças a Rivera sobre limpar qualquer coisa bagunça que ele tivesse feito. A única coisa que deixei de fora foram as palavras zombeteiras de Rivera sobre o suposto relacionamento de Tucker com a minha mãe. Eu ainda precisava de algum tempo para processar essa bomba antes de compartilhá-la com mais alguém.

— O que você acha que Damian fez que deixou o resto do Círculo tão preocupado? — Finn meditou. — De sua vigilância e todas as informações que Silvio e eu desenterramos, Damian Rivera parece perfeitamente satisfeito em gastar o dinheiro da sua mãe e beber até a morte. Eu não o consideraria sóbrio ou ambicioso o suficiente para provocar qualquer tipo de problema. Pelo menos, não o tipo de problema que traria um cara como Hugh Tucker à sua porta para dizer-lhe para parar com isso... ou então.

Dei de ombros. — Quem sabe? Provavelmente algo a ver com dinheiro. Essa parece ser uma grande preocupação do Círculo. O grupo provavelmente está sofrendo por dinheiro desde que Deirdre Shaw perdeu uma boa parte de seus recursos. A fortuna de Rivera ainda está intacta, e ele parece ter mais

dinheiro que qualquer outro membro que identificamos até agora. Talvez ele não esteja pagando suas dívidas ou ajudando-os a construir a reserva de volta. Eu só queria que os dois tivessem dito o nome do grande chefe. Eu ainda não fui capaz de descobrir quem ele é, apesar de todas as fotos que Fletcher deixou naqueles cofres.

Finn me deu um olhar de simpatia. Ele sabia o quanto era importante eu rastrear o homem que tinha ordenado o assassinato de minha mãe, e ele, Silvio, e o resto dos nossos amigos estavam trabalhando direito ao meu lado nas últimas semanas para descobrir a informação. Graças às fotos de Fletcher, nós conseguimos identificar quem pensávamos que eram os principais membros do Círculo – pelo menos aqueles que ainda estavam vivos, mas eu queria *mais*.

Eu queria o líder, o homem encarregado dessa monstruosa hidra. Eu queria saber exatamente qual tinha sido o papel da minha mãe no grupo. O que eles a tinha obrigado a fazer e por quê. O que minha mãe esteve tramando, que movimento ela fez contra o Círculo que foi uma ameaça tão grande que o líder ordenou a Mab Monroe que a queimasse até a morte.

Mas acima de tudo, eu queria confrontar – e depois matar – a fonte de tantos pesadelos em minha vida.

— Não se preocupe, Gin. Nós vamos encontrar o bastardo, mais cedo ou mais tarde, e então você pode esculpir nele para o deleite do seu coração. — Finn jogou o braço em volta do meu ombro em um abraço reconfortante. — Mas, enquanto isso, não franza a testa. Isso faz com que seu rosto se enrugue.

— Preocupado com as *minhas* rugas agora? — Eu provoquei.

Ele me lançou um sorriso encantador e diabólico, seus olhos verdes tão brilhantes quanto as luzes de final de ano na escuridão. — Tenho que manter minha garota mais mortal, jovem e bonita.

Eu bufei e lhe dei uma cotovelada nas costelas. — Eu não sou *sua* garota. Eu sou minha *própria* garota.

—Com certeza você é.

Finn me abraçou de novo, silenciosamente oferecendo seu amor fraternal e apoio do jeito que ele tinha feito, desde que a bagunça toda com o Círculo havia começado. Eu o abracei de volta e seguimos em frente.

Trinta minutos depois, chegamos à beira da floresta e saímos para uma subdivisão elegante, uma de muitas em Northtown, a parte de Ashland onde a elite social, mágica e rica vivia. Mansões de vários andares pontilhavam os gramados suavemente ondulantes à nossa frente. Finn e eu fomos até o meio-fio, onde seu Aston Martin estava estacionado na frente de uma mansão que estava atualmente em construção. O carro caro se misturava perfeitamente com todos os Audis, BMWs e Mercedes que estavam estacionados nas calçadas espaçosas para cima e para baixo da rua.

Finn e eu entramos no veículo, e ele ligou o motor e o aquecedor. Nós nos sentamos lá em silêncio por alguns minutos, descongelando lentamente depois de nossa longa e fria caminhada pela floresta.

— Para onde? — Perguntou Finn. — Nosso esconderijo super secreto?

Ele estava se referindo à nossa atual base de operações, um velho contêiner de metal que estava estacionado em um estaleiro a vários quilômetros da nossa localização atual. Lorelei Parker, uma dos muitos chefes do submundo de Ashland, administrava o estaleiro, mas ela me deu um contêiner, e eu fiz dele o meu próprio cofre pessoal, armazenando toda a informação que eu tinha sobre o Círculo dentro dele. Hugh Tucker já sabia muito sobre mim e meus amigos, mas ele ainda não havia descoberto o esconderijo ou o fato de eu ter identificado vários membros do Círculo – e eu queria que continuasse assim.

Eu balancei a cabeça. — Não. Não esta noite. Eu não descobri nada novo.

Claro que isso não era verdade, mas eu não estava pronta para falar sobre o relacionamento de Tucker – ou o que quer que tivesse acontecido com a minha mãe. — Além disso, é tarde, está frio e estou muito cansada e irritadiça para pensar sobre conspirações esta noite. Casa, Finn. Casa.

Ele piscou para mim. — Como a senhora deseja — ele cantou em um péssimo sotaque inglês.

— Você vai falar assim toda a volta para casa?

— Mas, claro, minha senhora — disse ele, engrossando o sotaque. — Desde que eu estou agindo como seu motorista pessoal esta noite, eu

realmente insisto em tratá-la assim. Qualquer coisa menos seria inadequada. Você não acha?

Eu gemi, mas Finn sorriu, estendeu a mão e inclinou um chapéu imaginário para mim. Então, ele engatou o carro, afastou-se do meio-fio e saiu da subdivisão.

Capítulo 4

Finn me levou para a casa de Fletcher – minha casa agora – e me deixou lá. Um carro familiar estava estacionado na entrada ao lado do meu e a luz da varanda da frente estava acesa.

— O que Owen está fazendo aqui? — Finn perguntou, balançando as sobrancelhas para mim. — Vocês estão tendo uma noite de encontro quente? Um tempo de *bow-chicka-wow-wow*[2]?

Eu dei um soco no ombro dele. — Sua maturidade nunca deixa de me surpreender.

Ele riu e começou a me provocar mais um pouco, mas eu puxei meu punho de volta em um claro aviso sobre o que aconteceria se ele continuasse falando.

Finn levantou as próprias mãos em rendição simulada. — Tudo bem, tudo bem. Vou manter a minha boca fechada. — Ele sorriu. — Só não faça nada que eu não faria.

Eu bufei. — Você faria tudo e mais alguma coisa.

Seu sorriso aumentou. — Eu sei. Isso é o que torna a vida divertida.

E assim, Finnegan Lane triunfante, conseguiu a última palavra, ganhando de mim de dois a um esta noite.

Finn prometeu me avisar se ele descobrisse alguma coisa sobre Damian Rivera ou o que ele poderia ter feito. Saí do carro, fiquei na varanda

---

[2] Sexo.

da frente e observei até que as luzes traseiras dele desapareceram na estrada, depois entrei e tranquei a porta atrás de mim.

— Querido, eu estou em casa! — Eu gritei, cantando o velho clichê.

— No covil! — Owen falou de volta.

Eu tirei as minhas botas, arranquei a minha toca e tirei o meu casaco de lã, antes de caminhar pelo longo corredor até os fundos da casa. Cheguei à porta da sala e parei, meus olhos se alargaram com a visão na minha frente.

Normalmente, o covil era, bem, apenas um covil, com um sofá, televisão, mesas e outros móveis bem gastos. Mas esta noite foi transformado num espaço acolhedor e romântico. Velas brancas e vermelhas cobriam as mesas, lançando uma luz quente, suave e bruxuleante. Almofadas espessas grandes o suficiente para se sentar tinham sido posicionadas ao redor da mesa de centro no meio da sala, aumentando a sensação de intimidade.

A fina porcelana e a prataria cobriam a mesa ao lado de taças de cristal. O jantar já tinha sido servido, e bife e purê de batatas estavam no menu, juntamente com uma salada e uma cesta de pão que acabara de ser retirado do forno, dado as deliciosas ondas de vapor que saíam dela. Melhor ainda, um cheesecake de chocolate coberto com framboesas frescas estava empoleirado em um lado da mesa, apenas implorando para ser cortado. Meu estômago roncou em antecipação.

— Você gosta? — Uma voz baixa e rouca perguntou.

Eu olhei para Owen Grayson, meu namorado, que estava arrumando mais algumas velas na cornija da lareira. Ele tinha pouco mais de um metro e oitenta de altura, com um corpo que era todo musculoso e delicioso. Ele acendeu um fósforo, e o brilho resultante destacou seus cabelos negros e feições ásperas, incluindo seu nariz ligeiramente torto e a leve cicatriz branca que cortava o queixo dele.

— O que é tudo isso?

Owen terminou de acender a última vela, apagou o fósforo e colocou-o de lado. Um sorriso provocante levantou seus lábios. — Não era o que você estava esperando?

Eu balancei a cabeça. — Quando você ligou e disse que queria vir para cá hoje à noite, eu esperava pizza e um filme. Não tudo isso.

— Bem, com todos nós trabalhando sem parar para descobrir mais sobre o Círculo, nós não tivemos tempo para um encontro adequado nas últimas semanas. — Owen apontou para as velas, as almofadas e a comida gourmet. — Por isso eu pensei em mudar isso.

Eu fui até ele e passei meus braços em volta do seu pescoço, olhando em seus olhos violetas. — Eu te disse ultimamente que você é o melhor?

— Assim como você, querida. — Ele sorriu e me aproximou. — Assim como você.

Eu fiquei na ponta dos pés e o beijei, abrindo minha boca e procurando sua língua com a minha. Owen me beijou de volta, me segurando forte. Meus dedos começaram a vagar pelo seu peito, mas ele pegou minhas mãos, levou-as até os lábios e beijou a cicatriz de runa de aranha marcada em cada uma das palmas das minhas mãos.

— Nada de brincadeiras — ele brincou. — Ainda não, de qualquer maneira. Passei muito tempo preparando o jantar para isso ir para o lixo.

Eu olhei por cima do seu ombro largo para os recipientes empilhados na lata de lixo no canto. — Mesmo? Porque esses recipientes fazem parecer que o pessoal da Underwood's passou muito tempo cozinhando o jantar.

Owen riu. — Ok, ok, você me pegou. Mas eu reaqueci tudo meticulosamente.

Eu apertei suas mãos no meu coração e bati meus cílios para ele. — Meu herói.

Ele riu de novo e me puxou para a mesa. Nós nos sentamos nas almofadas no chão e comemos nossa refeição. O Underwood's era o restaurante mais caro da cidade, e a comida combinava com a sua excelente reputação. O bife, o purê de batatas e a salada podem ter sido pratos simples, mas eles foram feitos com os melhores ingredientes, elevando-os a novas alturas. E o cheesecake era um sonho de chocolate, derretendo na minha boca, mordida após mordida, pecaminosamente delicioso, junto com a torta, refrescantes rajadas das framboesas.

Depois do jantar, nos deitamos nas almofadas no chão, Owen com o braço em volta do meu ombro e eu com a cabeça no peito dele, e contei tudo o que havia acontecido na propriedade de Rivera, incluindo a conversa de

Damian com Tucker sobre seus sentimentos por minha mãe. Eu tinha superado meu choque inicial e negação, e Owen era a pessoa perfeita, a perfeita caixa de ressonância, para me ajudar a trabalhar com todos os meus sentimentos turbulentos sobre a revelação surpreendente.

— Hugh Tucker e sua mãe? — Owen perguntou. — Você realmente acha que eles estiveram juntos quando?

— Eu não sei. Não me lembro de Eira mencioná-lo, nem de passagem. A única memória que eu tenho deles juntos é de quando Tucker a ameaçou em seu escritório na noite da sua última festa de Natal.

Desde que eu descobri sobre o Círculo, eu estava desesperadamente tentando lembrar de cada coisa que eu poderia sobre minha mãe, procurando em minha mente as menores e mais fracas imagens de seu rosto, sorriso, risos, palavras. A memória de Tucker ameaçando Eira tinha borbulhado até a superfície do meu cérebro algumas semanas atrás, quando eu estava dormindo, sonhando, assim como muitas das coisas más do meu passado.

— Talvez você se lembrará mais sobre eles — disse Owen. — Ou pelo menos sobre sua mãe.

— Espero que sim. Eu ainda não sei o que ela fez para o Círculo ou porque eles a mataram.

Meu olhar cinzento subiu para uma série de desenhos emoldurados atrás das velas sobre a lareira. Eu foquei no primeiro desenho, de um floco de neve, a runa da minha mãe, Eira Snow, o símbolo da calma gelada. O pingente correspondente foi colocado sobre a moldura, e a luz bruxuleante da vela fez o silverstone do colar de floco de neve brilhar como se tivesse acabado de ser cunhado. A dor de sua perda esfaqueou meu coração, como tinha feito mil vezes antes, ainda tão afiada e potente quanto seu pingente de runa, junto com golpes igualmente fortes de raiva fria e determinação gelada.

— Se minha mãe e Tucker estiveram envolvidos em algum momento... — Minha voz sumiu por um momento. — Bem, isso só me deixa ainda mais determinada a matá-lo.

— Por que isso?

Eu me apoiei no cotovelo para poder olhar para Owen. — Vamos dizer que Tucker tinha sentimentos pela minha mãe, se importava com ela de

alguma forma, como Rivera alegou. Vamos dizer que Tucker até a amou a certa altura.

— Ok... — Owen disse, sem saber bem onde eu queria chegar com isso.

— Então, por que ele não a ajudou? Por que ele não a avisou que seu chefe a queria morta e estava mandando Mab Monroe para fazer o trabalho? Por que ele não a salvou, porra?

Minha voz falhou nas últimas palavras, e eu tive que piscar de volta as lágrimas, de repente, surgindo em meus olhos. Meu coração doía e doía, cada batida trazendo uma nova onda de perda e saudade, como se eu estivesse me esfaqueando no peito uma e outra vez com uma das minhas próprias facas.

— Oh, Gin — Owen sussurrou, simpatia enchendo seu rosto. — Eu sinto muito. Sinto muito.

Eu balancei a cabeça. — Não é sua culpa. A culpa é *dele*. E eu vou fazê-lo pagar por isso... tudo isso.

— Eu sei que você vai — ele sussurrou novamente. — Eu sei que você vai.

Owen pressionou seus lábios nos meus em um beijo doce e reconfortante, e eu lentamente me perdi nele. Eu não podia fazer qualquer coisa sobre Hugh Tucker esta noite, e eu não queria desperdiçar outro segundo do meu tempo com Owen pensando no passado.

Então, eu me concentrei no homem que eu amava, na sensação de seus lábios contra os meus, no toque quente de sua respiração no meu rosto, no leve sabor de chocolate e framboesas que ficava na sua língua do cheesecake que tínhamos comido. Eu me concentrei em cada sensação, junto com o lento deslizar das suas mãos para cima e para baixo, até que minha mágoa e raiva se dissiparam, derretidas pelo calor crescente entre nós.

Nós finalmente nos separamos, e eu acariciei meu nariz contra o dele. — Assim... acho que podemos finalmente começar a brincar agora?

Owen riu, seus olhos violetas brilhando de antecipação. — Oh, eu acho que isso pode ser arranjado.

Nossos lábios se encontraram novamente, e o fogo familiar acendeu entre nós. Nós nos beijamos de novo e de novo e de novo, cada encontro de nossas línguas mais longo e mais intenso do que o anterior. Nós rolamos nas

almofadas, espalhando-as por todo o chão, nossas mãos vagando para cima e para baixo no corpo um do outro.

E foi aí que encontramos os primeiros sinais de resistência.

— Roupas de inverno estúpidas — eu resmunguei, puxando os botões de seu jeans, tentando abri-los. — Por que você está vestindo tantas?.

— Eu poderia dizer a mesma coisa sobre você — Owen murmurou, mexendo na minha gola alta, tentando empurrá-la para fora do caminho.

Paramos, olhamos um para o outro e começamos a rir. Nossas risadas ecoaram pelo covil, ficando cada vez mais altas, e nós caímos novamente nas almofadas, nós dois rindo tanto quanto poderíamos.

— Ok, ok — eu disse, quando a última das nossas risadas desapareceu. — Segunda tentativa.

Desta vez, fomos muito mais sensatos sobre as coisas. Nós dois tiramos nossas roupas, então nos juntamos no meio do chão novamente. Mas nossas risadas já não existiam e estávamos prontos – *com fome* - por um tipo brincadeira diferente.

Owen pegou uma camisinha de sua carteira e a colocou, já que sempre usamos proteção extra, além dos anticoncepcionais que eu tomava. Eu admirava a ondulação do músculo em seus braços e ombros, a faixa de pelos escuros que fluíam por seu abdome, e especialmente a luz quente e feroz em seus olhos, enquanto ele se virava para mim.

Eu me levantei de joelhos, e nos encontramos no meio do chão, nossos lábios e línguas empurrando juntos, nossas mãos vagando, amassando e acariciando todos os pontos doces que cada um de nós sabia que o outro gostava. Desejo quente e elétrico crepitava em minhas veias, e eu não podia beijá-lo o suficiente, não podia tocá-lo o suficiente, não conseguia chegar perto o suficiente dele.

Owen soltou um grunhido baixo e primitivo em sua garganta, me pegou e me colocou na beira da mesa de café. Eu me inclinei para trás e ele se deliciou com meus seios, lambendo e provocando meus mamilos com sua língua e dentes. Mais calor passou por mim, e eu gemi e o puxei para baixo em cima de mim.

A mão de Owen deslizou pelo meu estômago e eu abri minhas pernas. Ele colocou um dedo dentro de mim, desenhando aqueles padrões lentos e deliberados que ele sabia que me deixavam louca. Ele recuou um pouco, sua língua entrando e saindo da minha boca no ritmo do dedo. Eu gemi com cada deslize dele contra mim.

Eu não queria esperar mais e ele também não. Eu coloquei minhas mãos em seus ombros e nos rolei para fora da mesa de café e no chão. As almofadas ampararam nossa queda, e nós caímos juntos uma vez mais. Eu tranquei minhas pernas em volta de sua cintura e o puxei para dentro de mim, gemendo com o quão bom ele se sentia deslizando contra mim.

De um lado para outro, nós rolamos no chão, beijando, acariciando e empurrando um contra o outro, tentando tirar tanto prazer fora deste momento quanto possível. Nossos movimentos tornaram-se cada vez mais frenéticos, nossos beijos mais longos, nossos golpes mais duros e mais profundos, até que finalmente nós dois atingimos o pico de nosso prazer e fomos ao longo da borda juntos.

Bow-chicka-wow-wow, de fato.

• • •

Eu acordei algumas horas depois, meus braços ainda embrulhados ao redor de Owen, nós dois abraçados juntos nos montes de almofadas no chão. Ele estava roncando, o som vibrando em seu peito como uma baixa batida de tambor. Fiquei lá por um minuto, apreciando a sensação de seu corpo quente e forte ao lado do meu e a batida constante e calmante de seu coração sob as pontas dos meus dedos.

Mas, por mais maravilhosa que tenha sido essa noite, eu estava muito inquieta e tinha muitas coisas em mente para apenas relaxar e ficar ali deitada ao lado de Owen. Então, eu saí de seus braços e cobri-o com um cobertor do sofá. Depois, peguei outro cobertor, enrolei-o em volta de mim e deixei o covil.

Fui para o escritório de Fletcher – meu escritório agora – acendi as luzes e fui até sua mesa de madeira surrada. Desde o assassinato do velho mais de um ano atrás, eu estava lentamente passando por várias décadas de

documentos, fotos e outras informações que ele coletou e guardou por aqui. Agora, finalmente, tudo foi organizado e cuidadosamente arquivado, e eu podia encontrar informações sobre quase qualquer um no submundo de Ashland em questão de minutos. Eu mesma estive atualizando e adicionando notas aos arquivos, com a ajuda de Silvio. Mas esta noite eu só tinha olhos para a garrafa de gim e o copo pousado no centro da mesa.

Eu me sentei na cadeira de Fletcher, servi uma boa quantidade de gim e bebi, saboreando a doce queimadura da bebida escorrendo pela minha garganta. Eu derramei um segundo copo, recostei-me na cadeira, e olhei a foto do velho que eu tinha colocado no canto da mesa.

Cabelo castanho escuro, olhos verdes, feições bronzeadas e enrugadas. Fletcher sorria, enquanto ele olhava para a paisagem cênica da Bone Mountain, onde nós tínhamos ido caminhar juntos tantas vezes ao longo dos anos. Esta foto era uma das minhas favoritas dele, e agora que eu limpei o seu escritório e o tornei meu, muitas vezes me encontrei vindo aqui e olhando para a imagem em busca de orientação, mesmo que ele estivesse morto e enterrado.

— Você sabia sobre Tucker e minha mãe? — Eu perguntei. — Você tem alguma pista sobre os dois? Porque certamente foi novidade para mim.

Claro, Fletcher não respondeu. Ele apenas ficou olhando para a vista da montanha e dando seu sorriso malicioso, como se ele soubesse todos esses segredos e estivesse silenciosamente me dizendo que eu teria que encontrar as respostas sozinha.

Fletcher tinha organizado tudo isso como uma enorme caça ao tesouro, com uma pista que levava a outra, todas lentamente revelando mais e mais informações sobre o Círculo, seus membros, e minha mãe. Não pela primeira vez, eu me perguntava por que ele tinha feito as coisas desse jeito, ao invés de apenas deixar todas as informações em um só lugar para eu encontrar. Especificamente, porque ele não incluiu uma foto do líder do Círculo com todas as outras fotos que estavam em seus cofres. O que havia de tão especial, aterrorizante ou horripilante sobre esse homem que Fletcher deliberadamente o deixou de fora?

Era quase como se Fletcher estivesse construindo algo – algum segredo que ele sabia que iria balançar meu mundo – e ele estava tentando me preparar para isso, tentando me preparar para a verdade chocante, tentando suavizar o golpe, apenas me dando pequenos furos e poucas informações ao longo do caminho. Eu tinha a sensação de que o envolvimento da minha mãe e de Tucker não era o pior. Nem de longe.

O velho poderia ter pensado que ele estava me protegendo, mas era muito frustrante ter sempre mais perguntas do que respostas.

— Bem, Fletcher? — Eu perguntei, ainda olhando para a foto dele, as paredes do escritório absorvendo minhas palavras suaves. — Se importa de me dizer o que você estava pensando? O que eu vou descobrir quando eu finalmente chegar ao fundo deste buraco de coelho maluco?

Apenas dizer as palavras me fez sentir melhor, como se o velho estivesse sentado aqui comigo, como se estivéssemos discutindo uma nova tarefa, uma nova missão, da maneira como tantas vezes fizemos no passado. E, também acalmou algumas das minhas emoções turbulentas, embora tenha deixado mais perguntas em seu rastro.

Se as palavras debochadas de Damian Rivera eram verdadeiras, então Hugh Tucker tinha sido apaixonado por minha mãe. Em algum momento, ele se importou com ela, o suficiente para que outras pessoas notassem e se lembrassem, mesmo agora, todos esses anos depois. Talvez os dois tivessem tido um relacionamento antes de minha mãe conhecer e casar com meu pai, Tristan. Eu poderia aceitar todas essas possibilidades, embora elas ainda confundissem minha mente. Por mais que tentasse, eu simplesmente não conseguia imaginar Eira, que sempre foi tão calorosa, atenciosa e amorosa, com alguém como Tucker. Alguém tão frio, sem coração e implacável.

Alguém muito parecido, bem, *comigo*.

Mas, por outro lado, levei anos para chegar a esse ponto. Eu não tinha começado como uma assassina fria como pedra. Outrora, eu fui uma menina doce e inocente sem preocupação no mundo. Mas aquela garotinha tinha queimado até as cinzas ao lado de Eira e minha irmã mais velha, Annabella, na noite em que Mab Monroe as assassinou e me torturou.

Cada passo que eu havia dado desde então, parecia perfeitamente lógico, necessário e certo na época para minha proteção, sobrevivência e interesse pessoal. Viver nas ruas, esconder minha verdadeira identidade, aceitar a oferta de Fletcher para me treinar, tornar-me a Aranha. Agora eu era uma assassina notória com um alvo perpétuo nas minhas costas. Não exatamente onde eu pensei que ia acabar, mas era a minha vida, para melhor ou pior, e eu ia tirar o melhor disso.

Pela primeira vez, fiquei imaginando o que teria acontecido com Hugh Tucker para transformá-lo no homem que ele era hoje. Aquele que fez tantas coisas más sob as ordens de outra pessoa. Eu me perguntei o quão rápido a espiral descendente do vampiro tinha sido. Eu me perguntei qual teria sido o ponto de inflexão, a única coisa que o arrastara para baixo, para baixo, para a escuridão, para nunca mais emergir na luz.

Minha própria espiral descendente começara com os assassinatos de minha mãe e Annabella. Mas qual foi o gatilho de Tucker? A perda da riqueza, poder, posição e prestígio de sua família? Sua própria implacável ambição para obter tudo de volta? Ajudando a orquestrar a morte da minha mãe? Ou talvez todas as ações sujas que ele tinha feito para o Círculo desde então? As que tinham lascado sua alma um pouco de cada vez até que não havia mais nada?

No fim das contas, as razões de Tucker eram dele, e eu duvidava que alguma vez as descobrisse. E por mais tristes e trágicos que fossem os seus motivos, por mais que que puxassem as cordas do coração, eles ainda não mudavam tudo o que o bastardo tinha feito a mim e aos meus amigos. A motivação de Tucker não mudava como ele ficou parado e viu Deirdre Shaw entrar na vida de Finn, fingindo ser uma mãe amorosa, quando tudo o que ela realmente queria era roubar o banco First Trust. Não mudava como Tucker drogou e raptou Finn, Bria e Owen para que eu entregasse algumas joias preciosas que Deirdre tinha escondido dele e do Círculo. E certamente não mudava quantas vezes ele tentou me matar.

Ou o fato de que eu iria matá-lo quando chegasse a hora.

Porque aquela menina doce e inocente tinha ido embora há muito tempo, e essa assassina fria faria o que fosse necessário para proteger os amigos e familiares que ainda lhe restavam.

Sentindo-me muito mais calma, levantei meu copo em um brinde à foto de Fletcher. — Boa conversa.

Bebi o gim e coloquei o copo vazio de lado. Então, eu fiquei de pé, apaguei as luzes e voltei para Owen, para tentar dormir o que eu pudesse esta noite.

Capítulo 5

Eu não achava que iria dormir, mas eventualmente minhas perguntas se desvaneceram e eu me aconcheguei ao lado de Owen e caí em uma escuridão calmante.

Eu acordei na manhã seguinte sentindo-me revigorada e já planejando como eu poderia descobrir o que Damian Rivera tinha feito para chatear Tucker. Talvez eu pudesse sequestrar e arrancar algo de Rivera, ameaçar ir a público com seus muitos pecados, a menos que ele me dissesse quem era o líder do Círculo. Depois disso, bem, eu teria que evitar que Rivera me denunciasse para Tucker.

Claro, a resposta óbvia era matá-lo. Eu não tinha nenhum problema com isso, mas não podia apenas esfaqueá-lo até a morte do jeito que eu normalmente faria. Tucker iria perceber que era eu e que eu estava atrás dele e do resto do Círculo, e então eu perderia totalmente o elemento surpresa. Não, eu teria que descobrir alguma outra maneira de silenciar Rivera, algo que parecesse um acidente plausível. Eu não fiz muitos desses trabalhos como a Aranha, mas pensaria em algo.

Eu sempre fazia.

Owen e eu acordamos cedo, mas fizemos um café da manhã de omeletes carregados com espinafre, queijo cheddar e presunto, juntamente com iogurte grego e chantilly caseiro coberto com granola crocante e frutas frescas. Uma vez que terminamos de comer, seguimos nossos caminhos separados para o dia.

Subi as escadas, tomei banho e vesti um par de botas pretas e jeans, combinando com um suéter azul royal. Meu pingente de runa de Aranha cintilou contra o tecido, enquanto um anel correspondente brilhou no meu dedo indicador direito. Normalmente, eu usava minha runa escondida dentro de minhas roupas, mas hoje eu queria que todo mundo visse. Eu não tinha certeza do porquê. Talvez tenha sido minha pequena maneira de oficialmente declarar guerra a Rivera e Tucker.

Fosse o que fosse, me senti bem.

Eram quase nove e meia quando eu dirigi para o centro, estacionei meu carro e fiz meu caminho para o Pork Pit, meu restaurante de churrasco. Eu fiquei na esquina do prédio de tijolos e olhei para o fluxo de tráfego na rua e nas calçadas, mas o ar estava muito frio, com algumas rajadas esvoaçando na brisa e todas as pessoas abaixaram a cabeça e correram para seus destinos.

Ninguém me deu uma segunda olhada, então fiz minha verificação habitual de armadilhas e bombas na porta frente e janelas. Encontrando tudo limpo, eu entrei para fazer outra verificação igualmente minuciosa. Mas ninguém tinha invadido o restaurante durante a noite, então eu coloquei um avental azul por cima das minhas roupas e comecei a trabalhar.

A primeira coisa que fiz foi misturar um grande pote de molho secreto de churrasco de Fletcher e deixá-lo ferver em um dos queimadores traseiros. O cheiro delicioso e inebriante de cominho, pimenta preta e outras especiarias permeava restaurante, fazendo com que se sentisse quente e convidativo. Uma vez que o molho estava cozinhando, mudei para minhas outras tarefas, incluindo limpar todas as mesas e o longo balcão que ficava na parede do fundo.

Por volta das dez horas, uma batida forte soou na porta da frente, seguida pelo clique de uma chave girando na fechadura. Silvio Sanchez, meu assistente pessoal, entrou, fechou e trancou a porta atrás dele. O vampiro suspirou quando tirou o chapéu e o casaco e desenrolou o grosso cachecol cinza em volta do pescoço.

— Dias como este me alegram que você trabalha em um restaurante — disse ele. — Não importa o quão frio está, é sempre agradável e quentinho aqui.

— Fico feliz em agradar — eu disse.

Eu terminei de limpar o balcão, em seguida, fui até o fogão para mexer o molho ainda fervendo. Silvio sentou-se em seu banquinho habitual no balcão, pegou seu celular e tablet e preparou tudo para a reunião da manhã.

— Então, eu recebi suas mensagens de textos ontem à noite, e tenho que admitir que estou tão perplexo quanto Finn — disse Silvio, passando através de algumas telas em seu tablet. — Eu não posso imaginar o que Damian Rivera possa ter feito para justificar uma visita pessoal de Hugh Tucker. Além de sua recente prisão por DUI e seu estado geralmente grosseiro e bêbado, Rivera tem se comportado ultimamente.

— Bem, ele fez algo errado e eu quero saber o que é. Especialmente desde que ele parece ser o membro mais fácil do Círculo para interrogar e depois eliminar.

— Concordo — disse Silvio. — Rivera parece ser o elo fraco nessa corrente do mal. Vou continuar investigando sobre ele.

Enquanto Silvio mandava mensagens de texto e e-mails para seus contatos, tirei o molho de churrasco do fogo para que esfriasse e comecei algo novo. Leite e pó de cacau escuro foram para uma panela pequena, junto com uma gota de extrato de baunilha e um pau de canela. Alguns minutos depois, empurrei uma caneca fumegante de chocolate quente, coberto com uma grande dose de chantilly de baunilha, mini marshmallows e uma dose generosa de calda de chocolate caseiro, em frente a Silvio no balcão.

Ele tomou um gole e suspirou de prazer. — Você sabe, eu estou começando a ficar mimado com todo esse chocolate delicioso, biscoitos e comida o tempo todo, — ele resmungou. — Eu tive que adicionar oito quilômetros no meu treino toda semana só para queimar todas as calorias extras.

— Eu tento. — Eu sorri. — E todo esse resmungo soaria muito mais convincente se você não tivesse um bigode de chantilly agora.

Silvio me deu um olhar irritado e enxugou o chantilly ofensivo com um guardanapo, mas ele continuou a beber seu chocolate quente, e ele tomou o segundo que dei a ele vários minutos depois.

Na hora em que Catalina Vasquez, sobrinha de Silvio e minha melhor garçonete, e Sophia Deveraux, minha chefe da cozinha, entraram no restaurante, o vampiro estava em sua terceira caneca de chocolate quente. Catalina enrolou talheres em guardanapos, enquanto Sophia e eu começamos a cozinhar para o dia. O resto do garçom chegou um por um, e assim que abri a porta da frente às onze horas, clientes entraram, ansiosos para chegar a um lugar quente e aconchegante, assim como Silvio.

A hora do almoço passou em um borrão ocupado, embora eu ficasse de olho em todos, sempre alerta para possíveis problemas. Mais do que alguns chefes do submundo vieram para o Pork Pit para comer e pagar seus respeitos a mim, e para encher os ouvidos de Silvio, esperando marcar uma reunião comigo para que eles pudessem reclamar sobre seus rivais, a falta geral de respeito por seus territórios e fronteiras, e todos os outros pequenos problemas que eles esperavam que eu resolvesse.

Reclamar, reclamar, reclamar. Isso era tudo o que os outros chefes faziam e por que alguns deles pensavam que seria realmente divertido ou gratificante ser a chefe do submundo estava além da minha compreensão. Eles não deveriam estar conspirando para me matar. Eles deveriam estar de joelhos, me agradecendo profusamente por aturar todos eles, pessoas lamentáveis e corruptas, em vez de esfaqueá-los até a morte da maneira que tantas vezes sonhei. Agora, isso seria divertido *e* gratificante.

Toda vez que algum chefe inclinava a cabeça para mim ou mandava um de seus lacaios até Silvio, eu tinha que apertar meus dentes para manter um sorriso agradável no meu rosto. Todos pensaram que eu estava no comando, que eu era a chefe, que eu estava no controle total, mas isso não poderia estar mais longe da verdade.

Por semanas, Hugh Tucker esteve me guiando como se eu fosse uma gatinha fofa brincando com as cordas que ele mantinha penduradas na minha frente. Claro, eu sabia quem eram alguns dos membros do Círculo, e eu até conhecia a runa do grupo, um círculo de espadas afiadas apontando para fora. Mas nenhum dos membros seria fácil de alcançar, muito menos matar, especialmente o misterioso homem ainda não identificado encarregado da

coisa toda. Mas tudo que eu podia fazer era construir minha própria teia mortal, um fio de cada vez, começando com Damian Rivera.

Irritantes chefes do submundo à parte, a hora do almoço passou sem problemas, e eu finalmente tive uma chance de relaxar e comer meu próprio almoço por volta das duas horas. Como estava tão frio lá fora, eu queria um pouco de comida de conforto quente e calorosa, então eu fiz uma panela de chili, juntamente com um par de sanduíches de queijo grelhado. O chili era uma mistura fantástica de carne, feijão e especiarias, tudo em um delicioso e grosso molho de tomate, enquanto os sanduíches de queijo grelhado eram amanteigados, derretidos e perfeitos para mergulhar no chili. Eu terminei minha refeição com alguns biscoitos de chocolate e uma torta de framboesa e limão.

Quando terminei, estava de bom humor, apesar das revelações chocantes da noite passada sobre Tucker e minha mãe. Eu tinha acabado de limpar as últimas migalhas de biscoito das minhas mãos, quando o sino na porta da frente soou e uma mulher vestida com um longo casaco vermelho enfeitado com pelo preto entrou no restaurante. Seu cabelo loiro brilhava sob as luzes e um par de óculos escuros enormes empoleirava-se em seu rosto, como se ela fosse uma estrela de cinema tentando não com muito sucesso ficar incógnita.

Jade Jamison era uma chefe menor do submundo com grandes ambições que sempre procurava subir mais alto e ficar mais rica. Jade me ajudou no passado, e eu a considerava uma amiga, uma das poucas que eu tinha entre os criminosos da cidade. Eu sorri, enquanto ela se apressava até o balcão, com suas botas pretas de salto alto batendo contra as faixas de porco azul e rosa no chão.

— Jade.

— Gin.

Ela deslizou os óculos de sol em cima da cabeça, empurrando o cabelo loiro para fora do caminho. Jade era uma mulher bonita, e sua maquiagem era tão suave e impecável como sempre. Mas o batom habilmente aplicado, pó e sombra não escondiam bem as linhas cansadas em torno de sua boca, as

marcas arroxeadas sob seus olhos, ou, especialmente, o medo e a preocupação brilhando em seu olhar verde.

Algo estava errado.

Quanto mais eu olhava para ela, mais certeza eu tinha. Jade tinha ido ao Pork Pit não como uma amiga, mas como uma chefe do submundo, o que significava apenas uma coisa: ela tinha um problema que queria que eu resolvesse.

Com certeza, Jade respirou fundo, depois soltou lentamente. — Você me deve um favor e eu estou aqui para cobrar.

Eu levantei minhas sobrancelhas com seu pronunciamento. — Bem, isso soa um pouco sinistro.

Seus lábios se apertaram em um corte sombrio. — Acredite em mim, é. — Ela olhou ao redor do restaurante, então voltou para mim. — Podemos ir a algum lugar privado e conversar?

— Certo. Entre no meu escritório. Você também, Silvio.

Fiz sinal para Jade caminhar ao redor do balcão e até as portas duplas que se abriam na parte de trás do restaurante. Silvio pegou o celular e nos seguiu. Eu conduzi os dois passando pelas prateleiras de metal cheias de açúcar, ketchup, fubá, guardanapos, talheres e outros utensílios de restaurante, e abri a porta dos fundos do restaurante. Eu coloquei a cabeça lá fora, só para ter certeza de que ninguém estava espreitando no beco estupidamente na esperança de me matar, mas a barra estava limpa, e nós três saímos. Silvio fechou a porta atrás de si.

Jade olhou para cima e para baixo no beco, observando a calçada suja e quebrada, as latas de lixo transbordantes, e as lixeiras de metal amassadas que abraçavam as paredes. O ar não estava frio o suficiente para afastar o cheiro de carne estragada, vegetais podres e outros alimentos estragados misturados com o doce e azedo aroma de latas de refrigerante esmagadas e garrafas de cerveja quebradas. Seus lábios carmesins se encolheram de desgosto, e ela certificou-se de manter as botas longe das poças de água oleosa que haviam preenchido as rachaduras no asfalto.

— Que escritório — ela murmurou.

Dei de ombros e encostei um ombro na parede de tijolos do Pork Pit. — O que houve?

Jade olhou para Silvio, que estava parado à minha direita, com o celular nas mãos, pronto para tomar notas da nossa reunião.

— Ele tem que estar aqui para isso? — Ela perguntou.

— Sim. Ele é meu assistente. Ele fica um pouco irritado quando não o deixo realmente me ajudar.

Os olhos cinzentos de Silvio se estreitaram, e ele soltou um som de desaprovação, não gostando da minha piada, especialmente desde que era verdade. Eu pisquei um olho para ele, provocando-o um pouco mais.

Jade mordeu o lábio inferior e olhou ao redor do beco novamente, como se estivesse com medo de que alguém fosse nos ouvir. Claro, esse não era o caso, já que ninguém mais estava aqui, e eu tinha a sensação de que ela estava enrolando, tentando se esforçar para entregar qualquer má notícia que tivesse. Eu me perguntei se o atraso era para meu benefício ou para o dela.

— Cuspa isso, Jade. O que há de errado?

Ela soltou um longo suspiro e finalmente levantou seus olhos verdes para os meus. — Uma das minhas meninas está desaparecida.

Minhas sobrancelhas se levantaram. Jade Jamison tinha uma variedade de negócios, desde serviços temporários, grupos de limpeza, lavanderias automáticas até prostitutas.

— Que tipo de garota? Você quer dizer…

Jade sacudiu a cabeça. — Não, ela não é uma prostituta. Ela é uma das minhas falantes[3].

Minhas sobrancelhas subiram um pouco mais. — Falantes?

— Sim — ela respondeu. — Falantes. Mulheres que saem com alguém por uma noite e fornecem companhia apenas. Sem sexo.

— Quem pagaria por algo assim? — Perguntou Silvio.

Jade encolheu os ombros. — Homens mais velhos na maior parte, aqueles que perderam suas esposas. Homens que precisam de alguém para acompanhá-los em algum evento de caridade ou festa, mas não querem o

[3] No original “talkers.

incômodo de encontrar alguém para ir com eles. Então eles me ligam e arranjo um encontro.

— E o que exatamente essas falantes fazem? — Perguntei.

Ela encolheu os ombros novamente. — Na maioria das vezes, é apenas uma simples companhia, como eu disse. Um rosto jovem, bonito e amigável ao seu lado sem pressão de ser um encontro real. Muita *conversa*. Daí o nome. As falantes também ajudam a manter os abutres e as interesseiras afastadas, especialmente em eventos da sociedade. Eu tenho alguns caras que também fazem isso, que saem com mulheres mais velhas, viúvas e coisas do tipo.

— E uma das suas falantes está desaparecida? — Perguntei.

Ela assentiu. — O nome dela é Elissa Daniels, e ela está desaparecida desde a noite passada.

Jade tirou o celular do bolso do casaco e procurou uma foto. Seus dedos percorreram a tela por alguns segundos antes de ela passar o telefone para mim.

Elissa Daniels parecia estar em seus vinte e poucos anos, e eu estava supondo que ela era uma estudante, dada sua camiseta azul escura da faculdade comunitária de Ashland. Ela era uma menina bonita, com um longo rabo de cavalo loiro, olhos verdes e um sorriso tímido. Mas o que era mais interessante sobre a foto era que o braço dela estava pendurado ao redor do ombro de Jade e suas cabeças estavam inclinadas juntas como se as duas fossem melhores amigas. Não, era mais que isso. Apesar do fato de que Jade era pelo menos uma década mais velha que Elissa, as duas poderiam ter sido gêmeas, com seus cabelos loiros, olhos verdes e feições semelhantes.

E de repente percebi exatamente por que isso era tão importante para Jade.

Passei o telefone para Silvio, que piscou e aproximou o aparelho do seu rosto para que ele pudesse dar uma olhada melhor na foto.

— Elissa não é apenas uma trabalhadora desaparecida, não é? — Eu perguntei em uma voz simpática.

Os lábios de Jade pressionaram, como se ela estivesse tendo problemas para responder, como se realmente disser seus medos em voz alta os tornaria

muito mais reais. Depois de alguns segundos, ela limpou a garganta e forçou as palavras. — Ela é minha irmã mais nova.

Capítulo 6

A confissão de Jade ecoou pelo beco, mais fria que o vento de inverno assobiando entre os prédios. Apesar de seu casaco, ela estremeceu e colocou os braços ao redor de si mesma, como se apenas dizendo as palavras em voz alta a tivesse esfriado mais do que o tempo nunca poderia.

— Elissa é minha irmã, e ela está desaparecida — Jade sussurrou, sua voz falhando como o asfalto sob nossos pés. — Você vai me ajudar a encontrá-la? Por favor, Gin?

Antes que eu pudesse responder, ela começou a andar de um lado para o outro no beco, as botas de salto agulha clicando contra o pavimento. — Eu sei que não tenho o direito de lhe pedir isso. Não é um favor de *negócios* como Silvio e eu concordamos, nem um pouco, nem mesmo perto. Acredite, eu não queria vir aqui. Eu não queria incomodá-la com isso. Sou profissional e não espero que você resolva todos os meus problemas para mim. Não como os outros chefes. Mas não consigo encontrar Elissa em lugar algum. Eu simplesmente não consigo *encontrá-la*...

Jade continuou falando, as palavras, medo e preocupação saindo dela ainda mais rápido do que o ritmo rápido e curto do seu caminhar. Deixei-a continuar falando, esperando que ela se acalmasse assim que conseguisse tirar tudo do seu sistema. Silvio recuou contra a parede do restaurante, dando-lhe um amplo espaço. Mas depois que quase um minuto veio e se foi e ela não mostrou sinais de retardar seus movimentos rápidos, eu entrei na frente dela.

— Pare, por favor, *pare*.

Jade congelou com o comando afiado na minha voz. Ela abaixou a cabeça e fechou os olhos, como se preparando para minha rejeição.

— Claro que vou te ajudar a encontrar sua irmã. Tudo o que você precisava fazer era pedir.

Ela estremeceu uma respiração, o ar gelado em torno dela, então cambaleou para frente e me envolveu em um abraço apertado e feroz. Eu tive a sensação de que se ela tivesse a força, teria me levantado dos meus pés e me girado ao redor. Mesmo assim, o ombro dela cavou no meu pescoço com tanta força que eu pude sentir meu pingente de runa Aranha pressionando contra a minha garganta até mesmo através do meu suéter pesado. Mas eu não me importei com a sensação desconfortável. Jade queria que a Aranha encontrasse sua irmã, e isso era exatamente o que eu iria fazer.

Silvio pigarreou, e o som suave fez Jade congelar novamente. Ela abruptamente me soltou e cambaleou para trás, preocupação torcendo o rosto, como se tivesse acabado de abraçar toda a ajuda de dentro de mim.

— Vamos — eu disse em uma voz suave. — Vamos voltar para dentro, onde está quente, e você pode me contar tudo sobre sua irmã.

• • •

Nós três saímos do beco e voltamos para a parte da frente do restaurante, onde Silvio escoltou Jade para uma cabine de canto vazia.

A essa altura, já eram quase duas e meia, e os últimos clientes do restaurante tinham ido embora, com apenas alguns retardatários ainda comendo seus hambúrgueres, sanduíches de churrasco e acompanhamentos. Assim que o último cliente tinha comido, pago e saído, eu virei a placa na porta da frente para *Fechado* e colei um pedaço de papel dizendo que iríamos reabrir em uma hora. Sophia e Catalina mantiveram os garçons na parte de trás para que todos pudessem fazer uma pausa prolongada, deixando-me sozinha na frente com Jade e Silvio.

O vampiro se sentou em seu banquinho no balcão, seus dedos tocando em seu tablet, já tentando descobrir tudo o que ele pudesse sobre Elissa Daniels. Jade sentou-se na cabine, os ombros caídos, olhando pelas janelas

do restaurante com uma expressão vazia no rosto, como se ela não estivesse realmente vendo qualquer coisa na rua lá fora. Eu trabalhei atrás do balcão, fazendo um sanduíche de queijo grelhado como o que eu tinha feito para o almoço. Eu também servi uma tigela de chili, junto com alguns pedaços de biscoitos chocolate e um chá doce gelado, coloquei tudo em uma bandeja, e levei para Jade. Depois de colocar a bandeja no seu lado da mesa, eu me sentei na cabine em frente a ela. Silvio puxou uma cadeira para o meu lado da cabine, apoiou o tablet na mesa e colocou um pequeno teclado nele para que pudesse digitar mais rápido e fazer anotações melhores e mais detalhadas.

Jade olhou para a comida, depois sacudiu a cabeça e empurrou a bandeja para longe. — Isso parece e cheira bem, mas eu não consigo comer nada agora. Eu sinto muito.

Eu me inclinei para frente e empurrei a bandeja de volta para onde ela estava antes. — Só dê algumas mordidas. Você precisa manter sua força. Quanto tempo passou desde que você comeu alguma coisa?

— Eu não sei. Talvez no jantar, ontem à noite? É o tempo que Elissa está desaparecida.

— O que aconteceu? — Perguntei. — Conte-me tudo.

Jade respirou fundo e lentamente deixou sair. Sua mão se arrastou para frente, e ela pegou a colher da bandeja. Ela cavou o utensílio no chili e começou a movê-lo de um lado para o outro da tigela, não porque ela tinha qualquer intenção de comê-lo, mas apenas para ter algo a fazer com toda a sua preocupação nervosa e energia.

— Elissa e eu somos meias irmãs. Mesma mãe, pais diferentes. Kelsey, nossa mãe... — A voz dela parou por alguns segundos. — Bem, vamos apenas dizer que ela nunca ganhou nenhum prêmio de Mãe do Ano. Ela era uma mulher de sociedade que se atirava de homem para homem, sempre procurando trocar um cara por outro mais novo e mais rico. Ela e meu pai se divorciaram quando eu tinha cinco anos. Ela levou-o à falência.

— Onde está seu pai agora?

— Ele mora no Arizona com uma instrutora de ioga. — Jade zombou. — Ela é mais jovem do que eu.

Ela mexeu o chili novamente. — De qualquer forma, depois disso, minha mãe mudou de homem para homem, até que ficou grávida de Elissa. Stephen, o pai de Elissa, na verdade se casou com minha mãe. Ele era um cara ótimo, e merecia algo melhor mais do que minha mãe. Eu tinha treze anos quando Elissa nasceu, e eu a amei no momento que a vi. Apesar da diferença de idade, nós sempre fomos próximas...

Ela parou novamente e largou a colher. Ela estendeu a mão, pegou o copo e tomou um gole de chá gelado. Então ela colocou o copo para baixo e começou a deslizá-lo para frente e para trás na bandeja, fazendo o gelo dentro tilintar. Depois de alguns segundos, a mão de Jade se acalmou, e seus dedos se enrolaram ao redor do vidro.

— Stephen e minha mãe morreram em um acidente de barco quando Elissa tinha dez anos, então terminei de criá-la. Por sorte, Elissa puxou ao pai dela. Ela é uma ótima menina. Inteligente, educada, atenciosa, sempre querendo ajudar as outras pessoas. — O rosto de Jade se suavizou. — Ela é tudo para mim. Com certeza você pode entender isso, Gin.

Eu entendia isso, muito mais do que ela percebia. Durante anos pensei que minha irmã mais nova, a detetive Bria Coolidge, tinha desaparecido para sempre, esmagada até a morte nos escombros da nossa mansão, quando Mab Monroe matou nossa mãe e nossa outra irmã. Eu usei minha magia de Pedra para desmoronar a nossa casa para tentar salvar Bria, e eu pensei que tinha a matado no processo. Esse fardo, pesar e culpa, tinha pesado em meu coração durante anos, até que Bria voltou para Ashland procurando por mim. Então, eu sabia exatamente como Jade se sentia quando falava sobre como a irmã era preciosa para ela.

— O que aconteceu quando Elissa desapareceu? — Perguntei. — Ela estava fora em um trabalho?

Jade sacudiu a cabeça. — Não, não exatamente. Elissa foi ao encontro de um de seus clientes regulares em um evento de instituição de caridade em Northtown na noite passada. Ela adora se arrumar, sair e conhecer pessoas. É uma das razões pelas quais ela trabalha para mim, e ela diz que é uma boa prática para o seu curso de marketing.

Eu assenti. — E o evento?

— Jantar, dança, discursos, o habitual. Nada fora do comum e absolutamente nada perigoso.

— Então o que aconteceu?

— O cliente ficou gripado, por isso ligou e cancelou no último minuto. Elissa já estava no jantar, no entanto, ele disse a ela para ficar, se divertir e colocar tudo na sua conta. Ela me mandou uma mensagem da festa para avisar o que estava acontecendo. Isso foi por volta das sete horas da noite passada. — Jade fez uma pausa. — E essa foi a última vez que eu ouvi dela.

Seus dedos se curvaram um pouco mais ao redor do copo ainda em sua mão, e ela começou a girar ao redor e ao redor na bandeja. Eu poderia dizer que alguma coisa a estava incomodando, então eu fiquei quieta e a deixei trabalhar até me dizer o que era.

— Elissa perguntou se eu queria ir e tomar uma bebida. Ela até me enviou uma foto da sua taça de champanhe, tentando me convencer. Mas eu tinha trabalho a fazer, então mandei uma mensagem de volta, disse para ela se divertir, e voltei imediatamente ao trabalho. — Os lábios de Jade se apertaram e a angústia surgiu em seu rosto. — Isto... isto é tudo minha culpa. Se eu tivesse dito a ela que sim, se eu tivesse ido encontrá-la para uma bebida, ela estaria aqui, ela estaria *segura*... — Sua voz sufocou, e ela piscou para conter as lágrimas.

Eu balancei a cabeça. — Não, não vá lá. Você não pode se deixar pensar assim. Não é sua culpa, Jade.

— Sim, é — ela sussurrou. — É sim.

Eu sabia exatamente o que ela estava sentindo – a culpa, a vergonha, a auto aversão repugnante. Eu também sabia que nada que eu dissesse mudaria sua mente, então me concentrei na única coisa que a ajudaria agora: encontrar a irmã dela.

— Diga-me o resto. Quando você percebeu que Elissa estava desaparecida?

— Quando acordei esta manhã e ela não estava em casa — disse Jade. — Eu liguei para ela, mas ela não atendeu. Foi quando comecei a ficar preocupada. Eu continuei ligando e mandando mensagens. Eu tentei todas as suas amigas, incluindo o namorado dela, pensando que talvez tivesse se

encontrado com um deles. Mas ninguém a viu ou ouviu falar dela desde a noite passada. Ela está terminando seu curso de marketing na faculdade comunitária, então eu fui até lá hoje de manhã, para verificar se ela estava na aula e tinha apenas desligado o celular. Mas ela não estava lá. Ela nunca falta a aula... *nunca*.

Mais angústia brilhou nos olhos de Jade, tão brilhante e afiada quanto cacos de vidro. — Eu não consigo encontrá-la em lugar algum. Ela desapareceu. Ela simplesmente... desapareceu. — Ela piscou e pestanejou, mas desta vez ela não conseguiu impedir que as lágrimas caíssem pelo seu rosto.

— Você já foi para a polícia? — Eu perguntei com uma voz gentil.

Jade assentiu e enxugou as lágrimas. — Assim que eu percebi que Elissa não estava na aula, eu fui para o escritório da polícia do campus. Mas eles disseram que não havia nada que pudessem fazer, especialmente porque eu não sabia se ela tinha estado no campus esta manhã. Eles me disseram para procurar a polícia normal, e foi o que eu fiz. Mas quando eles perceberam quem eu era, os policiais assumiram que ela era uma das minhas funcionárias regulares. Você pode imaginar como eles estavam preocupados quando acharam ser uma prostituta desaparecida.

— Não muito.

A maioria dos policiais em Ashland era tão corrupta quanto o dia era longo. Na maioria das vezes, a única maneira de fazê-los realmente fazer o seu trabalho era oferecer-lhes um forte incentivo financeiro. Mas havia uns poucos bons homens e mulheres na força, minha própria irmã sendo um deles.

— Você perguntou por Bria? Ou Xavier, seu parceiro? — Eu perguntei. — Eles teriam ajudado você.

Jade assentiu novamente. — Claro que sim. Mas ambos estavam em missão e eu não consegui que alguém me dissesse quando eles estariam de volta. Então, eu preenchi um relatório de pessoa desaparecida e saí. Eu estive procurando por Elissa desde então, checando a faculdade e suas amigas novamente, mas é como se ela tivesse desaparecido da face da terra. Não consigo encontrá-la em *lugar nenhum*.

Eu me inclinei para trás e cruzei os braços sobre o peito, pensando em todos os fatos e tudo o que ela tinha dito até agora. Eu olhei para Silvio, e ele acenou de volta, me dizendo que ele estava fazendo o mesmo, enquanto continuava digitando.

— E sobre o cliente que Elissa deveria encontrar? — Perguntei. — Qual o nome dele? Você conversou com ele?

— Essa foi a primeira coisa que fiz quando percebi que Elissa não estava em casa esta manhã — disse Jade. — Mas ele soou horrível no telefone. Ele realmente estava doente, e disse que não foi ao jantar na noite passada. Seu nome é Stuart Mosley. Ele é o presidente do banco First Trust. Você o conhece?

O nome me assustou, mas eu não deixei nada da minha surpresa aparecer. First Trust era o banco onde Finn trabalhava, e Stuart Mosley era o seu chefe. Silvio se mexeu na cadeira e seus dedos abrandaram do ritmo implacável. Ele reconheceu o nome também.

— Sim, eu conheço Mosley — murmurei. — Mundo pequeno.

Às vezes era um pouco pequeno demais para a minha paz de espírito. A suspeita me encheu. Stuart Mosley não parece o tipo de homem que estaria envolvido no desaparecimento de uma jovem mulher, mas eu não podia descartá-lo também. Fletcher me ensinou que as pessoas, mesmo aquelas que você considera aliados em potencial, sempre poderiam surpreendê-lo.

— Por que Mosley precisava de uma acompanhante para este jantar de caridade?

— Sua esposa morreu há quase dois anos e ele tem usado meu serviço desde então — disse Jade. — Eu nunca tive um problema com ele, e nem nenhuma das minhas meninas. Ele sempre foi um perfeito cavalheiro. Desde o ano passado, ele só usou Elissa. Mosley disse-lhe uma vez que ela lhe lembrava de uma das suas bisnetas que morreu.

— O que aconteceu com sua neta?

Ela balançou a cabeça. — Eu não sei. Ele nunca disse.

Anões viviam muito tempo, centenas de anos em alguns casos, então não era incomum que Mosley tivesse uma bisneta que tinha falecido antes dele. Qualquer coisa poderia ter acontecido com ela, incluindo apenas morrer

de velhice se ela fosse uma humana normal. Ainda assim, olhei para Silvio e levantei minhas sobrancelhas, silenciosamente pedindo-lhe para adicionar a neta de Mosley à sua lista de coisas para verificar. Ele acenou de volta para mim, seus dedos aumentando de velocidade em seu teclado novamente.

Jade mordeu o lábio inferior. — Na verdade, o Sr. Mosley foi quem sugeriu que eu contatasse você. Eu não sei porque eu não pensei nisso sozinha. Ele disse que se alguém poderia encontrar Elissa, seria você.

Meus olhos se estreitaram. — Ele disse?

Stuart Mosley sabia tudo sobre eu ser a assassina Aranha, especialmente desde que ele tinha sido amigo – ou algo assim – de Fletcher quando o velho ainda estava vivo. Eu não sabia exatamente qual era o relacionamento eles, mas Fletcher tinha confiado em Mosley para cuidar de todos aqueles cofres cheios de informações sobre o Círculo. O anão sabia muito mais sobre Fletcher do que ele já havia me dito ou a Finn, e ele podia saber mais sobre Elissa Daniels também.

Eu lhe faria uma visita e descobriria.

— Há algo errado? — Jade perguntou. — Por que você está fazendo tantas perguntas sobre o Sr. Mosley?

Eu balancei a cabeça. — Apenas sendo minuciosa. Onde foi o evento de caridade? Me conte tudo, não importa quão pequeno e insignificante possa parecer.

Jade soltou o copo, pegou a colher e começou a mexer o chili de novo, mas ela me deu todos os detalhes sobre o evento, quem o patrocinou e algumas pessoas que poderiam ter participado. Mas parecia ser o típico jantar de caridade, então ela passou para os amigos, aulas e a vida de Elissa em geral. Escutei atentamente, absorvendo tudo o que ela disse, enquanto Silvio digitava as anotações.

— Então, há Anthony. — Jade revirou os olhos. — Anthony Fenton, namorado de Elissa.

— O que há de errado com ele?

— Nada, exceto pelo fato de que seus pais ricos o estragaram por toda sua vida. Elissa pensa que ele é o cara perfeito. — Ela revirou os olhos novamente. — Eu acho que ele é um idiota egocêntrico.

Eu escolhi minhas próximas palavras com cuidado. — Você acha que Anthony poderia estar envolvido nisso?

Jade bufou. — Anthony é muito preguiçoso e egocêntrico para machucar alguém, se é isso que você está perguntando. Ele não pode nem se dar ao trabalho de sair da cama antes do meio dia. Tudo com que ele se preocupa é boa aparência e festa.

Silvio pediu a Jade para soletrar os nomes dos amigos de Elissa para que ele pudesse ter certeza de que estava se concentrando nas pessoas certas. Ele também fez com que Jade lhe mandasse uma mensagem com uma foto de Elissa, e depois perguntou a ela sobre o jantar novamente, tentando sacudir sua memória e ver se ela lembrava de qualquer outra coisa. Enquanto eles trabalhavam, eu pensei em tudo que Jade havia me dito.

Eu podia ver por que ela estava tão preocupada. Garotas bonitas, inteligentes, responsáveis e confiáveis como Elissa não desapareciam sem motivo. Algo aconteceu com ela – algo ruim. E em uma cidade tão suja, violenta, e corrupta como Ashland, quanto mais tempo ela estivesse desaparecida, provavelmente seria pior .

Se ela já não estivesse morta.

Andar pela rua errada na hora errada do dia. Sorrir para a pessoa errada. Carregar uma bolsa de grife. Usar um lindo colar ou usar uma jaqueta de couro legal. Às vezes isso era tudo o que era preciso para fazer de você um alvo, especialmente nesta cidade. E, muitas vezes, a morte ocorria em um instante. Só era preciso um soco, uma bala, uma faca para acabar com a vida de alguém.

Eu não compartilhei meus pensamentos sombrios com Jade porque eu sabia que eles já haviam ocorrido a ela, não duvidei que tivessem ocorrido cem vezes desde que ela começou sua busca frenética. O rosto de Silvio permaneceu cuidadosamente neutro enquanto ele questionou Jade, mas eu podia ver a pena em seus olhos. Ele também pensava que Elissa já poderia estar morta.

Finalmente, Jade respondeu todas as perguntas de Silvio e contou-nos todos os detalhes que ela poderia pensar. Ela não tinha tocado em nada de

sua comida, exceto o chá gelado, e ela tomou mais um gole antes colocar o copo para baixo, junto com a colher.

— Eu sei que não tenho o direito de lhe pedir isso — ela repetiu, olhando para mim novamente. — Este não foi o tipo de favor que concordamos. Isso era um assunto de negócios entre nós, e meu favor deveria ser assim também.

— Mas?

— Mas Stuart Mosley está certo. Você é a pessoa mais forte, mais dura e mais perigosa que eu conheço, — Jade disse em uma voz tremendo. — Se alguém pode encontrar Elissa, é você, Gin. Então, por favor. *Por favor,* faça isso por mim. Se você quiser dinheiro, terei prazer em pagar o que você quiser. Eu farei qualquer coisa para recuperar minha irmã. *Qualquer coisa.* Apenas diga seu preço. Qualquer coisa que eu tenha ou que esteja em meu poder para te dar, é seu. E se eu não tiver, então vou mentir e enganar e roubar até conseguir para você – o tempo que for necessário.

Cheguei do outro lado da mesa e peguei suas mãos frias e trêmulas na minha. — Não há necessidade disso. Eu te devo um favor e estou feliz em pagar. Favores ou não, negócios ou não, eu teria ajudado você de qualquer maneira.

Jade olhou para mim, uma mistura de alívio e gratidão enchendo seu rosto. Ela exalou e um pouco da tensão deixou seu corpo, embora ela enrolasse seus dedos nos meus e os apertasse com força. — Obrigada, Gin. Você não sabe o quanto isso significa para mim. — Mais lágrimas brilharam em seus olhos verdes antes deslizarem pelas bochechas dela. — Somente... apenas encontre ela. Por favor, por favor, encontre-a.

Antes que seja tarde demais.

Ela não disse as palavras. Ela não precisava. Todos nós podemos ouvir o relógio correndo, contando o que sobrava da vida de Elissa – se já não tivesse parado. A nota fraca e esperançosa na voz de Jade fez meu estômago apertar, mas me forcei a acenar para ela.

— Eu encontrarei sua irmã. Eu vou encontrar a Elissa. Onde quer que ela esteja. Eu prometo.

Capítulo 7

Jade queria deixar o Pork Pit para continuar procurando, mas eu a convenci a se sentar na cabine e ao menos fingir comer alguma coisa. Enquanto Jade mais uma vez movia o chili de um lado para o outro da tigela, eu fui até as portas duplas de vaivém e abri uma delas. A maioria do garçom tinha saído, provavelmente para ir ao Cake Walk tomar um café e comer donuts durante o intervalo, mas Sophia Deveraux ainda estava nos fundos.

A anã estava na frente das prateleiras de metal, fazendo inventário do ketchup, açúcar, farinha de milho, e outros alimentos, com uma prancheta em uma mão e um lápis rosa choque na outra. O lápis combinava com a cor neon das teias de aranha que decoravam sua camiseta preta, junto com os brincos de teia de aranha de metal. Ela também colocou o pó de glitter rosa por todo seu cabelo preto, fazendo as mechas brilharem sob as luzes.

Sophia verificou uma última caixa em sua folha da prancheta e se virou para mim. — O que há de errado? — Ela murmurou em sua voz estranha e rouca.

— A irmã de Jade está desaparecida e ela quer que eu a encontre.

— Há quanto tempo?

— Desde a noite passada.

Compreensão e simpatia brilharam em seus olhos negros. — O que você precisa que eu faça?

— Vá para casa com Jade — eu disse. — Ela não deveria estar sozinha agora. Ajude-a a ligar para todos os amigos de Elissa novamente, apenas no caso. E fique de olho também. Jade tem sua parcela de inimigos, assim como

todo chefe do submundo. Alguém pode ter sequestrado Elissa para chegar até ela. Um pedido de resgate pode estar chegando.

Sophia assentiu, mas descrença encheu seu rosto, e eu poderia dizer que ela estava pensando a mesma coisa que eu, que não haveria pedido de resgate, porque Elissa Daniels provavelmente já estava morta.

A anã conhecia Fletcher por ainda mais tempo do que eu, e eu sabia que ela havia absorvido mais de algumas pérolas de sabedoria do velho ao longo dos anos. Fletcher sempre nos disse para nos prepararmos para o pior cenário. Dessa forma, qualquer coisa melhor era uma surpresa agradável. O sentimento realista, se não pessimista, me ajudou em mais de uma situação ruim, e eu esperava que isso me ajudasse através deste também.

Sophia largou a prancheta e o lápis e pegou o comprido casaco preto da prateleira no canto. Ela encolheu os ombros no casaco, fazendo o crânio de lantejoulas prateado nas costas piscar para mim. Eu sempre gostei do estilo gótico de Sophia, mas agora, o crânio parecia mais um presságio de desgraça do que qualquer outra coisa.

Eu tinha um pressentimento ruim sobre tudo isso.

Mas eu coloquei uma expressão calma e neutra no meu rosto quando Sophia me seguiu até a frente do restaurante e até a cabine onde Jade ainda estava sentada. Eu disse a Jade que Sophia ia levá-la para casa e ficar com ela por um tempo, apenas no caso de Elissa chegar em casa ou alguém ligar com novas informações. Jade se iluminou brevemente com a minha teoria do pedido de resgate, mas quanto mais ela pensava sobre isso – e como era improvável – mais suas feições se voltaram para uma máscara pálida e preocupada.

Neste ponto, porém, ela estava muito cansada e triste para discutir, então ela se levantou e deixou Sophia levá-la para fora do restaurante. O sino sobre a porta da frente ecoou em sua passagem, tocando como uma nota baixa e melancólica.

Silvio se aproximou para ficar ao meu lado. — Você sabe que aquela garota provavelmente já está morta. Ou se ela não estiver, ela provavelmente gostaria que ela estivesse.

Suspirei. — Eu sei. Mas um favor é um favor e eu farei o meu melhor para encontrá-la. O que você descobriu até agora?

Silvio começou a passar pelas telas do tablet. — Parece que Jade lhe contou a verdade sobre sua irmã. Elissa Daniels está completamente limpa até onde eu posso ver. Nenhuma prisão e nenhum registro criminal de qualquer tipo. Ela nunca recebeu uma multa de estacionamento. Se ela teve problemas na noite passada, provavelmente não foi por culpa dela.

Eu assenti. — E as amigas dela? Alguém que Jade não conheça? Talvez outro namorado além de Anthony Fenton?

Ele balançou sua cabeça. — Não que eu tenha sido capaz de encontrar examinando suas redes sociais, mas isso não significa nada. Vou começar a olhar mais de perto para ela e para as redes de seus amigos agora mesmo.

— Bom. Você fica aqui e faz isso. E me mande uma mensagem com a foto de Elissa que Jade mandou para você. — Peguei meu casaco atrás do balcão, encolhi os ombros na lã preta, e fechei o zíper.

— O que você vai fazer? — Silvio perguntou.

— Começar do início. Eu estou indo para o clube onde o jantar de caridade foi realizado na noite passada. Vou pegar a filmagem de segurança e ver se consigo identificar Elissa. Eu também vou dar uma olhada no prédio e ver se eu posso sentir qualquer coisa com a minha magia de Pedra. Se alguém raptou Elissa no jantar, então talvez ele tenha deixado algum tipo de pista para trás.

Silvio assentiu. — Vou ligar para você se eu descobrir alguma coisa.

— Eu vou fazer o mesmo. — Eu suspirei novamente. — Embora eu ache que nenhum de nós vá gostar do que encontrarmos.

• • •

Os garçons voltaram de seu intervalo prolongado, e eu deixei o Pork Pit nas mãos capazes de Catalina pelo resto do dia. Após verificar se ninguém tinha colocado armadilhas no meu carro enquanto esteve estacionado na rua, entrei e fui em direção a Northtown. Enquanto eu dirigia, liguei para os meus amigos para contar sobre a situação.

Primeiro foi Bria.

— Detective Coolidge — disse ela através do sistema de som do meu carro.

— Ei, é a Gin. Você está na sua mesa? Eu preciso de um favor...

Eu disse a ela tudo o que Jade havia me contado, inclusive sobre sua viagem pouco útil à estação de polícia hoje mais cedo. Depois que terminei, pude ouvir Bria digitando do outro lado da linha.

— Eu não vejo um relatório de pessoa desaparecida sobre Elissa Daniels arquivado em qualquer lugar em nosso sistema — disse Bria. — Com quem Jade conversou?

— Um policial chamado Sykes.

— Sykes — ela rosnou, uma nota de desgosto rastejando em sua voz. — Aquele preguiçoso. Tudo o que ele faz é sentar-se, comer donuts e arquivar mal a papelada. Ele provavelmente dobrou o relatório de Jade e jogou-o no lixo do jeito que ele faz com todos os outros.

— Parece um cara encantador — eu disse. — Realmente dedicado a proteger e servir.

— Você não tem ideia — murmurou Bria. — De qualquer forma, me dê todas as informações, e eu vou ver o que posso desenterrar.

Eu repeti tudo o que sabia sobre Elissa e seu desaparecimento e sugeri que Bria ligasse para Silvio, para que os dois pudessem reunir seus recursos e trocar informações. Bria concordou em ligar, e, também, contar a Xavier o que estava acontecendo. Ela prometeu ligar com qualquer atualização, e nós desligamos.

Em seguida, na minha lista de contatos, estava Finn.

— Ora, olá, querida — ele falou com uma voz profunda e suave. — Você alcançou o sempre incrível e encantador Finnegan Lane. Em que posso ajudá-la hoje?

— É Gin. Stuart Mosley realmente está com gripe?

Silêncio. Eu não costumava surpreender Finn, mas essa não era a resposta que ele esperava.

— Como você sabe que Mosley está doente? — Ele perguntou. — E por que você está tão interessada nas fungadas do meu chefe?

Eu contei sobre a garota desaparecida. — Você sabia que seu chefe gosta de levar jovens doces em torno de Ashland?

— Bem, sim — disse Finn. — Não é segredo. Ele já faz isso por um tempo. Desde que sua esposa morreu. Ele me disse uma vez que ajuda a manter os tubarões da sociedade à distância. Aqueles que querem dar uma grande mordida em todo o seu dinheiro. Você realmente acha que Mosley pode estar envolvido no desaparecimento dessa garota?

A preocupação ondulou pela voz de Finn. Ele gostava muito de Mosley e pensava nele como um mentor, da mesma forma que eu pensava em Fletcher. Finn não queria pensar mal de seu chefe. Nem eu, mas Mosley era muito misterioso para o meu gosto.

— Eu não sei, mas ele era quem ela deveria encontrar na noite passada. Mosley definitivamente tem seus segredos, e eu quero ter certeza de que sequestrar garotas universitárias não é um deles, — eu disse. — Você pode descobrir se ele realmente estava doente em casa ontem à noite?

— Estou nisso — disse Finn.

Ele também prometeu entrar em contato com Silvio e Bria e ver o que poderia fazer para ajudá-los a descobrir informações sobre Elissa e qualquer pessoa com quem ela poderia ter tido algum contato.

Por último, mas definitivamente não menos importante, liguei para Owen e contei o que estava acontecendo.

— Isso é horrível. Eu não posso imaginar o que Jade deve estar passando. Se Eva estivesse desaparecida... — A voz dele parou com os pensamentos em sua própria irmã mais nova, e eu poderia dizer que ele estava pensando em quão horríveis as coisas estavam para Jade agora. — O que eu posso fazer?

Mesmo que ele não pudesse me ver, eu ainda sorri. A disposição de Owen para ajudar, não importando quão perigosa ou desesperadora fosse a situação, sempre aquecia meu coração. — Eu esperava que você dissesse isso. Fale com Eva. Veja se ela ou Violet sabem alguma coisa sobre Elissa e seus amigos. Todos eles vão para a faculdade comunitária. Talvez elas tenham algumas classes juntos. Elissa parece ser uma boa garota, mas até as boas garotas podem ter segredos.

— Entendido — disse Owen. — E Gin?

— Sim?

— Seja cuidadosa. Eu não sei o que eu faria se você desaparecer também.

Eu sorri novamente. — Isso é algo com o qual você nunca terá que se preocupar.

— Promete?

— Prometo.

• • •

Quando terminei minha ligação com Owen, cheguei ao meu destino: o Five Oaks Country Club.

Cinco grandes edifícios circulares compunham o clube, que apresentava todas as suas comodidades usuais, incluindo quadras de tênis, piscinas e muito mais. Dado o frio, a maioria das áreas externas estavam desertas, embora eu pudesse ver algumas almas resistentes ao longe, enroladas da cabeça aos pés, atravessando um dos campos de golfe. Um par de caddies de aparência miserável com pesadas sacolas de tacos penduradas nos ombros se arrastavam atrás dos golfistas. Uma rajada de vento varreu a terra e todos pararam e esconderam o queixo nos casacos até que a brisa tempestuosa diminuiu.

Estacionei meu carro e fui para o edifício central, uma estrutura elegante de pedra cinza pálida e vidro reluzente que servia como a principal área social do clube. Eu empurrei as portas duplas e caminhei por um longo corredor coberto de carpete de marfim, ouvindo os sussurros das pedras enquanto murmuravam sobre dinheiro, boas maneiras, posição e todas as outras coisas que eram tão importantes para as pessoas daqui. Eu estendi a mão para minha magia, concentrando-me em seus murmúrios suaves e astutos, mas nenhuma nota alta e óbvia de perigo ou violência atravessou pelas pedras. O que quer que tenha acontecido com Elissa Daniels, não achei que tinha começado aqui.

Havia apenas uma maneira de ter certeza.

A entrada levava a um grande corredor com vários conjuntos de portas duplas em suas paredes. As duas portas na minha frente estavam bem abertas, e o trinado de mais de uma dezena de conversas chegou até mim. Ninguém estava em pé na estação da hostess mais próximo, então eu entrei e espiei dentro do salão principal do clube.

Mesas redondas cobertas com toalhas cor de pêssego pálido preenchiam o enorme espaço de uma ponta à outra. A bolota – a runa do clube de campo – brilhava em fios de ouro no centro de cada toalha de mesa e guardanapo, e, também foi gravada em todos os talheres. Uma cúpula de vidro se curvava sobre o salão de baile quatro andares acima, deixando entrar a fraca luz do sol de inverno, assim como as janelas do chão ao teto que cobriam a parede dos fundos. Vários conjuntos de escadas levavam aos níveis superiores do salão de baile, onde havia mais mesas.

O salão de baile servia como o restaurante do country club, oferecendo brunch gourmet, almoço, jantar e bebidas para seus membros ricos e seus convidados. Dado o frio lá fora, todo mundo queria estar aquecido e confortável aqui dentro, e as pessoas se reuniram no clube para comer, beber, socializar e planejar contra seus falsos amigos.

Ser um membro do Five Oaks era um símbolo de status que dizia a todos exatamente quão obscenamente rico você era, e eu reconheci mais do que alguns rostos na multidão: o prefeito, o chefe de polícia, um par de congressistas locais e, é claro, vários chefes do submundo, todos vestidos com seus melhores ternos de negócios. Meu olhar percorreu todos, por sua vez, homens e mulheres, vendo quem estava sentado com quem, quem estava ignorando intencionalmente seus companheiros, e quem tinha mais copos de martini em sua mesa do que pratos de comida. Apesar de suas roupas bonitas, joias discretas e sorrisos benignos, mais de um assassino espreitava nesta multidão. Eu me perguntei se Elissa teve a infelicidade de descobrir isso por si mesma.

Uma gargalhada particularmente alta chamou minha atenção, e meu olhar foi para uma mesa no centro do salão de baile onde um homem com cabelo preto ondulado estava usando uma taça grande de vinho para gesticular para seus companheiros.

Damian Rivera.

Eu pisquei, me perguntando se era realmente ele, mas sim era, o membro do Círculo estava aqui e mantendo uma corte, como se ele fosse o rei do country club. Várias mulheres estavam sentadas à sua mesa, todas inclinadas para frente e penduradas em cada palavra sua. Rivera podia ser um bêbado notório, mas ele era um bêbado notório e extremamente rico, e os tubarões da sociedade, como Finn as chamava, estariam ansiosas para se colocarem à disposição de um homem como ele para tentarem arrancar parte de seu dinheiro para si.

Eu fiz a varredura da multidão novamente, mas eu não vi Hugh Tucker ou qualquer outro membro do Círculo no salão de baile. Talvez eles soubessem melhor do que chamar tal atenção para si mesmos.

Mas Rivera não estava sozinho. Bruce Porter estava encostado na parede, parecendo entediado e mandando mensagens de texto no seu telefone, sabendo que seu chefe não corria absolutamente nenhum perigo de outra coisa além das interesseiras. No entanto, Porter era um profissional, e ele olhava para cima de seu telefone a cada poucos segundos, examinando o salão de baile e certificando-se de que seu chefe ainda estava seguro. O anão deve ter percebido meu olhar, porque ele olhou na minha direção.

Abaixei a cabeça, me afastei e voltei para o corredor, fora da linha de visão de Porter. Eu não podia permitir que ele soubesse que eu estava atrás do chefe dele. Não até que eu estivesse pronta para fazer meu movimento contra Rivera e o resto do Círculo.

Eu espiei através da fenda entre a porta aberta e a parede. Porter ainda estava olhando nessa direção, seu rosto de meia-idade fez uma carranca, mas ele não saiu do outro lado do salão de baile para vir investigar. Ele não deve ter me visto, afinal de contas...

— Quem é *você* e *o que* você está fazendo aqui? — Perguntou uma voz mesquinha.

Eu me virei para encontrar um homem atrás de mim, com os braços cruzados sobre o peito. Ele estava vestindo um terno azul marinho caro, mas discreto, que foi feito sob medida para o seu corpo alto e magro. Tudo sobre ele era perfeito, desde a forma como o cabelo castanho escuro enrolava-se

sobre a testa, até as abotoaduras quadradas de ouro, a pequena bolota de ouro brilhando no centro exato de sua gravata azul clara. Um crachá dourado brilhava com o nome dele em seu paletó: *Marco, gerente do clube*.

O olhar castanho escuro de Marco vagou por cima do meu casaco de lã preto, jeans e botas, e seus lábios se enrolaram com desgosto. — Sinto muito — disse ele em um tom arrogante que indicava que ele não estava nenhum pouco arrependido. — Este é um clube privado. Nós não estamos abertos ao público.

Ele disse a palavra *público* como se fosse uma espécie de praga horrenda sobre toda a humanidade. Ou ao menos sobre aqueles com dinheiro.

— Ainda bem que eu não sou o *público* comum, então — eu disse, dando-lhe um sorriso falso.

Marco piscou, como se ele não estivesse acostumado a ter sua autoridade desafiada, mas eu ignorei sua confusão, peguei meu celular e mostrei a foto de Elissa.

— Esta menina esteve aqui no jantar de caridade que o clube ofereceu na noite passada. Você se lembra de vê-la?

Marco soltou um bufo delicado, como se eu o tivesse ofendido por ousar fazer uma pergunta. — Nós não damos informações aos *plebeus* que simplesmente vagam pela rua. Se você não sair agora vou ligar para a polícia.

Eu ri. — Oh, docinho. Pode ir em frente e chame a polícia. A menos que você tenha alguns deles em sua folha de pagamento, eu não posso imaginar que eles estarão muito ansiosos para vir até aqui apenas para remover uma *plebeia* como eu do local.

Os lábios de Marco se curvaram novamente com a minha fácil rejeição de sua ameaça vazia. — Bem, então, é uma coisa boa que o clube emprega sua própria força de segurança privada para lidar com certos... problemas.

Ele olhou para o corredor, levantou a mão e estalou os dedos algumas vezes. Passos soaram no tapete, e três gigantes vestindo ternos azul marinho apareceram e me flanquearam. Ah, reforços. Os homens não estavam carregando armas, mas eles não precisavam delas, dada a sua sólida constituição de dois metros de altura e punhos maciços. Além disso, não era como se estivéssemos em Southtown. As coisas mais perigosas que estes caras

enfrentavam regularmente eram empresários bêbados e debutantes embriagados.

Marco me deu um sorriso zombeteiro e triunfante. — Por favor, acompanhe esta mulher para fora da propriedade. E *não* sejam gentis com isso.

Eu poderia ter parado isso antes de começar. Eu poderia ter retirado meu pingente de runa de Aranha de sob meu casaco, mostrado para Marco e os gigantes e contado exatamente quem eu era. Reconhecer a Aranha teria sido o suficiente para fazê-los recuar.

Provavelmente.

Talvez.

Ok, ok, provavelmente não.

As pessoas tinham um jeito muito peculiar – e *ruim* – de não acreditarem em mim quando eu dizia ser uma assassina, e esse erro quase sempre levava à morte delas. Sua descrença as matava, junto com as minhas facas.

Dois dos gigantes deram um passo à frente e apertaram as mãos nos meus braços, deliberadamente, dolorosamente cavando seus dedos em minha pele, mas eu ainda não alcancei minha runa de Aranha. Se Marco e seus asseclas queriam jogar duro, então eu ficaria feliz em agradá-los.

Eu gostava de jogar duro também.

Eu olhei para Marco. — Qual é o problema? Não é gerente o suficiente para me expulsar?

Seus olhos escuros se estreitaram com a minha zombaria. — Você sabe o que, pessoal? Vamos levá-la para o escritório de segurança para uma... conversa mais privada.

Os três gigantes sorriram para seu chefe. Esta foi provavelmente a maior empolgação que eles tiveram em eras, e todos estavam ansiosos pelo prazer de baterem em mim – ou pior.

Ah, ia ser pior, tudo bem – para eles.

Marco liderou o caminho, e os dois gigantes me escoltaram pelo corredor, com o terceiro homem seguindo atrás de nós, apenas no caso de eu

decidir tentar fugir. Mas eu não protestei nem tentei fugir ou até cavar meus calcanhares no tapete para retardar nosso progresso.

Afinal, eles estavam me levando exatamente para onde eu queria ir.

Passamos por dois corredores diferentes, nos afastando da multidão no salão de baile em direção ao outro lado do edifício. Nós passamos por alguns membros da equipe, principalmente zeladores e faxineiras esfregando, polindo e certificando-se de que o interior do clube estava perfeito. À vista de Marco e os gigantes, todos eles pararam o que estavam fazendo e prestaram a atenção. No segundo que Marco estava de costas para eles, todos relaxaram de novo, e algumas pessoas até estremeceram, balançaram a cabeça e me deram olhares de simpatia. Alguns deles devem ter feito esse mesmo passeio forçado até o escritório de segurança.

Eu me perguntava quais teriam sido as infrações deles. Esquecer-se de colocar papel higiênico suficiente nos banheiros? Não retirar a última partícula de poeira dos espelhos dourados nas paredes? Ou talvez fosse algo mesmo mais sério, como não se curvar a Marco no que ele considerava ser seu próprio pequeno feudo.

Um minuto depois, chegamos ao final do corredor, e Marco usou um cartão para abrir uma porta *Apenas pessoal de segurança autorizado*. Ele estendeu a mão e os dois gigantes me empurraram através da porta. Eu tropecei para frente e bati em uma mesa, fingindo estar muito mais desequilibrada do que realmente estava. O tempo todo, meu olhar percorreu a sala, observando os monitores de segurança que cobriam o lado oposto da parede, as cartas de poker na mesa na minha frente e as xícaras de café meio cheias que cobriam a bagunça na escrivaninha no canto. Três xícaras, para ser exata, o que significa que esses três gigantes eram provavelmente a totalidade da força de segurança do clube.

Excelente. Não quero que nenhum retardatário perca isto.

Os dois gigantes entraram na sala atrás de mim, junto com Marco e o terceiro gigante, que fechou a porta atrás dele. Eu sorri com o som da fechadura, então me endireitei e virei para enfrentar os homens.

Marco cruzou os braços sobre o peito. — Não tão eloquente agora, não é?

— Oh, docinho. Sempre achei que as ações falam muito mais alto do que as palavras.

Ele franziu a testa para o meu comentário enigmático, mas eu o ignorei e olhei para os três gigantes em pé diante de mim.

— Eu espero que vocês, rapazes, não pagaram muito por esses ternos extravagantes — eu disse lentamente.

— Por que isso? — Perguntou um dos gigantes.

Meu sorriso aumentou. — Porque eu vou me divertir muito espalhando seu sangue por todo esse tecido bonito.

O gigante bufou. Outro descrente. Sua perda.

— Chega de conversa — disse Marco em um tom entediado. — Eu tenho um clube para administrar, então siga em frente. Bata nela e depois jogue-a lá fora.

— Sim, senhor — os gigantes disseram em uníssono.

Os dois primeiros homens vieram até mim com os braços estendidos, pensando que poderiam me agarrar de novo e me segurar enquanto o terceiro homem me batia.

Eu realmente deixei o primeiro gigante agarrar meu ombro, só para poder levantar meu punho e socar sua garganta. Ele se engasgou e começou a cambalear para trás, mas eu agarrei sua gravata de seda, puxei e bati o rosto dele na mesa ao meu lado. Seu nariz quebrou, e o sangue voou, junto com as cartas de pôquer. O gigante gritou, mas eu virei e empurrei meu joelho na lateral da cabeça dele. Ele desabou no chão inconsciente.

O segundo gigante rosnou, chateado por eu ter machucado o seu amigo, e ele também veio para mim com mãos braços estendidos. Eu girei em torno dele, peguei uma das xícaras de café da mesa no canto e joguei o conteúdo em seu rosto. Para sua sorte, o café esfriara, mas ainda o cegou. Ele gritou de surpresa e limpou seu rosto, como se esperasse que o líquido começasse a queimá-lo a qualquer segundo. Eu bati meu pé na lateral do joelho dele, fazendo-o ceder com um *pop* doentio! Ele gritou de novo, sua perna dobrando. Eu corri para frente, enfiei meus dedos em seus cabelos e bati a cabeça dele na mesa. Uma vez, duas vezes, três vezes, até que seus gritos

pararam, e ele também caiu no chão inconsciente, aterrissando bem em cima de seu amigo.

Dois caíram, faltam dois.

O terceiro gigante era um pouco mais esperto ou, pelo menos, participara de mais algumas lutas do que seus amigos. Ele ergueu os punhos e me deu um olhar cauteloso, mas ele não atacou.

— O que você está esperando? — Marco exigiu, sua voz soando mais alta e mais em pânico com cada palavra. — Pegue ela! Agora!

O gigante ignorou seu chefe e olhou para mim, esperando que eu desse o primeiro passo. Com a minha mão esquerda, eu fingi como se estivesse indo pegar outra xícara de café na mesa. Enquanto o gigante se movia naquela direção, eu estendi a mão direita, peguei o telefone fixo da mesa, e esmaguei no lado de sua cabeça. O gigante gritou e cambaleou para longe, mas eu peguei o paletó dele, puxei-o de volta para mim, e bati o telefone em sua cabeça novamente. O plástico se partiu em minhas mãos, e o gigante gritou novamente.

Eu joguei fora o telefone quebrado e me abaixei, passando a perna direita e acertando o gigante em torno de seus tornozelos. Suas pernas voaram debaixo dele e sua cabeça bateu no chão com um estalo retumbante. Ele não se moveu depois disso.

Eu me endireitei e olhei para os gigantes, mas eles estavam todos desmaiados, esparramados por todo o chão, e sangrando em seus ternos extravagantes, assim como eu tinha avisado. Eu poderia ter espalmado uma faca e lhes matado, mas isso teria sido uma dor de cabeça completamente diferente para lidar, uma que eu simplesmente não tinha tempo agora. Então, eu me virei para Marco, que se pressionou contra a parede, com os olhos arregalados, a mão sobre a boca, como se fosse vomitar.

— Deixe-me adivinhar — eu disse lentamente. — Seus garotos podem dar um jeito, mas você não pode aguentar, certo?

Marco fez um som de asfixia e correu para a porta, mas eu o venci. Eu envolvi minha mão na maçaneta e a explodi com a minha magia de Gelo, selando-nos ainda mais dentro do escritório de segurança.

— Agora, agora — eu disse. — Não queremos que ninguém nos interrompa. Temos negócios importantes para discutir. Aquela conversa particular que você estava tão ansioso por ter comigo, lembra?

Marco se afastou e tropeçou em um dos gigantes inconscientes. Eu estendi a mão e peguei a parte de trás do paletó dele para que ele não caísse e acidentalmente se nocauteasse. O gerente rapidamente recuperou o equilíbrio, embora ele tenha fugido para longe de mim, pressionando seu corpo alto e magro no canto, como se isso de alguma forma o protegesse.

— O que... o que você quer? — Ele sussurrou.

Desta vez, quando eu dei um passo à frente, finalmente alcancei meu casaco e tirei meu pingente de silverstone. Os olhos de Marco se fixaram no símbolo da runa de Aranha e sua boca se abriu. Agora ele sabia exatamente quem eu era. Que surpresa legal.

— Agora que as brincadeiras acabaram, eu quero ver as suas imagens de segurança.

Capítulo 8

Marco foi *muito* mais útil depois disso.

Ele passou os próximos trinta minutos baixando as imagens de segurança do clube da noite passada para alguns DVDs, além de enviar por e-mail as informações. Eu usei meu telefone para enviar as imagens para Silvio, Bria e Finn para que pudessem analisá-las também. DVDs na mão, eu usei outra rodada da minha magia de Gelo para abrir a porta do escritório e sai do Five Oaks Country Club.

A essa altura, já passava das quatro horas e eu fui para casa planejar meu próximo passo. Bater em gigantes era um trabalho duro, então eu peguei alguns brownies de chocolate amargo da cozinha, coloquei-os em um guardanapo, e os levei para o covil. Enquanto comia, coloquei o primeiro DVD na TV.

Essas câmeras de segurança mostravam o lado de fora do Five Oaks, e a filmagem era exatamente o que eu tinha esperado: limusines, sedans e SUVs indo até a frente do clube e deixando pessoas ricas, importantes, poderosas e perigosas. A baixa resolução nas câmeras tornou as imagens um pouco granuladas, mas eu ainda reconheci vários rostos, incluindo alguns chefes do submundo. As pessoas saíram de seus carros, entregaram suas chaves para os manobristas, e se apressaram para o calor à espera no clube. Nada incomum ou suspeito.

Finalmente, um táxi amarelo parou no clube, e Elissa Daniels saiu, pagou ao motorista e entrou. Parei a filmagem para poder dar uma olhada melhor nela. Elissa era tão bonita na câmera quanto na foto que Jade tinha

me mostrado e ela estava vestida elegantemente para o jantar. Seus cabelos loiros pendiam em ondas soltas em torno de seus ombros, e ela estava vestindo um longo casaco preto sobre um curto vestido vermelho, junto com estiletes vermelhos combinando.

Eu olhei para o marcador de hora no canto inferior do vídeo. Seis e cinquenta e cinco. Pouco antes de Elissa ter que se encontrar com Stuart Mosley, às sete. Eu analisei o resto da filmagem no disco, mas Mosley nunca apareceu. Parecia que ele estava dizendo a verdade sobre estar doente e faltar ao jantar. Assim, eu troquei DVDs, passando para as filmagens de dentro do clube.

Uma vez que eu sabia a que horas Elissa tinha chegado e o que ela estava vestindo, era fácil rastreá-la nas filmagens dos outros discos, especificamente quando ela entrou no salão de festas do country club, as câmeras de segurança estavam apontadas para essa área. Ela olhou ao redor do salão de baile, procurando por Mosley, então foi até o bar e pediu uma taça de champanhe. Ela sentou-se lá tomando sua bebida por cerca de dez minutos antes de receber uma ligação, provavelmente de Mosley. Elissa assentiu e falou por um minuto antes de terminar a chamada.

Depois disso, ela tirou uma foto de sua taça de champanhe e mandou uma mensagem para alguém, provavelmente convidando sua irmã para vir tomar uma bebida. Claro, Jade não veio, mas Elissa continuou sentada no bar, tomando seu champanhe, e observando as pessoas, contente em aproveitar o resto da noite, assim como Mosley havia lhe dito para fazer.

Até que ela recebeu uma mensagem, aparentemente.

Elissa tinha acabado de terminar seu champanhe quando seu telefone acendeu. Ela olhou para a tela por um momento, em seguida, sinalizou ao garçom que ela queria pagar sua conta. Cinco minutos depois, ela deixou o salão de baile, então eu coloquei outro DVD que mostrava o exterior do clube novamente. Com certeza, Elissa estava de pé na entrada, andando de um lado para o outro, e checando o telefone várias vezes.

Um táxi chegou logo depois das sete e meia e Elissa entrou no banco de trás. Eu congelei a filmagem novamente, para poder pegar o número do táxi – 227 – e mandei uma mensagem para Silvio e Finn, pedindo que

descobrissem quem era o motorista e para onde ele tinha levado Elissa. Eu também enviei aos dois outra mensagem perguntando se eles poderiam invadir os registros telefônicos de Elissa. Eu queria saber que mensagem a deixara transtornada o suficiente para sair correndo clube de campo e seguir para um destino desconhecido.

Depois disso, não havia nada para eu fazer além de esperar, então liguei para Sophia, verificando como as coisas estavam indo com Jade.

— Ela está fazendo um caminho no chão — Sophia retumbou. — A mulher não vai ficar quieta. Ela está me deixando tonta.

— Apenas fique de olho nela. Tente fazê-la comer alguma coisa e deitar-se por alguns minutos. Ela precisa descansar. Ela não é de nenhuma ajuda para ninguém se estiver um pacote exausto de nervos.

— Vou fazer isso. — Sophia fez uma pausa. — Eu sinto muita pena dela. É difícil perder a sua irmã. Difícil ser aquela que está desaparecida também.

A simpatia e tristeza ondularam através de sua voz rouca. Anos atrás, Sophia havia sido sequestrada por um par de elementais sádicos do Fogo que se deleitaram em torturá-la, e eles tinham voltado e a sequestrado novamente no verão passado. As coisas que ela suportou... elas me deixaram doente só de pensar nisso, e eu ainda não sabia como ela encontrara forças para sobreviver a elas não uma, mas duas vezes. Sophia sabia melhor do que ninguém quão horrível era ser arrancada da sua família, sem esperança de escapar ou de vê-los novamente. Eu me perguntei se isso era o que Elissa estava sentindo agora. Essa miséria doentia, esse desespero sombrio, essa total desesperança.

Mas mais do que isso, eu me perguntava se ela ainda estava sentindo alguma coisa – ou se ela já estava morta.

— Gin? — Sophia perguntou, quebrando meus pensamentos turbulentos.

— Sim — eu murmurei. — É difícil perder a sua irmã.

Nós desligamos, e eu fiquei de pé e caminhei até os desenhos de runas na cornija da lareira. Os comentários de Sophia me fizeram pensar sobre a minha própria irmã perdida, e eu corri meus dedos sobre o pingente de videira

de hera que foi colocado sob o desenho correspondente. A runa da minha irmã Annabella, o símbolo da elegância.

Eu me perguntava como Annabella seria hoje se ela tivesse tido a chance de crescer. Ela teria trinta e seis anos, cinco anos mais velha do que eu, talvez casada, talvez até com um ou dois filhos. eu conseguia quase imaginá-la de pé diante de mim, com o mesmo cabelo loiro, olhos azuis e feições bonitas que Bria e nossa mãe tinham.

Meu olhar se moveu para o pingente de floco de neve da minha mãe e seu desenho. Eira estaria com cinquenta anos agora, sem dúvida com alguns cabelos grisalhos e algumas rugas, mas ainda uma beleza distinta.

Mas eu nunca saberia as respostas para minhas perguntas.

Mab Monroe tinha queimado minha irmã e minha mãe até a morte, bem na minha frente, e eu não tinha sido capaz de fazer uma maldita coisa para salvar qualquer uma delas. Mesmo agora, todos esses anos depois, eu ainda me lembrava do calor intenso do Fogo elemental de Mab queimando o ar. As chamas vermelhas de sua magia em direção a Eira, quase em câmera lenta. Minha mãe falando as palavras *Sinto muito* para Annabella e para mim, antes de desaparecer naquela bola de Fogo. Então, Annabella descendo as escadas para encontrar exatamente o mesmo destino.

Observá-las morrer havia sido horrível o suficiente, mas eram todas as outras sensações que realmente me assombravam. A casca do corpo enegrecido e fumegante da minha mãe batendo no chão com um baque surdo. A camisola de Annabella queimando como um fósforo que acabara de ser aceso. A pele da minha mãe desmoronando em cinzas. O fedor de sua carne carbonizada enchendo meu nariz. O odor quente e acre de fogo, fumaça e pele cozida deslizando pela minha garganta, fazendo meu estômago revirar e me envenenando de dentro para fora quando percebi que mãe e irmã estavam mortas, mortas, mortas...

Meu telefone tocou, me trazendo de volta ao aqui e agora.

Minha mão tinha apertado com tanta força ao redor da videira de Annabella que seu símbolo pressionou a marca da runa de Aranha na minha palma, outro presente de despedida de Mab. Forcei meus dedos a abrir e me afastei dos pingentes de runa e desenhos correspondentes, tentando limpar

as lembranças mórbidas da minha mente e ignorar a dor pulsando no meu coração.

Mais fácil falar do que fazer, mas fui até a mesa de centro e peguei meu telefone. O identificador de chamadas disse que era Finn.

— Por favor, me diga que você encontrou algo daquele táxi em que Elissa entrou — eu disse imediatamente respondendo.

— O quê? — Finn disse. — Nenhum oi? Nenhuma conversa fiada? Nem bate papo?

— Não quando uma garota está desaparecida. Então, o que você descobriu?

— De acordo com o registro do taxista, Elissa pagou com um cartão de crédito — disse Finn. — Adivinha onde o taxista a deixou na noite passada, por volta das oito horas?

— Eu não tenho ideia — retruquei, sem vontade de brincar agora.

— Northern Aggression — disse ele com uma voz presunçosa.

Bem, isso era realmente uma boa notícia. Ao contrário de Marco, eu não teria problemas em obter estas imagens de segurança; Roslyn Phillips, dona da Northern Aggression, era uma boa amiga.

— Quer ligar para Owen e ir até lá? — Perguntou Finn.

— Absolutamente.

— Bom — ele disse. — Porque eu já liguei para Roslyn. Então, coloque seus sapatos de dança, Gin. Estamos saindo hoje à noite.

• • •

Uma hora depois, uma batida forte soou na minha porta da frente, que eu abri para encontrar Finn parado do lado de fora no alpendre.

Meus olhos se arregalaram. — *O que* você está vestindo?

Ao invés do seu habitual terno de banqueiro escuro e elegante, Finn ostentava um casaco cinza-claro sobre uma camisa com uma gravata borboleta, colete e calças, juntamente com sapatos de couro branco brilhantes. Seu cabelo marrom escuro estava penteado para trás em um estilo

artístico, ele estava recém-barbeado e um pouco de colônia picante flutuava dele.

Ele sorriu. — Não é ótimo? É chique de inverno, o mais novo estilo da Fiona Fine.

— Você parece um encontro ruim no dia da formatura.

Ele arqueou as sobrancelhas, o olhar verde observando as botas, jeans, suéter azul e jaqueta preta que eu usava todo dia. — E parece que você espancou alguns caras mais cedo e esqueceu de lavar o sangue do seu casaco. — Ele apontou o dedo para as manchas do tamanho da moeda de dez centavos na lã — Eu sei o que essas manchas escuras *realmente* são.

Dei de ombros. — Foram apenas três caras, e eles não sangraram tanto assim.

As sobrancelhas de Finn subiram um pouco mais em descrença.

— Bem, eles não sangraram tanto assim em *mim* — eu emendei. — Certamente não o suficiente para eu mudar de casaco.

Ele balançou sua cabeça. — Sua falta de senso de moda sempre me confunde. Mas jaqueta suja de sangue à parte, há outro problema.

Eu cruzei meus braços sobre o peito. — E o que seria isso?

Ele cheirou o ar. — Você ainda cheira a churrasco do restaurante.

— Você me disse uma vez que cheirar como churrasco era um afrodisíaco total.

— E geralmente é — disse Finn. — Mulheres e churrasco são duas das minhas coisas favoritas. Mas não quando nós vamos sair para a balada.

— Não vamos para a balada. Estamos procurando uma garota desaparecida. Não é a mesma coisa. Não realmente. Nem um pouco.

Ele sorriu. — Você diz batata...

Eu revirei meus olhos. — Eu sei, eu sei. Você diz *oportunidade*. Vamos lá, Rei do Baile de Formatura. Owen vai nos encontrar lá. Bria tem que trabalhar hoje à noite, mas ela disse que ligaria se tivesse alguma novidade.

Fechei e tranquei a porta da frente atrás de mim e dirigimos até a boate.

Northern Aggression era o clube mais decadente de Ashland, conhecido por seus muitos prazeres hedonistas. Você poderia obter

praticamente tudo o que queria no clube – bebidas, cigarros, sangue, sexo – praticamente qualquer quantidade e combinação, contanto que você tivesse dinheiro ou crédito suficiente para pagar sua conta no fim da noite. Embora fosse pouco depois das sete horas da noite de quarta-feira, dezenas de pessoas já estavam na fila, esperando para passar pelos seguranças gigantes e a corda de veludo vermelho para poderem entrar e começar a festa.

A boate estava localizada em um edifício comercial que parecia ter abrigado um call center ou algum outro empreendimento corporativo desconhecido. A única coisa que diferenciava o clube dos edifícios circunvizinhos de Northtown eram o letreiro sobre a porta da frente: um coração com uma flecha disparando direto através dele, a runa de Roslyn Phillips para seu clube e todo o prazer e dor que poderia ser obtido lá dentro. O letreiro brilhava com um néon vermelho brilhante, depois laranja e finalmente amarelo, destacando os rostos ansiosos de todas as pessoas que se encontravam embaixo.

Finn, sendo Finn, naturalmente passou por todos e foi direto para a frente da fila. Normalmente, eu teria zombado de sua arrogância e dito a ele para esperar sua vez, mas esta noite eu o segui. Eu queria entrar o mais rápido possível e descobrir o que havia acontecido com Elissa.

Finn apertou as mãos primeiro de um segurança, depois do outro. — Gerald, Tim, bom ver vocês novamente.

Os gigantes assentiram e murmuraram seus agradecimentos, já que Finn havia acabado de dar a cada um deles uma nota de cem para acelerar ainda mais a nossa entrada no clube. Eles desfizeram a corda de veludo vermelho e nos deixaram passar, para o aborrecimento e murmúrio de todos os outros que ainda aguardavam na fila no frio.

Eu segui Finn para dentro, e caminhamos para a pista de dança principal. O exterior do Northern Agression pode ser claro e simples, mas o interior era todo de luxo decadente. A pista de dança foi feita de um bambu elástico, e grossas cortinas de veludo vermelho cobriam as paredes. E mais importante para aqueles que festejavam muito, um grande bar de Gelo elemental corria ao longo de uma parede.

O bar tinha sido atualizado um pouco desde a última vez que estive aqui, com as formas de copos de martini, cerejas e outras parafernálias de bebidas entalhadas na pálida e brilhante superfície. Atrás do bar, um cara misturava bebida após a bebida, seus olhos brilhando em um azul brilhante enquanto ele alimentava sua magia na espessa camada de Gelo para mantê-lo congelada, sólida e inteira em meio ao calor de todos os corpos reunidos em torno dela e dançando na pista de dança.

A música pulsava com uma batida baixa e pulsante, e Finn começou a sacudir sua bunda no ritmo, enquanto nós empurramos a multidão de pessoas e íamos mais fundo no clube. Uma mão ergueu-se no ar, acenando e vi Owen em pé na extremidade do bar. Eu acenei de volta, coloquei minhas mãos contra os ombros de Finn, e guiei-o naquela direção.

Ao contrário de Finn, que tinha se vestido exageradamente, Owen tinha se vestido com calças pretas e um suéter cinza escuro que delineava seus ombros largos. Seu cabelo preto brilhava sob o flash estroboscópico das luzes, que também fizeram seus olhos violetas brilharem. Eu não fui a única que o notou. Várias mulheres deram a Owen um olhar de apreciação, mas o olhar dele encontrou o meu e ficou lá. Eu avancei, passei meus braços em volta do seu pescoço e dei-lhe um beijo longo e demorado, marcando meu território. As mulheres em questão fizeram beicinho e se afastaram em busca de presas mais fáceis.

Owen olhou para mim com um sorriso divertido nos lábios. — Para o que foi isso?

— Nenhuma razão, realmente. Talvez porque é quarta-feira?

— Quarta-feira, hein? — Ele se inclinou e murmurou no meu ouvido. — Então, você terá que vir mais tarde esta noite, e vamos realmente tornar isso memorável. Por que, quarta-feira pode até se tornar meu novo dia favorito da semana.

Sua voz baixa e rouca causou arrepios na espinha e eu o beijei novamente. — Combinado.

Owen piscou de volta para mim, e então nós nos viramos para a mulher ao lado dele.

Com seu cabelo preto curto, olhos e pele caramelo, e características perfeitas, ela era simplesmente uma das mulheres mais bonitas que eu já vi. As supermodelos ficariam com ciúmes de sua figura exuberante e curvilínea. Até quando ela estava em pé no bar e tomando uma bebida, ela era o tipo de mulher que atraía o olhar e a inveja de todos.

Roslyn Phillips me deu um sorriso caloroso e acolhedor. — Ei, Gin.

— Roslyn. — Eu dei um passo à frente e abracei-a. — É bom te ver. Eu só queria que fosse em melhores circunstâncias.

Ela assentiu. — Sim, Finn ligou e me contou que a irmã de Jade estava desaparecida. Eu tenho as imagens de segurança todas preparadas para você na parte de trás, mas eu não sei se vai ajudar muito. Eu já perguntei a equipe, mas ninguém se lembra de qualquer tipo de perturbação, luta ou grandes problemas na última noite.

Eu acenei para ela, então me virei para Finn e Owen. — Vocês ficam aqui fora. Mostrem a foto de Elissa para o barman e outros funcionários, e vejam se alguém se lembra de vê-la.

Finn sorriu para uma ruiva que passava. — Com prazer.

Apesar do fato de que ele estava apaixonado por Bria, meu irmão adotivo ainda gostava de flertar com qualquer coisa que andava. Eu estava feliz em vê-lo recuperando o ritmo depois de todas as coisas horríveis que aconteceram com Deirdre Shaw, mas eu ainda defendia a honra de Bria, do jeito que sempre fiz.

Eu dei uma cotovelada na lateral dele. — Tente manter o flerte no mínimo, ok?

Owen bateu a mão no ombro de Finn. — Não se preocupe. Vou mantê-lo na linha.

— Você não é divertido, Grayson. — Finn fez beicinho por alguns segundos antes de seu rosto se iluminar. — Mas você sabe o quê? Isso faz de você o *perfeito* parceiro. Vamos lá. Isso vai ser bom.

Owen piscou e abriu a boca para protestar, mas Finn pendurou o braço no ombro de Owen, e conduziu os dois para a pista de dança lotada. Owen olhou para mim, uma expressão de pânico em seu rosto, mas eu apenas balancei meus dedos para ele.

— Divirtam-se rapazes! — Eu gritei por causa da música pulsante.

Roslyn riu e terminou seu martini. — Vamos lá. Eu tenho tudo pronto para você.

Ela me levou para a parte de trás do clube. Foi lento, não só por causa dos dançarinos e dos beberrões, mas também por causa dos trabalhadores que pararam para obter o conselho de Roslyn ou ordens sobre isso ou aquilo. Finalmente, chegamos a uma porta na parede dos fundos, e Roslyn a abriu e me conduziu até o outro lado.

Ela fechou a porta atrás de nós, cortando parte do barulho e agitação da parte principal do clube, e eu a segui por uma série de corredores. Vários garçons passaram por nós, voltando ao trabalho depois de seus intervalos, e alguns seguranças gigantes estavam postados aqui também, mantendo um olho nas coisas nas salas VIP através de vários buracos de espionagem cortados nas paredes.

Roslyn me levou até o escritório e gesticulou para que eu me sentasse em sua cadeira. Quando eu estava acomodada, ela inclinou-se sobre mim e entrou em seu computador.

— Eu tenho a filmagem de segurança pronta para rodar — disse ela. — Cada câmera está em uma aba diferente para que você possa alternar entre todas elas.

— Obrigada. Eu realmente aprecio isto.

Roslyn assentiu. — A qualquer momento. E, por favor, diga a Jade que sinto muito e que espero que Elissa apareça logo.

— Você conhece Elissa?

— Não pessoalmente, mas ela é uma universitária. Às vezes eu acho que eles *moram* aqui no clube. — Roslyn sorriu, mas sua expressão rapidamente ficou séria de novo. — Eu não posso imaginar o que Jade está passando agora mesmo. Se alguma coisa acontecesse com Lisa ou Catherine...

Sua voz sumiu com o pensamento de sua irmã e jovem sobrinha. Roslyn sacudiu a cabeça. — De qualquer forma, apenas grite se precisar de alguma coisa.

— Eu vou. Obrigada, Roslyn.

— Boa sorte. — Ela sorriu para mim novamente, saiu do escritório e fechou a porta atrás dela.

Eu puxei o teclado um pouco mais perto, agarrei o mouse e comecei a ver as imagens.

As câmeras de segurança de última geração de Roslyn tinham uma resolução muito melhor do que as granuladas do country club, e ela tinha muito mais delas mostrando tanto o interior quanto o exterior do Northern Aggression, além de algumas dos estacionamentos circundantes. Roslyn tinha pausado a filmagem de ontem para cerca de dez minutos antes do táxi de Elissa ter aparecido, então observei o fluxo e refluxo de pessoas, fora, e em torno do clube, procurando por algo suspeito, incomum ou fora do lugar.

Northern Aggression atraia pessoas de todas as idades, desde aqueles que mal tinham idade para beber até aqueles que tinham passado a vida inteira festejando. Jovens, velhos e todas as idades intermediárias se moveram através das imagens, junto com humanos, elementais, vampiros, gigantes, anões e todas as suas combinações. O clube também atendia uma ampla gama de rendas, todos, de estudantes universitários pobres que querem ter algumas cervejas baratas até empresários ricos que só bebiam as bebidas mais caras. O clube era verdadeiramente o ponto de encontro de Ashland.

A filmagem prosseguiu e o tempo passou, até que finalmente um táxi amarelo cruzou a entrada do clube. Elissa saiu, pagou o motorista e esperou sua vez na fila para entrar. Algumas pessoas, homens e mulheres também, tentaram conversar com ela, mas Elissa manteve os olhos colados no celular. Fora isso, nada fora de comum aconteceu, e ninguém suspeito se aproximou dela.

Assim que Elissa entrou no clube por volta das oito e meia, mudei para a filmagem do interior, então eu podia rastrear seus movimentos. Em vez de ir para a pista de dança ou para o bar, ela abraçou a parede, mantendo-se à margem da multidão, a cabeça se movendo para frente e para trás. Ela estava obviamente procurando por alguém. Mas quem? Talvez Silvio estivesse errado, e ela tivesse um cara às escondidas, outra pessoa além do namorado oficial dela.

Eu a segui pelas imagens. Elissa olhou para o telefone e depois para a multidão. Ela começou a se aproximar da pista de dança, mas algo chamou sua atenção, e ela se virou em direção ao bar de Gelo elemental. Ela parou de repente, seu corpo inteiro duro de choque, sua boca bem aberta em um silencioso O de surpresa. Ela ficou assim por alguns segundos antes de um garçom que passava esbarrar nela, empurrando-a para fora de seu torpor. O rosto dela se encolheu, os ombros caíram e ela girou ao redor e começou a empurrar seu caminho de volta para fora do clube.

Parei a imagem e busquei outro ângulo, tentando ver o que a aborreceu. Demorei alguns minutos, mas percebi que Elissa estava olhando para um cara e uma garota no final do bar. Na imagem, os dois tilintaram suas cervejas juntos antes de tomarem suas bebidas. Então, o cara puxou a garota para o seu colo, e os dois começaram a fazer coisas que era melhor não serem vistas. Eu ampliei o casal amoroso, tirei uma foto de seus rostos com meu celular e mandei uma mensagem para Silvio: *Quem são essas pessoas?*

Meu fiel assistente me mandou uma mensagem de volta menos de um minuto depois. *O rapaz é definitivamente Anthony Fenton, namorado da Elissa. A garota se parece com Rose Sears, uma das amigas de Elissa.*

E assim, tudo fazia sentido. Talvez Elissa suspeitasse que Anthony a estivesse traindo. Talvez outro amigo tenha visto Anthony e Rose no clube e a avisado. Talvez ela até colocou um aplicativo de rastreamento em seu telefone, como Silvio fez com o meu. De qualquer forma, Elissa descobriu que Anthony estava no Northern Aggression na noite passada, e ela veio aqui para ver o que ele estava fazendo – que estava basicamente trepando com outra garota à vista de todos.

E só para torcer a faca um pouco mais, não era uma garota aleatória, mas uma das amigas de Elissa, alguém que sabia exatamente o quanto Elissa gostava de Anthony. Não é de admirar que Elissa tivesse se apressado para sair. Eu não teria querido ficar por aqui com esse tipo de traição também.

Eu coloquei meu telefone de lado e voltei para a filmagem de segurança. Elissa correu para fora do clube, tropeçou no estacionamento mais próximo, e encostou-se ao lado do primeiro carro que viu. Pelo jeito que sua cabeça estava curvada e seus ombros tremiam, eu poderia dizer que ela estava

chorando, algo que ela fez por uns bons dez minutos. Muitas pessoas passavam por ela, indo e voltando do clube, mas uma menina chorando não era uma visão incomum na Northern Aggression, e ninguém parou para perguntar a ela o que estava errado ou oferecer qualquer tipo de ajuda.

Finalmente, Elissa se endireitou, enxugou o rosto e fez uma ligação, provavelmente para outro táxi. Então, ela começou a andar de um lado para o outro no estacionamento, assoando o nariz e enxugando mais algumas lágrimas enquanto ela esperava. Eventualmente, porém, algo chamou sua atenção, algo que a fez parar de andar. Ela olhou para a direita e ficou lá por vários segundos, franzindo a testa.

E então Elissa começou a andar lentamente nessa direção. Um minuto depois, ela desapareceu ao redor do canto distante do clube, como se ela estivesse indo para os fundos do prédio.

E ela nunca voltou.

Eu assisti o resto da filmagem de segurança, tanto dentro quanto fora do clube, mas os minutos se transformaram em uma hora, depois duas, depois três e Elissa nunca mais reapareceu. Então eu voltei e busquei alguns ângulos diferentes, mas as câmeras só cobriam certo espaço, e eu não conseguia ver o que poderia ter chamado sua atenção.

Eu verifiquei todas as imagens e ângulos, com o mesmo resultado. Elissa tinha acabado de desaparecer no ar, e ninguém a tinha visto desde então.

Nada bom. Nada bom mesmo.

Recostei-me na cadeira, tamborilando com os dedos na mesa de Roslyn. Três coisas poderiam ter acontecido com Elissa.

Um: um táxi poderia ter aparecido e a levado para outro lugar.

Dois: ela poderia ter encontrado alguém disposto a dar uma carona até seu próximo destino, onde quer que pode ter sido.

Três: ela poderia ter sido sequestrada aqui no Northern Aggression, convenientemente fora de vista de qualquer uma das câmeras de segurança.

Desde que Elissa não tinha voltado para casa e não tinha respondido a nenhuma das mensagens ou telefonemas frenéticos de sua irmã, eu estava apostando na opção número três. E se esse fosse o caso, então eu não tinha

ideia de como ia encontrá-la. Centenas de pessoas, carros e táxis iam e vinham todas as noites no Northern Aggression. Claro, algumas pessoas podiam se lembrar vagamente de ver Elissa chorando no estacionamento, mas assim que o dinheiro e a festa acabaram, eles estavam focados em chegar aos seus carros e ir para casa – não no que mais alguém ao seu redor estava fazendo.

De qualquer forma, Elissa ainda estava desaparecida e provavelmente em sérios problemas.

Se ela não estivesse morta.

Eu odiava pular para esse cenário novamente, mas eu era uma assassina, e eu tinha visto o pior da natureza humana de perto e pessoalmente – incluindo a minha.

Mas eu prometi a Jade que faria tudo o que pudesse, então rebobinei todas as imagens de segurança e assisti pela terceira vez, concentrando-me em todos perto de Elissa. Tantas pessoas estavam tão espremidas no clube que era difícil manter o controle de todos, muito menos notar alguém que pudesse querer machucá-la. Ninguém lhe deu nenhuma atenção especial e ninguém a seguiu para fora. O suspeito mais óbvio era Anthony, o namorado trapaceiro, mas ele estava tão ocupado com Rose que ele não tinha percebido que Elissa estava aqui e observando os dois quebrarem o seu coração.

Bati meus dedos na mesa novamente, pensando na área ao redor. Estacionamentos flanqueavam a Northern Aggression, e as empresas mais próximas ficavam a centenas de metros de distância. As câmeras de segurança dessas empresas seriam voltadas para suas próprias propriedades, não mais adiante na rua do clube. Isso era provavelmente um beco sem saída, mas eu peguei meu telefone e mandei uma mensagem para Silvio de qualquer maneira. Ele mandou uma mensagem de volta alguns minutos mais tarde, dizendo que procuraria obter todas as imagens de segurança das empresas vizinhas. Eu agradeci e enviei por e-mail cópias das imagens do Northern Aggression para mim, Silvio, Finn e Bria, apenas no caso de eles verem algo que eu perdi.

Quando terminei, saí do escritório de Roslyn, caminhei pelos corredores e saí pela parte de trás do clube. Havia mais uma coisa que eu queria verificar.

A porta dos fundos se abria em outro terreno pavimentado, embora ninguém estacionasse aqui, nem mesmo os funcionários, já que o asfalto estava tão rachado e cheio de buracos. Latas de lixo e lixeiras transbordando com pontas de cigarro, guardanapos de coquetel usados e garrafas vazias de bebida cercavam a área, formando um labirinto de metal enferrujado e lixo podre. Pedaços de vidro brilhavam como diamantes contra o asfalto rachado, e o cheiro de cerveja azeda derramada impregnava o ar. Algumas luzes brilhavam nos cantos do edifício, mas elas fizeram pouco para afastar a escuridão. Mesmo a música alta e continuamente pulsante desapareceu para um leve silêncio aqui, e a relativa calma foi um tanto chocante depois do ruído constante dentro do clube.

Tudo junto, era o lugar perfeito para sequestrar uma garota – ou matá-la.

Eu olhei para a câmera de segurança acima da porta dos fundos. Estava apontado para o estacionamento, apenas como deveria estar, mas a caixa de plástico estava aberta de um lado, revelando várias peças desgastadas, fios desconectados, pendurados. Bem, isso explicava por que não havia filmagens daqui atrás. Eu me perguntava quanto tempo a câmera estava fora de serviço e se ela havia sido quebrada por algum bêbado imbecil jogando garrafas de cerveja nela ou por alguém com motivos muito mais sinistros.

Meu telefone apitou, e eu o peguei e li a mensagem de Owen: *Ninguém se lembra de ver Elissa ontem à noite. Tentando levar Finn para a porta da frente.*

Eu sorri, sabendo que ele não teria sorte com isso, e mandei uma mensagem de volta, dizendo que iria encontrá-los na frente do clube em dez minutos. Isso me daria tempo suficiente para verificar o estacionamento. Oh, eu não esperava encontrar nada, mas eu tinha que me esforçar pelo bem de Jade e pela minha própria consciência. Eu não ia sair daqui sem fazer tudo o que fosse possível para encontrar a irmã dela.

Eu tinha acabado de guardar meu telefone quando percebi que as pedras ao meu redor estavam resmungando –murmúrios sombrios que sussurravam sangue, violência, dor e morte.

Agora, isso não era novidade, já que eu mesma matei mais do que algumas pessoas neste mesmo estacionamento. Mas esses murmúrios eram altos e agudos, significando que eles eram novos e que alguém não tinha feito nada de bom aqui muito recentemente.

Talvez até ontem à noite, quando Elissa vagou até aqui.

Eu estendi a mão para minha magia, ouvindo as pedras, e percebi que não eram as paredes do clube resmungando tanto quanto não era o pavimento quebrado sob meus pés. Então, eu espalmei uma faca e caminhei para frente, esquadrinhando as sombras e lentamente seguindo os murmúrios violentos até sua fonte, como se fossem notas musicais dançando na brisa à minha frente. Os murmúrios levaram direto para o labirinto de lixeiras e latas de lixo. Naturalmente. Eu enruguei meu nariz, tentando ignorar o fedor do lixo apodrecendo, e continuei. Quanto mais eu caminhava e quanto mais perto eu chegava da origem da violência, mais sombrios e duros os sons se tornavam.

Algo muito, muito ruim aconteceu aqui.

Eu contornei uma pilha de caixas de papelão vazias e me vi olhando para um grupo de velhas lixeiras amassadas. Ao contrário dos outros, esses contêineres haviam sido esvaziados recentemente e unidos como três lados de um triângulo, embora ainda houvesse grandes lacunas nos cantos. A formação criou um espaço oco no centro, um que estava em grande parte bloqueado da vista até que você subia para o espaço onde os cantos não se encontravam. Os murmúrios se intensificaram, crescendo mais e mais, como se as notas musicais que eu vinha seguindo estavam chegando a um crescendo final e rugido.

Meu estômago revirou. Eu sabia exatamente o que aqueles sons significavam.

Eu me inclinei para frente. Eu dei um passo, depois outro, depois outro... até que eu pudesse finalmente olhar uma das lacunas entre as lixeiras.

A primeira coisa que veio à vista foi o longo cabelo loiro, brilhando como ouro opaco contra o asfalto rachado e sujo.

Meu coração caiu e meu estômago revirou novamente, mas continuei seguindo em frente, mesmo sabendo exatamente o que eu encontraria.

Seu braço foi o próximo, jogado atrás dela, a manga rasgada de seu vestido vermelho tremulando como uma pena no vento de inverno. Então, a curva das costas dela. Suas longas e magras pernas nuas. E, finalmente, stilettos vermelhos arranhados que mal se agarravam aos seus pés.

Eu pisquei e pisquei, como se isso mudasse a imagem horrível na minha frente. Mas é claro que não fez. Isso nunca acontecia.

Uma mulher morta estava esparramada na calçada, descartada junto com o resto do lixo.

Capítulo 9

Eu avancei com cautela e me agachei ao lado da mulher.

Seu cabelo loiro estava espalhado por todo o rosto, obscurecendo suas feições, mas ela parecia jovem e bonita, na casa dos seus vinte e poucos anos, assim como Elissa. Ela também estava usando um vestido vermelho, assim como Elissa estava na noite passada.

A cor combinava perfeitamente com o sangue no rosto dela.

Mesmo através dos fios de cabelo, eu podia dizer que alguém tinha batido na jovem até virar uma polpa. Seu rosto era uma bagunça inchada e ensanguentada, com um nariz quebrado, dois olhos enegrecidos e mais cortes e contusões do que eu podia contar.

E aqueles não eram seus únicos ferimentos.

Contusões profundas e feias circulavam seus pulsos, e os correspondentes marcavam seus tornozelos, como se ela tivesse sido amarrada a uma cadeira. Ainda mais contusões lhe rodeavam a garganta, cada uma com um roxo escuro contra a pele pálida, quase parecendo um caro colar de ametista em vez de marcas de morte. Eu reconheci o brutal padrão. Como se espancá-la não fosse o suficiente, alguém tinha passado as mãos ao redor do pescoço da jovem mulher e apertado, apertado, apertado.

Estranhamente, suas mãos estavam caídas no chão, os dedos bem abertos, como se ela estivesse tentando se afastar do seu atacante.

Eu olhei ao redor, mas a calçada estava vazia. Sem bolsa, sem telefone, sem casaco, sem sinal de quaisquer bens pessoais em qualquer lugar ao redor dela. Ela parecia uma boneca que uma criança quebrou em um ataque de

raiva e, em seguida, jogou de lado porque não era mais divertido brincar com ela.

Mesmo que eu não quisesse, forcei-me a me aproximar ainda mais e estudar o rosto da mulher. Eu ainda não conseguia identificá-la positivamente, dada a surra brutal, mas quanto mais eu olhava para ela, mais meu coração afundava. Cabelo loiro, idade certa, vestido vermelho, último lugar em que ela foi vista. Não havia como negar aqueles fatos – e o que eles queriam dizer.

Eu queria encontrar Elissa Daniels, mas não assim. Eu posso ter assumido o pior cenário, como eu sempre fazia, mas eu esperava no fundo que eu estivesse errada e que as coisas ficariam bem.

Mas Elissa estava morta e só havia uma coisa que eu poderia fazer por ela – e sua irmã – agora.

Puxei meu celular do bolso e apertei um número na discagem rápida.

Ela respondeu no segundo toque. — Detetive Bria Coolidge.

— É Gin.

— O que há de errado? — A voz de Bria aguçou, pegando meu tom triste. — Você encontrou Elissa?

— Sim. Você e Xavier precisam vir para a Northern Aggression, o mais rápido que puderem. — Eu suspirei, mais tristeza rastejando em minha voz. — E traga o legista com você.

• • •

Eu desliguei a ligação para Bria, entrei no clube, encontrei Roslyn e contei o que estava acontecendo. Então, eu encontrei Finn e Owen, e todos voltamos para fora para esperar por Bria, Xavier e o resto do polícia chegarem.

Nós quatro olhamos para o corpo, com cuidado para não tocá-la ou alterar qualquer evidência. Ainda sem tocar em nada, nós também revistamos na área ao redor dos três contêineres, procurando por sua bolsa, telefone, ou qualquer outra coisa que ela – ou seu assassino – poderia ter deixado para trás, mas as únicas coisas que encontramos foram sacolas de fast-food amassadas, cigarros esmagados e garrafas de cerveja quebradas.

Eu também alcancei a minha magia novamente, esperando que as pedras pudessem me dar alguma pista sobre quem tinha feito isso, mas as seções rachadas do pavimento só murmuravam sobre o sangue, a violência e a morte que elas haviam testemunhado. Nada mais, nada menos.

Eu também mostrei a câmera de segurança a Roslyn. Tinha sido quebrada há mais de duas semanas, embora ela não soubesse por quem. Ela estava tentando fazer com que a empresa de reparos viesse consertá-la, mas eles foram ocupados com outros trabalhos. Outro beco sem saída.

Trinta minutos depois, uma mulher saiu pela porta dos fundos da Northern Aggression. Dado o frio, uma toca cobria a maior parte de seu cabelo loiro desgrenhado, embora o tecido azul-escuro realçasse a cor de seus olhos de igual cor. Suas bochechas já estavam agradavelmente rosadas do frio e uma runa de prímula de silverstone brilhava contra o casaco azul-escuro.

Alguns segundos depois, a porta se abriu novamente, revelando um gigante que tinha cerca de dois metros de altura, com um corpo forte e musculoso. Apesar do ar gelado, sua cabeça raspada estava nua e sua pele de ébano e olhos escuros brilhavam sob as luzes na parte de trás do prédio.

A detetive Bria Coolidge, minha irmã mais nova e Xavier, seu parceiro na força policial e namorado da Roslyn.

— O que você tem? — Bria chamou.

— Nada de bom — respondi.

Finn, Owen, Roslyn e eu saímos do caminho para que Bria e Xavier pudessem fazer o trabalho deles. Os dois policiais se agacharam e se moveram ao redor do corpo, estudando a mulher, seus rostos planos e sem expressão. Como policiais, Bria e Xavier tinham visto muitos corpos no seu trabalho, mas você nunca se acostumava com isso, especialmente algo assim, onde uma jovem tinha sido tão cruelmente espancada.

Finalmente, depois de fazer anotações e tirar várias fotos, Bria e Xavier se endireitaram. Xavier foi falar com Roslyn, Finn e Owen, enquanto Bria me puxou de lado.

A boca de Bria se apertou em um corte sombrio. — Você acha que essa é Elissa Daniels?

— Infelizmente. Ela se encaixa na descrição de Elissa, até o vestido e os sapatos de saltos altos, e este foi o último lugar em que ela foi vista.

Eu contei a ela sobre a filmagem de segurança que mostrava Elissa indo nessa direção. — Você pode assistir por si mesma. Eu enviei um e-mail para você mais cedo.

— Eu farei isso. Os assistentes do legista estão a caminho. Eu já tenho alguns homens lá dentro, conversando com o barman e outros funcionários, mas... — Bria encolheu os ombros. Ela não precisava me dizer como era improvável que alguém tenha visto ou ouvido alguma coisa.

— Xavier e eu vamos ficar com o corpo. — Ela hesitou. — Depois de terminarmos aqui, você quer ligar para Jade e pedir para ela nos encontrar no escritório do legista?

Meu coração apertou com pavor. — Sim. Eu posso fazer isso. Apenas me diga quando você estiver pronta.

Bria me deu um olhar de simpatia e colocou a mão no meu ombro. Então, ela mudou para o modo de detetive, examinando o corpo novamente, juntamente com a área circundante, e tirando mais fotos. A pedido dela, Roslyn trouxe vários sacos de lixo grandes, e Bria e Xavier calçaram luvas negras para cena de crime e começaram a recolher o lixo mais próximo das lixeiras vazias, na esperança de que pudesse conter alguma pista.

Quinze minutos depois, os policiais de patrulha haviam fechado a área com fita amarela de cena do crime e montado luzes portáteis ao redor dos três contêineres. Luzes azuis brilhavam nos carros da polícia no estacionamento e em todas as ruas laterais circundantes, mas a visão da po-po não impediu as pessoas de entrarem no clube. Em vez disso, a maioria das pessoas simplesmente ignorou a sua presença. Um cadáver, mesmo um que tivesse sido violentamente assassinado, não era uma ocorrência incomum em Ashland, nem mesmo nesta parte Northtown. Isso certamente não impediria as pessoas de se divertirem.

Não havia mais nada que meus amigos pudessem fazer, então Owen concordou em levar Finn de volta para o carro dele na minha casa, em seguida, verificaria com Eva, para ver se sua irmã ou Violet tinha descoberto alguma coisa sobre Elissa, os amigos dela, ou quem poderia ter feito isso com ela. Finn

disse que ele iria coordenar com Silvio e começar a rever o material de segurança da boate novamente. Roslyn voltou para o clube para contar à sua equipe o que estava acontecendo e questioná-los novamente, na hipótese remota de que alguém tivesse visto algo afinal de contas. Eles eram mais propensos a falar com sua chefe em particular do que com os policiais.

Eu? Eu fiquei até o amargo fim, observando Bria e Xavier lentamente, metodicamente ensacando lixo e verificando a área novamente.

Finalmente, uma grande van preta chegou, entrando o mais próximo possível da parte de trás do clube, por causa de todos os buracos, e um dois caras vestindo macacões escuros saíram do veículo, empurrando uma maca na frente deles. Os policiais terminaram o trabalho na cena do crime, e agora Elissa seria levada para o escritório do legista para uma autópsia.

Bria tirou as luvas e acenou para mim, finalmente pronta para eu fazer a ligação que eu estava temendo desde que encontrei o corpo.

Com o coração pesado, peguei meu telefone e liguei para Sophia.

— Notícias? — ela murmurou.

— Sim. Deixe-me falar com Jade, por favor.

Um segundo depois, a voz de Jade inundou a linha. — O que está acontecendo, Gin? Você encontrou Elissa? Por favor, *por favor* me diga que você a encontrou.

O desespero cru e puro em sua voz fez meu estômago cair como um peso de chumbo. Levou-me vários segundos para forçar as últimas palavras que ela queria ouvir. — Eu preciso que você me encontre na delegacia de polícia. — Fiz uma pausa. — No escritório do legista.

Jade respirou fundo. — O quê? Por que...

Agora era ela que não conseguia falar, mas eu me fiz continuar falando.

— Eu rastreei a Elissa até a Northern Aggression. Há pouco tempo, encontrei um corpo no estacionamento atrás do clube, — eu disse, minha voz áspera com pesar. — É uma jovem loira. Bria quer que você venha até o escritório do legista. Por favor.

— Não! Não! Não pode ser ela! Não pode ser ela... — A voz de Jade passou de um gemido para um soluço em um piscar de olhos.

Eu não disse mais nada. Nada que eu pudesse dizer mudaria os fatos frios e cruéis ou tornaria isso melhor.

Um barulho alto soou, como se Jade tivesse deixado cair o telefone, embora eu ainda pudesse ouvi-la soluçando *não-não-não* no fundo. Cada um de seus gritos despedaçou um pouco o meu coração. Pelo menos um minuto se passou antes que alguém pegasse o telefone novamente.

— Não se preocupe — Sophia raspou. — Eu vou levá-la.

— Obrigada. Eu te encontrarei lá.

Nós desligamos e eu olhei para a cena do crime. Os funcionários do escritório do legista tinham colocado Elissa na maca, e eu assisti enquanto eles lentamente fechavam o saco preto sobre ela, escondendo o rosto machucado, ensanguentado e espancado.

Fora da vista, mas não fora da mente.

Nunca, jamais isso.

E uma dura e inescapável verdade me deu um soco no estômago, do jeito que sempre acontecia sempre que algo como isso acontece.

Este podia ser o fim de Elissa Daniels, mas era apenas o começo da dor de sua irmã.

Capítulo 10

Saí do Northern Aggression, atravessei o centro da cidade e caí no fluxo do tráfego alguns quarteirões de distância da principal delegacia de polícia. Já passava das dez horas, e as ruas de Southtown estavam abertas para negócios.

Prostitutas vestindo o mínimo que podiam sem congelarem até a morte passeavam pelas calçadas, batendo os pés e tentando se manterem aquecidas entre os clientes, enquanto os carros passavam lentamente, os motoristas debatendo quem eles queriam levar para dar uma volta. Os cafetões embrulhados em casacos grossos espreitavam nos becos escuros do outro lado da rua, prontos para tornar suas presenças conhecida se alguém tentasse sair sem pagar pelos serviços prestados. Ainda mais pessoas se reuniram nas esquinas sob as luzes piscando, comprando e vendendo de sacos de tudo, desde pílulas e maconha, até sacos de sangue fresco para os vampiros. Pelo menos, era isso que os traficantes alegavam que era. Eu tinha minhas dúvidas, especialmente, porque parecia mais xarope de milho colorido do que realmente O-negativo.

Eu estacionei na primeira vaga vazia que eu vi na rua, saí do meu carro e o tranquei. Eu não tinha dado três passos pela calçada antes que dois caras ostentando correntes de ouro espalhafatosas e casacos verde-neon se separarem do grupo de amigos na esquina e pararam na minha frente. Os caras pareciam ter vinte e poucos anos, e os dois sorriram como tolos enquanto estalavam os dedos e me davam um olhar malicioso.

— Ei, querida — um deles cantou em voz alta e trêmula. — O que é uma coisinha doce como você está fazendo nas ruas escuras e perigosas esta noite?

Eu revirei meus olhos. Coisinha doce? Por favor. Eu já estava matando pessoas quando esses idiotas ainda nem tinham entrado no ensino médio.

Eu poderia ter feito toda a música e dança sobre como eles precisavam sair do meu caminho, como eles não sabiam com quem estavam mexendo e como iriam profundamente, dolorosamente e permanentemente se arrependerem por me incomodar. Eles seriam estúpidos o suficiente para me atacar, e eu iria chutar suas bundas até a próxima semana, assim como eu fiz com os gigantes no country club hoje cedo. O mesmo cenário tinha acontecido dezenas de vezes ao longo do ano passado.

Parte de mim queria que tudo aquilo acontecesse apenas para que eu pudesse bater em alguém. Só para que eu pudesse soltar um pouco da minha raiva e frustração por eu não ter conseguido encontrar e salvar Elissa. Mas isso não era sobre o que eu queria, não mais. Era sobre ajudar Jade da melhor maneira que pudesse. Eu precisava chegar ao escritório do legista antes dela, e eu simplesmente não tinha tempo para lidar com esses idiotas. Por isso, eu alcancei debaixo do meu casaco, puxei meu pingente de runa de Aranha, e segurei-o onde os dois caras pudessem ver.

— Mais alguma pergunta? — Eu rosnei.

Seus olhos se arregalaram, e suas bocas abriram e fecharam, e abriram e fecharam novamente, mas nenhum som saiu. Eles sabiam exatamente a quem esta runa pertencia e quão mortos eu poderia deixá-los.

— Eu acho que não .

Eu segui adiante, e os dois homens praticamente tropeçaram um no outro para sair do meu caminho. E não apenas eles. Todos no quarteirão tinham visto nosso confronto. Todas as conversas foram abruptamente cortadas, e todos na calçada pararam o que estavam fazendo e me encararam. Ninguém mais bloqueou meu caminho, e eu tenho a nítida impressão de que várias pessoas estavam prendendo a respiração. Claro que eu sabia que todos começariam a falar de mim no segundo em que eu virasse a esquina,

imaginando o que estava fazendo aqui esta noite, mas eu não me importava. Deixe-os fofocar o quanto quisessem.

Não importava muito quando uma garota estava morta.

Poucos minutos depois, cheguei à delegacia de polícia, que estava localizada em um edifício pré-guerra feito de granito cinza-escuro que ocupava o seu próprio quarteirão. Apesar da hora tardia, a luz se derramava de todas as janelas, destacando as colunas, ameias e esculturas de videiras e folhas que cobriam grande parte da pedra. Eu sempre achei muito irônico que a delegacia estivesse em um prédio tão bonito quando tanta fealdade passava por suas portas diariamente.

Um policial entediado estava trabalhando em um detector de metal que havia sido instalado dentro da entrada principal. A máquina *beep-beep-beep* fez um aviso agudo quando eu passei, mas eu não queria lidar com o policial mais do que eu queria lidar com os bandidos lá fora, então eu toquei minha unha contra a minha runa de Aranha, fazendo-a soar como um sino. O policial sabia o que símbolo significava exatamente como os bandidos fizeram, e ele engoliu e acenou para mim.

Às vezes, ser temida era bastante útil.

Quinze metros depois, o corredor abriu-se na parte principal da delegacia, uma enorme sala de lindo mármore cinza com manchas prateadas passando por ele. Candelabros de cristal e latão desciam do teto, destacando as pessoas abaixo. Policiais uniformizados carregando papelada de um lado para o outro da sala, detetives em serviço fofocavam em torno de um bebedouro de água, os criminosos reclinados sobre os bancos de madeira ao longo das paredes esperando para serem processados e levados para suas celas para passar a noite. O murmúrio de uma dúzia de conversas ecoava pela sala, pontuado pelo constante toque de um telefone após o outro, e o ar cheirava a café preto, pipoca queimada e suor azedo.

Eu contornei os policiais uniformizados, ignorei os detetives, passei pelos criminosos e cheguei na parte de trás da sala, onde várias mesas estavam agrupadas. Xavier já estava aqui, sentado em sua escrivaninha e rabiscando em um bloco de notas, um telefone apoiado na curva de seu pescoço. Ele me viu e acenou para mim.

— Sim... Sim, — Xavier disse. — Gin acabou de entrar pela porta. Vou mandá-la para você.

Ele desligou, depois jogou a caneta, recostou-se na cadeira e passou os dedos pela cabeça careca em um movimento afiado, esfregando, como se ele estivesse tentando limpar algo particularmente horrível da mente dele. Curioso. Xavier era sólido, um dos caras mais fortes, mais durões e mais confiáveis que eu conhecia. Eu me perguntei o que o tinha perturbado tanto.

Xavier abaixou as mãos, inclinou-se para a frente na cadeira e olhou para mim.

— Noite difícil? — Perguntei.

Ele me deu um leve sorriso, mas seu olhar permaneceu escuro e perturbado. — Não são todas?

Não podia discutir com isso.

Ele gesticulou para o telefone. — Era a Bria. Ela está lá embaixo com o Ryan. Ele acabou de terminar seu exame preliminar.

Eu assenti. O Dr. Ryan Colson era o médico legista e amigo de Bria e Xavier.

A boca de Xavier se contorceu e ele olhou para mim como se quisesse me dizer alguma coisa. Depois de um segundo, ele sacudiu a cabeça, como se banisse o pensamento. — Ryan vai limpar o rosto da melhor maneira possível para que Jade possa identificá-la oficialmente. Tentar fazê-la parecer um pouco menos...

— Espancada, estrangulada e morta?

Ele estremeceu. — Sim. Mas não há como suavizar um golpe como esse, há?

— Não na minha experiência.

Mais uma vez, ele me deu um olhar estranho, quase de pena. Eu me perguntava o que ele sabia sobre o assassinato de Elissa Daniels que eu não sabia.

— Vocês encontraram alguma coisa na cena do crime? — Perguntei. — Alguma coisa no lixo que vocês coletaram? Qualquer pista sobre quem poderia ter feito isso?

Ele balançou sua cabeça. — Não. Nada óbvio. Apenas um monte de caixas de papelão encharcadas, garrafas vazias, e vidro quebrado, o que não é incomum, dada a localização. Bria e eu revistaremos todo o lixo de novo mais tarde, mas não tenho muita esperança de encontrar algo útil.

Eu assenti. — Obrigado por tentar, no entanto.

Xavier encolheu os ombros maciços. — Apenas fazendo o meu trabalho. — Seu olhar foi para os detetives, que ainda estavam em pé ao redor do bebedouro, assistindo a um vídeo em um de seus telefones. — Alguém por aqui tem que fazer, certo?

— Certo.

Xavier apontou o polegar para os elevadores. — Vá para o escritório do legista. Eu vou ficar aqui e ficar esperando por Sophia e Jade.

— Obrigada, Xavier.

Ele acenou para mim e pegou seu telefone para fazer outra ligação.

Entrei em um dos elevadores, apertei o botão e fui até o porão. As portas do elevador se abriram, revelando um corredor longo e vazio. Após o ruído constante e movimento no andar de cima, a falta de som e pessoas era um pouco chocante, como se eu tivesse sido transportada para um planeta distante e deserto, em vez de apenas outro andar no mesmo prédio.

Eu andei pelo corredor, minhas botas raspando contra o chão, e abri a porta para a sala de espera que ficava em frente ao escritório do legista. Cadeiras acolchoadas contra as paredes, palmeiras de plástico empoeiradas nos cantos, uma mesa de vidro coberta com várias caixas de lenços de papel. O mobiliário funcional era bom o suficiente, mas ainda era um lugar completamente deprimente. Ainda pior, eu podia ouvir as paredes gemendo com os gritos de todos que tiveram a infelicidade de vir aqui e identificar um ente querido morto. Logo os soluços de Jade seriam adicionados aos que já estavam aqui. As notas tristes fizeram meu próprio coração se apertar.

A porta de vidro fosco no fundo da sala de espera se abriu e Bria esticou a cabeça para fora. — Aí está você. Ryan está pronto para você.

Eu andei pela abertura e entrei em uma sala que era principalmente feita de metal. Caixas de aço inoxidável, cada uma com a frente da sua própria porta, alinhadas em duas das paredes, enquanto várias mesas de metal longas

ocupavam o centro da sala, cada uma posicionada acima de um dreno no chão. Estava vários graus mais frio aqui, e arrepios percorreram minha espinha, apesar das minhas pesadas roupas de inverno. Um forte cheiro de antisséptico de limão pairava no ar, como se alguém tivesse acabado de limpar uma geladeira.

O Dr. Ryan Colson, o legista, estava parado ao lado de uma das mesas, com o uniforme azul forte contrastando contra o metal opaco. As luzes suaves fizeram seu cabelo preto e cavanhaque brilharem como tinta molhada contra sua pele de ébano e seus olhos cor de avelã escuros eram gentis e simpáticos por trás de seus óculos prateados redondos.

— Dr. Colson.

— Por favor — disse ele. — Me chame de Ryan.

— Ok, Ryan. Mas só se você me chamar de Gin.

Ele assentiu. — Gin.

Meu olhar passou por ele para a mesa. O corpo de Elissa já estava esticado no metal, com um lençol azul cobrindo tudo exceto o rosto e os dedos dos pés, cujas unhas estavam pintadas em um tom alegre e glamouroso de rosa. Meu estômago se revirou.

— Eu ainda não comecei minha autópsia oficial, mas as causas da morte são bem óbvias — disse Ryan em uma voz baixa e sombria. — Trauma de força contundente na cabeça, face e tronco, junto com estrangulamento manual. Um dos golpes na cabeça provavelmente a deixou inconsciente antes que o estrangulamento ocorresse. Essa é a minha esperança, de qualquer maneira.

Ele estendeu a mão e descansou na mesa ao lado da cabeça de Elissa, quase como se ele estivesse tentando confortá-la, embora ela estivesse muito além do alcance de qualquer pessoa agora.

— É um pouco difícil dizer com o tempo frio, mas eu estimo que ela está morta há pelo menos vinte e quatro horas. Eu saberei mais quando fizer a autópsia completa, mas não é por isso que você está aqui.

Eu balancei a cabeça. — Gostaria que nenhum de nós estivesse aqui esta noite.

Uma batida forte soou na porta e nos viramos para o vidro fosco. Ryan se aproximou e abriu a porta. Jade estava na sala de espera, com Sophia pairando atrás dela.

Jade estava usando o mesmo casaco carmesim que tinha usado no Pork Pit hoje cedo, mas o rosto dela estava sem a sua maquiagem habitual, e seu cabelo loiro tinha sido puxado para trás em um rabo de cavalo bagunçado, fazendo-a parecer mais jovem e muito mais vulnerável do que no restaurante. Seus olhos inchados estavam injetados, e ela torcia um lenço de seda branca em torno de suas mãos. Ela provavelmente estava chorando desde que eu liguei.

Jade olhou para mim um momento antes de seu olhar verde se fixar no corpo sobre a mesa. Ela congelou, como se estivesse tão morta quanto Elissa. Ninguém se moveu ou falou, dando-lhe tempo para processar a cena horrível. Jade ficou quieta por quase um minuto antes que um único e violento tremor sacudisse seu corpo. Então, ela começou a tremer e não conseguia parar. Seus lábios tremeram, seus dedos se agitaram, suas pernas tremeram, e ela teria caído no chão se Sophia não tivesse estendido a mão e a firmado.

Para minha surpresa, Ryan deu um passo à frente e gentilmente segurou o cotovelo de Jade. — Está tudo bem — ele disse com uma voz suave, calmante e compassiva. — Eu sei o quão difícil isso é. Quando você estiver pronta, Sra. Jamison. Leve o tempo que precisar.

Jade olhou para ele com uma expressão vazia, tão longe em sua dor que ela não estava realmente vendo-o. Depois de alguns segundos, ela assentiu e deixou que ele a levasse devagar até a mesa. Sophia ficou perto da porta, enquanto Bria e eu nos afastamos da mesa.

Ryan tinha penteado os longos cabelos loiros de Elissa e limpado o sangue do rosto, tentando fazê-la parecer o mais normal possível, mas suas feições ainda eram uma bagunça machucada.

Jade arfou e apertou o punho contra a boca, chocada com a visão de sua irmã morta, espancada e estrangulada. Outro tremor violento percorreu seu corpo, como se ela fosse desmoronar sob o peso de suas emoções. Jade estendeu a mão e agarrou a de Ryan, apertando os dedos como se fosse

empurrar de volta seus próprios sentimentos e se firmar. Ryan estremeceu com seu aperto, mas ele não removeu sua mão da dela.

— Posso... posso ver um pouco mais dela? — Jade sussurrou. — Apenas até os ombros dela? Por favor?

Ryan assentiu. — Claro.

Ele deu um tapinha na mão de Jade com a sua livre, e ela finalmente percebeu que ainda estava segurando a mão dele. Jade fez uma careta e soltou. Ryan assentiu com gratidão, depois se adiantou e baixou o lençol azul mais alguns centímetros, revelando a clavícula de Elissa e a curva de seus ombros.

Jade se inclinou sobre a mesa, seu olhar vagando pelo rosto de Elissa, tentando ver sua irmã através de todas as contusões, inchaços e ossos quebrados.

Bria abriu a boca para pedir uma identificação positiva, mas Ryan sacudiu a cabeça, dizendo-lhe para esperar.

Eu olhei para Jade, esperando que lágrimas começassem a se acumular em seus olhos e mais tremores começassem a sacudir seu corpo quando a verdade dura e inescapável afundasse. Ela apoiou as mãos na lateral da mesa e sua cabeça caiu, seu olhar fixo no ombro esquerdo de Elissa, como se ela não pudesse suportar olhar para o rosto maltratado da irmã por mais tempo.

Depois de alguns segundos, Jade estremeceu por um longo e lento suspiro. Eu fiquei tensa. Era isso – esse era o momento em que as lágrimas, soluços e sofrimento realmente começariam.

Jade respirou fundo e lentamente deixou sair. Eu dei um passo para frente para colocar meu braço em volta do ombro dela, para tentar consolá-la de qualquer jeito que eu pudesse, mas ela levantou a cabeça, seus lábios se esticando em um enorme sorriso, apesar das lágrimas escorrendo pelo seu rosto. Ela estendeu a mão, me parando.

— Essa não é ela — disse Jade. — Essa não é Elissa. Essa não é minha irmã.

• • •

As palavras de Jade ecoaram pela sala, saltando das paredes e me congelando no lugar, como se eu estivesse tão fria, morta e rígida quanto os corpos dentro das caixas de metal.

Por um momento, eu apenas olhei para Jade, não tendo certeza de que a tinha ouvido direito. Bria e Ryan estavam fazendo a mesma coisa, expressões chocadas em seus rostos. Então, suas palavras se afundaram e meu cérebro começou a funcionar novamente.

Olhei para Jade, depois para o corpo e depois para Jade. — Você tem certeza? Talvez você deva olhar novamente...

Jade sacudiu a cabeça. — Eu não preciso dar outra olhada. Essa não é Elissa. Minha irmã tem uma pequena marca de nascença no ombro esquerdo. Parece uma meia-lua. — Ela apontou para o ombro da mulher morta. — Esta mulher não tem uma marca de nascença. Eu não sei quem é, mas não é a Elissa. Tenho certeza disso.

Mais lágrimas escorreram pelo rosto dela e todo o seu corpo se encolheu de alívio. Mais uma vez, Jade iria cair no chão se Ryan não tivesse agarrado seu cotovelo. Ela olhou para ele, então pegou o rosto dele em suas mãos, puxou a cabeça dele para baixo, e pressionou um beijo alto e estalado em seus lábios.

— Obrigada! — Ela disse, sua voz alta e vertiginosa. — Obrigada, obrigada, obrigada!

Ela o beijou novamente, uma vez em cada bochecha, antes de finalmente deixá-lo ir. Desta vez, foi Ryan que estendeu a mão e agarrou a mesa para não cair no chão.

— Hum... obrigado também? — ele murmurou, seus óculos prateados um pouco tortos pelos entusiasmados beijos de Jade.

Ela sorriu para ele por mais alguns segundos antes que a realidade voltasse lentamente. Jade franziu a testa e olhou para a mulher morta novamente. — Aquela pobre garota. Mas... se não é Elissa, então onde ela está?

E assim, a última euforia de Jade desapareceu e a miséria encheu seu rosto novamente. Seus ombros caíram e sua respiração escapou em ásperas ondas que fizeram todo o seu corpo tremer.

— Isso ainda pode ser Elissa — Jade sussurrou em uma voz aflita. — Isso ainda poderia ser ela... ela ainda pode estar *morta*...

Sua voz sumiu e novas lágrimas desceram por suas bochechas. Jade se virou e correu para longe da mesa, como se ela não suportasse ficar ali por mais um segundo. Sophia ainda estava esperando perto da porta, e ela colocou o braço ao redor dos ombros trêmulos de Jade e guiou a outra mulher para fora na sala de espera. Sophia assentiu, dizendo que ficaria com Jade e fechou a porta atrás delas.

Isso deixou Bria, Ryan e eu sozinhos no necrotério com o corpo. Bria se inclinou sobre a mulher, estudando seu rosto novamente e tentando ver suas verdadeiras características através de todas as contusões e inchaços. Eu fiz o mesmo, embora depois de alguns segundos, o rosto da garota ficou borrado na frente dos meus olhos, e eu me encontrei pensando em Elissa novamente.

Jade estava certa: Elissa ainda poderia acabar aqui morta em uma mesa se eu não a encontrasse.

E eu não tinha ideia de como fazer isso.

Bria finalmente se endireitou e balançou a cabeça, fazendo seu cabelo loiro voar em volta dos ombros. — Esta mulher não tinha nenhuma identificação com ela. Sem bolsa, sem carteira, sem telefone. Se suas impressões digitais ou DNA não estão em nosso sistema, será difícil descobrir quem ela é. Muito menos de onde ela veio e quem pode tê-la matado.

— Você não acha que aconteceu no Northern Aggression? — Ryan perguntou.

Bria sacudiu a cabeça novamente. — Não. Não havia sangue em nenhum lugar ao redor do corpo. Nem acumulado no chão embaixo dela e nem respingado em nenhum dos contêineres em volta. Ela foi definitivamente assassinada em outro lugar. O assassino apenas usou o clube para se livrar de seu corpo. Ele provavelmente pensou que ela não seria descoberta por alguns dias, até a próxima vez que o lixo fosse recolhido.

Eu nunca invejei o trabalho de Bria em lidar com todo o crime em Ashland, especialmente quando se tratava de algo assim, uma jovem vida interrompida de maneira tão brutal e violenta. Se a garota não estivesse em nenhum dos bancos de dados da polícia e ninguém havia arquivado um relatório de pessoa desaparecida sobre ela, poderia levar dias, se não semanas, para Bria descobrir quem ela era. Esse tipo de atraso provavelmente arruinaria qualquer chance que ela e Xavier tinham de descobrir quem tinha feito isso.

— Há outra coisa — disse Ryan. — Algo que você precisa ver, Gin.

Eu olhei para ele.

O legista endireitou os óculos e olhou para mim, seu olhar castanho-claro, como se fosse eu quem veio aqui para identificar um parente morto em vez de Jade. — Eu notei algo no meu exame inicial do corpo. Algo que era impossível perder. — Ele limpou a garganta, de repente desconfortável. — Você não vai gostar.

— O que é? — Eu perguntei, imaginando o que essa garota morta poderia ter a ver comigo.

Ryan hesitou, obviamente, não querendo dar a má notícia que ele tinha, e olhou de relance para Bria. Ela cruzou os braços sobre o peito, apertando os lábios sombriamente em seu rosto bonito. Eles ficaram encarando um ao outro, tendo alguma conversa silenciosa e debate que eu não conseguia acompanhar. Isto me lembrou do estranho olhar que Xavier me deu no andar de cima. Os três sabiam de algo que eu não sabia.

Algo ruim.

— Desembucha — eu disse. — Não importa o quão horrível seja, eu aguento. Confie em mim.

Ryan continuou olhando para Bria. Finalmente, minha irmã suspirou e assentiu, dando-lhe permissão. Ele assentiu de volta para ela, em seguida, abaixou e gentilmente puxou os braços da mulher morta por debaixo do lençol azul. Ele olhou para mim novamente, então lentamente virou as mãos da mulher para que as palmas das mãos dela ficassem onde todos nós pudéssemos vê-las.

Ele estava certo. Era impossível perder.

Algo havia sido desenhado em ambas as palmas das mãos da mulher com o que parecia ser sangue vermelho brilhante, um símbolo inconfundível que era tão familiar para mim como o meu próprio rosto: um pequeno círculo rodeado por oito raios finos.

Eu respirei fundo.

Minhas runas de aranha estavam nas palmas das mãos da mulher morta.

Capítulo 11

Por um momento, não consegui falar. Meu coração, minha respiração, cada pequeno tique, contração e tremor em todo o meu corpo simplesmente *parou*, chocada pela visão doentia diante de mim.

Então, no instante seguinte, o movimento, a respiração e a sensação voltaram para o meu corpo, e eu podia sentir meus olhos lentamente se alargando cada vez mais, até parecer que aquelas duas runas de aranha encheram todo meu campo de visão.

Quanto mais eu olhava para eles, mais os símbolos pareciam se *mover*, tremer, pulsar, como se os círculos ensanguentados estivessem ligados ao meu próprio coração, batendo freneticamente no meu peito. Tudo que eu conseguia fazer era olhar e encarar aquelas duas runas de aranha – *minhas runas* – se aproximando de mim como olhos malignos e zombando de mim das mãos de uma mulher morta.

— Essas runas... elas foram feitas com... o sangue dela? — eu perguntei, minha voz tão chocada e sem fôlego como eu ainda me sentia.

— Na verdade, elas foram desenhadas com batom — disse Ryan. — Mas sim, essas são definitivamente runas de aranha. Eu disse a Bria e Xavier no segundo que eu as vi.

— Mas como... quem... *por que*... — As palavras saíram da minha boca, mas não consegui que formassem uma sentença coerente. Assim como eu não conseguia formar um pensamento coerente agora.

Não, isso não era verdade. Muitos pensamentos passaram pela minha mente um após o outro, todos eles relâmpagos queimando meu coração a

cinzas. Que conexão, se houvesse, eu poderia ter com essa mulher? E por que desenhar minhas runas de aranha nas palmas das mãos? Foi um aviso de que eu era a próxima? Que o assassino queria me deixar tão ensanguentada, quebrada e morta quanto essa pobre menina?

As perguntas continuavam chegando e chegando, sem respostas à vista. Eu senti como se estivesse em pé em um túnel escuro, e tudo que eu podia ver eram as luzes brilhantes do trem que se aproximava, prestes a me derrubar.

Bria balançou a cabeça, fazendo o cabelo dela voar em volta dos ombros novamente, como se ela estivesse tentando afastar esta visão horrível da mente dela da mesma maneira que eu estava. Ela colocou uma mão reconfortante em meu ombro. — Gin, você tem certeza de que não conhece essa mulher? Dê outra olhada nela.

Ironicamente, ela estava me tratando da mesma maneira que eu tinha tratado Jade há alguns minutos, tentando suavizar o golpe pungente e doentio de algo que nunca poderia *ser* suavizado. Raiva rugiu através de mim porque minha própria irmã estava tentando lidar comigo como se eu fosse algum tipo de *vítima*.

Eu comecei a responder para Bria que era claro que eu não conhecia essa garota, mas me forcei a controlar a minha raiva. Nada disso era culpa de Bria, e atacá-la não ajudaria em nada, especialmente a menina morta. Então, eu me forcei a me curvar e dar outra olhada nela, assim como minha irmã havia pedido.

Eu cuidadosamente examinei a garota, mais uma vez tentando olhar além das agressões, hematomas, inchaços e vê-la como ela tinha sido em vida – seus olhos, seu nariz, seu sorriso. Mas suas feições permaneceram tão estranhas para mim quanto antes. Eu não conhecia essa garota. Eu nunca a tinha visto antes. Eu tinha certeza disso.

Então, mudei para o que eu conhecia: minhas runas de aranha.

Meu estômago se apertou, mas eu ignorei a bile quente e amarga que subia pela minha garganta, abaixei-me e olhei as runas. Agora que eu estava olhando mais de perto para elas, eu pude ver que tinham sido feitas com batom vermelho brilhante, não sangue, assim como Ryan havia dito.

E notei algo mais estranho. O resto dela estava uma bagunça machucada, mas suas palmas estavam absolutamente imaculadas, sem sangue, sujeira, fuligem ou qualquer outra coisa estragando a superfície da sua pele ali, exceto pelos dois símbolos. E não era só porque ela tinha minhas runas de aranha desenhadas nas palmas das mãos; era como elas eram nítidas, precisas e perfeitas, cada uma essencialmente uma cópia carbono da outra.

Alguém tomou seu tempo lento e doce marcando-a.

Minhas próprias mãos se fecharam em punhos apertados, meus dedos estalando pela pressão súbita e intensa, e as cicatrizes de runas de aranha embutidas nas minhas próprias palmas das mãos começaram a coçar e queimar, quase como se alguém estivesse traçando sobre elas com um tubo de batom. As cicatrizes martelaram no tempo com meu coração, até pensei que o sangue viria saindo das marcas, forçado pela minha própria raiva, desgosto, horror e choque.

Lentamente, eu me forcei a relaxar meus punhos, abrindo um dedo de cada vez, e minha mão direita rastejou até o pingente de runa de aranha pendurado no meu pescoço. Foi um presente de Owen, um que eu sempre amei usar, junto com o anel no meu dedo que combinava, um presente da Bria.

Até este momento.

Agora o pingente parecia pesado como uma âncora, me arrastando para baixo, para baixo, para baixo, e o anel era um círculo de podridão em volta do meu dedo, espalhando-se para infectar e destruir cada parte de mim. Apenas sentir o pingente e o anel tocando meu corpo, junto com minhas magias Gelo e Pedra ondulando através da superfície das joias de silverstone me deixou doente do estômago de novo.

O pingente de runa de aranha escorregou pelos meus dedos frios e dormentes e bateu contra o meu peito, duro como uma marreta batendo contra o meu coração, e eu tive que apertar minhas mãos em punhos novamente para me impedir de arrancar as joias e tentar arrancar as cicatrizes das minhas próprias mãos.

— Gin? — Bria perguntou em uma voz suave, cortando minhas emoções turbulentas. — Você a conhece?

Eu balancei a cabeça. — Não. Eu nunca a vi antes. Estou certa disso. Mas as runas de aranha... — Minha voz parou, e levei um momento para terminar meu pensamento. — Elas são *exatamente* como as minhas.

Mesmo sendo a última coisa que eu queria fazer, eu me forcei a desenrolar meus punhos novamente e estendi minhas mãos, palmas para cima, para que Bria e Ryan pudessem ver minhas cicatrizes. Ambos se inclinaram, comparando as marcas nas mãos da garota morta com as marcas nas palmas das minhas mãos. Eu me obriguei a manter minhas mãos abertas, embora eu me sentisse completamente exposta, como se tivesse sido despida e esticada em uma praça pública para todos ficarem boquiabertos.

Após cerca de um minuto, Ryan se endireitou e limpou a garganta. — Parece que quem quer que seja que desenhou as runas na menina está familiarizado com as suas cicatrizes reais. Ou pelo menos o seu pingente. Você usa esse colar sempre, não é?

— Todo o tempo agora — eu murmurei. — Todo o maldito tempo. Exposto onde todos podem vê-lo. Que idiota eu sou.

Desde que Owen me deu, eu sempre fiquei tão orgulhosa do pingente, já que era algo da minha infância que eu pensava que estava perdido para sempre. Mais do que isso, desde que eu me tornei chefe do submundo, uma pequena parte de mim gostava que as pessoas conhecessem o meu símbolo – e especialmente o temessem. Eu nunca pensei que alguém pegaria minha runa de aranha e faria algo tão horrivelmente doente e repugnante como isso.

E eu ainda não conseguia decifrar o que isso realmente *significava*. Se alguém queria me avisar que eu estava em sua lista de alvos, que eles estavam vindo atrás mim, que eles me queriam morta, havia maneiras muito mais fáceis de fazer isto. Por que não pintar com spray o símbolo na porta da frente do Pork Pit? Por que não riscá-lo no capô do meu carro enquanto estava estacionado perto do restaurante? Por que não apenas queimá-lo no gramado da frente da casa de Fletcher, se eles quisessem ser verdadeiramente dramáticos?

Qualquer uma dessas coisas teria imediatamente chamado a minha atenção. Então, por que colocar os símbolos em uma mulher morta em vez disso? Ele estava apenas zombando de mim? Ou algo mais estava acontecendo aqui?

Eu não sabia, mas ia descobrir.

O assassino pode pensar que ele estava zombando de mim, usando minhas runas de uma maneira tão doentia e horrível, mas tudo o que ele realmente fez foi me irritar. Ele queria chamar a minha atenção? Bem, ele a tinha agora, aos montes, porra. Eu ia caçar esse filho da puta de coração negro e ele ia pagar pelo que ele fez com essa pobre e inocente garota.

Mais do que ele jamais imaginou.

— Gin— Bria disse em voz baixa e de alerta. — Se acalme.

Eu olhei para ela e ela apontou para a mesa. Cristais de Gelo saíram da ponta dos meus dedos e correram pela mesa de metal, rapidamente rastejando em direção ao corpo da garota como uma onda de gelo. Um sinal da minha própria raiva fria.

Eu afastei meus dedos da mesa e me forcei a baixar minha magia, puxando-a de volta para dentro do meu próprio corpo onde pertencia. — Desculpe. — Eu olhei para Ryan. — Eu não queria danificar nada ou destruir qualquer evidência.

— Você não fez. — Ele me deu um sorriso triste. — Além disso, ela está bem além de qualquer tipo de lesão ou dor agora.

Ele olhou para a mulher, seu rosto vincando com mais tristeza. Como a maioria das pessoas em Ashland, o Dr. Ryan Colson teve sua própria parcela de tragédia. Seu irmão mais novo foi baleado e morto na frente dele quando ambos eram apenas crianças. Eu me perguntei se ele estava pensando sobre os irmãos e irmãs que poderiam estar sentindo falta desta garota, quem quer que ela fosse.

Depois de alguns segundos, Ryan balançou a cabeça, como se estivesse afugentando suas próprias lembranças ruins e mágoa. Ele levantou o olhar para o meu novamente, seu rosto ainda mais sombrio do que antes. — Há algo mais que você precisa ver, Gin. Algo a ver com essa garota.

Meu coração se apertou e meu intestino se contorceu. E agora?

Bria franziu a testa. — Você quer dizer...

Ryan deu um aceno de cabeça afiado. — Sim.

— E você acha que essa garota...

— Sim. Infelizmente.

Eu olhei para trás e para frente entre os dois, não entendendo suas frases abreviadas, mas eles olharam um para o outro em vez de para mim, mais uma vez tendo uma conversa silenciosa que eu não consegui acompanhar.

— O que está acontecendo? — Eu perguntei.

Bria suspirou. — Nada de bom.

Ryan se virou para mim. — Siga-me, por favor, e eu explicarei tudo.

• • •

Curiosa e mais do que um pouco cautelosa, eu segui Ryan para fora do escritório dele e pela sala de espera com Bria seguindo atrás de mim. Sophia e Jade tinham saído, no entanto Sophia tinha deixado uma nota na mesa da sala de espera dizendo que elas estavam no banheiro e voltariam em poucos minutos.

Ryan saiu da sala de espera e nos levou por alguns corredores antes de parar na frente de uma velha porta de madeira que estava colocada no canto de trás deste nível. Eu olhei para Bria, mas o rosto dela estava sombrio, e ela ficou ao lado de Ryan como se os dois fossem soldados em alguma batalha que ninguém mais conhecia.

Não havia som tão longe no porão, nem mesmo o zumbido dos elevadores distantes ou o borbulhar de água correndo pelos canos. O ar estava absolutamente parado e ainda mais frio aqui do que tinha estado em seu escritório, como se esta parte do porão estivesse completamente isolada de calor, vida e ventilação.

Ryan tirou um anel de chaves, folheou-as e enfiou uma delas na fechadura. Ele abriu a porta e se afastou para que Bria e eu pudéssemos entrar primeiro. Então, ele entrou na sala atrás de nós, fechou a porta e apertou o interruptor na parede.

As luzes do teto piscaram lentamente, uma a uma, como se acordassem de um longo cochilo de inverno. Eu pisquei contra a claridade e estudei a área diante de mim. Prateleiras de metal do chão ao teto cobriam as paredes e várias outras prateleiras independentes ocupavam boa parte dos fundos da sala. Caixas de papelão pesadas cobriam cada prateleira de cima para baixo e de lado a lado, e cada caixa tinha seus números e nomes únicos escritos no cartão com caneta marca-texto preta. O ar cheirava velho e mofado, e uma camada pesada de poeira cobria muitas das caixas e prateleiras, como se tivessem sido colocadas aqui anos atrás e totalmente esquecidas.

— Esta é a sala de armazenamento de casos em aberto — disse Bria. — Uma delas, de qualquer maneira. De crimes que não são resolvidos. Há muitos deles em Ashland.

Eu assenti. Eu a ouvi falar sobre este cômodo de passagem, sobre enviar provas cá para guarda ou trazer as caixas quando ela tinha uma pausa em um caso, mas eu nunca estive aqui. Todavia, eu não era uma visitante frequente da delegacia de polícia; era um dos poucos lugares em Ashland que eu evitava como a peste.

Ryan desapareceu atrás de uma fileira de prateleiras. Vários leves arranhões soaram, como se ele estava puxando uma caixa de papelão de cima de uma das prateleiras. Alguns segundos depois, ele reapareceu com uma caixa em seus braços, aproximou-se e colocou-a em uma mesa de metal no centro da sala. Ele olhou para Bria, que assentiu. Ryan tirou uma pequena faca do bolso da calça e usou-a para cortar cuidadosamente a fita vermelha que estava enrolada na caixa.

— Uma faca no seu bolso? Você é um homem que pensa como eu, Colson — eu falei, tentando aliviar o clima.

Ele me deu um sorriso e continuou seu trabalho. Alguns segundos depois, ele deslizou a faca de volta em seu bolso, puxou a tampa da caixa, e a colocou de lado. Eu dei um passo para frente e olhei para dentro, não exatamente sabendo o que esperar, mas tudo o que vi foram pastas de arquivo grossas.

Uma por uma, Ryan tirou as pastas e arrumou-as cuidadosamente na mesa. Uma vez que todas as pastas estavam fora da caixa, ele as abriu e tirou uma foto do topo de cada pasta. Ele virou as fotos para que eu pudesse vê-las e as alinhou lado a lado. Havia uma dúzia delas, e todas mostraram exatamente a mesma coisa.

Uma mulher morta.

No começo, eu me perguntei qual seria o motivo, mas depois dei uma olhada mais de perto nas fotos, e comecei a ver as semelhanças. Cada mulher estava deitada em uma laje de metal no escritório do legista, fria e imóvel na morte. Cada uma tinha cabelos loiros longos e provavelmente era jovem e bonita – até que alguém a espancou sua face em uma polpa irreconhecível. Feios hematomas roxos também tocavam a garganta de cada mulher de onde ela tinha sido estrangulada.

Eu passei pela fila de fotos, olhando para todas, por sua vez. Mas eram todas tão semelhantes que poderiam ter sido cópias de carbono, e um rosto derreteu no próximo e no próximo até que todos pareciam solidificar-se em uma única mulher morta. Minha respiração ficou presa na minha garganta e meu estômago revirou quando eu percebi exatamente o que eu estava olhando.

— Todas essas fotos, todas essas mulheres. Você está dizendo que essa garota esta noite e todas essas pobres mulheres estão conectadas... — Minha voz sumiu por um momento. — Você está dizendo que há um serial killer em Ashland.

Capítulo 12

Pela segunda vez nos últimos dez minutos, minha mente girou e girou, tentando entender esta nova revelação surpreendente.

Mesmo em Ashland, onde a violência era tão comum, os serial killers eram excepcionalmente raros. O único que eu conheci recentemente tinha sido Harley Grimes, o Elemental do Fogo que havia sequestrado e torturado Sophia, e fez o mesmo com dezenas de outros homens e mulheres antes de Sophia finalmente matá-lo no ano passado. Mas, mesmo assim, Grimes tinha sido apenas um filho da puta que gostava de ferir todos que cruzavam seu caminho. Ele não tinha sido um verdadeiro serial killer, levado a caçar, raptar, torturar, e assassinar o mesmo tipo de pessoa várias vezes.

Mas todas essas mulheres jovens, todas aproximadamente da mesma idade, com mais ou menos a mesma aparência, e todas mortas praticamente da mesma maneira. Era um novo horror impressionante.

— Quantas? — Eu sussurrei. — Quantas mulheres?

Bria olhou para Ryan, deixando-o assumir a liderança.

— A dúzia de mulheres diante de você são todas as que eu conheço, porque eu fiz as autópsias — ele disse, apontando para os arquivos e fotos na mesa. — Pode haver mais vítimas... muitas vítimas. Eu estive vasculhando os arquivos de casos em aberto, tentando descobrir se há outros e há quanto tempo o assassino está ativo, mas ainda não encontrei nada conclusivo. Todas essas mulheres foram assassinadas nos últimos dois anos. Todas muito espancadas e estranguladas, com seus corpos jogados em localizações por toda Ashland.

— O que fez você conectar as mortes? O que as une? Além de como elas se parecem e como ele as mata? — Eu perguntei, parte de mim não querendo saber a resposta. — Porque parece que há algo mais. Algo *pior*, se é que isso é possível.

Ryan voltou para a caixa e tirou um grande saco plástico que eu não tinha notado antes. Vários pequenos estojos, de todas as diferentes cores, formas e tamanhos, balançavam lá dentro, junto com potes de sombra, delineadores e tubos de rímel. — Maquiagem.

— Maquiagem?

Ele assentiu. — Maquiagem. Base, pó, sombra, delineador, rímel. Eu encontrei bastante nos rostos de todas as vítimas. Muito mais do que qualquer um normalmente usaria, e tudo isso estas cores berrantes que parecem mais tinta do que maquiagem. — Ele se mexeu. — Parece que o assassino... as emboneca, por falta de um termo melhor. Que ele ou faz as mulheres se maquiarem ou ele mesmo faz isso antes dele, ah, bem, você sabe.

— Matá-las — Bria terminou com uma voz áspera.

Ryan estremeceu e assentiu novamente. Ele colocou o saco na mesa, fazendo os estojos e outros itens dentro chocalharem novamente. O som áspero me lembrou de ossos quebrando.

— Meus recursos são limitados, mas tenho trabalhado nisso no meu tempo livre — disse ele. — Eu certamente não sou especialista, mas até agora, eu não encontrei uma marca ou tipo de maquiagem que parece ser mais usada do que qualquer outra.

Eu olhei para as fotos das mulheres mortas espalhadas sobre a mesa. Eu não queria fazer a pergunta, mas eu tinha que saber mais. — E o batom? Como o batom vermelho-sangue que ele usou para desenhar as runas de aranha? — Um pensamento horrível me ocorreu, e eu tive que limpar minha garganta antes que eu pudesse forçar minhas próximas palavras. — Será que ele... desenhou minhas runas de aranha em qualquer uma das outras mulheres?

— Não — disse Ryan. — Esta é a primeira vez que ele coloca qualquer tipo de runa em suas vítimas.

Eu exalei. Não mudava nada, e certamente não ajudava nenhuma das mulheres mortas, mas pelo menos ele só usou minha runa dessa vez. Eu não sabia o que teria feito se ele a tivesse marcado em todas as suas vítimas. Provavelmente sentiria ainda mais culpa doentia do que eu já sentia. Embora eu me perguntasse por que ele as tinha desenhado nesta menina e não em nenhuma das outras. Por que marcá-la? Por que agora?

— Quanto ao batom, descobri isso em todas as vítimas. Seus lábios são a única coisa que ele realmente parece usar a mesma cor de mulher para mulher — disse Ryan. — Eu tenho tentado determinar exatamente a cor e a marca do batom, mas tem sido difícil obter uma amostra boa e limpa, dado o quanto ele bate nas mulheres e sua subsequente exposição aos elementos.

Eu soltei uma risada curta e quebradiça. — Bem, agora você tem uma amostra limpa, graças às minhas runas de aranha.

Ele me deu um olhar sombrio. — Sim, eu tenho.

Eu enrolei minhas mãos ao redor da borda da mesa, sentindo o metal frio cavar nas cicatrizes de runas de aranha ainda coçando e queimando nas palmas das minhas mãos. Fletcher estava errado. Às vezes você simplesmente não conseguia preparar-se para o pior. Porque eu nunca esperei que algo assim acontecesse, nem mesmo em Ashland.

— Então ele as sequestra, maquia e mata — eu disse. — O que mais ele faz com elas?

Ryan sacudiu a cabeça. — Nada. Ele não faz mais nada com elas. Pelo menos não antes do fim.

— O que você quer dizer com ele não faz mais nada com elas? — Perguntei. — Certamente tem que haver mais nisso do que um louco maquiar rostos de mulheres. Ele tem que pegá-las e machucá-las por algum motivo.

Ele acenou com a mão para as fotos. — Não há sinais de abuso físico. Sem cortes, sem queimaduras, nada como isso. Ele as restringe, provavelmente com uma corda grossa, a julgar pelas contusões ao redor de seus pulsos e tornozelos, mas ele não as tortura. — Sua boca torceu. — As surras que as mulheres sofrem são terríveis o suficiente por conta própria.

Ryan olhou para Bria e ela assentiu, dizendo para ele continuar.

— Se eu tivesse que adivinhar, eu diria que ele as amarra em uma cadeira. Mas ele cuida delas. Ele as alimenta e as banha regularmente, a julgar pelo meu exame dos corpos.

— Então, ele sequestra essas mulheres e as mantém como reféns. Por quanto tempo? — Eu perguntei. — Quanto tempo ele as mantém?

— Isso é um pouco mais difícil de determinar. Mas a julgar por quando algumas das mulheres foram relatadas como desaparecidas e quando seus corpos foram encontrados, o tempo e a temperatura no momento, e as taxas variáveis de decomposição, eu diria que ele as mantém por pelo menos quatro dias. Às vezes uma semana ou mais.

Então, todas essas mulheres tinham suportado pelo menos quatro dias terríveis de estarem amarradas, sabendo que elas nunca mais veriam seus amigos e familiares, sabendo que seriam mortas mais cedo ou mais tarde, sempre que o desejo atingia o monstro que as levara.

Esse tipo de desamparo era o seu próprio tipo de tortura cruel.

Meu olhar caiu novamente para as fotos das mulheres mortas, e por um momento, eu podia ouvir cada um dos seus gritos frenéticos ecoando em meus ouvidos, gritando, implorando, suplicando para que seu captor as libertasse. Prometendo fazer o que quisesse, se ao menos ele as deixasse viver. Se ao menos ele as deixasse voltar para casa, para suas famílias. Um arrepio frio percorreu minha espinha. Eu balancei a cabeça, mas não consegui livrar-me daqueles ecos sombrios e lamentosos.

— Mas por que mesmo levá-las em primeiro lugar, se ele realmente não faz nada para elas? — Eu perguntei. — E se ele só queria matar mulheres, ele poderia fazer isso com bastante facilidade. Arrebatá-las da rua, arrastá-las em algum beco escuro, espancá-las e abandonar seus corpos. Não as manter prisioneiras durante dias a fio.

Ryan levantou as mãos em um gesto impotente. — Eu não sei por que ele escolhe essas mulheres, o que elas representam para ele. Minha teoria é que elas o lembram de alguém próximo a ele, alguém que ele talvez até tenha amado uma vez. O que quer que tenha acontecido com essa mulher, e se ele a matou também, bem, isso ninguém sabe. Mas eu acho que ele está tentando substituir essa pessoa em sua vida. E quando as mulheres não atendem aos

padrões dele ou não agem da maneira que ele quer, é quando ele fica furioso e as mata. — Ele hesitou novamente. — Eu acho que ele pinta os lábios por último, antes de começar a espancá-las. Então, é claro, o estrangulamento é o ato final da morte.

— Por que você acha que ele pinta os lábios por último? — Perguntei.

Ele fez uma careta. — Porque eu encontrei traços de batom em todas as mulheres, especialmente dentro e ao redor das feridas em seus rostos. Como se transferido de seus lábios para os punhos do homem ao espancá-las várias vezes, antes que ele fizesse mais alguma coisa com elas, antes de estrangulá-las.

Isso fazia sentido, mas havia outra questão que eu precisava perguntar. — Tem certeza de que é um homem?

Ryan assentiu. — Sim. A maioria dos serial killers são homens, e o tamanho e o padrão das marcas de estrangulamento ao redor do pescoço das mulheres também indicam ser de um homem. Um homem muito forte, a julgar pela fratura dos ossos nos rostos das vítimas.

— Então você acha que é mais provável que seja um gigante ou um anão — eu disse, pegando sua linha de pensamento.

— Eu acredito. Ou talvez até mesmo um vampiro que bebe sangue gigante ou anão regularmente. Seja o que for, esse homem é excepcionalmente forte.

Meu olhar se moveu da foto de uma mulher para a outra, seus rostos estavam frios, imóveis e congelados na morte. Não apenas forte, mas inteligente também – um tipo de inteligência perigosa e ardilosa que o permitiu sequestrar e assassinar uma dúzia de mulheres, talvez mais, sem ser pego.

Eu me virei para Bria. — Há quanto tempo você sabe disso?

— Cerca de seis meses — ela respondeu.

— E por que você não me contou sobre isso antes?

— Porque você tem o suficiente em seu prato lidando com o submundo e tudo mais. Você não precisava se preocupar com um serial killer também. — Bria cruzou os braços sobre o peito e me deu um olhar aguçado. — Além disso, eu conheço você, Gin. Você de alguma forma pensaria que era sua culpa que esse cara estivesse sequestrando e matando mulheres.

— Não é minha culpa? — Eu retruquei. — Ele está fazendo isso na minha cidade. Qual é o ponto de ser a grande chefe se eu não posso impedir que coisas horríveis como essa aconteçam?

Ela balançou a cabeça. — Não, isto *não* é sua culpa. Você não é pessoalmente responsável por todo o crime em Ashland, especialmente não por algo tão terrível.

Eu sabia que ela estava certa, que as pessoas faziam suas próprias escolhas, inclusive se machucavam outras pessoas, mas raiva e frustração me encheram do mesmo jeito. Talvez se eu soubesse antes, poderia ter feito algo para ajudar Bria, Xavier e Ryan a pegar esse cara. Talvez eu pudesse ter divulgado na rua sobre esse assassino. Talvez eu pudesse ter oferecido uma recompensa por informações. Olhei para as fotos novamente. Talvez eu pudesse ter salvado algumas dessas pobres garotas mortas.

— Eu trabalhei em vários desses casos, mas Ryan foi quem notou primeiro as semelhanças entre as vítimas, especialmente a maquiagem — disse Bria. — Ele começou a rever os seus arquivos e compilar uma lista de casos semelhantes. Xavier tem ajudado também, e é isso que nós três conseguimos até agora.

— Um jackpot do mal — eu murmurei.

— Sim — disse Bria. — Isto resume tudo.

— Então, se você sabe que há um serial killer à solta em Ashland, por que todos esses casos estão aqui embaixo no arquivo morto?

Bria e Ryan compartilharam um olhar sombrio.

— Nossos superiores não estão tão convencidos — disse ela. — Eles acham que os casos não estão relacionados. Ou melhor, eles não *querem* que estejam relacionados. Eles acham que Ashland tem crime e corrupção suficiente sem adicionar um serial killer à mistura.

Bem, isso certamente era verdade. Por mais violenta que Ashland fosse, geralmente havia um sistema para a loucura. Alguém tinha algo que outra pessoa queria, então eles o levaram à força. Ou alguém enganou outra pessoa de alguma outra forma, e a parte prejudicada voltou por vingança. Sem mencionar todas as disputas territoriais entre gangues, criminosos que saqueavam os carregamentos de armas, drogas e dinheiro de seus rivais, e

pessoas desesperadas roubando lojas de conveniência por dinheiro em caixa. E, claro, havia as velhas desavenças tradicionais: pessoas se machucando por causa do dinheiro, amor, ciúmes ou todos os três.

Mas um serial killer, alguém cujos motivos sombrios e desejos ainda mais obscuros eram conhecidos apenas por ele, que poderia atacar a qualquer momento e em qualquer lugar sem qualquer motivo, razão ou aviso... aquilo era verdadeiramente assustador, mesmo em Ashland.

— E, claro, os superiores estão preocupados com a atenção da mídia — continuou Bria. — Eles podem já ver as manchetes. *Dollmaker*[4] *ataca novamente. Dollmaker reivindica outra vítima. Dollmaker ainda à solta.*

— Dollmaker? — eu perguntei.

Ela encolheu os ombros. — Nós tivemos que chamá-lo de algo. Mas o nome dele não importa, apenas as manchetes que ele poderia gerar. Pelo menos, é o que nossos chefes pensam. Eles querem evitar as notícias negativas a todo custo, junto com o pânico resultante que isso criaria.

Eu bufei. — Você quer dizer que os membros estimados da po-po só querem cobrir suas próprias bundas porque eles ainda não conseguiram pegar esse cara.

Bria assentiu. — Sim. Isso também.

Nós três ficamos em silêncio, embora meu olhar se fixasse novamente naquele saco plástico cheio de estojos, sombras e rímel. De todas as coisas que você poderia fazer para alguém, por que maquiá-las? E por que pintar os lábios de todas as mulheres exatamente do mesmo tom de vermelho? Por que não rosa ou roxo ou até mesmo preto? Por que não usar apenas o batom favorito da mulher da sua própria bolsa?

Ryan estava certo. Como essas mulheres se pareciam – os rostos bonitos e jovens, os longos cabelos loiros, a maquiagem – tudo tinha que significar *algo* para o assassino. Mas o quê? Talvez estivesse tudo ligado a uma mulher que ele tinha amado, como Ryan pensava. Talvez ele fosse o Dr. Frankenstein tentando criar - ou recriar - a sua própria companheira perfeita.

---

[4] Fabricante de Bonecas ou Criador de Bonecas

Ou talvez fosse algo completamente diferente. Não havia como saber com certeza.

Até eu pegar o bastardo.

— Então vocês dois acham que a mulher morta esta noite, aquela com minhas runas de aranha desenhadas em suas palmas, é outra das vítimas do Dollmaker? — Eu perguntei.

— Eu acho — disse Ryan. — Seus ferimentos são consistentes com as outras mulheres, e ela tem traços de maquiagem por todo o rosto. Espancada, estrangulada e descartada em Ashland. É o mesmo cara. A única coisa que é diferente são as suas runas de aranha desenhadas nas palmas dela. Ele nunca fez isso antes. Nunca deixou nenhum tipo de runa ou símbolos nos corpos.

— O que você acha que isso significa? — Bria perguntou, olhando para mim. — Você acha que é algum tipo de desafio para você? Para pegá-lo antes que ele mate de novo?

Minha cabeça começou a doer por causa de todas as perguntas sem resposta. — Eu não faço ideia. Eu não sou loira, no entanto, então por que ele se importaria comigo? Além disso, não sou conhecida como uma combatente do crime. Mais como uma assassina do crime. Mas o que quer que as runas signifiquem, temos que encontrar e parar esse cara antes que ele sequestre a próxima vítima.

Ryan pigarreou. — Eu odeio apontar o óbvio, mas acho que já é tarde demais para isso. Bria me mostrou uma foto daquela garota desaparecida que você está procurando. Jovem, bonita e cabelo loiro comprido. Ela se encaixa no tipo dele com um T maiúsculo.

Com as revelações da runa de aranha e do serial killer, eu momentaneamente esqueci que Elissa Daniels ainda estava desaparecida. A dor na minha cabeça se intensificou.

— Além disso, ele está se intensificando — disse Ryan com uma voz sombria. — Raptando e matando as mulheres em um menor espaço de tempo. Passando de meses entre as mortes para semanas. E só vai piorar.

Eu olhei para as fotos colocadas em cima da mesa novamente. Ryan estava certo. Elissa parecia exatamente com todas as outras vítimas. Jovem,

loira, bonita. Mais importante, ela esteve no Northern Aggression na noite passada. Eu pensei na filmagem de segurança que eu assisti. Algo chamou a atenção de Elissa e a fez caminhar até a parte de trás da boate. Talvez ela tenha visto o assassino ao redor por lá. Talvez o assassino tenha percebido que Elissa o tinha visto. Talvez ele até a tenha chamado, perguntando se ela poderia vir ajudar com seu amigo doente ou algum outro truque assim. De qualquer forma, o Dollmaker tinha acabado de se livrar de sua última vítima, e ele provavelmente teria saltado na oportunidade de pegar um novo brinquedo. Elissa estava no lugar errado na hora errada e estava sofrendo horrivelmente por isso.

— Eu quero todos os seus arquivos — Eu disse a Ryan. — Cada nota que você fez, cada pedaço de evidência que você coletou, toda teoria que você já desenvolveu sobre esse cara. Eu quero cópias de tudo isso. E eu quero saber tudo o que você descobrir quando fizer a autópsia desta última mulher, especialmente quando se trata das minhas runas de aranha nas mãos dela.

Ele acenou para mim.

Eu me virei para Bria. — E eu quero todas as suas anotações, de Xavier também. Informações sobre todas as vítimas que você identificou, informações de todos os seus amigos e familiares, todas as datas e lugares que esse cara deixou um corpo em Ashland, se houver casos semelhantes fora da cidade também. Tudo.

Ela assentiu também.

— O que você vai fazer, Gin? — Ryan perguntou, embora ele já soubesse a resposta.

— O que eu faço melhor. — Eu dei-lhe um sorriso sombrio. — Eu vou encontrar esse bastardo e matá-lo.

Capítulo 13

Bria ficou no arquivo de casos em aberto com Ryan, pegando seu telefone e pedindo a Xavier para vir ajudá-los a fazer cópias dos arquivos. Voltei ao escritório do legista. Jade estava apoiada contra a parede do lado de fora do escritório, com Sophia ao lado dela.

Jade me deu um olhar cansado, mas se endireitou e se afastou da parede. — Você sabe alguma coisa sobre aquela garota morta? Ou Elissa?

Eu balancei a cabeça. — Nada concreto ainda. Tenho certeza de que o Dr. Colson fará a autópsia esta noite, para que possamos saber mais manhã. Talvez ele encontre algo que pelo menos ajude identificar a mulher, para que sua família possa ser notificada.

Jade assentiu, embora a decepção tivesse aparecido em seu rosto. Elissa ainda estar desaparecida era ruim o suficiente, mas meu coração se contorceu ao pensar no que eu tinha a dizer sobre o Dollmaker e como ele provavelmente estava com sua irmã.

Eu me virei para Sophia. — Você tem sido ótima hoje. Vou levar Jade para casa agora. Obrigada, Sophia.

— Mantenha-me informada — ela disse asperamente.

— Claro.

A anã gótica acenou para mim, gentilmente apertou o braço de Jade e saiu pelo corredor, me deixando sozinha com a outra mulher.

Jade estudou meu rosto, seu olhar se aguçou. — Há algo que você não está me dizendo. Algo ruim. O que é?

Meu coração se torceu um pouco mais. — Aqui não. Eu tive o suficiente deste lugar por uma noite, e tenho certeza que você também. Vou lhe contar tudo o que sei quando chegarmos a sua casa.

• • •

Jade e eu saímos do escritório do legista e fomos até o meu carro. Mesmo que fosse quase meia-noite agora, as ruas entre a delegacia de polícia e meu carro estavam ainda mais movimentadas do que antes, mas todas as prostitutas, cafetões e traficantes nos deram um amplo espaço.

Jade olhou em volta, observando todos abaixarem a cabeça, voltarem para as sombras e fazerem o seu melhor não chamar minha atenção. — Eu vejo que eles te conhecem por aqui.

A imagem daquelas runas de aranha vermelho-sangue nas mãos da garota morta passou pela minha mente. Meu coração retorceu. — Sim. Você pode dizer que sim.

Chegamos ao meu carro. Depois de me certificar de que ninguém havia deixado nenhuma armadilha ou bomba no veículo, nós entramos. Jade disse seu endereço, e eu deixei o centro da cidade para trás e dirigi naquela direção. Ela morava em uma subdivisão próxima à de Jo-Jo Deveraux, embora a sua casa de tijolos cinzentos, de um andar, era muito mais modesta do que a elegante casa antebellum da anã.

Jade abriu a porta da frente e nós entramos em um escritório que ocupava a metade da frente da casa. Várias estações de trabalho estavam espalhadas por toda a área, cada uma com um computador e monitor, junto com um telefone, canetas, blocos de anotações, clipes de papel e outros apetrechos de escritório. Desde que era tão tarde, ninguém estava trabalhando, embora as luzes vermelhas piscassem em vários dos telefones, indicando uma multiplicidade de mensagens.

Jade viu meu olhar surpreso e um leve sorriso surgiu em seus lábios. — O que você achou que seria? Algum bordel do Velho Oeste envolto em renda preta? Roslyn Phillips pode usar veludo vermelho em seu clube, mas eu faço as coisas de maneira um pouco diferente.

Eu balancei a cabeça. — Eu não sabia o que esperar. É um pouco mais high-tech do que eu esperava.

Jade encolheu os ombros. — Não é apenas mandar pessoas em encontros pagos. Isso é apenas uma pequena parte do meu negócio nos dias de hoje, um do qual eu estou lentamente saindo. Na verdade, eu ganho muito mais dinheiro com a minha empresa de limpeza, trabalhadores temporários e outras prestações de serviços.

— Você é bastante empreendedora.

Ela encolheu os ombros novamente. — Eu nunca quis ser como minha mãe e ter que depender de outra pessoa para me sustentar. Eu nunca quis ter que jogar como ela fez, e eu especialmente nunca quis ser tão desesperada quanto ela.

— Então você construiu seu próprio império de negócios. Inteligente.

Por um momento, uma faísca de orgulho brilhou em seus olhos, mas a luz foi rapidamente apagada. — Não inteligente o suficiente. Não para proteger Elissa.

Eu não respondi. Nada que eu pudesse dizer melhoraria a situação. E o que eu tinha que dizer para ela sobre o Dollmaker... esse seria outro golpe que não poderia ser suavizado.

Jade gesticulou para eu segui-la, e deixamos o escritório high-tech para trás e descemos um longo corredor que se abria para uma cozinha. Ao contrário do profissionalismo elegante da frente da casa, esta área era muito mais vívida, com contas e correspondências empilhadas na bancada, uma tigela de cereal empapado na mesa da cozinha, e um enorme pote de biscoitos em forma de um bolo de chocolate gigante empoleirado ao lado do fogão.

Jade me pegou olhando para o pote de biscoitos, e seu rosto se iluminou. — Esse foi um presente de Natal de Elissa. Sair e comprar sobremesa é uma das nossas tradições. Nós fizemos isso desde que ela era uma garotinha. Toda vez que saímos de férias, tentamos encontrar uma nova sobremesa para experimentar...

Jade olhou para o pote de biscoitos por mais um segundo, depois foi até um dos armários, abriu-o, e tirou uma garrafa grande de gin, junto com dois copos. Ela derramou uma dose normal da bebida em um copo e estendeu

para mim. Eu o peguei, e ela voltou sua atenção para o segundo copo, que ela encheu até a borda. Jade bebeu metade do líquido em um gole, estremecendo um pouco, como se tivesse queimado sua garganta, antes de olhar para mim de novo.

— Você adiou isso por tempo suficiente. Diga-me o que você descobriu. — Seus dedos se fecharam ao redor do copo. — Eu quero ouvir isso, não importa o quão ruim seja.

Eu bebi meu próprio gin, me fortalecendo com um pouco de coragem líquida, e disse a ela tudo que Bria e Ryan me contaram sobre o Dollmaker.

Os olhos de Jade se arregalaram e ficando cada vez mais arregalados, e seu rosto foi ficando cada vez mais pálido, quanto mais eu falava. Quando eu terminei, suas feições bonitas estavam distorcidas em uma das expressões mais horrorizadas que eu já tinha visto. Ela começou a levantar o copo para os lábios novamente para tomar o resto de sua bebida, mas ele escorregou da sua mão trêmula e se despedaçou no chão, espalhando cacos e líquido por toda parte. Ela levou as mãos até a boca, girou e correu para fora da cozinha. Alguns segundos depois, eu a ouvi vomitar.

Sim, eu me senti mal do estômago também.

Eu coloquei meu próprio copo vazio no balcão. Encontrei Jade caída, ao lado de um vaso sanitário em um banheiro no final do corredor. Ela já tinha esvaziado o seu estômago e dado descarga. Agora ela estava apenas sentada lá, encolhida contra o vaso sanitário, seu corpo curvado contra a porcelana branca e fria, as lágrimas correndo pelo seu rosto.

— Um serial killer — disse ela, sua voz entrando em arfadas irregulares. — Um maldito *serial killer* sequestrou minha irmã. Por quê? Por que isso está acontecendo? Por que Elissa? Ela nunca machucou ninguém. Ela não merece isso. Ninguém merece isso.

— Eu não sei. Eu simplesmente não sei. Sinto muito, Jade. Sinto muito.

Ela olhou para mim e seu rosto apenas se encolheu. Mais lágrimas rolaram por suas bochechas, e ela embalou a cabeça nas mãos e começou a soluçar.

Eu fui até ela e me sentei ao seu lado, me colocando entre ela e a pia. Jade permaneceu chorando, então eu coloquei meu braço ao redor de seus ombros e a segurei firme, tentando oferecer o pouco conforto que eu poderia, mesmo que cada um de seus soluços ofegantes, sufocantes e fortes rasgasse os fios pretos do meu coração, rasgando-os em pedaços.

• • •

A desolação e a exaustão de Jade finalmente a alcançaram, e suas lágrimas diminuíram e finalmente pararam... por enquanto.

Eu a ajudei a ir para o quarto, coloquei-a na cama e esperei até que ela tivesse adormecido antes de voltar para a cozinha. A essa altura, já passava da uma hora da madrugada, mas eu não queria deixá-la sozinha, então liguei para Owen e disse que ia passar a noite na casa de Jade. Ele estava esperando por mim e com o apoio de sempre, que aqueceu meu coração apesar de tudo que tinha acontecido.

— Faça-me um favor — eu disse.

— Qualquer coisa. — A voz de Owen retumbou no meu ouvido.

— Abrace Eva por mim. E Violet também, se ela estiver aí.

— Entendi — disse ele, seu tom de repente grosso de emoção. — Você acha que... você acha que pode encontrar Elissa antes que seja tarde demais?

Fechei meus olhos e esfreguei minha testa dolorida. — Eu não sei. Eu simplesmente não sei. Mas eu vou tentar o meu melhor.

— Bem, eu tenho fé em você — disse Owen. — Se alguém pode encontrar e parar esse cara, é você, Gin.

Minha garganta se fechou pela sua crença forte e inabalável em mim, especialmente porque era uma crença que eu não tinha. Não agora. Não com as fotos de todas aquelas mulheres mortas, espancadas e estranguladas correndo através da minha mente, misturadas com as runas de aranha vermelho-sangue nas mãos da vítima mais recente.

— Eu te amo — eu sussurrei.

— Eu te amo também — Owen murmurou no meu ouvido.

Eu prometi ligar com qualquer atualização e desligamos.

Eu verifiquei Jade, e ela ainda estava dormindo, então eu vaguei pela casa, procurando por um lugar para passar a noite. Eu abri uma porta fechada no corredor para encontrar outro quarto, o quarto de Elissa.

Eu hesitei, minha mão na maçaneta, me perguntando se eu deveria entrar, mas minha curiosidade levou a melhor, do jeito que sempre fazia. Então, eu acendi a luz e entrei no quarto.

Era o quarto de uma típica garota universitária. Roupas coloridas estavam espalhadas por toda a cama desfeita, enquanto cestas plásticas cheias de roupas limpas e frescas estavam na frente do armário aberto, esperando para serem penduradas e guardadas. Um urso de pelúcia marrom vestindo uma camiseta azul com as palavras *Faculdade Comunitária de Ashland* estala empoleirado no canto de uma penteadeira branca repleta de livros didáticos, canetas, blocos de notas, joias e esmaltes. Fotos estavam presas em todas as bordas do espelho da penteadeira, mostrando Elissa com seus amigos. Eu me inclinei para ver melhor.

Em cada foto, Elissa sorria e olhava para a câmera, como se estivesse olhando diretamente para mim. Depois de alguns segundos, eu estremeci e afastei o meu olhar. Eu não suportava olhar para esse rosto sorridente agora, não quando eu sabia em quanto de perigo ela estava e como eram poucas as minhas chances de encontrá-la.

Eu me mexi, sentindo como se estivesse invadindo novamente e esperando que Jade entrasse no quarto a qualquer momento, exigindo saber o que eu estava fazendo aqui. Eu até olhei para o corredor, mas a casa estava tão escura e quieta como antes. Jade ainda estava dormindo. Eu já tinha violado a privacidade dela e de Elissa entrando aqui, então eu deixei minha culpa de lado e decidi fazer algo útil.

Eu fiz uma busca no quarto de Elissa.

Lentamente, com cuidado, em silêncio, abri todas as gavetas das mesas de cabeceira e da penteadeira, vasculhei todas as roupas em seu armário, e verifiquei cada lugar onde ela poderia ter escondido algo que ela não queria que sua irmã mais velha visse. Mas não havia nada. Não havia esconderijos de cigarros, drogas ou álcool, nem mesmo um diário antiquado

fechado com um cadeado de coração. Elissa Daniels era exatamente o que ela parecia ser em todas as fotos – uma universitária feliz com grandes planos, sonhos e esperanças para o futuro dela.

Um futuro que estava se esgotando rapidamente a menos que eu a encontrasse.

Frustrada, eu me sentei na cama dela e olhei ao redor do quarto de novo, mas tudo era o mesmo de antes. Roupas, livros, móveis. Nada que me dissesse algo sobre Elissa que eu já não sabia e absolutamente nada que me levaria ao seu sequestrador...

Rattle-rattle.

O som era suave, não mais alto que um sussurro. Mas como uma assassina, eu invadi lugares suficientes para reconhecer o som de alguém abrindo uma fechadura.

Alguém estava invadindo a casa de Jade.

Capítulo 14

Em um instante, eu estava me levantando da cama com uma faca na mão. Eu corri para a porta aberta do quarto e olhei para o corredor mais além. Olhei para a frente da casa, mas o escritório estava escuro e ainda.

Crunch-Crunch.

Outro som veio da parte de trás da casa, mas não era a maçaneta da porta girando novamente. Não, isso soava mais como alguém pisando em um vidro quebrado – como os cacos que cobriam o chão da cozinha onde Jade havia deixado cair seu copo mais cedo.

Saí do quarto de Elissa e segui naquela direção na ponta dos pés, passando pelo quarto onde Jade ainda estava dormindo. Eu não sabia quem poderia estar invadindo a casa dela, mas ela tinha passado por coisa suficiente, e ela precisava descansar. Eu só esperava que eu pudesse matar o intruso silenciosamente o suficiente para não acordá-la...

Creak.

Claro, eu pisei em uma tábua solta, que pareceu ranger tão alto quanto uma coruja no silêncio noturno. Eu estremeci, percebendo que tinha perdido o elemento de surpresa e segui em frente.

Cheguei ao final do corredor e parei, olhando para a cozinha. Uma luz noturna estava plugada em uma tomada no balcão da cozinha, e o brilho rosa suave iluminou a área, incluindo os cacos espalhados na frente das portas duplas de vidro que ocupavam a parede dos fundos.

Mas ninguém estava lá.

Ninguém estava na cozinha. Nenhum ladrão vestido todo de preto, nenhum bandido de baixo nível ostentando um barato terno e uma arma mais barata ainda, nenhum cara vestindo uma máscara de hóquei e segurando uma faca excessivamente grande.

Então quem – ou o quê – tinha feito aquele barulho?

Com minha faca ainda na mão, eu me esgueirei até as portas e olhei através do vidro...

Rattle-rattle.

Eu congelei com o som, e levei um segundo para perceber que uma das portas estava aberta. O vento de inverno soprava através da abertura, fazendo o vidro chocalhar em sua armação e deslizar um pouco dos cacos quebrados no chão. Bem, isso explicava os ruídos.

Ainda assim, eu fiz uma careta. Eu tinha quase certeza de que a porta tinha estado fechada e trancada quando Jade e eu estávamos na cozinha mais cedo, mas agora aqui estava aberta. Talvez alguém tenha entrado afinal de contas e tenha se assustado quando pisei naquela tábua solta. Só havia uma maneira de descobrir. Eu abri mais a porta, estremecendo com *rattle-rattle* que fez, e escorreguei para fora.

As portas se abriram para um pátio de pedra, que dava lugar a um grande quintal, antes que a mata surgisse a mais de quinze metros de distância. Eu saí do pátio e me agachei nas sombras no canto da casa. A lua e as estrelas brilhavam grandes no céu noturno, pintando tudo de uma prata fantasmagórica, da mobília do pátio de vime branco, à grama curta e grossa, ao topo das árvores nuas e esqueléticas à distância. Uma geada pesada já tinha coberto o solo, brilhando como neve metalizada e o vento frio cortava minhas roupas, me arrepiando da cabeça aos pés.

Examinei o pátio, o quintal e a mata além, mas não vi nem ouvi nada, nem mesmo um gato desgarrado atravessando a grama procurando abrigo para a noite. Ao longe, as casas dos dois lados da de Jade também estavam escuras, e nenhum carro descia pela rua. Todo mundo estava na cama, exceto eu.

Ainda assim, não pude deixar de sentir que alguém estava aqui, me observando.

Não era nada que eu pudesse colocar meu dedo. Nenhum trecho amassado de grama, nenhuma sombra em forma de homem que não deveria estar aqui, nem mesmo a respiração de alguém fumegando no ar frio da noite. Mas um dedo inquieto de medo deslizou pela minha espinha, e eu pressionei minhas costas contra a parede para que ninguém pudesse se esgueirar por trás e me pegar de surpresa.

Minha faca ainda na minha mão, segurei minha posição e esperei, examinando a paisagem novamente. Um minuto passou, depois dois, depois três, e nada se moveu ou agitou.

Mas eu não conseguia afastar a sensação de que alguém estava aqui – talvez até mesmo o próprio Dollmaker.

Não seria assim tão impossível de acontecer. Se o assassino tinha Elissa, então ele tinha sua bolsa, carteira de motorista, endereço, telefone, tudo. Talvez invadir as casas de suas vítimas e testemunhar a angústia de seus entes queridos lhe dava outra emoção doentia. Talvez tudo fizesse parte do seu ritual distorcido. Ou talvez ele estivesse aqui por minha causa, desde que ele desenhou minhas runas de aranha em sua última vítima.

Eu não sabia, mas se o Dollmaker estivesse aqui, eu ia acabar com ele. Então, eu aumentei meu aperto na minha faca e esperei – apenas esperei. Tudo o que ele tinha que fazer era mover-se a porra de uma *polegada*, fazer mais um fodido *som*, e ele seria *meu*.

Mas nada aconteceu.

Nenhum movimento, nenhum barulho, nada.

Após cerca de cinco minutos, até aquela sensação arrepiante de estar sendo observada desapareceu. Se o Dollmaker – ou qualquer outra pessoa – esteve aqui, ele tinha ido embora agora e eu estava sozinha. Eu fiz a varredura do quintal mais uma vez, mas estava tão frio e vazio como antes, então eu finalmente admiti a derrota, voltei para dentro da casa, e tranquei a porta da cozinha atrás de mim.

• • •

Passei os próximos minutos limpando o vidro quebrado e o líquido da bebida que Jade deixou cair. Eu também alinhei todas as cadeiras da cozinha em fila na frente das portas de vidro, criando uma barricada grosseira. Durante todo o tempo, mantive um olho no quintal, mas ele permaneceu tão vazio quanto antes.

Uma vez feito isso, não havia mais nada que eu pudesse fazer esta noite, então eu me enrolei em um sofá no escritório, que estava localizado fora da cozinha, e deslizei uma das minhas facas debaixo do meu travesseiro. Se o Dollmaker ou qualquer outra pessoa tentasse invadir a casa de Jade novamente esta noite, eu o ouviria e responderia de acordo.

Peguei um cobertor de lã das costas do sofá, me cobri com ele e me acomodei para dormir um pouco. Mesmo que tenha sido um dia longo e exaustivo com todos os tipos de altos e baixos emocionais, eu ainda tive dificuldade em adormecer. A imagem daquelas runas aranhas vermelho-sangue surgiu em minha mente, fazendo-me mexer e virar.

Eventualmente, o meu esgotamento me pegou, da mesma forma que alcançou Jade, e eu adormeci. Embora algum tempo depois disso, a escuridão recuou, e eu me encontrei na terra dos sonhos, memórias e pesadelos do meu passado...

Meu mundo estava em chamas.

Minha casa de infância estava totalmente em chamas, as chamas subindo para o céu noturno como foguetes sendo disparados um após o outro. Cinzas tremulavam como confete pulverizando todos os lugares, e o cheiro acre de fumaça dominava tudo, até o fedor da minha própria carne queimada. Mesmo que eu estivesse na floresta, a quinze metros de distância da mansão, eu ainda podia sentir o calor intenso e ardente das chamas.

Não apenas chamas regulares – Fogo elemental.

O mesmo Fogo que engoliu minha mãe. Que consumiu Annabella. Que tinha sido usado para me torturar. Eu ainda podia sentir a magia estrangeira queimando dentro da minha própria pele, uma constante, latejante, intensa agonia que parecia que nunca iria parar.

Apesar do suor encharcando meu corpo, eu ainda tremia. Eu teria envolvido os braços em volta de mim para me proteger do frio, se isso não

tivesse feito minhas mãos doerem mais do que já doíam. Mas eu não pude me impedir de desembrulhar uma das ataduras grosseiras da palma da minha mão. Eu segurei minha mão trêmula até a luz bruxuleante, sabendo e temendo o que eu veria.

A marca, a ferida, a queimadura era a mesma de antes – um pequeno círculo com oito raios finos. Metade do meu pingente de runa de aranha, superaquecido e derretido na minha carne. Mesmo que fosse feito de silverstone, assim como meu colar tinha sido, a marca era de um vermelho vivo. A dor disso queimava tão forte como a minha casa, e a sensação me deixava doente. Eu rapidamente envolvi o curativo em volta da minha mão, escondendo a runa da vista.

Eu não aguentava olhar para isso agora. Eu simplesmente não aguentava.

Eu cambaleei para longe da nossa casa há dez minutos e estava em pé na floresta desde então, subindo e descendo sem rumo ao longo da linha das árvores, incapaz de afastar meus olhos da visão do entulho arruinado e rochoso da mansão da família Snow. Mas as chamas eram apenas parte dos danos. Eu causei o resto quando eu usei minhas magias de Gelo e Pedra para derrubarem a estrutura, em um último esforço para salvar Bria da elemental do Fogo e seus homens que invadiram a nossa casa.

Mas eu desmoronei toda aquela pedra, madeira e vidro em cima da minha irmãzinha, esmagando-a até a morte.

Esse conhecimento horrível me empurrou para o limite. Eu me inclinei, dobrei e vomitei até que meu o estômago estava tão vazio quanto o meu coração. Depois de vários minutos, me endireitei e limpei minha boca em uma das minhas ataduras improvisadas, arrancadas do fundo da minha camisola. Eu sabia que deveria sair, andar, ir para longe da mansão, mas eu não conseguia mexer minhas pernas. Eu não podia fazer nada além de olhar para a destruição, destruição que eu era mais do que um pouco responsável por...

— O que você fez? — Exigiu uma voz masculina alta e severa. — O que você fez?

Eu pisquei, me perguntando se eu só imaginava a voz estrondosa. Mas então, um segundo depois, um baixo, satisfeito riso ecoou, flutuando através das árvores junto com todas as cinzas.

— Você sabe exatamente o que eu fiz, Hugh — disse uma voz feminina mais leve. — Eu matei Eira. Finalmente, finalmente a matei. Assim como os outros queriam. Assim como eu *queria.*

Eu congelei. Eu reconheci aquele tom suave, sedoso e sinistro. Pertencia à Elemental do Fogo que matou minha mãe e Annabella e me torturou com sua terrível magia. Eu pensei – esperava – que ela estivesse morta, esmagada pelos escombros. O som da sua voz satisfeita e feliz fez uma nova onda de calor atravessar minhas queimaduras, lembrando-me o quanto eu tinha perdido esta noite. Eu tive que morder meu lábio para não gritar de dor, tanto pelas minhas mãos, quanto especialmente pelo meu coração.

— Você matou Eira? — A voz de Hugh soou mais áspera do que antes. — Você realmente a matou?

— Oh, sim — a Elemental ronronou novamente. — Nenhuma dúvida sobre isso. Ela nunca teve uma chance contra a minha magia de Fogo. Eu também matei uma de suas pequenas pirralhas.

Mesmo que eu quisesse correr, correr, fugir daquela voz, dela, deste pesadelo acordada , eu me obriguei a caminhar para frente, me agachar e espiar em torno de uma árvore. Através da densa fumaça, eu pude apenas distinguir duas figuras em pé no que tinha sido o nosso quintal antes que parte da casa caísse sobre ele, enterrando todas as árvores e flores em pedras quebradas e irregulares.

Um deles era um homem – Hugh – embora parecesse mais uma sombra do que uma pessoa tangível. Cabelo, olhos, cavanhaque, terno. Tudo sobre ele era mais negro que a noite em si. Ele andava de um lado para o outro, encarando primeiro uma seção queimada e desintegrada da mansão, depois a seguinte.

Alguém estava de pé atrás dele, iluminado pelas chamas. Tudo o que eu pude entender foi sua forma esbelta, mas eu sabia quem ela era – a Elemental do Fogo que acabara de destruir meu mundo inteiro.

Hugh parou de andar, foi até a Elemental e apontou o dedo para ela. — Você gostou disso.

A Elemental do Fogo soltou outro riso profundo e gutural. — Claro que sim. Eu queria Eira morta há anos, e o Círculo finalmente me deixou cuidar daquela cadela intrometida de uma vez por todas.

— Ela era uma de nós! — Ele sibilou de volta. — Você sempre teve ciúmes dela.

— Aw, qual é o problema, Hugh? Perturbado que sua preciosa Eira está morta? Você realmente não acha que ela voltaria rastejando para você, não é? — Ela estalou a língua, zombando dele. — Todos nós sabíamos que isso não ia acontecer. Não depois do... acidente de Tristan.

Eu fiz uma careta, me perguntando se eu estava ouvindo corretamente por causa dos contínuos estalos, estampidos e crepitação das chamas. Tristan? Por que eles estavam falando do meu pai? Ele tinha morrido em um acidente de carro há vários anos. O que tem a ver com isso?

Hugh se afastou da Elemental de Fogo e olhou novamente para a casa em chamas.

— Oh, você fez. Você realmente pensou que Eira iria cair na real e voltar para você. — Ela soltou outro riso barulhento e alto. — Você é um tolo idiota e triste.

— Cale a boca — ele rosnou. — Apenas cale a porra da sua boca.

— Ou você vai fazer o quê? — Ela zombou. — O que você vai fazer, Hugh? Todo mundo sabe que você não pode amarrar seus sapatos sem a permissão dele ...

Suas palavras foram abruptamente cortadas, e levei um segundo para perceber por quê. De um batimento cardíaco para o outro Hugh havia cruzado a distância entre eles, envolvido a mão na garganta da Elemental e a levantou do chão tão facilmente quanto eu poderia pegar uma das bonecas de Bria. Eu nunca vi alguém se mover tão rápido. Ele mostrou os dentes para ela, um brilho revelador de branco piscando em sua boca. Não apenas dentes – presas.

O vampiro aumentou seu aperto e deu a Elemental uma sacudida forte. Ela soltou um gritinho de medo, como um rato preso nas garras afiadas de um gato. A satisfação sombria me encheu. Naquele momento, eu queria que o

vampiro a mordesse, quebrasse seu pescoço, a machucasse da mesma forma que ela me machucou.

Faça isso*, pensei.* Faça-a sofrer. Mate-a como ela matou minha família.

Mas em vez disso, ele deu-lhe outro aperto duro, colocou-a em seus pés, e empurrou-a para longe. A Elemental do Fogo cambaleou para trás, agarrando sua garganta.

— Você disse que matou uma das garotas — rebateu Hugh. — Qual delas?

Ela tossiu e tossiu, tentando recuperar o fôlego.

— Qual delas? — Ele rosnou novamente.

— A... mais velha... Annabella... — Ela ofegou.

— O que aconteceu com as outras duas garotas?

Ela continuou ofegante e ele deu um passo à frente, como se estivesse prestes a estrangulá-la novamente. Ela cambaleou para trás e levantou a mão. Chamas irromperam na ponta dos dedos, parando-o momentaneamente. Mas tão rápido quanto o vampiro era, ele poderia facilmente quebrar seu pescoço antes que ela tivesse a chance de explodi-lo com sua magia.

— Eu não sei. Elas ainda estavam na mansão quando tudo desabou. Eu suponho que ambas estão enterradas nos escombros.

Hugh olhou para a mansão em chamas. — Mas você não tem certeza. Você não as matou. Você não as viu realmente morrer.

A Elemental de Fogo limpou a garganta e se endireitou, tentando recuperar a compostura. — Eu não tive tempo. Mas você está certo. Devemos verificar e ter certeza de que elas não escaparam. Nós não queremos nenhuma ponta solta voltando para nos estrangular mais tarde, não é?

Ela pisou atrás de uma pilha de escombros, fora da minha linha de visão, mas ouvi sua voz soar alta e clara. — Barry! Mandril! Carlos! Venham para cá! Comecem a procurar na floresta por sobreviventes!

— Claro, chefe! — Uma voz masculina chamou de volta.

Alguns segundos depois, três gigantes apareceram. Eles pararam por tempo suficiente para acenar com a cabeça respeitosamente para Hugh, o vampiro, e então se dirigiram para a fileira de árvores – na minha direção.

Com o coração batendo, eu me levantei, virei, e tropecei mais profundamente na floresta. Eu precisava me esconder. Eu tinha que correr, ou eu estaria tão morta quanto o resto da minha família...

Acordei rangendo os dentes, meus dedos apertando o cobertor, minha cicatriz de runa de aranha queimando como se Mab Monroe tivesse acabado de aquecê-las em minhas palmas, assim como ela tinha feito naquela noite horrível há muito tempo.

Por um momento, não me lembrei de onde estava, mas a noite passada voltou correndo para mim. Encontrando a garota morta na Northern Aggression. A viagem para o escritório do legista. Todas as revelações feias sobre a minha runa de aranha e o Dollmaker. Levando Jade para casa e destruindo seu mundo com as notícias de que o serial killer tinha sequestrado sua irmã.

Eu me forcei a soltar o cobertor e respirei fundo, lenta e calmamente, enquanto cavava meus dedos primeiro em uma cicatriz, depois na outra, tentando afastar a sensação das marcas, assim como da minha mente. Mas não funcionou.

Isso nunca acontecia.

Eu posso ter dormido um pouco, mas não tinha sido repousante. De modo nenhum. E a memória que trouxe junto com ele… tantas coisas horríveis aconteceram naquela noite, e eu tinha sentido tanta dor que era difícil acompanhar todas. Oh, eu vagamente me lembrava de cambalear para longe da nossa mansão em chamas, de caminhar pela floresta no escuro e, finalmente, fazer o meu caminho até a cidade. Mas eu não me lembrava de Hugh Tucker estar lá, conversando com Mab, não até esta noite. E ele, realmente, tinha ficado chateado por ela ter assassinado a minha mãe. Perturbado o suficiente para considerar matar Mab com as suas próprias mãos.

Pensei em como Damian Rivera havia ridicularizado Tucker ao mencionar minha mãe. Minha memória parecia confirmar que os dois tinham tido algum tipo de relacionamento. Eu me perguntava exatamente o que tinha acontecido entre eles, o que tinha dado tão errado que acabou com minha mãe sendo assassinada.

Mas isso era uma pergunta para outro dia. Não havia mais tempo para descansar, então afastei o cobertor, coloquei meus pés para o lado do sofá e me levantei, pronta para começar o dia e encarar qualquer novo perigo, desespero e desgosto que isso pudesse trazer.

Capítulo 15

Jade ainda estava dormindo, então eu fui para a cozinha e invadi sua geladeira e armários, determinada a fazer para ela um café da manhã saudável. Mesmo que ela não estivesse com vontade, ela precisava comer para manter a sua força, e eu também.

Mas a cozinha estava deprimentemente vazia, exceto por todos os recipientes de comida para viagem na geladeira, incluindo vários do Pork Pit. Eu abri um e cheirei o conteúdo. Meu nariz enrugou com o cheiro azedo. Mesmo eu não podia fazer nada com feijões cozidos de duas semanas, então eu os joguei no lixo, juntamente com um pouco de comida tailandesa antiga, um par de burritos meio comido, e uma lasanha que estava coberta com mofo.

Felizmente, Jade tinha alguns ovos frescos, leite e queijo cheddar em sua geladeira, e eu encontrei um par de batatas escondidas em um armário, junto com algumas ervas e outras especiarias. Então, eu fiz ovos mexidos com queijo acompanhados de batatas fritas temperadas para o café da manhã.

Eu estava servindo um prato de comida para mim quando Jade tropeçou na cozinha. Ela parecia levemente menos exausta do que na noite anterior, e seus olhos não estavam tão vermelhos esta manhã. Ela não tinha estado chorando hoje. Ainda.

— Na hora certa — eu disse, mantendo minha voz leve. — Sente-se e coma.

Jade cambaleou até a mesa, sentou-se e olhou com os olhos turvos para o prato que coloquei na frente dela. — Como você pode sequer funcionar sem café? — Ela murmurou.

Pensei na minha memória de Hugh Tucker e Mab Monroe vendo minha casa de infância queimar até o chão. — Confie em mim — eu murmurei. — Eu não preciso de café para começar o meu dia.

Eu servi uma xícara de café para Jade que eu fiz e coloquei na frente dela. Ela se inclinou e respirou os ricos vapores, acordando um pouco mais, antes de pegar o copo e tomar um gole do líquido quente e escuro.

Ela se engasgou, quase cuspindo de volta. — O que... o que *é* isso? Porque certamente não é *café*.

— Claro que é. Café de chicória. Eu tinha um saco escondido nos suprimentos de emergência do meu porta-malas. Você estava sem sua bebida normal, então eu tive que usá-lo em vez disso.

Ela franziu a testa. — Você mantém o café em seu carro?

— Claro. Café, barras de granola, água engarrafada, facas, pomada de cura. O habitual.

— Mas, por que café? — Ela perguntou. — Que tipo de emergência de assassino requer café de chicória?

— Finnegan Lane.

Jade me deu um olhar confuso.

— Você *não* quer falar com Finn pela manhã antes de tomar seu café. É como tentar se comunicar com um urso que acabou de acordar da hibernação. Olhar vidrado, resmungos e ranger de dentes. Não é bonito, nem um pouco bonito.

Sentei-me com o meu próprio prato e cutuquei o dela um pouco mais perto do seu cotovelo. — Agora, coma.

Jade olhou para a comida. Depois de um momento, ela balançou a cabeça. — Desculpe, mas eu não sinto vontade de comer. Não quando eu sei que Elissa está em algum lugar lá fora, que ela provavelmente não tem uma refeição em horas... — Sua voz sumiu e ela piscou para afastar as lágrimas em seus olhos. — Então, qual é o nosso próximo passo?

— *Nosso* próximo passo?

— *Nosso* próximo passo — ela repetiu. — Eu estou com você nisso, Gin. A cada passo do caminho.

Eu coloquei um pouco de comida na minha boca, me dando tempo para pensar. Apesar dos poucos ingredientes com que tive para trabalhar, os ovos mexidos estavam leves e fofos, com um toque forte e pegajoso do queijo, enquanto as batatas tinham a quantidade perfeita de especiarias e bordas marrons crocantes. Normalmente, eu teria apreciado completamente a comida, mas pensar em Elissa e no que ela poderia estar passando, fez tudo ter gosto de torrada queimada – seco, quebradiço e totalmente desagradável. Ainda assim, eu me forcei a comer, mordida após mordida. Sem dúvida hoje seria outro dia longo, e eu precisaria de toda a energia que pudesse conseguir para continuar.

Jade olhou para mim, querendo uma resposta, então suspirei e abaixei meu garfo.

— Eu sei que você quer estar lá para Elissa. Eu sei que você quer encontrá-la mais do que qualquer outra coisa. Eu sei que você daria qualquer coisa para que isso acontecesse.

— Mas?

Eu soltei um suspiro e fiz minha voz tão gentil quanto pude. — Mas nós podemos não encontrar Elissa. Talvez não a encontremos viva. Podemos nem a encontrar, nunca.

Jade se encolheu, como se eu tivesse batido nela. Ela baixou a cabeça, recostou-se no banco e cruzou seus braços sobre o peito, como se ela estivesse tentando se proteger da verdade feia das minhas palavras. Depois de vários segundos longos e tensos, ela levantou a cabeça e olhou para mim novamente, lágrimas brilhando em seus olhos.

— Eu sei disso. — Sua voz era tão suave e séria como a minha tinha sido. — Eu não gosto disso, mas eu sei disso. Eu sei que ela já poderia estar... morta. — Sua voz falhou na última palavra, e ela teve que limpar a garganta antes que pudesse continuar. — Mas ela é minha irmã, e se eu não fizer tudo o que puder para encontrá-la, então eu nunca serei capaz de viver comigo mesma. Com certeza você pode entender isso, Gin.

— Eu entendo isso. — Eu dei-lhe um olhar duro e sério. — Mas se você quer se envolver, então você tem que jogar pelas minhas regras, e você tem que fazer o que eu digo, quando digo. Eu poderia ter que fazer algumas

desagradáveis coisas para encontrar Elissa. Coisas que revirariam o estômago de qualquer um. Se você não quiser se envolver em essas coisas, eu entendo.

A boca de Jade se apertou e seu queixo se levantou. — Eu não me importo com quem você tenha que machucar ou o que você tenha que fazer com eles. Eu ficarei bem ao seu lado e entregarei a você as malditas facas se isso significar trazer a minha irmã de volta.

Determinação brilhou em seus olhos, e eu sabia que ela queria dizer cada palavra. Jade faria o que fosse preciso para encontrar Elissa. Ainda assim, ela seria emocional e vulnerável, não importava o quanto ela tentasse manter sua preocupação e medo sob controle. Mas eu poderia ser fria, forte e implacável o suficiente por nós duas. E Jade estava certa. Eu não conseguira impedi-la. Eu não teria sido capaz de ficar de lado se Bria estivesse desaparecida.

— Tudo bem, então — eu disse, pegando meu garfo novamente. — A primeira regra da Gin. Coma o seu café da manhã.

Jade abriu a boca como se fosse protestar que ela não poderia dar uma única mordida, mas eu apontei meu garfo para ela.

— A segunda regra da Gin. Não discuta com assassinos que carregam várias facas. Nunca.

Por um segundo, um fantasma de sorriso apareceu em seus lábios. — Sim, senhora.

Eu assenti. — Agora, assim está melhor.

• • •

Obriguei-me a terminar o resto da minha comida. Jade apenas revirou a dela, mas pelo menos ela deu algumas mordidas e de má vontade tomou um gole do café de chicória. Melhor do que nada.

Depois do café da manhã, ambas começamos a trabalhar. Jade ligou para seus empregados, dizendo-lhes que ela tinha um problema pessoal e que todos eles deveriam tirar o dia de folga. Eu fiz uma ligação, depois saí, peguei um conjunto limpo de roupas do material no porta-malas do meu carro, e tomei um banho.

Às nove horas em ponto, uma batida educada soou na porta da frente. Jade e eu estávamos na cozinha, e ela quase pulou da cadeira com o barulho repentino.

— Quem poderia ser? — Jade perguntou.

— Reforços.

Entramos no escritório na frente da casa. A batida veio de novo, um pouco mais alta e mais insistente do que antes. Revirei os olhos diante da impaciência dele, mas ainda verifiquei duas vezes para ter certeza de que era ele antes de eu destrancar e abrir a porta.

Silvio estava esperando do lado de fora, seu telefone em uma mão e seu estojo de tablet descansando na dobra de seu outro cotovelo. — Finalmente. Eu estava pensando que você me faria ficar aqui fora a manhã toda.

— O pensamento nunca passou pela minha cabeça — eu brinquei.

— Uh-huh. — Ele arqueou as sobrancelhas e entrou na casa. — Jade.

— Silvio. — Ela acenou para ele.

Meu assistente olhou em volta, seus olhos cinzentos brilhando de apreciação quando ele examinou todas as mesas, computadores e outros equipamentos. — Finalmente. Um escritório *de verdade*. Isso vai servir muito bem.

Ele foi até a mesa mais próxima e largou o celular e o estojo do tablet. Então ele saiu de novo, voltando um minuto depois com uma grande caixa de papelão. Silvio saiu e voltou até que uma dúzia caixas de papelão estavam empilhadas no canto.

— O que é tudo isso? — Jade perguntou em uma voz intrigada.

Silvio pousou a última caixa. — Tudo o que o Departamento de Polícia de Ashland tem sobre o Dollmaker.

Jade olhou para todas as caixas, o rosto franzido em uma carranca. — Todas essas caixas, todos esses arquivos dentro. Isto levaria um exército para passar por toda essa informação.

Ele deu um sorriso para ela. — Não se preocupe. A ajuda está a caminho.

Com certeza, menos de cinco minutos depois, outra batida soou na porta da frente. Jade abriu para encontrar Finn, Bria e Owen do lado de fora. Todos eles entraram na casa e murmuraram oi para nós.

A quarta e última pessoa na parte de trás do bando me surpreendeu: Dr. Ryan Colson. Ele tirou seu uniforme azul e agora estava usando botas pretas, calça de veludo preto e um suéter azul escuro debaixo de uma jaqueta de couro preta. Apesar do fato de que ele provavelmente esteve acordado a noite toda, realizando uma autópsia na última vítima do Dollmaker, ele parecia tão calmo e firme como sempre. Então, por outro lado, eu supunha que ele estava acostumado a trabalhar duras, longas e estranhas horas, dado seu trabalho.

— Eu sinto muito em invadir assim, mas Bria me disse o que você estava fazendo. — Ele olhou para Jade, que estava olhando para as caixas de informação novamente. Simpatia e compreensão encheram seu rosto. — Eu gostaria de ajudar, se você me deixar.

— Claro, Ryan. Entre.

Ele entrou, tirou a jaqueta e pendurou em uma prateleira no canto.

— Alguma notícia sobre a mulher morta? — Perguntei.

— Temos uma identificação dela... Lacey Lawrence — disse ele. — Desaparecida desde a semana passada. Desapareceu depois de trabalhar seu turno em uma loja de roupas em Northtown. Xavier está rastreando sua família para que eles possam ser notificados.

— E a sua autópsia? Alguma pista nova aí?

Ele balançou sua cabeça. — Nada que eu não tenha visto antes com as outras vítimas. Ela estava morta pelo menos vinte e quatro horas antes de você a encontrar, exatamente como eu pensava. Eu também enviei uma amostra do batom para um cara do laboratório que me deve um favor. Espero que ele retorne hoje com a cor e a marca. Talvez eu saiba mais então.

— Obrigada, Ryan.

Ele acenou para mim e olhou para Jade novamente. Ele hesitou, então foi até lá e disse algo para ela que eu não pude ouvir. Ela acenou de volta para ele antes de seu olhar se fixar nas caixas novamente.

— Agora que estamos todos aqui — disse Silvio, esfregando as mãos em antecipação, — vamos nos dividir.

Havia poucas coisas que meu assistente adorava mais do que organizar, fossem pessoas, informações, ou ambos, como neste caso. Silvio fez com que cada um de nós pegasse uma escrivaninha separada, e ele designou para cada um de nós uma única caixa para começar. Nós todos nos acomodamos e começamos a trabalhar, abrindo nossas caixas, pegando os arquivos, e lendo as informações, tentando encontrar alguma pista que nos levaria ao Dollmaker e onde ele poderia estar mantendo Elissa.

Minha caixa era sobre Sandra Reeves, a primeira vítima do assassino, dois anos atrás. Pelo menos, ela era a primeira vítima pelo que Ryan sabia. Vinte e três anos, loira e bonita. Sandra havia trabalhado como garçonete no Cake Walk, outro restaurante no centro de Ashland, antes que ela desaparecesse uma noite depois de seu turno. Seu corpo foi encontrado duas semanas depois jogado em um parque que ficava em frente ao rio Aneirin, não muito longe do estaleiro de Lorelei Parker. Espancada e estrangulada, com traços de maquiagem e batom vermelho-sangue em todo o rosto machucado e ferido.

E foi isso. Essa era toda a informação pertinente no arquivo. A polícia entrevistou os amigos e a família de Sandra e deram uma longa e dura olhada em seu namorado, mas nenhum deles parecia tê-la matado, e os policiais não tinham outras pistas. Ninguém com um ressentimento contra Sandra, ninguém a quem ela devia dinheiro, ninguém com qualquer razão para machucá-la.

Voltei para o começo do arquivo e li todas as informações novamente, mas nada mudou, e não obtive nenhuma nova visão brilhante.

Eu examinei uma foto do rosto inchado de Sandra que foi incluído no arquivo. Jovem, loira, bonita. Pelo menos antes que o Dollmaker tivesse colocado as mãos nela. Eu reconhecia raiva quando via, e esse bastardo estava repleto dela. Uma vez que ele começou a bater em Sandra, ele não tinha parado até que ela estivesse morta, e ele não tinha sido muito específico sobre onde ou o quão forte bateu nela. Ele quebrou o nariz, as costelas e as duas clavículas dela.

Mas não havia nenhuma pista real em nada que o assassino tivesse feito a Sandra. Na verdade, a única pista realmente tangível que tínhamos eram as runas de aranha que haviam sido desenhadas nas palmas de Lacey Lawrence, a última vítima.

Silvio me deu fotos das marcas e eu as peguei e as estudei. Mas em cada uma, eu vi exatamente a mesma coisa que antes: um círculo com oito finos raios irradiando para fora dele, tudo feito em batom vermelho-sangue.

Repugnada, eu joguei as fotos para baixo, e as duas pararam ao lado da foto do rosto espancado de Sandra Reeves. Eu olhei para todas as três fotos, mas então eu notei a única e marcante diferença entre elas.

Quão machucada e espancada a menina estava comparada com a nitidez e precisão das runas de aranha.

Em algum momento durante o seu ritual sádico, o Dollmaker entrou em uma fúria mortal e matou a pobre garota que ele sequestrou. Garota após garota espancada e estrangulada, sem nenhuma mudança no padrão.

Mas as runas de aranha eram diferentes. Estas marcas foram desenhadas por uma mão fria, firme, desapaixonada. Sem manchas, sem linhas de hesitação, sem lugares onde ele parou e começou ou traçou sobre as runas. Era quase como se... talvez... possivelmente... os símbolos tivessem sido desenhados por outra pessoa e não o Dollmaker.

Eu franzi o cenho e balancei na minha cadeira, refletindo sobre essa nova e perturbadora possibilidade. Mas como isso poderia ter acontecido? O Dollmaker tinha despejado Lacey Lawrence na Northern Aggression e tinha sequestrado Elissa para tomar o seu lugar. Então, se uma segunda pessoa estivesse envolvida, ele teria que ter encontrado o corpo de Lacey na Northern Aggression, algum tempo depois que o assassino a tivesse deixado lá, tirou um tubo de batom, e desenhou as marcas em suas palmas. Que tipo de pessoa faria isso? E quem carregava por aí batom vermelho-sangue no bolso?

Mas se havia uma segunda pessoa envolvida e ele sabia quem era o Dollmaker e talvez até seguiu o assassino até a Northern Aggression, então por que ele não fez uma denúncia anônima para a polícia? Por que não tentou salvar a própria Elissa? Por que desenhar minhas runas na garota morta em vez disso?

Minha cabeça doía com todas as perguntas, especulações e possibilidades. Eu senti como se estivesse presa na teia de aranha de outra pessoa, e tudo o que fiz só fez com que os fios pegajosos se torcessem e se enroscassem cada vez mais à minha volta. Nada disso fazia sentido, e Elissa estava ficando sem tempo até que eu descobrisse.

— Alguém tem alguma coisa útil? — Finn rosnou, jogando uma pilha de papéis em cima de sua mesa. — Porque eu não tenho nada. Sem impressões digitais, sem DNA, nada que possa nos levar até o assassino. Este cara é um fantasma. Ele é um maldito fantasma doente, e eu não tenho ideia de como vamos encontrá-lo.

Owen balançou a cabeça. — Eu também não tenho nada. Nada que nos diga quem é ou onde esse cara está.

Silvio balançou a cabeça também. — Nem eu.

Ryan suspirou. — Nada aqui que eu não tenha visto uma dúzia de vezes antes.

Bria também jogou os papéis para baixo, tão enojada e frustrada quanto todos os outros. — Como você acha Ryan, Xavier e eu nos sentimos? Nós temos procurado por esse cara há meses, e ele matou várias mulheres nesse período. Logo ele terá outro assassinato em seu currículo, e nós receberemos um chamar sobre o corpo de Elissa sendo encontrado em algum lugar.

Um silêncio tenso e pesado caiu sobre o escritório. Bria estremeceu, sabendo que ela tinha dito a coisa errada. Jade afastou-se devagar da mesa e ficou de pé, com uma expressão doentia e ferida no rosto. Bria abriu a boca para se desculpar, mas Jade estendeu a mão e balançou a cabeça. Ela saiu do escritório e foi para os fundos da casa. Um segundo depois, uma porta se fechou, fazendo todos nós estremecermos.

— Droga — Bria rosnou, massageando suas têmporas. — Eu não estava pensando.

Para minha surpresa, Ryan ficou de pé. — Está tudo bem. Jade sabe disso. Nós todos sabemos disso. Eu vou falar com ela. — Um sorriso sombrio torceu seus lábios. — Eu sou bom em lidar com pessoas enlutadas.

Ele também desapareceu nos fundos da casa. Uma batida suave soou e, alguns segundos depois, a porta se abriu rangendo. Uma conversa curta e abafada aconteceu e a porta se fechou muito mais calmamente do que antes.

Isso deixou Bria, Finn, Owen, Silvio e eu no escritório. Esse silêncio tenso e pesado caiu sobre nós uma segunda vez, mas Bria suspirou e pegou seus arquivos novamente. O mesmo aconteceu com Finn, Owen e Silvio, e todos nós voltamos ao trabalho.

Desde que eu não encontrei nada na primeira caixa de informação, peguei uma segunda da pilha no canto, levei-a para a minha mesa e abri-a. A primeira coisa que chamou minha atenção foi o nome da vítima: Joanna Mosley.

Mosley? Como em Stuart Mosley, o presidente do First Trust Bank? O homem que contratou Elissa para ser sua acompanhante na noite em que ela desapareceu? De jeito nenhum. Não poderia ser.

Mas *era*.

Com certeza, Stuart Mosley foi listado como bisavô de Joanna, e ele pressionou a polícia, exigindo que eles descobrissem quem a havia assassinado, de acordo com as anotações dos detetives. Mas aqueles detetives não tiveram mais sorte do que Bria e Xavier, e o caso não foi resolvido, para frustração e decepção de Mosley.

Mesmo sabendo exatamente o que eu encontraria, eu ainda folheei o arquivo até chegar a algumas fotos de Joanna, antes e depois de seu assassinato. Jovem, loira, bonita – pelo menos até ser espancada e estrangulada. Não é de admirar que Mosley tenha dito a Elissa que ela o lembrava de sua neta. Joanna poderia ter sido a irmã de Elissa, junto com o resto das vítimas do Dollmaker.

— Finn — eu disse. — Venha dar uma olhada nisso.

Ele e os outros se reuniram em volta da minha mesa e eu mostrei o arquivo.

Owen soltou um assobio baixo. — É realmente um mundo pequeno, não é?

— Quando se trata de crime em Ashland? — Silvio suspirou. — Infelizmente, sim.

Finn pegou uma foto de Joanna que a mostrava antes de ela ter sido assassinada. — Eu lembro quando a neta de Mosley morreu, pois ele tirou uma licença, mas ele foi discreto sobre isso, e eu nunca soube exatamente o que tinha acontecido com ela. Sua esposa faleceu poucos meses depois, e ele tirou outra licença naquela ocasião.

— Você realmente não acha que Mosley sabe alguma coisa sobre Elissa, não é? — Bria perguntou. — Xavier e eu investigamos ele e todas as famílias das outras vítimas. Não encontramos nada de suspeito.

— Não. Ele não é o assassino. Seu álibi confere, e ele não estava nem perto da Northern Aggression quando Elissa foi levada. — Olhei para Finn. — Mas eu ainda quero falar com ele.

— O que você acha que Mosley vai lhe dizer que esse arquivo não fez? — Perguntou Finn.

— Eu não sei. Mosley provavelmente não sabe mais do que qualquer uma das famílias das outras vítimas, mas vale a pena uma tentativa — eu disse. — Nem seque é uma pista, talvez seja uma coincidência, mas é tudo o que temos até agora. E como Bria disse, Elissa está ficando sem tempo.

Pela terceira vez, aquele silêncio sombrio tomou conta de nós.

Finn assentiu. — Eu vou fazer a ligação.

Capítulo 16

Finn ligou para Mosley e perguntou se podíamos ir. Mosley concordou, mesmo que Finn não tenha dito a ele exatamente o que queríamos. Bria recebeu uma mensagem de texto de Xavier, dizendo que ele havia encontrado os pais de Lacey Lawrence e pedindo que ela fosse ajudá-lo a fazer a notificação da morte e colher os depoimentos. Então todos nós decidimos fazer uma pausa por algumas horas, cuidar dos nossos negócios, voltar e olhar os arquivos com novos olhos.

Para minha surpresa, Ryan concordou em ficar com Jade até eu voltar. Aparentemente, os dois tinham se aproximado enquanto o resto de nós examinava os arquivos. Enquanto os outros pegavam seus casacos e saíam, eu puxei Ryan de lado e dei a ele o meu número de celular.

— Se vir ou ouvir qualquer coisa suspeita – qualquer coisa – ligue-me imediatamente. Não importa o que seja. Entendeu?

Ryan assentiu. — Entendi. Mas você realmente não acha que o assassino virá aqui, não é? Ele nunca fez contato com qualquer uma das famílias das vítimas antes. Que nós temos conhecimento, de qualquer maneira.

Pensei nos barulhos estranhos e na porta aberta da cozinha na noite passada, junto com aquela arrepiante sensação de estar sendo observada. Eu fiz uma varredura completa do quintal antes do café da manhã, mas eu não tinha encontrado qualquer evidência de que alguém estivesse à espreita fora da casa. Ainda assim, eu não queria deixar Jade aqui sozinha. Alguém tinha

desenhado minhas runas de aranha em uma garota morta, e eu não queria que Jade fosse a próxima vítima.

— É melhor prevenir do que remediar — eu disse.

Ryan assentiu novamente e foi até a cozinha para verificar Jade, que estava preparando um pote fresco café. Ela pode não gostar da bebida forte de chicória, mas aparentemente, qualquer café era melhor do que nenhum café.

Trinta minutos depois, dirigi meu carro por um caminho íngreme a apenas alguns quilômetros de Fletcher. E, assim como lá, a entrada de cascalho serpenteou até uma casa se alastrando empoleirada no topo de um cume rochoso. Ao contrário da antiga casa caindo aos pedaços de Fletcher, que era uma estranha mistura de estanho, tijolo e pedra, a casa de Mosley era uma construção novinha em folha de vidro reluzente, madeira escura e rocha de rio cinza que lhe dava a aparência de uma cabana rústica. Se uma cabana rústica pudesse ter vários milhares de metros quadrados e possuir uma piscina, banheira de hidromassagem e quadra de tênis.

Mais à frente, Finn estacionou na calçada em frente à casa e saiu do carro. Eu estacionei atrás dele e fiz o mesmo. Juntos, nós dois nos aproximamos da mansão. Uma brisa soprava o cume, trazendo consigo o cheiro de serragem fresca.

— Não é o que eu esperava — eu disse.

— Mosley tem que lidar com as pessoas o dia inteiro todos os dias no banco. Ele morava em um apartamento de luxo na cidade, mas as pessoas passavam pela sua casa a qualquer hora. Ele finalmente decidiu que queria deixar o trabalho no trabalho. É por isso que ele construiu a casa aqui no meio do nada — disse Finn. — Além disso, depois que sua esposa, Jane, faleceu, eu acho que ele queria ficar longe de todas as memórias em seu apartamento. Ele só se mudou para cá há algumas semanas.

— Bem, você certamente teria muito trabalho para encontrar este lugar — eu disse.

Finn agarrou a aldrava de metal e bateu contra a porta da frente. Vários segundos mais tarde, a porta se abriu, revelando um indivíduo com um aspecto completamente miserável.

Ele era um anão, com um metro e meio de altura, com um corpo grosso e forte, que usava um par de pijamas azul escuro de flanela xadrez e chinelos combinando. Seus cabelos ondulados prateados estavam bagunçados em tufos loucos e um profundo vinco do travesseiro corria ao longo do lado esquerdo de sua cabeça, de onde ele estivera cochilando. Seus olhos cor de avelã estavam maçantes e aguados, embora seu nariz fosse uma mancha vermelha brilhante em seu rosto. Ele estava carregando uma caixa meio vazia de lenços como se fosse um salva-vidas que iria impedi-lo de se afogar em um mar de muco.

Eu nunca tinha visto Stuart Mosley parecer tão desgrenhado, desleixado e completamente doente antes. Seja o que for que ele tinha, resfriado, gripe ou sinusite, estava realmente fazendo um número sobre ele, me convencendo ainda mais de que ele não tinha nada a ver com o desaparecimento de Elissa. Pessoas que se sentiam tão miseráveis não andavam por aí sequestrando outras pessoas. Elas não tinham energia para isso.

— Olá, Finn, — Mosley murmurou, o congestionamento tornando sua voz ainda mais profunda e rouca do que o normal. — E vejo que você trouxe uma convidada. Blanco, bem-vinda à minha humilde casa.

— Você provavelmente não diria isso se soubesse por que eu estou aqui — eu respondi.

Mosley levantou um dedo. Seus olhos lacrimejaram, seu nariz se enrugou e ele soltou um violento espirro que fez com que Finn e eu nos afastássemos.

— Eu sabia que deveria ter trazido um desinfetante para as mãos — Finn murmurou. — E uma máscara.

Mosley ignorou seu comentário sarcástico, tirou um lenço de papel da caixa e assoou o nariz com tanta violência quanto ele espirrou. Ele colocou o lenço usado no bolso da calça do pijama e gesticulou para nós entrarmos.

O interior da casa continuou o estilo rústico da cabana, com muitos pisos de pedra, vigas de madeira expostas acima, e janelas do chão ao teto para aproveitar as vistas arrebatadoras do topo do cume. Mosley se arrastou por um corredor até uma sala antes de cair em um grande sofá secional.

Lenços de papel estavam espalhados pela mesa de café em frente ao sofá, junto com garrafas de ginger ale pela metade, embalagens vazias de xarope para tosse e várias caixas abertas de medicamentos vendidos sem receita. O cômodo todo cheirava a mentol picante, e eu vi várias latas abertas de pomada no chão em frente ao sofá.

O resfriado comum era uma das poucas doenças que os Elementais do Ar não conseguiam curar. Pelo menos não muito bem. Então, era uma daquelas coisas que você tinha que sofrer, e parecia que Mosley estava sofrendo muito.

Ele puxou um cobertor sobre o colo e se acomodou contra as almofadas do sofá. — Então, o que era tão urgente que vocês dois tiveram que dirigir até aqui para ver um velho doente?

— Eu quero falar com você sobre Joanna, sua bisneta — eu disse.

Ele piscou. — Como você sabe... — Sua voz sumiu e seu rosto endureceu. — O que há de errado? O que aconteceu? Você finalmente encontrou o filho da puta que a matou?

Eu balancei a cabeça. — Não. Mas ele sequestrou outra garota. Alguém que você conhece. Elissa Daniels...

Eu recapitulei tudo o que havia acontecido e tudo o que pensávamos saber sobre o Dollmaker. Mosley espirrou, tossiu e assoou o nariz o tempo todo que eu falei, mas eu sabia que ele estava ouvindo cada palavra.

— Então nós viemos aqui na esperança de que você soubesse algo sobre o assassino — eu terminei. — Qualquer coisa que você possa se lembrar, qualquer detalhe, não importa quão pequeno seja, pode ser útil.

Mosley apontou para a lareira. — Você pode ver Joanna por si mesma.

Levantei-me e olhei para as fotos emolduradas. Jovem, loira, bonita, sorriso simpático. Eu reconheci Joanna Mosley das fotos que eu vi em seu arquivo de homicídio. A foto no centro da lareira tinha sido tirada em uma cerimônia de formatura, e Joanna estava usando uma beca azul escuro e um vestido. Ela tinha os braços ao redor dos ombros de seu avô, e os dois estavam sorrindo para a câmera.

— Ela era uma menina maravilhosa — disse Mosley. — Inteligente como uma raposa. Depois que ela terminasse seu MBA, ela trabalharia para mim no banco. Mas, claro, isso nunca aconteceu.

Desta vez, a água em seus olhos não tinha nada a ver com o resfriado, e ele teve que limpar a garganta antes de poder continuar. — Eu suponho que você viu os relatórios da polícia?

Eu me sentei de novo no sofá. — Eu vi.

— Então você sabe que Joanna estava jantando com amigos na Underwood's. Eles estavam indo para um concerto e estavam atrasados, e ela ficou para pagar a conta. Ela saiu do restaurante para caminhar até o carro a alguns quarteirões de distância, e essa foi a última vez que alguém a viu. — Mosley fechou os olhos. — A polícia encontrou seu corpo duas semanas depois, perto do restaurante.

Ele não disse mais nada, e por vários segundos, o único som foi sua respiração rouca e congestionada. Ele abriu os olhos e limpou a garganta novamente. — Joanna se mudou para cá de Cypress Mountain para ir para a faculdade. Ela ficou com Jane e eu em nosso apartamento na cidade. Foi um tempo tão feliz para nós três. A coisa toda... quebrou o coração da minha esposa. O meu também. Enviou Jane para uma sepultura prematura.

Eu olhei para Finn, que me deu um encolher de ombros indefeso. Ele não sabia o que dizer para consolar sua chefe mais do que eu.

Mosley assoou o nariz novamente e olhou para Finn. — Vá para o meu escritório. Você encontrará uma caixa de papelão no canto. Traga-a aqui, por favor.

Finn saiu da sala e voltou um minuto depois com uma caixa estranhamente parecida com as que Silvio tinha empilhado no escritório de Jade esta manhã. Finn afastou alguns dos montes de lenços de papel, tomando cuidado para não tocar em nenhum deles e colocou a caixa sobre a mesa de café.

— Vá em frente — disse Mosley. — Abra-a.

Finn puxou a tampa do topo. Juntos, nós dois passamos por todos os arquivos e fotos lá dentro, enquanto Mosley afundou no sofá em frente a nós.

Muitas das informações eram as mesmas que estavam em todos os arquivos que lemos sobre as outras vítimas, até o quão inútil era.

— Eu fiz tudo ao meu alcance para encontrar o bastardo que assassinou a minha neta — Mosley rosnou. — Eu subornei os policiais para dedicarem mais mão-de-obra ao caso. Eu trouxe especialistas para examinarem todas as evidências, o pouco que havia. Eu até contratei um detetive particular para tentar descobrir mais sobre o filho da puta. Nada funcionou.

Folheei os arquivos, analisando todas as informações, fotos e relatórios. Mosley estava certo. Ele não deixou pedra sobre pedra em sua busca pelo assassino de Joanna, e ele manteve notas meticulosas de tudo, inclusive os pesados subornos que ele distribuiu. Investigadores particulares, especialistas científicos, agentes aposentados do FBI. Ele contratou tudo isso e muito mais. Mosley teve até um laboratório forense independente examinando os traços de maquiagem deixados no rosto de Joanna. Eu fiz uma nota mental para mostrar esse arquivo para Ryan, quando voltasse para a casa de Jade. Talvez ele fosse capaz de entender isso melhor do que eu.

Um pensamento me ocorreu e deixei o último arquivo de lado. — Você pediu a Fletcher para ajudá-lo com isso? Esse foi um dos muitos *favores* que vocês dois fizeram um pelo outro?

Por um momento, um breve sorriso levantou os lábios de Mosley. — Claro que pedi a Fletcher para me ajudar. Quem melhor para rastrear um assassino do que um assassino como o Homem de Lata? Mas ele não encontrou nada também. Não antes de ser morto.

Desta vez, meus olhos foram os que lacrimejaram. Os de Finn também, mas ambos piscamos de volta nossas memórias de Fletcher e do seu assassinato brutal dentro do Pork Pit.

— Sinto muito não poder lhe dizer mais nada — disse Mosley. — Elissa é uma garota maravilhosa. Ela não merece o que está acontecendo com ela. Nem Joanna.

Eu apontei para os arquivos. — Podemos levar isso conosco? É um tiro no escuro, mas podemos encontrar algo útil se os compararmos com os arquivos que temos das outras vítimas.

— Pegue tudo. Se você acha que existe uma chance remota de encontrar Elissa, leve tudo. — Mosley assoou o nariz novamente. — E se houver algo que eu possa fazer para ajudar, qualquer coisa, palavra é só dizer. Qualquer coisa que eu puder fazer por você, eu vou.

— Um favor de um dos homens mais poderosos de Ashland? Cuidado, — eu falei. — Eu sou capaz de aceitar isso.

Mais uma vez, aquele leve sorriso cintilou no rosto dele. — Meu favor vem com uma condição.

— Qual é?

Seus olhos castanhos endureceram e ele se inclinou para a frente e apontou o dedo para mim. — Você mata esse filho da puta. Sem hesitação e absolutamente sem misericórdia. Você faz isso, Gin, e terá todos os favores que quiser de mim.

— É o mesmo negócio que você fez com Fletcher?

— Sim.

— Então eu aceito.

— Bom. — Mosley recostou-se contra as almofadas novamente. — O que você está esperando? Saia daqui, e comece a trabalhar.

Eu fiz uma saudação para ele. — Sim, senhor.

Mosley bufou com a minha saudação, mas um pequeno sorriso ergueu o canto da boca. Como Mosley estava doente, ele pediu a Finn que fosse ao First Trust para verificar algumas coisas, enquanto eu pegava a caixa de informações sobre o assassinato de Joanna. Uma vez feito isso, deixamos o anão com seu resfriado e memórias miseráveis.

Finn me viu deslizar a caixa para o banco do passageiro da frente do meu carro. — Agora, o que você vai fazer?

— Estou voltando para a cena do crime. O último crime, de qualquer maneira.

— Northern Aggression? — Perguntou Finn. — Por quê? Os policiais revistaram aquele lugar todo na noite passada. Bria disse que eles não encontraram nada.

Eu bati a porta do carro com muito mais força do que o necessário. — Porque ainda não temos porra nenhuma, como você tão eloquentemente diz.

A compreensão brilhou em seu olhar verde. — Você está ficando desesperada.

Suspirei. — Claro que estou desesperada. Eu não quero voltar para a casa de Jade de mãos vazias. Eu não *posso*. Nós todos sabemos que esse cara pode matar Elissa a qualquer momento. E se eu não encontrar algo, alguma pequena pista, algum pequeno fio a seguir, é exatamente isso o que vai acontecer. Mais cedo do que tarde. E então ele vai sequestrar outra garota e fazer o mesmo com ela.

Finn colocou o braço em volta dos meus ombros e me deu um abraço. — Nós vamos encontrar esse cara, Gin. Nós só precisamos um pouco mais de tempo. Algo vai aparecer. Você verá.

Obriguei-me a ignorar a frustração que surgindo no meu corpo e sorri de volta para ele. — Sim — eu disse, mentindo através dos meus dentes. — Você está certo. Nós vamos encontrá-lo.

• • •

Nos despedimos, e Finn foi para o centro até o banco First Trust, enquanto eu dirigi até a Northern Aggression. Ainda não era meio-dia, e todos as vagas ao redor do clube estavam vazias, exceto por um único Mercedes preto estacionado na rua a trinta metros da entrada principal. O carro provavelmente foi deixado para trás por alguém muito bêbado para dirigir para casa ontem à noite, mas eu ainda levantei meu telefone, ampliei a imagem, e tirei uma foto da placa.

Saí do carro e examinei a área, mas tudo estava quieto e eu estava sozinha. Era muito cedo para os funcionários estarem aqui, e, também não vi o carro de Roslyn. Ela provavelmente ainda estava em casa, dormindo depois de lidar com a polícia até tarde ontem à noite. Então, eu vaguei pelos estacionamentos, não apenas à procura de pistas, mas também absorvendo a paz e tranquilidade e revendo tudo o que aconteceu. Pensando em tudo o que eu sabia sobre o Dollmaker e como eu poderia encontrá-lo antes de ele assassinar Elissa.

Não me ocorreu nada, então eu finalmente caminhei ao redor da lateral do prédio, virei no canto, e caminhei no meio do asfalto rachado e sujo.

Os três contêineres de lixo ainda marcavam o local onde encontrei o corpo de Lacey Lawrence, embora tivessem sido empurrados para um lado do estacionamento para que a polícia pudesse examinar melhor e processar a cena do crime. Os policiais tinham diligentemente amarrado a fita amarela de cena do crime ao redor dos contêineres de metal vazios e do espaço entre eles, mas o vento de inverno tinha rasgado a maior parte da fita durante a noite, e os pedaços tremulavam fracamente na brisa constante, como borboletas tentando escapar de uma teia de aranha. Todo o lixo das lixeiras circundantes foi ensacado como evidência e levado para a delegacia na noite passada, mas o ar ainda cheirava a cerveja azeda, comida rançosa e fumaça de cigarro.

Apesar do mau cheiro, eu fiz uma busca lenta e metódica em toda a área, observando cada uma das latas de lixo, ficando na ponta dos pés, para que eu pudesse olhar para as lixeiras e agachando-me para examinar o local onde encontrei o corpo da garota. Eu até inspecionei todas as rachaduras no asfalto em todo o estacionamento, para o caso de alguma coisa ter escorregado em uma das aberturas irregulares.

Nada – absolutamente nada.

Todo o lixo havia sumido há muito tempo e nenhum sangue manchou a calçada onde Lacey Lawrence foi encontrada. Eu não encontrei a bolsa de Elissa, telefone ou qualquer outra coisa que pudesse ter pertencido a ela, a garota morta, ou ao Dollmaker.

Aborrecida, me levantei, recuei e chutei uma garrafa de cerveja vazia com o gargalho quebrado que tinha de alguma forma escapado da coleta de lixo de Bria e Xavier na noite passada. A garrafa bateu ao lado de um contêiner de metal e explodiu no impacto, regando o pavimento com cacos afiados. Eu olhei em volta procurando por outra coisa para quebrar, outra coisa para mirar minha raiva, repugnância e preocupação...

Skitter-skitter.

Eu congelei, meu olhar correndo para a lata de lixo. Mas a garrafa estava tão parada e quebrada quanto antes, cacos de vidro brilhando sob a luz fraca do sol. Então, o que fez esse barulho?

Ou quem?

Eu espalmei uma faca, corri para frente e me agachei ao lado daquela lata de lixo mais próxima, me tornando tão pequena e invisível quanto possível. Arrepios ondularam para cima e para baixo nos meus braços, mas eles não eram do vento frio. Não, essa sensação em particular significava apenas uma coisa.

Alguém estava me observando.

Meu olhar correu de um lado para o outro do estacionamento, mas eu vi exatamente as mesmas coisas que antes. Asfalto rachado, lixeiras vazias, fita amarela da cena do crime, uma sombra alta na esquina de uma das lixeiras...

Espere um segundo. Essa sombra não estava lá antes.

Meus olhos se estreitaram e me concentrei na forma, mas era apenas uma sombra esbelta, um pedaço de pavimento um tom mais escuro que todo o resto. Não me disse nada sobre quem estava à espreita lá atrás.

Mas alguém *estava* à espreita lá atrás, eu tinha certeza disso.

Eu me agachei um pouco mais, mas o ângulo estava errado, e eu não conseguia olhar por baixo da lixeira para ver seus sapatos. Eu não sabia exatamente quem estava lá – se era o Dollmaker ou algum outro inimigo – mas se ele não saísse e me encarasse, então eu simplesmente me esgueiraria e o esfaquearia pelas costas.

Ainda segurando minha faca, me levantei e me aproximei, fazendo o mínimo de barulho possível, e me dirigi para o lado direito da lixeira, no extremo oposto de onde a sombra estava. Eu mantive o meu olhar sobre a sombra o tempo todo, mas ela não se mexeu, nem mesmo uma polegada. Quem estava lá era tão bom em esperar quanto eu.

Cheguei ao canto da frente da lixeira, mas a sombra ainda não havia se movido. O único som era o vento assobiando pelo estacionamento, as rajadas de ar frio beijando minhas bochechas continuamente.

Eu respirei fundo e lentamente deixei sair. Então eu levantei a minha faca e avancei para a parte de trás da lixeira.

Vazio – o espaço atrás do contêiner estava completamente, absolutamente vazio.

Ninguém estava aqui.

Eu corri para o lado oposto do contêiner, ao redor do lado e de volta para o estacionamento, mas a sombra havia desaparecido. Eu me virei e olhei em todas as direções, mas eu estava sozinha. Se o Dollmaker tinha estado aqui, ele tinha ido embora.

— Droga! — Eu rosnei, espreitando de um lado para o outro no estacionamento. — Droga!

Irritada e frustrada, eu me virei e bati minha bota na lateral da lixeira mais próxima, exatamente onde a sombra havia estado. As rodas gritaram em protesto, mas o contêiner recuou alguns centímetros e um lampejo de ouro brilhou ao sol.

Eu pisquei, imaginando se meus olhos estavam pregando uma peça em mim, mas eles não estavam.

Algo brilhante e pequeno estava debaixo do contêiner, perto de uma das rodas da frente.

Ainda segurando minha faca, eu olhei em volta novamente, apenas no caso de este ser um estratagema para me fazer abaixar guarda para que meu inimigo pudesse me atacar. Mas eu estava tão sozinha como antes, então me inclinei para frente, agachei e alcancei embaixo da lixeira. Com certeza, meus dedos se fecharam sobre algo frio, duro e de metal, e eu o puxei para onde eu podia vê-lo.

Um pequeno tubo dourado brilhou na palma da minha mão.

E não apenas qualquer tipo de tubo – um tubo de batom.

Eu respirei fundo e fiquei de pé. Olhei em volta novamente, certificando-me de que ninguém estava se esgueirando, então deslizei minha faca de volta na minha manga para que eu pudesse examinar o tubo com ambas as mãos.

Eu nunca tinha visto esse batom em particular antes, mas o tubo era de ouro maciço, com lados ondulados e suaves, me dizendo que era caro. Inclinei o tubo para o lado e percebi que as palavras *Glo-Glo* estavam estampadas no metal. Esse deve ser o nome da marca. Eu virei o tubo para cima para poder ver a pequena impressão no fundo que me diria a cor exata: *Heartbreaker*.

Uma sensação fria e doentia inundou a boca do meu estômago, mas eu destapei o tubo e lentamente o desenrolei, sabendo exatamente o que eu encontraria. Com certeza, o batom dentro era vermelho-sangue.

O mesmo vermelho-sangue que tinha sido usado para desenhar minhas runas de aranha nas mãos daquela menina morta.

Capítulo 17

A visão do batom vermelho-sangue – o batom Heartbreaker – me deu um soco no estômago.

Uma coisa era ter visto as minhas runas de aranha nas mãos da garota morta. Mas estar segurando a coisa com que foram feitas, algo tão benigno, tão inocente, tão comum... foi um doloroso lembrete de quão sádico era o Dollmaker – e de como Elissa corria perigo.

Mas afastei meus sentimentos e me forcei a examinar o tubo de todos os ângulos. E notei algo estranho: o batom não tinha sido usado. De modo nenhum. Se este fosse o tubo que tinha sido usado em Lacey Lawrence, o batom estaria desgastado, mas este ainda estava liso, afiado e inteiro, como se tivesse acabado de sair da loja.

Talvez tivesse. Este tubo não estava aqui ontem à noite. Caso contrário, Bria e Xavier teriam o encontrado. E eu não o tinha visto durante minha busca inicial também. Eu não tinha visto nada além daquela sombra, mas eu estava mais convencida do que nunca de que alguém estava me observando – e que essa pessoa plantou esse batom para eu encontrar. Era a única coisa que fazia sentido.

Mas quem faria isso? E por quê? Foi o Dollmaker, me provocando de novo? Ele se escondeu atrás da lixeira, esperando que eu virasse as costas para que ele pudesse deixar sua pequena pista doentia? Ou esse era o trabalho de outra pessoa, alguém cujos motivos eu não conseguia nem imaginar agora?

Minha mão se fechou sobre o tubo. Por mais que eu quisesse jogá-lo no chão e fazê-lo em pedaços, eu obriguei-me a deslizar o batom no bolso da

calça jeans. Eu tinha que levar isso para Ryan. Ele poderia confirmar se esse era o mesmo batom usado para desenhar as runas em Lacey Lawrence. Então talvez pudéssemos descobrir de que loja o batom veio e exatamente quem o comprou...

Ao longe, um motor de carro ganhou vida.

Minha cabeça se virou bruscamente, e eu pensei naquela Mercedes preta que eu tinha visto estacionada na rua. Não foi deixada para trás por um motorista bêbado depois de tudo.

Eu espalmei a minha faca novamente, corri para fora do estacionamento e pela lateral do clube, voltando para frente do edifício. Eu pensei que o motorista tinha pisado no acelerador, embora eu não pudesse ter certeza, dado as batidas constantes das minhas botas na calçada e quão alto meu coração batia nos meus ouvidos. Eu me afastei do prédio e fui para a minha direita em direção à rua onde a Mercedes estava.

Alguém estava sentado dentro do veículo agora, embora eu não pudesse dizer exatamente quem, dada a tonalidade escura no para-brisa. Eu tive a impressão de que era um homem, embora eu não tenha visto claramente suas feições, que estavam escondidas por um chapéu, seus óculos de sol, e o cachecol grosso que ele tinha enrolado em torno da metade inferior do rosto.

Ele também me viu. Por um segundo, pensei que ele poderia acelerar, subir no meio-fio e vir rugindo para mim, tentando me acertar com seu carro. Em vez disso, ele colocou o veículo em marcha a ré, virou o volante e deu uma bela volta em U no meio da rua. Três segundos depois, ele estava correndo na direção oposta, e eu sabia que ele estaria muito longe, quando eu chegasse ao meu próprio carro.

— Droga! — Eu rosnei. — Droga!

Por um louco momento louco, pensei em jogar minha faca na rua atrás do carro. Não porque eu tinha alguma chance de acertar no veículo, mas apenas para aliviar um pouco da raiva e da frustração surgindo através de mim. Mas isso teria sido insignificante e sem sentido, então me forcei a respirar, controlar meu coração acelerado e pensar nas coisas.

Se era o Dollmaker ou outra pessoa, quem estava me observando queria que eu encontrasse o tubo dourado de Glo-Glo. Alguém queria que eu

soubesse sobre a cor Heartbreaker. Alguém tinha deliberadamente deixado para mim uma migalha de pão. Bem, eu ia agradar o bastardo.

Hora de seguir a trilha do batom.

• • •

Eu deslizei minha faca de volta na minha manga, entrei no meu carro e liguei o motor. Eu também tirei um momento para puxar o batom do bolso da minha calça jeans e coloquei-o no porta-copos no console central. O tubo dourado brilhou ao sol, quase como um olho maliciosamente piscando para mim uma e outra vez, me desafiando a descobrir de onde ele veio. Bem, pelo menos eu não voltaria para a casa de Jade de mãos vazias. Eu tinha uma pista e estava determinada a segui-la.

Mesmo que eu ainda não soubesse quem havia deixado para mim ou por quê.

Eu saí do estacionamento e me dirigi para a única pessoa que poderia me dar algumas respostas sobre o batom: Jolene "Jo-Jo" Deveraux. O salão dela ficava perto da Northern Aggression, então decidi visitá-la primeiro e ver o que eu poderia descobrir antes de me reportar a Jade.

Vinte minutos depois, eu dirigi por uma entrada de automóveis e apertei meu carro ao lado de vários outros estacionados. A porta da frente estava sempre aberta durante o horário comercial, então eu entrei na casa branca e caminhei pelo longo corredor até a parte de trás da estrutura, que se abria para um salão de beleza à moda antiga.

Cadeiras de salão vermelho-cereja estavam alinhadas em uma fileira ao longo de uma parede, enquanto pilhas de revistas e bandejas de plástico rosa cheias de esmaltes cobriam todas as mesas. Um longo balcão corria ao longo de outra parede cheio de pentes, rolos, tesouras, modeladores de cabelo, lixas de unha, pincéis de maquiagem e todas as outras ferramentas de beleza conhecidas pela feminilidade. O ar cheirava a tintura de cabelo e outros produtos químicos, embora o aroma desagradável fosse um pouco suavizado pelo doce cheiro de baunilha que Jo-Jo infundia em suas pomadas curativas caseiras, esfoliantes faciais e outros tratamentos de beleza.

Quinta-feira era um dos dias mais agitados do salão, já que todo mundo estava arrumando os cabelos, as unhas e os rostos para o fim de semana. Cada cadeira no salão estava cheia, com várias mulheres lendo revistas e deixando o cabelo lentamente sob os secadores industriais.

Eu fui até o canto mais distante da sala, onde uma anã de meia-idade com cachos loiros branco perfeitos estava pintando as unhas de uma garotinha que parecia ter uns cinco anos. A menina usava um vestido volumoso rosa de princesa, junto com uma tiara de prateada ligeiramente torta e sapatilhas de balé cor-de-rosa brilhantes, como se hoje fosse uma ocasião especial. Sua mãe estava sentada por perto, agitando as próprias unhas pintadas no ar para ajudar a secá-las.

Jo-Jo olhou para cima com o som dos meus passos. Assim como Rosco, seu basset hound, que estava confortavelmente abrigado em sua cesta de vime branco no canto.

Seu rosto se enrugou em um sorriso. — Gin! O que te traz aqui hoje?

— Eu queria saber se você poderia me ajudar com uma coisa.

— Claro — disse Jo-Jo. — Só me dê alguns minutos para terminar com esta pequena princesa aniversariante.

Ela piscou para a menina, que soltou uma risadinha satisfeita. Jo-Jo se debruçou sobre as unhas da menina novamente, e eu me sentei em um dos sofás para esperar. Eu olhei uma pilha de revistas sobre a mesa ao meu lado, mas todas se concentraram em dicas de beleza, moda e penteados. Não exatamente o meu ambiente, mas eu peguei uma e folheei apenas para ter algo para fazer. Ao meu lado, duas mulheres de vinte e poucos anos com rolos cor-de-rosa nos cabelos conversavam, enquanto esperavam que Jo-Jo voltasse para elas.

— Eu não posso *acreditar* que você me convenceu a competir no concurso de Miss Ashland — uma das garotas, uma linda morena, reclamou. — Se eu soubesse que esse seria um trabalho tão louco, eu teria dito que não.

A outra garota, uma ruiva igualmente bonita, revirou os olhos. — E eu te disse que seria uma maneira fácil de obter algum dinheiro para uma bolsa de estudos. Então, relaxe e aproveite sendo mimada.

A morena bufou, cruzou os braços sobre o peito e se abaixou um pouco na cadeira. — Bem, eu ainda digo que nossa viagem de caça a Cloudburst Falls no próximo fim de semana será muito mais *divertida* do que isso.

Eu ergui minha revista para esconder meu sorriso. Desfiles de beleza num fim de semana, caçadas na seguinte. Ah, os interesses amplos e variados das mulheres do Sul.

Eu concordava com a morena, no entanto. Caçar sempre era muito mais divertido. E eu ia caçar um assassino em série antes de tudo ser dito e feito.

Jo-Jo terminou com a menina e sua mãe, em seguida, verificou e certificou-se de que suas outras clientes estavam bem sozinhas por alguns minutos. Ela curvou o dedo para mim e nos dirigimos até a cozinha para ter um pouco de privacidade. Rosco soltou um latido alto, levantou-se e seguiu-nos na esperança de ganhar uma guloseima de cachorro.

Jo-Jo foi até a geladeira, pegou um jarro de chá gelado e serviu-se de um copo alto. Ela me ofereceu um pouco, mas eu levantei a mão, recusando.

Ela tomou um longo gole de seu chá antes de colocá-lo de lado e me encarar com seus olhos claros, quase sem cor. — O que foi, querida? Com o que posso ajudar? Isso tem algo a ver com aquela pobre garota desaparecida? Sophia me contou tudo sobre isso quando chegou em casa depois de ir à delegacia ontem à noite.

— Sim. Eu encontrei algo que eu quero que você dê uma olhada.

Eu contei tudo que havia acontecido, incluindo a misteriosa sombra à espreita atrás da lixeira e a pista óbvia que ele tinha deixado para trás. Coloquei o batom no balcão da cozinha entre nós.

— Eu imaginei que se alguém soubesse sobre esse tipo de maquiagem, seria você. Você já ouviu falar do batom Glo-Glo? Você sabe onde eles são vendidos em Ashland?

— Claro, eu já ouvi falar — Jo-Jo respondeu. — É uma empresa de maquiagem de Bigtime, Nova York. Eles fazem bons produtos. Muitas cores brilhantes e vibrantes a preços razoáveis.

Eu bati meu dedo no topo do batom. — Todo esse ouro não parece muito razoável para mim. Mas claro, não sou especialista, e é por isso que vim até a melhor.

Jo-Jo piscou para mim. — Bem, você certamente fez isso.

Ela pegou o tubo e examinou-o de todos os ângulos antes de retirar a tampa e examinar o batom. Ela chegou a cheirar o próprio batom. Depois de vários segundos, ela colocou o tubo aberto de volta à mesa e ergueu o dedo.

— Me dê um minuto. Eu já volto.

Jo-Jo saiu da cozinha e voltou para o salão. No segundo em que ela se foi, Rosco rastejou até perto de mim. O basset hound caiu no chão aos meus pés, soltou um gemido queixoso, e olhou para mim com seus grandes olhos castanhos. E ele continuou se lamentando e abanando o rabo, batendo-o contra o lado da minha bota.

— Tudo bem, tudo bem — eu resmunguei. — Você ganhou. Você conhece um otário de bom coração quando vê um, não é, garoto?

Rosco latiu sua concordância.

Tirei a tampa de um grande recipiente azul e branco em forma de osso de cachorro. A cor brilhante e o estilo divertido me fizeram lembrar daquele pote de biscoitos de bolo de chocolate que Elissa tinha dado para Jade. E assim, meu humor leve desapareceu. Peguei um biscoito de cachorro do recipiente e joguei-o para Rosco mastigar.

— Aqui vamos nós — disse Jo-Jo, voltando para a cozinha. — Eu pensei que tinha visto aquele tubo chique de ouro antes.

Ela colocou um catálogo aberto na mesa e bateu com o dedo em um produto em uma das páginas. — Batom Heartbreaker. Um produto especial de aniversário da Glo-Glo. Aparentemente, foi a primeira cor produzida pela empresa. Eles estão vendendo há anos em embalagens mais baratas, mas no aniversário, decidiram revesti-lo naquela embalagem dourada. É um vermelho bonito e eu pensei em encomendar alguns tubos para revender a minhas clientes, mas o preço é um pouco alto demais para o meu gosto.

Eu pisquei ao ver as informações na página. — *Quinhentos dólares*? Por um tubo de batom?

— Como eu disse, um pouco caro demais para o meu gosto, especialmente porque você ainda pode obter exatamente a mesma cor na embalagem regular por quinze dólares. — Ela encolheu os ombros. — Mas nós duas sabemos que há muitas pessoas lá fora com mais dinheiro do que bom senso, especialmente nesta cidade.

— Então, quem venderia algo assim? Onde você compraria um em Ashland?

— Bem, dado o preço, não é o tipo de coisa que você pode conseguir em qualquer lugar — disse Jo-Jo. — O único lugar que conheço é a boutique Posh em Northtown.

— Como você sabe disso?

— Várias das mulheres que trabalham na butique fazem o cabelo aqui. Uma delas veio no início desta semana, comentando sobre como ela conseguiu que seu último "papaizinho[5]" lhe comprasse um tubo.

Eu assenti. — Obrigada pela ajuda.

— Você é bem-vinda. — Ela inclinou a cabeça para o lado, olhando para mim. — Então, o que você vai fazer agora?

— Ligar para Finn. Ele conhece algumas das pessoas que trabalham na Posh. Ele deve ser capaz de obter uma lista de todo mundo que comprou um tubo desse batom nos últimos seis meses. Depois disso, vamos ver se algum nome salta para nós.

Jo-Jo assentiu. Ela estendeu a mão e colocou a tampa de volta no batom, mas ela não deu para mim. Em vez disso, ela começou a girar o tubo dourado ao redor em suas mãos, e a sensação dos alfinetes e agulhas de sua magia do Ar sopraram pela cozinha, picando minha pele com sua afiada e repentina intensidade. Minha cicatriz de runa de aranha coçava e queimava com a sensação desconfortável da sua magia, que era o completo oposto dos meus próprios poderes de Gelo e de Pedra.

Em um instante, seus olhos assumiram um brilho intenso e branco leitoso. Ela podia estar olhando para o batom, mas ela não estava mais o vendo. Ela levantou seu olhar estranho para o meu.

---

[5] No original *sugar daddy* que seria um amante velho e rico.

— Tenha cuidado, querida — Jo-Jo murmurou. — Estou vendo nuvens de tempestade à sua frente. Algumas muito escuras, desagradáveis. Rodando por aí, tentando consumir você, tentando abafar toda a sua luz...

Além de curar pessoas e suavizar rugas com sua magia do Ar, o poder de Jo-Jo também lhe dava vislumbres do futuro. Eu esperei que ela elaborasse, fosse mais específica, mas ela não disse nada mais. Depois de um minuto, a sensação espinhosa de sua magia do Ar desapareceu, e seus olhos voltaram para a sua cor clara normal.

Jo-Jo sacudiu a cabeça e finalmente estendeu o batom para mim. — Eu sinto muito. Eu queria poder te contar mais, Gin.

— Tudo bem. Nada mais sobre isso tem sido fácil. Por que o futuro deveria ser diferente? — Eu perguntei, não realmente brincando.

Peguei o batom e o levantei, olhando para a superfície lisa e brilhante. O ouro brilhante e cintilante estava o mais longe possível da terrível previsão de Jo-Jo, mas eu sabia que não devia duvidar dela.

— Nuvens de tempestade, hein? — Eu murmurei. — Engraçado, mas eu não acho que existam outros tipos de nuvens na minha vida nos dias de hoje.

Capítulo 18

Saí do salão de Jo-Jo, fui para fora e entrei no meu carro. Eu coloquei o tubo no porta-copo e mandei uma mensagem para Finn, pedindo-lhe para obter uma lista de todos que compraram um tubo dourado de batom Heartbreaker na boutique Posh nos últimos seis meses. Ele respondeu um minuto depois, dizendo que estava nisso.

Eu também mandei uma mensagem para Silvio, pedindo para ele checar e ver se alguma outra loja em Ashland vendia o batom, só para cobrir todas as bases. Ele também me mandou uma mensagem de volta um minuto depois, dizendo que iria verificar isso, e ele até me mandou uma carinha sorridente, dizendo que ele estava feliz em ajudar. Meu assistente realmente gostava desse tipo de coisa. Mas, também, não era a coisa mais estranha que eu já tinha pedido para ele fazer. E certamente não era a mais perigosa.

Liguei o motor, dirigi pelo caminho de entrada da Jo-Jo e deixei sua subdivisão para trás. Eu tinha acabado entrar na rua principal quando o sistema de som do carro tocou com uma nova chamada. Eu apertei um botão no volante para respondê-la.

— Olá?

Por alguns segundos, houve silêncio. Em seguida, uma série de quedas e estrondos soou, juntamente com vários gritos abafados e o distintivo tilintar de vidro quebrado. Eu olhei para a tela no meu painel para ver quem estava ligando.

Ryan Colson.

Eu disse a Ryan para ligar se algo suspeito acontecesse, mas os barulhos que saíam do telefone eram francamente violentos. Alguém invadiu a casa de Jade.

Eu pisei no acelerador, indo em direção a sua casa. Eu pensei em terminar a ligação para ligar para Bria e dizer a ela o que estava acontecendo, mas eu queria ficar na linha e ouvir o que estava acontecendo.

Nada – absolutamente nada.

Depois daquela primeira explosão inicial de som, os ruídos pararam completamente, e eu não ouvi nem mesmo um sussurro de conversa em segundo plano. O que quer que estivesse acontecendo na casa de Jade, agora estava ocorrendo longe do telefone.

Ou isso, ou Jade e Ryan já estavam mortos.

Eu aumentei meu aperto no volante, dirigindo tão rápido quanto eu ousava nas estradas curvas da montanha. Ainda assim, levei dez longos minutos para chegar à subdivisão onde a casa de Jade ficava, e meu telefone ficou silencioso o tempo todo. Eu fiz a curva necessária e cruzei a vizinhança.

A primeira coisa que notei foi o SUV preto estacionado a uns quinze metros de distância da casa de Jade. O carro em si não era incomum, mas ele estava parado no meio-fio, em vez de em cima da entrada de automóveis de alguém. Ele também estava estacionado na rua, apontando para a saída da subdivisão, como se alguém achasse que poderia precisar sair às pressas e não queria desperdiçar tempo precioso virando o veículo.

Por mais que eu quisesse invadir a entrada de carros, pular do meu carro e entrar na casa de Jade, eu obriguei-me a dirigir a uma velocidade normal, para o caso de alguém estar observando a rua de dentro da casa. Com certeza, uma das cortinas se moveu, como se alguém tivesse empurrado de lado apenas o suficiente para espiar através da fresta no tecido. No banco do meu passageiro, meu telefone estava tão silencioso quanto antes, embora eu pudesse ouvir um leve zumbido no sistema de som do carro, me dizendo que a linha ainda estava conectada.

Cheguei ao fim da rua e virei à direita, como se estivesse indo para um lugar mais profundo na subdivisão. Realmente, tudo o que eu queria era ir para a casa de Jade. Desde que era o meio do dia, o bairro estava vazio, com

a maioria das pessoas no trabalho e na escola. Eu dirigi meu carro até uma entrada e estacionei em frente à primeira casa que eu vi.

Peguei meu telefone, ouvindo, mas tudo estava tão quieto quanto antes. Um punho de medo apertou meu coração. Se houvesse barulho - gritos, gemidos, brigas – eu teria pelo menos certeza de que Jade e Ryan ainda estavam vivos. O silêncio não me disse nada.

Então terminei a ligação e liguei para Bria. Foi direto para o correio de voz, então desliguei sem deixar mensagem e chamei Silvio. Ele atendeu no segundo toque.

— Chamando tão cedo? — Ele perguntou em uma voz seca e divertida. — Você acabou de me mandar uma mensagem quinze minutos atrás. Eu ainda não tive a chance de começar a investigar a sua pergunta sobre o batom.

— Alguém está na casa de Jade.

— Quem? Quantos estão lá? O que eles querem? É o Dollmaker? — Sua voz afiada em cada palavra.

Eu olhei ao redor, certificando-me de que ninguém estava nas casas ao redor e me observando, mas a vizinhança estava tão deserta quanto antes.

— Gin? — Silvio perguntou. — Quantas pessoas estão lá? O que está acontecendo?

— Eu não sei, mas vou descobrir.

Ele protestou, querendo que eu esperasse que ele chamasse os outros e que todos chegassem para que eu ter algum apoio, em vez de entrar na casa às cegas e sozinha.

— Não, — eu disse. — Jade e Ryan não têm esse tempo. Quem invadiu a casa dela já está lá por quase vinte minutos. Isso é mais do que tempo suficiente para matá-los ou fazer o que quer que eles vieram fazer aqui. Estou surpresa que eles ainda estejam aqui.

Silvio suspirou, percebendo que eu estava certa. — Bem, pelo menos me prometa que você será cuidadosa. Que não correrá riscos desnecessários.

Apesar da situação tensa, eu ainda sorri, embora ele não pudesse me ver. — Lá vai você, bancando a mãe de novo.

— Bem, alguém tem que fazê-lo — ele retrucou.

— Obrigada, Silvio.

— Eu estou saindo agora, e eu vou chamar os outros no caminho — ele retrucou novamente, embora sua voz fosse um pouco menos irritada do que antes. — Faça-me um favor. Não morra antes de chegarmos aí.

— Bem, eu não sonharia com isso — eu disse lentamente.

• • •

Eu desliguei com Silvio, espalmei uma faca e saí do meu carro. Dado o observador nas janelas da frente da casa de Jade, eu não me atrevi a usar a rua, então caminhei pela lateral da casa que eu tinha estacionado na frente, atravessei o quintal cheio de castelos de plástico, balanços e outros brinquedos, e deslizei para a floresta. Levei apenas alguns minutos para percorrer as árvores e voltar para a casa de Jade.

Eu me agachei dentro da linha das árvores, observando as janelas e portas de vidro na parte de trás da casa. No começo, eu não vi nada, mas uma sombra mudou para minha linha de visão, uma que se tornou clara quando alguém parou na frente das portas, parou no portal e olhou para fora – um anão vestindo um terno escuro e segurando um telefone celular.

Ryan tinha especulado que o Dollmaker era excepcionalmente forte e os anões certamente eram. Esse poderia ser ele? Esse poderia realmente ser o assassino?

Quanto mais eu estudava o anão, mais familiares suas feições pareciam para mim, especialmente seu bigode preto e fino. Eu já o tinha visto antes. Eu tinha certeza disso. Mas onde? Quando? Eu tentei lembrar, mas não pude recordar como ou quando nossos caminhos podem ter cruzado. Eu mantive minha posição, observando o anão, mas depois de vários segundos, ele se afastou das portas.

Mas ele não era o único na casa.

Através das janelas, vi pelo menos mais dois anões, também vestidos de terno escuro, saindo de um quarto para o outro, abrindo armários, olhando gavetas, até mesmo subindo em cadeiras para que pudessem espreitar as entradas de ar no alto das paredes. Eles estavam obviamente procurando por algo. Mas o quê? E por que eles pensariam que estava na casa de Jade?

Eventualmente, os anões voltaram para frente da casa, desaparecendo da minha linha de visão. No segundo em que eles se foram, eu corri do bosque por todo o quintal até o canto de trás da casa de Jade. Eu pressionei meu corpo contra o tijolo e comecei a contar os segundos em minha mente.

Um... dois... três... cinco... quinze...

Um minuto se passou e nenhum grito de alarme, surpresa ou aviso soou. Os homens não tinham me visto, então eu deslizei para frente, abaixando-me ao redor das janelas, ainda mantendo meu corpo pressionado contra a lateral da casa. Agora que eu estava mais perto, eu podia ouvir um resmungo fraco, junto com vários golpes, solavancos e outros ruídos, confirmando minha teoria de que os homens dentro da casa de Jade estavam revistando suas coisas.

Cheguei às portas de vidro do pátio que davam para a cozinha. Quando eu estava aqui esta manhã, as portas estavam intactas, mas agora o vidro estava completamente quebrado em uma delas. Deve ter sido assim que os anões invadiram a casa. Ryan deve ter ouvido o barulho e me ligado de seu telefone.

Eu espalmei uma segunda faca e olhei ao redor da borda da porta quebrada, mas ninguém estava na cozinha. Na frente da casa, as batidas, os estrondos e quebras ficaram cada vez mais altos, como se os homens estivessem em frenesi agora, rasgando tudo o que conseguiam colocar a mão, mesmo que não fosse realmente o que eles estavam procurando.

Vão em frente, rapazes. Façam tanto barulho quanto quiserem. Vai abafar os sons suaves desta Aranha entrando na casa.

Minhas facas ainda em minhas mãos, eu atravessei a porta quebrada, movendo-me devagar para não fazer minhas botas rangerem mais do que o necessário no vidro quebrado. Mais ruídos vieram da frente da casa, mas eles diminuíram e lentamente se desvaneceram. Eu andei na ponta dos pés pela cozinha, entrei no corredor, e me esgueirei ao longo da parede até que pudesse espiar pela esquina à frente e ver o escritório.

Jade e Ryan estavam sentados lado a lado em um sofá ao longo de uma parede, com as mãos amarradas na frente deles com cordas grossas e pesadas. Jade tinha uma contusão feia na bochecha esquerda, como se

alguém tivesse batido nela, enquanto Ryan tinha múltiplos cortes no rosto e um olho negro desagradável e doloroso. O sangue respingou do rosto dele e salpicado toda a frente de seu suéter azul escuro, e seus nós dos dedos também estavam ensanguentados, machucados e inchados. Ele lutou contra os intrusos. Bom para ele, embora tenha levado uma surra cruel em troca.

Apesar de estarem maltratados, a visão deles aliviou um pouco da minha preocupação e medo. Jade e Ryan ainda estavam inteiros, ainda respirando, ainda vivos, e eu ia me certificar de que eles continuassem assim.

Na ponta dos pés, dei mais alguns passos para que eu pudesse ver as outras pessoas no escritório. Havia quatro deles, todos anões, todos vestindo ternos escuros. Os músculos de baixo nível padrão. Mas músculos de quem?

Os homens estavam vasculhando os destroços do escritório, particularmente o canto onde as caixas de provas tinham sido empilhadas. Eles rasgaram as tampas de cada uma das caixas e espalharam todos os documentos, fotos e arquivos no chão, criando um grosso tapete de papel. Eles também quebraram várias das mesas, cadeiras e telefones, acrescentando mais escombros à bagunça.

Um dos anões entrou na frente de Jade e fez uma careta para ela. — É isso? — Ele rosnou, apontando a mão para a bagunça. — Isso é tudo?

Jade olhou para Ryan, que balançou a cabeça, dizendo para ela não responder. O anão notou a troca, recuou o punho e deu um soco no rosto de Ryan, fazendo sua cabeça se inclinar contra o sofá.

— É isso aí, Ken — disse o anão bigodudo, erguendo o próprio punho no ar. — Bata nele novamente!

— Feliz por isso, Henry — o outro anão respondeu.

Ken socou Ryan no rosto novamente, fazendo-o gemer.

Ryan piscou e piscou, tentando se livrar dos golpes duros. Depois de alguns segundos, ele levantou a cabeça e olhou para Ken. — É tudo o que você tem? Minha avó bate mais forte do que isso.

— Espertinho, não é? Eu ficarei feliz em tirar isso de você. — Ken sorriu e puxou seu punho para trás novamente.

— Tudo bem! Tudo bem! — Jade levantou as mãos amarradas e tentou proteger Ryan com elas. — Pare de bater nele. Eu te disse antes. Todos os arquivos estão aqui no escritório.

Choque sacudiu através de mim. Arquivos? Os anões estavam aqui pelos arquivos dos homicídios? Isso significava que eles tinham que estar envolvidos com o Dollmaker. Eu estudei os quatro homens, mais uma vez me perguntando se um deles poderia na verdade ser o assassino. Como anões, eles tinham a força necessária para bater e estrangular alguém até a morte, como Ken já havia demonstrado em todo o rosto de Ryan. Ainda assim, todos pareciam caras comuns, com cerca de um metro e meio de altura, sem características estranhas ou distintas, exceto Henry com seu bigode deplorável. Nenhum deles parecia um assassino de sangue frio.

Por outro lado, eu também não me parecia muito com um.

Mas a vibração parecia errada. Pelo pouco que eu sabia deles, serial killers gostavam de trabalhar sozinhos. Além disso, o Dollmaker tinha deixado poucas provas preciosas para trás, e nada nos arquivos apontava para sua verdadeira identidade. Se ele pensasse que Jade tinha alguma pista sobre quem ele era, então ele teria vindo aqui sozinho, torturado ela para obter informações e a matado. Ele poderia até ter pintado os lábios dela do mesmo tom de vermelho-sangue horripilante como fez com as suas outras vítimas, desde que ela era loira, assim como todas as outras mulheres.

Mas esses capangas comuns estavam aqui em vez do próprio homem. Por quê? Teria Dollmaker lhes enviado? Eles sabiam quem ele realmente era? Ou eles trabalharam para outra pessoa completamente diferente? Alguém que tinha outro interesse no assassino?

Eu balancei a cabeça, tentando limpar todas as perguntas que circulavam ao redor e, que realmente, não levavam a lugar nenhum. Eu senti que estava tentando resolver dois quebra-cabeças separados ao mesmo tempo, só que eu não tinha peças suficientes de nenhum dos dois para obter uma imagem clara de nada – nem uma coisa pequena.

Mas os intrusos eram um problema facilmente resolvido. Melhor ainda, eu poderia poupar um deles e então espremer aquele homem por respostas. Normalmente, eu não me continha e fazia prisioneiros quando meus amigos

estavam em perigo, mas eu faria uma exceção, só desta vez, pelo bem de Elissa.

— Eu não acredito em você — rosnou Ken. — Tem que haver mais cópias dessa informação. Então onde estão elas? Onde estão os arquivos? E a quem você contou sobre eles?

Jade olhou para ele, sua boca uma linha reta em seu rosto. — Eu vou te dizer exatamente onde as cópias destes arquivos estão... na delegacia. De onde você achou que eu os peguei em primeiro lugar? Seu idiota.

Ele olhou furioso para ela, mas Jade ergueu o queixo, desafiando-o a bater nela novamente. Depois de vários segundos, ele encolheu os ombros.

— Eu não estou preocupado em entrar na delegacia. Nós vamos direto para lá. — Ken sorriu. — Assim que terminarmos de queimar esse lugar – com você e seu namorado dentro.

Jade se engasgou, e Ryan estendeu a mão e agarrou-a com as suas mãos amarradas.

— Vai ficar tudo bem, Jade — disse ele. — Você verá.

Ken riu. — Claro, que ficará. Assim que vocês dois estiverem mais crocantes.

Seus rostos empalideceram, fazendo-o rir novamente. Ele se virou para os outros três homens, que estavam chutando a bagunça de papéis no chão. — Um de vocês vai para a cozinha e veja se pode encontrar alguns fósforos. Vou tirar a gasolina do carro para fazer as coisas começarem aqui...

Eu não o deixei terminar sua frase horrível. Em vez disso, corri pelo corredor, entrei no escritório, puxei meu braço para trás e deixei minha primeira faca voar.

Ken me viu com o canto do olho e se virou na minha direção, mas já era tarde demais, e a lâmina acertou exatamente onde eu queria, afundando em seu antebraço esquerdo. A ferida foi profunda o suficiente para fazê-lo uivar de dor e cambalear para longe de Jade e Ryan. Os outros três capangas viraram ao redor, com os olhos arregalados, chocados por alguém estar na casa, mas eu já estava me movendo para frente.

O segundo anão levantou os punhos e atacou-me; eu desviei de seu golpe lento e desajeitado, passei por suas defesas, e esfaqueei-o no coração.

Ele gritou e bateu em seu próprio peito, tentando desalojar a lâmina. Eu puxei-a e cortei todo o caminho através de sua garganta em um movimento suave, cortando seus gritos. Ele estava morto antes mesmo de bater no chão.

Eu me virei para encarar o terceiro anão, Henry, aquele com o bigode. Ele girou à sua esquerda e levantou a perna direita, tentando dar um chute no meu rosto, como você faria em um videogame. Eu abaixei minha cabeça, avancei e bati meu ombro na lateral de seu corpo, empurrando-o fora de equilíbrio. Ele cambaleou para trás, batendo em uma das paredes, e eu o segui, cortando com minha faca por todo o seu estômago.

Sangue e tripas espalharam-se por toda parte, por todos os papéis e fotos ainda no chão. Henry gritou e gritou, segurando seu estômago e tentando segurar suas entranhas, bem, para dentro, onde elas deveriam estar...

Um par de braços grossos e fortes se fechou ao meu redor por trás, e o quarto e último anão me levantou dos meus pés. Desde que minhas pernas já estavam fora do chão, eu chutei, dirigindo minhas botas em Henry e fazendo-o gritar de novo, enquanto suas pernas se dobraram e ele caiu no chão.

Eu me empurrei para trás o mais forte que pude, e o último anão não conseguiu me segurar no ar e manter o equilíbrio ao mesmo tempo. Ele tropeçou para trás, seu pé escorregou em alguns dos detritos, e nós batemos no chão. Como ele ainda estava me segurando, eu caí em cima dele. O anão gritou com dor e surpresa, mas ele não me soltou. Em vez disso, ele aumentou seu aperto, suas mãos como vigas de aço prendendo meus braços no lugar.

— Ken! — Ele gritou, sua voz alta no meu ouvido. — Mate essa cadela!

Ken, o primeiro anão que eu ataquei, arrancou minha faca de seu próprio antebraço e se dirigiu para nós, assassinato brilhando em seus olhos escuros.

Eu não tinha forças para quebrar o aperto do anão, então eu decidi fazê-lo desejar que ele nunca tivesse me agarrado. Eu levantei minha faca e enfiei-a em sua coxa direita, torcendo e torcendo a lâmina através de todas as suas espessas e duras camadas de músculos. Ele gritou de dor, bem no meu ouvido, mas mesmo assim não me soltou.

Desde que minha faca não estava funcionando tão bem quanto eu queria, eu decidi por uma abordagem ainda mais direta e dolorosa. Eu alcancei minha magia de Gelo, bati minha outra mão em sua virilha e soltei com uma explosão aguda e fria do meu poder, bem em cima das suas joias de família.

Isso *realmente* o fez gritar.

As mãos do anão finalmente caíram dos meus braços. Eu rolei dele, arranquei minha faca de sua coxa, e esfaqueei o seu peito. Ele gritou novamente, mas ele estava uma bagunça sangrando, meio congelado, fora da luta, e já mais perto da morte do que vivo.

Com o canto do olho, vi Ken, o último anão em pé, levantar o pé para poder chutar minha cabeça. Eu puxei minha faca do peito de seu amigo, dei um passo para frente e rolei para fora do caminho da ponta do sapato de Ken. Seu sapato brilhante bateu no lado do seu amigo com força suficiente para levantar o outro homem do chão, mas o cara já estava morto, então ele não fez um som quando caiu no chão novamente.

Eu me levantei, avaliando o meu último oponente, imaginando como poderia derrubá-lo sem realmente matá-lo. Ao contrário de seus amigos, Ken não se apressou em me atacar cegamente. Em vez disso, ele levantou seus punhos, protegendo seu rosto, e se balançou nos calcanhares, esperando eu dar o primeiro passo.

Mas Jade chegou primeiro do que eu.

Ela se jogou do sofá e caiu perto do anão de bigode cujas entranhas eu tinha cortado. Ela empurrou de lado o paletó ensanguentado, tirou a arma do coldre no cinto, levantou-a e apontou para Ken.

— Não! — Eu gritei. — Não faça isso!

Muito tarde.

Jade puxou o gatilho três vezes, enviando três balas diretamente para as costas do anão. Ken gritou e arqueou para trás em choque. Por um momento, pensei que ele iria cair ali mesmo, mas ele rosnou, se lançou para frente e atacou com minha faca, me pegando de surpresa e me acertando no estômago. Eu assobiei com a dor aguda e pungente, girei, tirei a faca da mão dele, e o empurrei para longe.

Desta vez, Ken caiu no chão, rosnando e cuspindo maldições o tempo todo, embora suas pernas não se movessem junto com o resto do corpo. A mira de Jade tinha sido boa, e parecia que as três balas haviam perfurado sua espinha.

— Por que você fez isso? — Eu gritei, caindo ao lado de Ken e rolando-o de costas, esperando que ele ainda estivesse vivo.

— Eu estava tentando ajudá-la! — Jade gritou de volta.

— Eu não ia *matá-lo*. Nós precisávamos dele vivo. — Eu me abaixei ao lado do anão. — Quem te mandou? Onde está Elissa Daniels?

Eu continuei gritando as perguntas para ele uma e outra vez, mas ele apenas sorriu, mostrando-me um bocado de dentes ensanguentados. Eu me inclinei, agarrei o paletó dele e levantei seu peito do chão.

— Quem mandou você? — Eu gritei ainda mais alto, sacudindo-o. — Onde está a garota? Onde está Elissa?

Ken sorriu para mim novamente. — Você... quer... mesmo... saber... não é... cadela...

Ele soltou um suspiro final, o sangue borbulhando de seus lábios, e um familiar brilho vítreo cobriu seus olhos. Sua cabeça pendeu para o lado e eu o deixei cair. Não havia sentido em questioná-lo mais.

Ken se foi e também qualquer informação que ele tivesse sobre Elissa.

Capítulo 19

Eu me apoiei nos meus calcanhares e me sentei no meio da bagunça no chão do escritório. O movimento fez uma dor fresca atravessar o corte no meu estômago e a exaustão inundou meu corpo. Não tanto pela briga, mas pelo fato de que eu não ter conseguido nenhuma informação. As perguntas lotavam a minha mente sobre quem enviou esses homens aqui e por quê. E mais uma vez, eu tive a sensação incômoda de que havia muito mais acontecendo do que apenas uma garota sequestrada. Mas com todos os homens mortos, ninguém foi deixado para me dar todas as respostas.

Jade abaixou a arma e caiu no chão também, olhando para o corpo de Ken com o rosto tenso. — Por que você não queria que eu atirasse nele?

— Porque precisávamos de um deles vivo. Precisávamos questionar alguém sobre Elissa.

Angústia encheu os olhos de Jade. — Eu... eu não pensei sobre isso — ela sussurrou. — Ele machucou Ryan e eu. Eu não queria que ele te machucasse também. Eu o vi segurando a faca, e peguei a arma mais próxima e puxei o gatilho.

— Eu sei. E sinto muito por ter gritado com você. Está tudo bem. Realmente. Nós ainda temos os telefones e carteiras deles e o carro deles lá fora. Encontraremos algo que nos dirá quem os enviou atrás de você.

Jade balançou a cabeça e lentamente colocou a arma no chão. Ela inclinou-se, estendendo as mãos ainda amarradas para mim, e usei minha faca para cortar as grossas cordas. Jade se levantou e foi até o sofá onde Ryan ainda estava sentado.

— Você está bem? — Ela perguntou, colocando a mão em seu ombro.

Apesar do rosto machucado, Ryan sorriu para ela. — Estamos vivos e eles não. É isso que importa, certo?

Jade assentiu e piscou as lágrimas em seus olhos. Eu estendi minha faca e ela a pegou e usou-a para cortar as amarras de Ryan. Ele se inclinou para frente, esfregando primeiro um pulso e depois o outro.

— Então o que aconteceu? — Eu perguntei, ainda sentada no chão.

Jade e Ryan se entreolharam, depois para mim.

— Ryan estava aqui no escritório revendo os arquivos, e eu estava na cozinha fazendo mais café — Jade disse. — A próxima coisa que eu soube, um dos anões estava batendo sua arma em uma das portas de vidro e invadindo a cozinha.

— Eu ouvi o barulho — Ryan acrescentou. — Então liguei para você. Eu corri até a cozinha para ajudar Jade, mas os homens avançaram sobre mim e deixei cair o telefone antes que pudesse lhe contar o que estava acontecendo. Eles me bateram, nos arrastaram até aqui, amarraram nossas mãos e começaram a verificar todas as informações sobre o Dollmaker — Ele olhou para os homens mortos no chão. — Eles sabiam exatamente quem ele era. Eles estavam aqui para destruir os arquivos, para protegê-lo.

— Eles disseram alguma coisa sobre ele? — Perguntei. — Eles mencionaram algum nome? Alguém para quem eles estavam trabalhando?

Jade e Ryan se entreolharam novamente. Ambos balançaram a cabeça.

— Eles apenas conversaram um com o outro — disse Jade. — Eles não mencionaram mais ninguém.

Eu olhei para cada um dos anões mortos. Eu não conhecia Ken ou os outros dois homens. Eu tinha certeza disso. Mas Henry, o último cara, aquele com o bigode desgrenhado parecia familiar, embora eu ainda não pudesse dizer quando ou onde eu poderia tê-lo visto. O anão tinha perdido o celular durante a luta, embora o dispositivo tenha pousado ao lado de sua mão. Algo sobre Henry e seu telefone tocou uma campainha na parte de trás da minha mente, e eu me encontrei olhando para o dispositivo, tentando lembrar onde eu tinha visto ele antes...

— Gin — Jade disse em uma voz afiada. — Gin!

Eu devo ter apagado por um segundo, porque eu pisquei, e de repente ela estava agachada no chão ao meu lado, junto com Ryan. Eu não tinha visto nenhum deles se mexer.

— Você está sangrando — ela sussurrou.

Eu olhei para baixo. Com certeza, sangue encharcava a frente do meu suéter. Eu levantei o tecido para revelar um corte feio correndo pelo meu estômago. Eu cautelosamente pressionei a ferida e assobiei com a nova dor que perfurou meu corpo. Mais sangue escorreu do corte e escorreu para o meu jeans. Ken tinha me cortado mais fundo do que eu tinha percebido.

— Gin? — Jade sussurrou novamente. — O que você quer que eu faça?

— Chame Silvio — eu disse, minhas palavras se arrastando um pouco. — Diga a ele que estacionei meu carro em uma casa na próxima rua. Ele vai tirar a pomada de cura do meu porta-malas.

Jade se arrastou para longe de mim, procurando através da bagunça no chão por um telefone que ela pudesse usar.

— Você precisa se deitar para que eu possa colocar alguma pressão sobre isso — disse Ryan.

Ele me ajudou a deitar no chão e depois colocou as mãos no meu estômago, aplicando pressão constante.

— Eu acho que esta é uma experiência nova para você, huh, doutor? Trabalhar em um paciente vivo em vez de um morto?

Ele sorriu para mim. — É uma mudança bem-vinda.

Eu ri e tive que parar, pois fez mais dor disparar pelo meu corpo, subindo cada vez mais alto com cada batida do meu coração, como uma onda prestes a me arrastar para baixo.

— Só não me deixe sangrar até a morte antes que Silvio chegue aqui — eu murmurei. — Ele nunca vai me deixar ouvir o final disso se eu morrer longe dele...

Estrelas brancas explodiram no meu campo de visão, junto com uma névoa branca que cobriu minha mente.

— Gin? Gin! — Ryan gritou. — Fique comigo!

Mas sua voz estava fraca e distante, e a onda de dor subiu novamente, mais alta e mais forte do que antes. Ela caiu sobre mim, varrendo todo o resto.

• • •

Eu estava presa em um mundo de sombras.

Assim que a Elemental do Fogo enviou seus homens atrás de mim, eu cambaleei para longe da borda das árvores e mergulhei no coração da floresta, desesperada para escapar antes que eles me encontrassem e me matassem.

E eu me perdi completamente no processo.

As formas escuras e torcidas das árvores pairavam como monstros esqueléticos ao meu redor, fazendo tudo parecer mais negro e mais sinistro do que nunca. Eu mal podia ver minha própria mão na frente do meu rosto, muito menos as raízes que se arqueavam do chão da floresta para me fazer tropeçar ou as rochas escondidas nas folhagens que esfaqueavam meus pés descalços, como uma centena de pequenas agulhas, cada uma trazendo uma picada aguda de dor.

Depois de tropeçar pela enésima vez, forcei-me a parar e olhar em volta. Mais à frente, mais árvores misturadas em um mar interminável de sombras, que eu poderia facilmente me perder para sempre. Atrás de mim, a várias centenas de metros à distância, a mansão da família Snow continuava a queimar, as chamas laranja-avermelhadas enganosamente brilhantes, alegres e convidativas na noite escura.

Eu mudei de pé e estremeci quando outra rocha escondida atingiu meu calcanhar. Rochas estupidas. Raízes de árvores estúpidas. Estúpido tudo. Um gemido áspero e amargo subiu na minha garganta, mas eu o engoli. Chorar certamente não ia ajudar em nada. Tudo o que faria era dizer a Elemental do Fogo e aos seus homens exatamente onde eu estava. Sem mencionar Hugh, aquele vampiro assustador. Eu não podia deixar nenhum deles me encontrar.

Então, eu mordi meu lábio e considerei minhas opções. Eu poderia continuar andando pela floresta e acabar quem sabia onde. Não haveria luz do dia por horas, e eu poderia ficar tão perdida aqui que eu nunca encontraria meu caminho de volta, especialmente porque eu não tinha comida, água ou outros suprimentos. Ou eu poderia voltar na direção das chamas, para mansão, e me orientar.

Era um grande risco, especialmente porque eu não sabia onde estavam a Elemental do Fogo, os seus homens, e aquele vampiro. Eu não tinha visto nenhuma lanterna subindo e descendo na floresta, então talvez eles estivessem procurando em uma área diferente. Talvez eles já tivessem passado por mim. Talvez eles já tivessem desistido e ido embora. De qualquer jeito, minha melhor chance de fugir deles era voltar para a casa. Se eu tivesse sorte, eu poderia encontrar a estrada e segui-la... para algum lugar, para qualquer lugar, menos aqui.

Então eu me virei e marchei de volta para a mansão, usando as chamas como um farol para mostrar o meu caminho. Eu estava tão em pânico que eu não tinha ido tão longe quanto eu pensava, e eu rapidamente consegui voltar para a borda da floresta. Eu deslizei para trás de uma árvore, olhando para a mansão, mas não vi ninguém se mexendo pelo quintal ou vagando por este lado da estrutura desmoronada. Meu coração acelerou. Talvez eu pudesse chegar até a estrada depois de tudo...

Uma mão segurou meu ombro e me girou.

Um gigante sorriu para mim, seus dentes tortos brilhando com a iluminação da lanterna em sua outra mão. — Olá, garota. Eu conheço alguém que quer falar com você.

O pânico inundou meu corpo, e novas ondas de dor explodiram em minhas mãos queimadas com o pensamento de enfrentar a Elemental de Fogo e sua magia cruel novamente. Eu não pensei. Eu apenas reagi. Eu ataquei e chutei o gigante no joelho o mais forte que pude.

Eu não fiz nenhum dano real, já que eu não estava usando sapatos, mas o golpe o surpreendeu e o fez perder seu aperto no meu ombro. Eu me abaixei sob o braço dele e corri para longe.

— Ei! — Ele sibilou. — Volte aqui!

Eu esperava que ele começasse a gritar que tinha me encontrado, mas a floresta permaneceu quieta, exceto pelo fogo contínuo cuspindo, assobiando e crepitando na mansão. O gigante deve ter pensado que ele poderia me perseguir sozinho.

Ele não estava errado sobre isso.

Eu entrei e saí das árvores, tentando desaparecer nas sombras, mas algo cortou meus pés descalços com cada passo, e eu estava mancando mais do que eu estava realmente correndo. Meu coração batia acelerado, suor escorria pelo meu rosto, e um ponto latejava no meu lado, ficando mais dolorido a cada segundo. Finalmente, essa dor me obrigou a parar e recuperar o fôlego. Eu me agachei atrás de um arbusto grande com galhos afiados, olhando para as sombras, esperando que o gigante entrasse pela floresta a qualquer momento.

Pense, Gin, pense! *Eu me repreendi. O gigante era muito maior e mais forte do que eu, e provavelmente tinha uma arma também. Eu não poderia fugir dele, então como eu poderia escapar?*

Não apenas escapar. Uma realização doente encheu a boca do meu estômago. Eu precisava mantê-lo quieto sobre me ver também. Eu precisava silenciá-lo.

Eu precisava matá-*lo.*

Eu não podia deixar o gigante voltar e dizer a Elemental do Fogo que eu ainda estava viva. Isso arruinaria qualquer pequena chance que eu tivesse de escapar, de sobreviver. Mas como eu poderia derrotá-lo? O que eu poderia fazer contra alguém que era muito maior, mais forte e mais perigoso do que eu?

Eu me forcei a respirar lenta e profundamente, tentando acalmar meu coração acelerado e bolar um plano. Então olhei em volta novamente, tentando descobrir onde estava.

Eu aprendi minha lição antes e fiquei perto da linha das árvores dessa vez, em vez de me aprofundar mais na floresta, mas não havia nada que me ajudasse. Eu não podia ir muito mais longe nessa direção, desde que havia um cânion à frente, um com pedras afiadas em ambos os lados e ao longo do fundo. Demasiadas pedras para eu descer, ainda mais no escuro, sem me cortar em pedaços. E isso se eu não escorregasse, caísse e quebrasse meu pescoço completamente.

Eu adorava andar pela floresta, fingir que era uma grande guerreira em uma grande aventura e uma jornada épica para salvar meu reino. Mamãe permitia, deixando-me vir aqui sempre que eu queria, mas ela sempre me avisou para não ir perto do cânion. Meu coração se apertou com o pensamento da

minha mãe, com a lembrança fresca e horrível de seu corpo carbonizado, mas forcei as imagens para longe e pensei. E uma simples conclusão chegou a mim.

Se as rochas do desfiladeiro podiam quebrar meus ossos, talvez elas também pudessem quebrar os do gigante.

— Ei! — Uma voz soou atrás de mim. — Você aí!

Um raio de luz brilhante cortou meu rosto, me cegando, então eu joguei minha mão para cima e apertei os olhos contra o brilho. O gigante tinha a lanterna apontada diretamente para mim. Meu coração afundou. De jeito nenhum ele não me viu. Eu estava sem tempo, então fiz a única coisa que pude.

Fiquei de pé e corri para o cânion, esperando que meu plano desesperado funcionasse de alguma forma...

— Gin? Gin, querida, acorde. — Uma voz suave e calma penetrou em minha memória de pesadelo.

A sensação fantasmagórica de pedras cortando meus pés lentamente desapareceu, e meus olhos se abriram. Jo-Jo estava debruçada sobre mim, o brilho branco-leitoso de sua magia do Ar movendo como nuvens nebulosas através dos olhos dela, enquanto o sol da tarde fazia seus cachos loiro-brancos brilharem como ouro puro. Lembrou-me do tubo de batom.

— Como você está se sentindo? — Ela perguntou.

Eu olhei ao redor e percebi que ainda estava na casa de Jade, deitada no mesmo sofá no escritório onde eu dormi na noite passada. Sentei-me lentamente, mexendo os dedos das mãos e pés, movendo meus braços e pernas, e alongando e testando meu corpo. Exceto por me sentir um pouco cansada pela perda de sangue, eu estava inteira novamente. Jo-Jo usou sua magia do Ar para selar o corte no meu estômago.

— Bem, graças a você.

Ela deu um tapinha na minha mão. — A qualquer hora, querida. A qualquer momento. Você fica parada por um minuto.

Ela saiu do escritório. Ouvi o leve murmúrio de conversa, e então Jade veio correndo para a sala, seguida por Silvio e Jo-Jo, ambos se movendo em um ritmo muito mais calmo. Jo-Jo deve ter curado Jade também, já que seu rosto estava agora livre de hematomas.

Jade começou a vir para me ajudar, mas eu acenei para ela. Silvio me olhou de cima a baixo, mas assim que ele percebeu que eu estava bem, ele suspirou, balançou a cabeça e começou a percorrer as telas em seu telefone. Jo-Jo estava na porta, me observando.

Eu fiquei de pé e dei um passo à frente. Eu vacilei um pouco, mas isso era de se esperar, dado o ferimento doloroso que eu sofri. Levaria um pouco de tempo ao meu cérebro para acompanhar meu corpo e perceber que eu estava bem.

Jade franziu a testa. — Você não quer se sentar? Você não deveria estar descansando? Você quase morreu.

— Na verdade — Jo-Jo falou lentamente, — a ferida foi bastante superficial, considerando todas as coisas.

Eu bufei. — Você quer dizer que não foi tão horrível quanto algumas das outras coisas que as pessoas me fizeram ao longo dos anos.

Ela sorriu com meu humor negro.

— Talvez você deva ir com calma — murmurou Silvio. — Só por algumas horas.

Eu bufei novamente. — Por favor. Vai precisar de mais do que uma pequena ferida de faca no meu estômago para me fazer descansar. Além disso, não posso me sentar à margem agora. Não quando nosso assassino finalmente cometeu alguns erros.

— Erros? — Jade perguntou. — Que erros?

— Todos aqueles homens que ele enviou aqui para matar você. Tem que haver algo em seus telefones e carteiras que vai nos dizer quem é esse cara e onde ele está mantendo Elissa — eu disse. — Então, vamos trabalhar e trazer sua irmã de volta.

Capítulo 20

Apesar dos contínuos protestos de Jade e Silvio, saí do escritório e voltei para o escritório na frente da casa. Ryan estava lá, vasculhando a bagunça no chão e tentando dar algum sentido aos arquivos e fotos. Ele também foi um destinatário da magia de cura do Ar de Jo-Jo, uma vez que todos os cortes e contusões que os anões infligiram nele haviam desaparecido de suas feições.

— Os outros não estão aqui ainda? — Eu perguntei. — Quanto tempo eu estive fora?

Silvio verificou seu telefone. — Apenas cerca de trinta minutos. Não se preocupe. Todos estão a caminho.

Jo-Jo teve que sair para voltar para seus clientes no salão, mas com certeza, Finn, Bria e Owen chegaram alguns minutos depois.

— Tem certeza de que você está bem, Gin? — Owen perguntou, seu olhar caindo para as manchas de sangue nas minhas roupas.

— Eu estou bem. — Eu sorri. — A maior parte do sangue não é meu.

Ele balançou sua cabeça. — Só você olharia assim.

Owen soltou um suspiro tenso, me pegou em seus braços e me segurou firme. Eu o abracei de volta ouvindo seu batimento cardíaco forte e constante. Depois de um minuto, ele me deixou ir, sabendo que nós tínhamos trabalho para fazer.

Caminhei até a próxima rua, peguei meu carro e estacionei na entrada de Jade. Peguei o batom Heartbreaker do meu console, junto com um novo

conjunto de roupas e uma grande lona preta do porta-malas, e voltei para dentro da casa.

Jade, Ryan e Silvio ainda estavam no escritório, tentando limpar o sangue dos arquivos do Dollmaker e colocando-os de volta em alguma espécie de ordem.

Chamar a polícia levaria a todos os tipos de perguntas estranhas sobre onde tínhamos conseguido os arquivos, bem como potencialmente alertar quem mandou esses homens atrás de Jade, então Bria estava aqui, mas não oficialmente. Ela se mudou de um cara morto para outro, tirando fotos de seus rostos com o celular, e também pegou todas as suas carteiras e telefones celulares.

Isso deixou para Finn e Owen, a tarefa não tão agradável de tirar os anões mortos do escritório.

— Por que *eu* fui eleito para mover os caras mortos? — Finn reclamou, relutantemente tirando a jaqueta e enrolando as mangas da camisa. — Meu terno é muito mais caro do que o de Silvio.

— Ouvi isso — disse Silvio, ainda sentado no chão e folheando papéis soltos.

— Eu quis que você ouvisse isso — Finn grunhiu de volta.

Owen revirou os olhos. — Menos conversa, mais levantamento.

Finn e Owen pegaram os anões mortos um por um, os arrastaram pela casa e saíram pela porta quebrada da cozinha os largaram no quintal. Quando estavam todos do lado de fora, eu desdobrei a lona preta e cobri os homens mortos. Não é a melhor maneira de esconder vários corpos, mas teria que servir até mais tarde, quando Sophia pudesse vir e se desfazer adequadamente deles.

Assim que isso foi feito, e Finn terminou de resmungar sobre arruinar outro terno, eu me limpei e vesti minhas roupas pretas habituais de assassina, e nós nos reunimos no escritório novamente. Jade e Ryan contaram a todos sobre o ataque. Então, foi a minha vez. Mostrei aos outros o tubo dourado de batom e contei sobre a misteriosa sombra e a pista que ele tinha deixado para trás na Northern Aggression.

— Posso ver isso, por favor? — Ryan perguntou.

Eu entreguei-lhe o tubo, e ele destampou, desenrolou o batom e segurou-o onde todos podiam ver.

Depois de alguns segundos, ele assentiu. — Oh sim. Essa é a mesma cor que estava nas mãos da última vítima.

— Também acho.

— E você tem certeza de que alguém estava se esgueirando em torno da boate? — Bria perguntou. — Que ele deliberadamente deixou o batom lá para você encontrar?

— Tenho certeza.

— Mas como ele sabia que você voltaria lá? — Ela perguntou. — Que você iria procurar novamente na área onde o corpo de Lacey Lawrence foi encontrado?

Eu balancei a cabeça. — Eu não sei. Mas é a melhor pista que temos além dos caras mortos lá atrás, então vamos segui-la e ver se podemos finalmente encontrar um nome para o Dollmaker.

Todos assumiram uma tarefa diferente. Bria ligou para Xavier e pediu que ele discretamente analisasse as fotos e identificações dos anões mortos através dos bancos de dados da polícia para ver se algum deles tinha uma ficha criminal e quem eram seus associados conhecidos. O SUV foi registrado para uma empresa de fachada, então Silvio começou a trabalhar para descobrir a quem o carro realmente pertencia. Finn pegou os telefones dos homens para ver se poderia tirar quaisquer informações deles, enquanto Jade, Ryan, Owen e eu classificamos os arquivos no chão, tentando combinar tudo de volta e ver se havia alguma coisa que podemos ter perdido ou ignorado.

O telefone de Finn soou, e ele puxou e olhou para a mensagem. — Ei, Gin. O gerente na Posh finalmente me enviou essa informação sobre as vendas do batom. Vou encaminhar para você.

Alguns segundos depois, meu telefone tocou. Peguei uma caneta e um pedaço de papel, sentei-me em uma parte do chão relativamente livre de sangue, e comecei a passar os nomes, concentrando-me em todos os homens que compraram tubos de batom Heartbreaker.

Para minha surpresa e desapontamento, havia muitos deles. Dezenas de homens – ou pessoas com acesso a seus cartões de crédito – tinham

comprado o batom, sem mencionar todas as pessoas que pagavam em dinheiro, ficando assim sem identificação. E não havia um padrão real para as vendas. Às vezes a boutique só vendia um tubo por semana. Às vezes, vendia dez.

No entanto, eu achei extremamente estranho que o mais recente tubo de batom tinha sido vendido no mesmo dia que eu encontrei a garota morta na Northern Aggression. Quem comprou aquele tubo em particular pagou em dinheiro, logo após as dez horas da manhã de ontem, logo após a loja abrir, então não havia nome ou informações de cartão de crédito. Eu duvidava que fosse o assassino, no entanto. Nesse ponto, ele teria tido Lacey Lawrence por pelo menos alguns dias, e ele já teria todos os suprimentos em mãos, especialmente o batom, já que parecia uma parte tão grande de seu ritual. Ainda assim, anotei essa compra, lembrando-me de verificar depois.

Nós trabalhamos em silêncio por cerca de trinta minutos. Bem, exceto por Bria, que murmurava para Xavier sobre os anões mortos, e Silvio e Finn, que digitavam e mandavam mensagens de texto como se suas vidas dependessem disso. Ryan e Owen se sentaram no chão no meio do escritório, colocando papéis e fotos de volta nos arquivos e caixas corretos dos casos. Jade os ajudou por um tempo, mas ela não conseguiu se concentrar. Eventualmente, ela ficou de pé e começou a andar pelo escritório, pelo corredor até a cozinha, e de volta.

Eu terminei a verificação dos últimos três meses de compras. Escrevi os nomes de todos os homens que compraram tubos de batom Heartbreaker, mas nenhum deles me chamou a atenção. Eu suspirei e passei para a próxima seção de informações. Talvez o batom não fosse tão boa pista como eu pensava...

As mãos de Silvio congelaram no teclado. O súbito silêncio me assustou e olhei para ele. Meu assistente se inclinou para frente até que seu nariz estava quase pressionado contra o seu tablet, e ele continuou olhando para a tela, como se não tivesse certeza de estar lendo a informação corretamente.

— O quê? — Eu perguntei. — O que é isso?

Ele continuou olhando para a tela, seus lábios enrugados em pensamento. — O SUV que os anões estavam dirigindo. Está registrado em uma empresa-fantasma registrada em outra empresa-fantasma... você entendeu a ideia.

— Sim. E daí?

— Bem, eu finalmente encontrei o dono de todas essas empresas, e é alguém com quem estamos familiarizados.

— Quem? — Finn perguntou com uma voz ansiosa.

Silvio olhou para mim. — Damian Rivera.

Dessa vez, pisquei, imaginando se o havia ouvido direito. — Damian Rivera? *Meu* Damian Rivera? Tem certeza?

Ele assentiu. — Tenho certeza. Ele é dono da empresa em que o carro está registrado, o que significa que esses são *seus* anões mortos debaixo da lona no quintal.

— Anões... — Eu murmurei, uma memória nadando em minha mente, lentamente entrando em foco. — Um anão com um bigode feio e um celular...

— Damian Rivera? — Owen franziu a testa, tentando reconhecer o nome. Seus olhos se arregalaram quando ele percebeu exatamente de quem estávamos falando. — Não é o cara que você espionou na outra noite, Gin? Aquele que é um membro do Círculo?

Finn disparou seu dedo e polegar para Owen. — Na mosca, Grayson.

Jade parou de andar. — Quem é Damian Rivera? E o que é o Círculo?

A memória finalmente se aguçou em minha mente. Eu fiquei de pé, corri pelo corredor e fui para o quintal. Eu puxei a lona preta dos homens mortos, me abaixei e estudei o rosto de Henry, o anão com o bigode preto e fino, aquele que parecera tão familiar.

Estava escuro da última vez que o vi, mas ainda o reconheci como o guarda que estivera patrulhando a propriedade do Damian Rivera duas noites atrás. Aquele que estava muito focado em seu videogame para me notar. Eu o deixei viver naquela noite, mas aqui estava ele, morto pelas minhas mãos afinal.

Oh, a ironia.

Esperança e adrenalina levantaram meu coração. Eu deixei a lona cair de volta no lugar e corri para a casa e para o escritório. A essa altura, todos os meus amigos estavam de pé.

— Gin? — Ryan perguntou. — O que você está fazendo? O que está acontecendo?

Em vez de responder, peguei meu telefone e passei o resto da informação de compra da boutique Posh. Meus dedos se contraíram com antecipação, mas obriguei-me a ir devagar, cuidadosamente olhando para cada linha por vez. Não nesta tela... ou na próxima... ou na próxima...

Finalmente, na última tela, encontrei seu nome, três a partir do final da lista.

Eu soltei um suspiro tenso e segurei meu telefone para que os outros pudessem ver. — De acordo com isso, Damian Rivera comprou meia dúzia de tubos de batom Heartbreaker da boutique Posh quase seis meses atrás.

Ryan olhou para mim, pegando minha linha de pensamento. — Isso seria batom mais do que suficiente para dar conta de todos os vestígios que encontrei nas vítimas desde então. Ele deve estar usando um novo tubo de batom a cada vez.

Finn estalou os dedos quando outro pensamento ocorreu a ele. — E nós já sabemos que Rivera gosta de bater nas pessoas. Silvio e eu temos toneladas de informações sobre ele. Nós dois vimos os relatórios policiais de todas aquelas namoradas e funcionários que ele colocou no hospital. Assassinato não estaria muito longe disso.

Eu pensei em quando espiei Damian Rivera em sua mansão. Hugh Tucker tinha aparecido e disse a Rivera para cuidar de algum problema antes que o Círculo agisse contra ele. E se esse problema era Rivera ser o Dollmaker?

De acordo com o que Tucker havia me dito, o Círculo tinha olhos e ouvidos em todos os lugares, e eu não tinha dúvidas que alguns desses espiões estavam no departamento de polícia. Talvez alguém tenha avisado Tucker sobre a investigação de Ryan, Bria e Xavier. Brutalmente espancar e estrangular uma dúzia de mulheres – e provavelmente mais que nós não sabíamos – e deixar seus corpos espalhados por toda Ashland com certeza atrairia atenção indesejada, mais cedo ou mais tarde. E os membros do

Círculo se orgulhavam de seu anonimato, pelo fato de que poucas pessoas sabiam que o grupo existia. A busca por um serial killer – especialmente um dos seus membros – poderia enviar todos os tipos de luz em suas sombrias operações, algo que eles gostariam de evitar a todo custo, mesmo que isso significasse se livrar de Rivera.

Algo sobre esse último pensamento me incomodou, algo sobre Rivera, Tucker e o Círculo. Algo sobre Rivera insultando Tucker sobre seu baixo status dentro do grupo. Algo sobre o misterioso chefe de Tucker e como ele dava a todos eles suas ordens. Mas eu não sabia exatamente o que era...

— É Rivera — disse Owen. — Tem que ser. Há muitas coisas que se somam e apontam diretamente para ele.

Meu pensamento, o que quer que tenha sido, desapareceu de volta no fundo do meu cérebro. Além disso, não era importante agora. Encontrar Elissa era a única coisa que importava. Depois que ela estivesse segura, então eu lidaria adequadamente com Damian Rivera e faria todas as minhas muitas perguntas sobre o Círculo.

As mãos de Jade se cerraram em punhos e a raiva acendeu em seus olhos. — Onde ele mora? Onde ele está mantendo Elissa?

— Não se preocupe — eu disse. — Nós vamos visitá-lo e descobrir.

Capítulo 21

Por mais que todos nós quiséssemos dirigir imediatamente para a mansão de Damian Rivera, invadir o local e confrontá-lo, nós sabíamos que tínhamos que ser espertos sobre isso.

Pelo bem de Elissa.

Se Rivera percebesse que estávamos atrás ele, se ele achasse que tínhamos alguma pista sobre o que ele tinha feito com todas aquelas mulheres, ele poderia facilmente matar Elissa, sair de Ashland e desaparecer. Ele tinha dinheiro e conexões suficientes para desaparecer e viver seus dias em alguma ilha tropical remota, e nunca mais ser visto ou se ouvir falar dele de novo. Nenhum de nós queria que isso acontecesse, mas percebemos que estávamos correndo contra o tempo. Todos os seus homens estavam mortos, e quando eles não entrassem em contato com ele em uma hora ou duas, Rivera provavelmente perceberia que eles não voltariam, e ele agiria adequadamente. Nós precisávamos estar em posição de resgatar Elissa antes que isso acontecesse.

Entramos na cozinha e nos reunimos em torno da mesa para que pudéssemos sentar e debater juntos. Finn e Silvio mostraram todas as informações que haviam compilado sobre Rivera, passando tela após tela em seus telefones, tentando identificar exatamente onde ele poderia estar mantendo Elissa.

— Ele tem propriedades em toda a cidade, graças ao negócio imobiliário de sua falecida mãe — disse Finn. — E estes são apenas os que estão

oficialmente registrados. Ele poderia ter mais edifícios fora dos registros ou sob outro nome ou empresa que nem conhecemos.

— Finn está certo. — Silvio balançou a cabeça. — Elissa poderia estar em qualquer um dos locais.

Eu me levantei e comecei a andar pela cozinha, da mesma maneira que Jade tinha feito antes, tentando me lembrar de todos os pequenos detalhes da conversa de Rivera e Tucker na outra noite. Um deles tinha dito algo sobre um convidado... uma mulher...

Eu parei. Não, não eles, Bruce Porter. O anão foi quem mencionou que ele ter acomodado a "convidada" de Rivera em seu quarto. E se ele estivesse falando sobre Elissa? Isso significava que ela estava na mansão de Rivera naquela noite, e ela ainda poderia estar lá agora.

— Esqueça suas outras propriedades — eu disse. — Vamos nos concentrar na mansão.

Eu disse aos outros minha teoria.

— Esse é um fio fino para seguir — disse Ryan. — Você realmente acha que Rivera seria estúpido o suficiente para manter todas as mulheres que ele sequestra e mata em sua residência principal? Isso não exatamente se encaixa com o quão cuidadoso ele é sobre não deixar nenhuma evidência.

— Absolutamente — eu disse. — Pense nisso. Damian Rivera é um bêbado mesquinho e arrogante. Ele acha que pode fazer o que quiser e que ninguém pode tocá-lo só porque ele é um membro do Círculo. Além disso, ele se deu ao trabalho de sequestrar todas essas mulheres, mantê-las como reféns e fazê-las realizar qualquer fantasia sádica que ele sonhou. Ele não gostaria de arriscar escondê-las em algum lugar onde ele não poderia chegar a elas rapidamente. Ele manteria Elissa em algum lugar por perto, assim como ele provavelmente fez com as outras. A mansão é nossa melhor aposta.

Os outros concordaram, e passamos a planejar exatamente como iríamos nos aproximar o suficiente para entrar a mansão. Se estivesse perto do anoitecer, eu teria ido sozinha, assim como eu tinha feito dois noites atrás. Mas eram três da tarde, o que significava que ainda havia muita luz do dia e nenhuma sombra para me esconder. Comecei a andar de novo, revirando o problema repetidamente em minha mente.

— Precisamos tirar Rivera da mansão, junto com o maior número possível de guardas — disse Bria. — Menos homens significam menos segurança e menos chance de algo dar errado e Elissa se machucar.

— Mas como fazemos isso? — Owen perguntou. — Não é como se pudéssemos simplesmente ligar para ele e pedir para ele sair para entrarmos e revistar o lugar enquanto ele estiver fora.

Uma ideia surgiu em minha mente. Quanto mais eu pensava nisso, mais certeza eu tinha de que funcionaria. Aproximei-me, me inclinei, peguei o rosto de Owen e dei-lhe um beijo longo e profundo.

Após quase um minuto e um par de assobios e reclamações de Finn, eu recuei, sorrindo para ele. — Você, Owen Grayson, é oficialmente um gênio.

Owen piscou algumas vezes, tentando se concentrar nas minhas palavras. — Eu sou?

— Você certamente é. — Eu o beijei novamente, então me endireitei e olhei para Finn. — Eu preciso do número de um dos seus contatos.

Finn suspirou. — Eu não vou gostar disso, vou?

— Provavelmente não.

Eu disse a ele para quem eu queria ligar. Finn estava certo. Ele definitivamente não gostou, mas percebeu que era a nossa melhor opção, então apertou um botão na discagem rápida e entregou o telefone para mim.

Uma voz grossa e congestionada respondeu no terceiro toque. — Olá?

— Olá, Sr. Mosley. Aqui é Gin Blanco. Lembra-se do favor que você me ofereceu hoje cedo? Bem, estou pronta para pedi-lo.

• • •

Trinta minutos depois, eu estava de volta onde eu tinha começado duas noites atrás na floresta atrás da enorme propriedade de Damian Rivera. Só que desta vez, Finn, Bria e Owen se agacharam dentro da linha das árvores comigo, enquanto Silvio, Jade e Ryan estavam esperando no carro de Silvio na rua em frente à mansão. Jade queria vir conosco para a floresta, mas eu finalmente a convenci de que uma pequena equipe era a melhor opção para encontrar Elissa e tirá-la da mansão com segurança.

Por mais que eu quisesse confrontar Rivera, encontrar Elissa era nossa prioridade. Uma vez que ela estivesse segura, todas as apostas seriam canceladas. Eu podia ser uma assassina, mas Fletcher tinha me treinado para seguir seu código, e isso não incluía torturar pessoas. Mas eu percebi que o velho não se importaria que eu fizesse uma exceção para Rivera por todas aquelas mulheres que ele torturou e assassinou. Além disso, eu ainda precisava de informações sobre o misterioso líder do Círculo. Se Rivera me daria de bom grado ou gritando as respostas depois que eu o cortasse como uma salada picada, bem, isso dependia dele.

Eu estava esperando pela segunda opção, no entanto.

Examinei a mansão e o terreno novamente. Uma estrutura de dois andares de pedra cinza, cercada por hectares de grama, com a casa de campo de Bruce Porter sozinha no fundo da propriedade. Alguém tinha finalmente conseguido tirar todas as luzes de Natal e remover todos os flocos de neve, laços de veludo branco e outras decorações.

De acordo com Silvio, meia dúzia de anões estava guardando a frente da mansão como de costume, mas nenhum estava patrulhando as terras aqui atrás. Eu supus que não deveria ter me surpreendido com isso, já que matei Henry. Eu estava apenas esperando que Rivera não tivesse notado quanto tempo seus homens estavam fora.

Bria e Owen espiaram através de seus binóculos na parte de trás da mansão, enquanto Finn mandou uma mensagem para Silvio em seu telefone, avisando-o que estávamos em posição. Eu espalmei uma das minhas facas, focando no peso familiar, reconfortante e nas runas de aranha no punho e minha mão pressionando contra cada uma. Alguém tinha zombeteiramente desenhado minhas runas na última vítima do Dollmaker, chamando a minha atenção e me desafiando a encontrá-lo. Eu ainda não tinha certeza se tinha sido Rivera, mas de qualquer forma, ele seria o único a se arrepender disso.

— Onde você acha que ele está mantendo Elissa? — Owen perguntou. — A mansão não tem um porão, então ela tem que estar em algum lugar acima do solo.

Bria baixou os seus binóculos, a boca torcendo-se de repulsa. — Você pensaria que um dos criados notaria algo assim. Rivera mantendo uma mulher em cativeiro.

— Talvez eles tenham — disse Finn, ainda mandando mensagens de texto. — Talvez ele os pague para olharem para o outro lado.

— Por cada mulher que ele sequestrou e assassinou nos últimos dois anos? Eu não me importo se ele paga bem aos seus criados ou aos seus guardas. Alguém teria uma consciência. Alguém teria quebrado e falado nesta altura. No mínimo, alguém teria tentado chantageá-lo por mais dinheiro para ficar quieto. — Bria balançou a cabeça, fazendo seu rabo de cavalo loiro balançar de um lado para o outro. — Algo sobre isso que não parece certo. Estamos perdendo algo sobre essa coisa toda. Algo grande.

Ela estava expressando as mesmas preocupações e perguntas que eu me fiz uma dúzia de vezes nas últimas duas horas, desde que começamos a nos concentrar em Rivera. Mas nós estávamos aqui, e era tarde demais para voltar atrás agora. Eu não ia voltar agora. Eu não *podia.* Não até encontrarmos Elissa. E se tivéssemos que procurar em cada centímetro quadrado da mansão, então que assim seja. Eu prometi a Jade que faria tudo em meu poder para encontrar sua irmã, e eu ia viver de acordo com isso. Manter sua palavra era outra parte de seu código que Fletcher tinha perfurado em mim, e eu não seria capaz de me olhar no espelho de outra forma.

— Nós pensamos que Elissa está na mansão — disse Owen, baixando seus binóculos. — Mas o que nós faremos se ela não estiver?

Eu mostrei minha faca para ele. — Então, vamos pegar Rivera e eu vou cortar as respostas dele. Ele pode ser um serial killer, mas posso convencê-lo a falar. Confie em mim.

— Eu estou bem com esse plano — Owen murmurou.

Bria assentiu. — Eu também.

O telefone de Finn se iluminou. Ele olhou para o identificador de chamadas e levantou um dedo, pedindo-nos para ficar quieto, antes de responder. — Sim senhor? Claro, senhor. Obrigado, senhor. — Ele desligou e olhou para mim. — Mosley fez a chamada. Damian Rivera foi alertado para uma transação muito suspeita em uma de suas contas, totalizando mais de

três milhões de dólares. Mosley pediu-lhe para ir ao banco pessoalmente para poderem verificar isso.

Eu assenti. Esse foi o favor que eu pedi a Mosley, dada a sua posição no First Trust Bank.

Bria e Owen pegaram seus binóculos novamente e encararam a mansão, enquanto Finn mantinha os olhos colados no celular, esperando uma atualização de Silvio. Eu olhei para o gramado, mas nenhum guarda apareceu, nem mesmo Bruce Porter voltando para a sua casa de caseiro.

Finn já havia andado ao redor da casa e espiou por todas as janelas, certificando-se de que a estrutura estava vazia. Porter devia estar na mansão com Rivera. Esperançosamente o anão conduziria o seu chefe até o banco e levaria pelo menos um par de homens com eles. Quanto menos guardas aqui, melhor seria para nós e especialmente Elissa.

Um minuto se passou, depois dois, então três. A preocupação fria escorria pela minha espinha. E se Rivera não mordesse a isca? E se ele não fosse ao banco? E se ele não saísse da mansão?

Minha mão apertou a faca. Então eu entraria e o confrontaria no final das contas, não importando quantos guardas estivessem lá com ele…

O telefone de Finn se iluminou com uma nova mensagem. — Silvio diz que um carro acabou de sair do portão da frente. Porter dirigindo, e Rivera no banco do passageiro.

Eu estava esperando que eles levassem pelo menos mais um homem com eles, mas essa era a melhor – e a única – chance que tínhamos de encontrar Elissa.

— Bom — eu disse. — Vamos pegar nossa garota de volta.

Finn assentiu e mandou uma mensagem para Silvio, dizendo que estávamos entrando. Ele guardou o telefone e puxou uma arma com silenciador das suas costas. Bria e Owen tinham armas semelhantes em suas próprias mãos. Todos nós conectamos transmissores em nossos ouvidos para que pudéssemos conversar um com o outro, verificamos para ter certeza de que estavam funcionando corretamente, e nos dirigimos para a mansão.

Como nenhum guarda estava patrulhando aqui atrás, fomos capazes de correr por todo o gramado e para o pátio de pedra que rodeava a piscina.

Nós nos agachamos atrás da mobília do pátio e olhamos através das janelas. Vi duas mulheres no quarto onde a gigantesca árvore de Natal tinha estado, guardando enfeites e outras decorações de Natal. Eu olhei através das outras janelas, mas não vi mais funcionários ou guardas.

— Lembrem-se — eu sussurrei para os outros. — Precisamos ser mais silenciosos e invisíveis possível. Nós entramos, pegamos Elissa e saímos.

Finn, Bria e Owen acenaram de volta para mim, e nós quatro nos separamos. Mantendo-se abaixados, Finn e Bria correram para uma porta lateral, que estava destrancada e desapareceram dentro da mansão. Owen e eu subimos a mesma treliça que usei duas noites atrás para chegar ao segundo andar.

Eu fiquei de pé, me apressei e encostei na lateral da mansão. Esperei até Owen estar ao meu lado, e então me inclinei para frente e olhei pela janela.

O arco de veludo branco tinha sido removido da moldura, dando-me uma visão clara do interior. O escritório de Rivera parecia o mesmo de antes. Mesa vazia no canto, bar chique e prateleiras de bebidas ao longo de uma parede, fotos alinhadas na lareira, antiguidades caras em todos os lugares. Decepção me encheu. Agora que sabíamos que Rivera era a Dollmaker, eu meio que esperava ver Elissa amarrada a uma cadeira no escritório. Mas é claro que as coisas nunca poderiam ser tão simples e fáceis.

Ainda assim, o escritório estava vazio, então estendi a mão e levantei a janela, que estava destrancada. Eu segurei minha respiração, assim como eu fiz na outra noite, esperando que alarmes soassem, mas nenhum o fez. Rivera não havia consertado sua falha de segurança, e eu ia tirar vantagem disso novamente.

Owen e eu entramos no escritório, e deixei a janela aberta atrás de nós, para o caso de precisarmos fazer uma saída rápida com Elissa.

— Para onde agora? — Owen sussurrou.

— Como ela não está aqui, é mais provável que Elissa esteja no quarto de Rivera. É o maior quarto da mansão, além deste escritório. Vamos lá.

Nós caminhamos até a porta do escritório e paramos, ouvindo, mas nenhum movimento soou do outro lado da madeira grossa. Owen virou a maçaneta e abriu a porta para que eu pudesse espiar no corredor. Estava

vazio e fiz um gesto para ele abrir totalmente a porta. Nós deslizamos para o corredor e paramos, olhando e ouvindo, mas a mansão permaneceu silenciosa.

Eu fiz uma careta. Normalmente, o silêncio teria sido uma coisa boa, mas agora me incomodava. Os homens do perímetro de Rivera haviam desaparecido por mais de duas horas. Você pensaria que alguém teria notado e tentado contatá-los agora. Se meus homens não tivessem retornado de um trabalho, eu teria tenho feito tudo o que estava ao meu alcance para rastreá-los, além de aumentar a segurança e trazer mais guardas. Talvez Rivera estivesse bêbado demais para perceber, ou talvez ele simplesmente não se importasse com o que aconteceu com eles. Talvez seus guardas fossem tão descartáveis para ele quanto todas as mulheres que ele assassinou.

Apesar do artifício de Mosley de tirar Rivera da mansão, eu ainda esperava que o lugar estivesse cheio de guardas, mas estava tão silencioso quanto um túmulo. Esquisito. Mais preocupação e apreensão me varreram, mas nós estávamos aqui agora, e eu não sairia sem Elissa, não importando quais perigos pudéssemos encontrar.

Fiz um gesto para Owen ficar atrás de mim. Ele balançou a cabeça e juntos nós andamos pelo corredor, abrindo silenciosamente todas as portas e olhando para todos os cômodos pelos quais passamos.

Mas todos eles estavam vazios, exceto pelo fino mobiliário.

Minha frustração aumentou com cada quarto que procuramos. A mansão era grande, mas não era infinita, e estávamos ficando sem lugares para procurar. Finalmente, cheguei à porta do quarto de Rivera, o último quarto deste andar. Mais uma vez, parei, ouvindo, mas não ouvi nada.

Olhei para Owen, ele levantou a arma e assentiu, dizendo que estava pronto. Eu assenti de volta.

Eu tentei a maçaneta, esperando que ela estivesse trancada, mas também estava aberta, assim como tudo o mais na mansão. Certamente, Damian Rivera não seria tão tolo a ponto de sequestrar alguém e não mantê-la sob controle à sete chaves, mas, aparentemente, ele era. Então, eu decidi rolar com a minha boa sorte. Eu abri a porta e, Owen e eu, entramos no cômodo, nossas armas prontas.

Mas também estava vazio.

Uma enorme cama de dossel dominava o espaço, lençóis de seda preta arrastando para um lado e para baixo no chão. Relógios antigos, vasos e outras bugigangas cobriam as mesinhas de cabeceira dos dois lados da cama e a cômoda de mogno espelhada que ocupava a maior parte de uma parede. Taças de champanhe vazias e garrafas espalhadas pelo chão, e algumas saíam de debaixo da cama e da cômoda. O ar cheirava a álcool e fumaça de charuto, misturado com a colônia nauseantemente doce de Rivera.

Mas Elissa não estava aqui, e não havia sinal de que ela esteve aqui. Sem cordas ou outras restrições empoleiradas nas mesas de cabeceira, nenhuma roupa ou acessórios das mulheres espalhados pelo assoalho, e, o mais revelador de tudo, sem tubos dourados de batom Heartbreaker apoiados na cômoda. Frustração subiu através de mim, mas eu a empurrei para o lado, apressei-me e abri a porta do closet, enquanto Owen verificava o banheiro em anexo.

Mas ambos estavam vazios também.

— Droga! — Eu assobiei. — Ela não está aqui. Finn, Bria, vocês têm alguma coisa aí embaixo?

A voz de Finn estalou de volta para mim um segundo depois. — Nada. Nenhum sinal de Elissa em qualquer lugar. Apenas aquelas duas mulheres ainda trabalhando nas decorações de Natal. Sinto muito, Gin.

Suspirei. — Sim. Eu também. Continue olhando. Owen e eu faremos o mesmo aqui.

— Entendido. — Finn falou.

Owen e eu procuramos no quarto, mas não havia nada fora do comum, exceto por todas as garrafas vazias de champanhe.

Owen balançou a cabeça. — Certamente ele não bebe tudo isso sozinho, não é? É uma maravilha o fígado dele não ter explodido ainda.

Soltei uma risada dura e sem humor. — Você deveria tê-lo visto beber álcool em seu escritório na outra noite. Você pensaria que era água e ele tinha acabado de correr uma maratona do jeito que ele estava bebendo.

Isso me incomodou também, mais do que qualquer outra coisa, sobre toda essa situação. Claro, Damian Rivera era arrogante, e ele gostava de bater

nas pessoas. Mas ele também era um bêbado preguiçoso. Ele não parecia ter a inteligência para sequestrar e matar tantas mulheres, muito menos se safar por tanto tempo sem deixar nenhuma evidência. Mas eu não tinha tempo para pensar nisso agora, então saímos do quarto e revistamos o andar inteiro de novo, procurando por qualquer coisa que pudesse nos levar a Elissa.

Mas, depois de dez minutos, tive que admitir a derrota. — Ela não está aqui — eu disse, conversando com Finn e Bria através de nossos fones de ouvido novamente. — Ela simplesmente não está *aqui*.

— Sim. — A voz de Finn estava tão triste quanto a minha estava frustrada. — Não há sinal dela aqui embaixo também. Vamos nos encontrar no pátio e nos reagrupar.

Owen e eu voltamos para o escritório para sair da mesma maneira que entramos. Eu não queria que Rivera soubesse que alguém esteve dentro de sua mansão. Pelo menos, não até encontrarmos Elissa. Owen foi até a janela e olhou para fora, verificando para ter certeza de que nenhum dos guardas tinha vindo para a parte de trás da casa. Mas eu fiquei na frente das fotos na lareira, olhando para elas novamente e esperando encontrar algo, *qualquer coisa* que me dissesse onde Elissa estava.

Por alguma razão, me vi estudando aquela foto de Damian com seus pais. Em particular, a mãe, Maria, me chamou a atenção. O estranho foi que, quanto mais eu olhava para ela, mais eu percebia que Maria Rivera parecia exatamente como Elissa e todas as outras vítimas do Dollmaker. Jovem, loira, bonita. Mas o que fez meu coração parar e fez um calafrio percorrer minha espinha foi sua maquiagem.

Seus lábios estavam pintados em um tom familiar de vermelho-sangue.

Claro, ela não estava segurando um tubo de batom na foto, mas eu sabia – eu sabia, no fundo meus ossos – que ela estava usando a cor Heartbreaker.

Isso tudo poderia ser sobre Maria Rivera? Damian teve alguns problemas profundos com a mãe que o transformaram em um serial killer? Ele estava sequestrando mulheres para que ele pudesse matar sua própria mãe repetidamente? Se sim, por quê? O que Maria fez com seu próprio filho

que era tão terrível? Isso o fez querer bater e estrangular suas substitutas uma e outra vez?

Owen notou que eu tinha parado em frente a cornija da lareira e se aproximou de mim. — O que você é olhando?

Eu apontei para a foto. — Quem é que ela te faz lembrar?

Ele não viu por um momento, mas então ele se inclinou para frente, seus olhos se estreitando com compreensão. — Elissa... e todas as outras vítimas.

Eu assenti. — Sim. Rivera é o nosso cara. Ele tem que ser.

— Então, onde está Elissa? — Owen perguntou.

— Eu não sei, mas não vou sair daqui sem ela. Vamos lá. Vamos encontrar Finn e Bria.

Owen assentiu e voltou para a janela, mas eu fiquei onde estava, ainda olhando para aquela foto de Maria Rivera em pé com Damian e o seu pai, Richard, com Bruce Porter pairando no fundo. Era uma imagem familiar comum, completamente inocente e inócua. Mas, mais uma vez, algo sobre esta situação toda me incomodou, alguma coisinha irritante que eu não conseguia colocar meu dedo. Olhei a foto pela terceira vez, mas, por mais que tentasse, não conseguia decifrá-la.

— Gin? — Owen perguntou. — Está pronta?

— Sim — eu disse, finalmente me afastando da foto. — Vamos lá.

Capítulo 22

Owen e eu saímos pela janela aberta do escritório, atravessamos o telhado e descemos pela treliça. Finn e Bria estavam esperando perto da piscina, com as armas na mão, mais uma vez agachados atrás da mobília do pátio.

— Agora o quê? — O olhar verde de Finn disparou de um lado para o outro, à procura de quaisquer empregados ou guardas.

— Agora nos espalhamos e expandimos nossa busca — eu disse. — Só porque Elissa não estava na mansão, não significa que Rivera não tenha a escondido por aqui em algum lugar. Talvez ele esteja mantendo-a em uma das dependências. Então, vamos nos separar novamente e procurar por ela.

Os outros assentiram, e Finn pegou seu telefone e mandou uma mensagem para Silvio, dizendo a ele o que nós iríamos fazer. Quase imediatamente, o telefone de Finn se iluminou com uma nova mensagem.

— Silvio, Jade e Ryan ainda estão em posição na rua do lado de fora da frente da mansão — Finn disse. — Tudo está quieto daquele lado da propriedade, e nenhum dos guardas se afastou de seus postos. Ainda estamos limpos.

Eu assenti. — Vamos começar a trabalhar, então.

Finn e Bria foram para a esquerda, e Owen e eu fomos para a direita.

Como em muitos desses lugares em Northtown, a propriedade de Damian Rivera era como sua própria cidadezinha. Vários galpões e dependências cercavam a estrutura principal em ambos os lados,

posicionados em pequenos grupos de árvores para se misturar com o resto do paisagismo imaculado.

Owen e eu fomos de um galpão para outro, tomando cuidado para ficarmos fora do campo de visão dos guardas patrulhando a frente da mansão. Ele vigiava enquanto eu deslizava dentro de cada estrutura que vimos e procurava por Elissa. Os galpões continham de tudo, desde cortadores de grama e outros equipamentos de jardinagem, material de limpeza da piscina, até caixas de plástico vermelhas e verdes cheias com luzes e decorações de Natal que tinham coberto a mansão. Nós nos movemos com cuidado, rápida e silenciosamente, olhando em todos os cômodos, olhando para os cantos cobertos de teia de aranha, e procurando no chão por qualquer alçapão ou porão.

Mas não havia nada. Não havia roupas ou acessórios femininos espalhados por uma mesa, sem nenhum sinal de pegadas feitas por sapatos de saltos altos de uma mulher na poeira, sem tubos dourados de batom brilhando em uma prateleira. Não havia um único sinal de Elissa em lugar algum.

Mais e mais frustração me atravessava, queimando como ácido em minhas veias, e mais uma vez, eu tinha a sensação incômoda de que estava faltando algo importante, algo óbvio. Dez minutos depois, Owen e eu tínhamos verificado todos os prédios do nosso lado da propriedade, e voltamos para a área piscina.

— Finn, Bria, vocês encontraram alguma coisa? — Perguntei através do transmissor.

A voz de Finn estalou de volta para mim um segundo depois. — Nada. Nada, e nós olhamos em todo lugar deste lado da propriedade. Eu nem vejo cordas que possam ser usadas para amarrar alguém. Se Elissa está aqui, então Rivera está fazendo um ótimo trabalho em escondê-la.

Ainda mais frustração passou por mim, e eu estendi a mão e massageei minha testa, que estava de repente doendo. — Tudo bem. Vocês saiam pela floresta daquele lado da mansão e vão encontrar-se com Silvio, Jade e Ryan na frente. Owen e eu vamos certificar-nos de que não ignoramos qualquer

coisa e sairemos pela floresta na parte de trás da mesma maneira que entramos. Nos encontraremos em poucos minutos.

— Entendido. — Finn concordou novamente.

Owen olhou para mim. — Nós vamos encontrá-la, Gin. Eu sei que vamos.

Eu solto um longo e tenso suspiro. — Eu gostaria de ter a sua confiança. Parece que tudo o que fiz nos últimos dias foi correr em círculos, sem ir a lugar nenhum.

Ele levantou a mão e segurou minha bochecha, seus dedos quentes e fortes acariciando meu rosto. — Você vai chegar a algum lugar. Eu sei que vai.

Eu agarrei sua mão e apertei um beijo em sua palma. — Eu te amo por dizer isso, e eu te amo mais por realmente acreditar nisso. Então, vamos repassar tudo de novo. Elissa tem que estar aqui em algum lugar. Ela *tem* que estar.

Nós saímos do pátio e pegamos o mesmo caminho de antes, evitando os guardas e caminhando de uma dependência para a outra, verificando para ter certeza de que tínhamos olhado absolutamente em todos os lugares. Mas nós tínhamos, e não havia nada para fazermos, além de voltar para o gramado.

Dez minutos depois, estávamos nos fundos da propriedade, nos preparando para entrar na floresta, quando uma série de murmúrios baixos chegou ao meu ouvido. Parei e me virei, examinando o terreno, imaginando de onde vinham os sons, já que estávamos a várias centenas de metros da mansão agora. E percebi que havia um lugar que ainda não tínhamos procurado.

A casa do caseiro.

Meus olhos se estreitaram e eu estendi minha magia de Pedra, ouvindo. Com certeza, as pedras da casa do caseira eram as que estavam murmurando, as notas duras se repetindo uma e outra vez, quase como se fossem as palavras de uma música tocando em meus ouvidos.

Sangue, violência, dor, morte... sangue, violência, dor, morte...

De acordo com a informação que Finn e Silvio tinham desenterrado, Bruce Porter tinha vivido casa de caseiro por anos. Como chefe de segurança de Rivera, Porter supervisionava todos os outros guardas e funcionários. Ele

saberia tudo o que se passava aqui, incluindo as tendências de seu chefe. Porter provavelmente não teria nenhum problema em deixar Rivera usar a sua casa, desde que o anão conseguisse manter o seu emprego confortável. O prédio também era isolado o suficiente para impedir que os outros guardas e empregados percebessem o que estava acontecendo realmente lá dentro. Foi por isso que ninguém havia falado, como Bria tinha pensado que eles poderiam fazer.

Owen notou que eu não o estava seguindo, e ele parou e se virou. — O que foi? — Ele levantou a arma. — Há algo errado?

— A casa de caseiro — murmurei.

— Mas Finn olhou através das janelas quando chegamos aqui — disse ele. — Elissa não estava lá dentro.

Eu alcancei minha magia novamente, ouvindo os gritos contínuos da pedra.

Sangue, violência, dor, morte... sangue, violência, dor, morte...

E percebi que os sons eram mais fortes, mais altos, mais frescos do que dois dias atrás. As vibrações emocionais se desvanecem com o tempo. Elas não ficam mais fortes. Não, a menos que alguém estivesse por perto para fazer com que os sons aumentem com seu terror agudo e seu medo revolvendo o estômago.

— Gin? — Owen perguntou novamente.

Sangue, violência, dor, morte... sangue, violência, dor, morte...

— Elissa não estava em qualquer lugar que Finn pudesse ver através das janelas — murmurei novamente. — E ele não podia *ouvir* as pedras. Não como eu posso. Mas ela está lá. Eu sei que ela está. Vamos lá.

Eu fui nessa direção, com Owen me seguindo. Através do meu fone de ouvido, ouvi Finn dizer que ele e Bria estavam de volta em segurança no carro deles e manteriam suas posições até que os encontrássemos, mas eu não respondi, muito mais interessada no que as pedras tinham a dizer no momento.

Owen e eu caminhamos de volta para a casa de caseiro. Embora ainda fosse o período da tarde, Porter havia deixado algumas luzes acesas lá dentro. Eu caminhei em volta da estrutura, olhando em todas as janelas, mas parecia

tão vazia como quando Finn havia verificado. Owen veio comigo, ainda me dando cobertura. Eventualmente, acabamos de volta na frente da casa.

Eu tentei a porta, mas estava trancada. E não apenas com uma simples trava como as que estavam em todas as portas da mansão. Esta tinha três bloqueios seguidos. Esse era um exagero total – a menos que você tivesse algo para esconder.

Como a garota que você sequestrou e planejava matar.

— Gin? — A voz de Finn soou através do meu fone de ouvido. — Nós temos um problema. O carro de Rivera está entrando pelo portão da frente. Ele já voltou do banco. Parece que Mosley não conseguiu segurá-lo por tanto tempo quanto esperávamos.

Eu chequei meu relógio. Nós estávamos procurando por Elissa há mais de uma hora. Me levaria vários mais minutos para fazer picaretas de Gelo e para realmente abrir as três fechaduras, e Damian Rivera poderia vir aqui a qualquer momento para checar sua refém. Por isso eu decidi ser direta sobre as coisas. Gesticulei para Owen se afastar, e então eu coloquei minha mão na porta, bem em cima das fechaduras, e explodi todas elas com minha magia de Gelo.

Três polegadas de Gelo elemental cobriram as fechaduras em questão de segundos. A madeira e metal gritaram e gemeram em protesto, quase tão alto quanto as pedras que ainda estavam resmungando, mas eu ignorei os sons, enviei outra onda de magia, e explodi através das fechaduras e toda a madeira ao redor. Pedaços quebrados de metal voaram, junto com lascas compridas e pedaços afiados, semelhantes a agulhas do meu Gelo elemental.

No segundo em que as fechaduras se abriram, um alarme alto soou e as luzes começaram a piscar dentro da cabana, o que só me deixou ainda mais convencida de que Elissa estava lá dentro.

— O que é isso? — Finn gritou no meu ouvido. — O que você fez, Gin?

— Só uma pequena invasão de propriedade! — Eu gritei para ele sobre o barulho contínuo do alarme.

— Bem, eu posso ouvir tudo até aqui na rua! — Ele falou novamente. — O que significa que os guardas podem ouvir também!

— Fique aqui — eu disse a Owen. — Eu vou entrar e procurar por Elissa.

Ele assentiu e levantou a arma, seu olhar fixo na mansão ao longe, onde as luzes interiores e exteriores também piscavam no mesmo tempo que o sistema de alarme da casa de caseiro. Ele iria me dar cobertura e segurar os guardas o quanto pudesse, mas eu precisava fazer minha parte rapidamente. Então, abri a porta com meu ombro e corri para dentro.

A parte da frente da casa era um enorme espaço aberto que era um escritório, cozinha e sala de jantar, tudo em um. Eu já tinha visto tudo isso através das janelas, por isso eu fui até uma porta que levava a um quarto e a abri. Elissa não estava nesse cômodo também, então eu abri a porta do armário. Ele também estava vazio, então fui para o banheiro anexo. Ainda nenhum sinal dela, então voltei para a parte principal da casa, olhando em volta novamente.

Agora que eu estava realmente dentro da estrutura, os gritos das pedras eram mais fortes e mais altos do que nunca, soando nos meus ouvidos junto com o alarme. Este era definitivamente o lugar onde Rivera manteve suas vítimas por dias a fio antes de as espancar e estrangulá-las até a morte. Mas onde estava Elissa? Se ela estivesse gritando para eu ajudá-la, eu não poderia ouvi-la por causa do barulho constante do alarme.

Então, eu me movi pela casa novamente, procurando em todos os lugares, e contando os segundos na minha cabeça. Owen e eu provavelmente tínhamos cerca de cinco minutos antes dos guardas chegarem com força total, e eu precisava encontrar Elissa e tirá-la daqui antes disso.

Eu tinha começado a voltar para o quarto para procurar lá novamente, mesmo que eu já tivesse verificado naquela área, quando notei uma rachadura no chão de pedra, que estava aparecendo por baixo do canto de um tapete que eu afastei com minhas botas quando eu cheguei aqui. Olhei para as pedras ao redor, mas a rachadura não combinava com o resto do padrão do piso.

Então, eu deslizei minha faca de volta na minha manga, caí no chão e arranquei o tapete para um lado. Um alçapão estava instalado no chão, completo com um grande anel de metal para abri-lo. Eu peguei o anel com as

duas mãos e puxei com todas as minhas forças, mas a porta grossa era pesada demais para eu abrir.

Como eu não tinha forças para puxar o alçapão, decidi passar direto por ele. Eu caí de joelhos, coloquei as palmas das mãos no chão e explodi com as minhas magias de Gelo e Pedra, como eu tinha feito na porta da frente.

O chão era muito mais duro e mais grosso do que a porta de madeira tinha sido, mas eu estava motivada, e eu forcei minha magia de Gelo para dentro do alçapão, usei meu poder de Pedra para quebrá-lo, enganchei meus dedos nos pedaços irregulares de pedras, e os joguei de lado o mais rápido que pude. As lascas de pedras afiadas cortaram minhas mãos, mas eu ignorei as dolorosas picadas e concentrei toda a minha magia no chão.

Gelo, Pedra, explosão, explosão, agarrar, levantar, jogar fora...

Repeti os movimentos várias vezes até explodir todo o alçapão. Eu acenei para longe uma nuvem de poeira cinzenta, inclinei-me e espiei pelo buraco irregular que eu havia feito no chão.

Um vislumbre de dourado brilhou no espaço escuro abaixo.

Por um momento, o pensamento estranho e horrível encheu minha mente que eu só tinha descoberto o estoque de batom de Rivera. Mas a poeira clareou, e eu percebi que o brilho dourado era na verdade uma mecha de cabelo loiro comprido.

Eu tinha finalmente encontrado Elissa.

Capítulo 23

Sentei-me, deslizei e caí pelo buraco no chão. Minhas botas bateram na terra dura, e me endireitei e olhei ao redor.

A área tinha apenas dois metros de altura e quatro metros de largura, tornando-a maior que um espaço para rastejar, mas não era grande o suficiente para ser um porão realmente. Uma escada de madeira que eu não tinha notado antes dava acesso ao alçapão. Prateleiras forravam as paredes, mas eu não perdi tempo para ver o que estava empoleirado nelas. A poeira pairava em nuvens espessas no ar, as partículas lentamente descendo e transformando tudo em um cinza opaco e escuro.

Elissa estava sentada à direita da escada do alçapão, amarrada a uma cadeira, com cordas pesadas prendendo seus pulsos e tornozelos. Ela usava um vestido vermelho extravagante, juntamente com saltos altos combinando, e alguém tinha tido tempo para enrolar seus longos cabelos loiros em ondas suaves que cascateavam sobre seus ombros. Ela estava linda, e se não fosse pelas cordas, eu teria pensado que ela era uma modelo, pacientemente sentada e esperando para ser chamada para alguma sessão de fotos.

Sua cabeça estava curvada, seu cabelo loiro escondendo o rosto da vista, e todo o seu corpo ainda estava muito imóvel também. Meu coração parou e minha respiração ficou presa na minha garganta. Eu me perguntei se já era tarde demais, imaginei se ela já estava morta, espancada e estrangulada por Damian Rivera como todas aquelas outras mulheres.

Depois de vários longos e agonizantes segundos, Elissa lentamente levantou a cabeça, sacudindo os cabelos para fora do caminho, e olhou para

mim, apertando os olhos contra o brilho das luzes ainda piscando na casa acima. Meu coração começou a bater de novo e minha respiração deixou meus pulmões rapidamente. Viva. Ela ainda estava viva.

Mas meu alívio durou pouco.

O rosto de Elissa tinha sido cuidadosamente, habilmente maquiado com base, pó, delineador e sombra, destacando seus olhos verdes e belas bochechas. Mas a coisa que fez meu sangue gelar foi seu batom – Heartbreaker vermelho, assim como todas as outras mulheres.

Nenhum corte ou hematoma marcava sua pele, e nenhuma impressão digital lhe rodeava a garganta. Mas aquela mancha feia na boca dela me disse que eu tinha chegado bem na hora.

— Quem é você? — Os lábios de Elissa se moveram, formando as palavras, mas sua voz estava tão fraca e baixa que eu não podia ouvir sobre o alarme estridente.

— Eu sou uma amiga de Jade! — Eu gritei, tentando fazê-la entender que eu estava aqui para resgatá-la.

Os olhos de Elissa se arregalaram. — Jade!

Eu assenti, dei um passo à frente e espalmei uma faca, cortando rapidamente suas amarras. Então, eu deslizei a faca na minha manga e ajudei-a a ficar em pé. Elissa vacilou, seu corpo duro ficar sentada na mesma posição por tanto tempo, mas ela agarrou meu braço e me deixou levá-la até a escada.

— Vai! — Eu gritei, embora eu não tivesse certeza de que ela tivesse me ouvido por causa do alarme. — Vai! Vai! Vai!

Com mãos e pernas trêmulas, Elissa subiu a escada. Eu me agarrei ao lado da escada e a ajudei. Isto pareceu demorar uma eternidade, mas ela finalmente rastejou pela abertura no topo cerca de dez segundos depois. Eu subi atrás dela, tão agilmente quanto uma aranha subindo em sua própria teia, e a levantei. Elissa balançou novamente, um resultado dos saltos altos que ela estava usando, mas ela cambaleou através da cabana e saiu pela porta da frente aberta.

Owen estava esperando do lado de fora, com a arma levantada e pronto para atirar. — Eles nos viram! — Ele gritou. — Os guardas nos viram, e eles estão vindo nessa direção!

Com certeza, vários guardas anões armados saiam da mansão, correndo freneticamente ao redor da área da piscina e procurando por quem ou o que acionou o alarme. Owen estava certo. Alguns deles nos viram e estavam gritando com seus amigos e apontando nessa direção. Os homens começaram a correr pelo gramado em nossa direção.

Owen avançou e disparou vários tiros. Mesmo estando muito longe para atingi-los, os tiros ainda fizeram os homens pararem e se agacharem atrás dos arbustos e árvores para se protegerem. Mas eu sabia que não demoraria muito para que nos atacassem novamente.

— Não deixe que eles me levem de volta para lá! — Elissa soluçou, lágrimas escorrendo pelo rosto e arruinando sua maquiagem perfeita.

Eu olhei nos olhos dela. — O único lugar para onde você está indo é voltar para sua irmã. Agora, faça o que Owen lhe disser, e tudo ficará bem. Entendeu?

Elissa olhou de mim para Owen e de volta novamente. Ela assentiu com a cabeça, levantando e abaixando a cabeça, pronta para fazer qualquer coisa para escapar deste pesadelo.

Com o canto do olho, vi os guardas se levantando e correndo nessa direção novamente. Owen também os notou e disparou mais alguns tiros. Os homens se espalharam novamente, mas com o tempo, eles começariam a correr de arbusto em arbusto e de árvore em árvore, saltando pelo gramado até conseguirem se aproximar o suficiente para abrir fogo contra nós. Está na hora de partir.

Eu entreguei Elissa para Owen, em seguida, levantei minha mão ao meu ouvido, tentando ouvir sobre aquele maldito alarme, que ainda estava soando mais alto do que nunca. Eu ficaria surpresa se não conseguissem ouvi-lo até na Cypress Mountain.

— Finn? — Eu disse. — Finn? Você ainda está aí?

Sua voz estalou no meu ouvido. — Claro que ainda estou aqui! O que está acontecendo?

— Encontramos Elissa, mas os guardas estão vindo em nossa direção. Eu preciso que você e Bria voltem para a floresta e ajudem Owen.

— No nosso caminho — respondeu Finn.

Eu olhei para Owen. — Vai. Tire ela daqui. Agora.

— O que você vai fazer? — Ele perguntou, preocupação piscando em seus olhos.

Eu peguei minha faca. — Vou tirar tantos guardas quanto puder. Não se preocupe. Eu vou segurá-los até que vocês tenham uma boa vantagem inicial, e então eu estarei bem atrás de você. Agora vá. Vai!

Ele não gostava de me deixar para trás, mas ele sabia que eu poderia cuidar de mim mesma e que levar Elissa para a segurança era a coisa mais importante. Owen me deu um aceno de cabeça afiado, em seguida, pegou a mão de Elissa e puxou-a para longe da casa em direção à floresta. Ela tropeçou atrás dele, movendo-se tão rápido quanto podia.

No segundo em que eles desapareceram na floresta, voltei para os guardas. Com Owen e a ameaça de sua arma longe, eles deixaram as árvores e arbustos para trás e correram em linha reta na minha direção. Eu espalmei uma segunda faca, de modo que eu tinha uma em cada mão, e avancei pelo gramado para encontrá-los.

• • •

Normalmente, as pessoas fogem dos capangas com armas, então minha corrida inesperada em direção aos anões fez alguns dos homens pararem, erguer as armas e apontar para mim. Mas eu não desacelerei, nem mesmo por um instante. Em vez disso, peguei minha magia de Pedra e endureci minha pele, transformando-a em uma concha impenetrável – e nem um segundo cedo demais.

Crack!

Crack! Crack!

Crack! Crack! Crack!

Balas levantaram a terra e a grama aos meus pés e zumbiram através do ar ao meu redor. Algumas até atingiram o meu corpo, mas elas saltaram da minha pele endurecida pela Pedra e se afastaram.

E então os homens estavam em mim e eu estava neles.

Eu cortei minha faca no peito do primeiro guarda que me atacou, fazendo-o gritar e cambalear para longe. Seus amigos pegaram suas armas e começaram a atirar em mim novamente, mas eu mantive o controle na minha magia de Pedra, ignorei as rajadas contínuas de balas contra a minha pele, e entrei direto no meio deles.

Minhas facas cortaram em todas as direções, as lâminas de silverstone brilhando no sol do final da tarde, e eu cortei cada homem que eu pude alcançar. O sangue respingou no ar como gotas de chuva, o seu cheiro se misturando com o cheiro acre de pólvora.

Os guardas rapidamente perceberam que eu não ia ser derrubada por meras balas, e eles giraram e fugiram, tentando voltar para a mansão para que pudessem se reagrupar.

Muito tarde.

Enquanto corriam, invoquei minha magia de Gelo, atirando spray após spray de adagas mortais, que acertaram suas costas, fazendo-os cair de cara no chão. A grama perfeitamente podada rapidamente ficou escura, manchada de preto com sangue.

Em menos de dois minutos, estava acabado, e meia dúzia de guardas espalhados pelo gramado, todos sangrando pelas feridas perversas que eu havia infligido a eles.

Eu olhei para trás de mim, mas Owen e Elissa estavam muito longe, e eu não ouvi nenhum som de tiros vindo da frente da mansão.

— Owen? — Eu disse. — Owen, o que está acontecendo?

Um segundo depois, sua voz soou no meu ouvido. — Elissa está com Jade. Finn e Bria estão aqui também. A única que falta é você.

Um sorriso curvou meus lábios. — A caminho.

Eu me virei para ir embora, mas um dos guardas se levantou e agarrou meu tornozelo. Eu tentei me libertar, mas ele era um anão, com um aperto forte e firme, apesar do fato de que suas entranhas estavam vazando por todo

o gramado. Então eu o chutei na cara com meu outro pé, quebrando o nariz com minha bota pesada, e ele gritou e caiu de volta no chão. Eu pisei em cima do corpo dele, pronta para voltar para meus amigos...

— Bem, isso é uma surpresa — uma voz arrastada. — E muito mais emocionante do que a minha viagem ao banco foi.

Eu me virei.

Damian Rivera estava na beira do pátio de pedra. Cabelo preto ondulado, olhos escuros, pele bronzeada, dentes chocantemente brancos, terno caro. Ele parecia exatamente como quando eu o espiei em seu escritório duas noites atrás, e era óbvio que ele tinha bebido tão intensamente hoje quanto naquela época. Um rubor avermelhado manchava suas bochechas e seus olhos estavam vidrados e vermelhos ao mesmo tempo.

Ele me deu um sorriso torto e bobo, como se o divertisse ver seus homens jogados por todo o gramado como bonecas de papel que eu tinha rasgado em pedaços. Rivera não parecia nem um pouco preocupado com seus guardas mortos, feridos ou com o sangue escorrendo das facas em minhas mãos. Quanto mais ele olhava, mais largo seu sorriso se tornava, como se estivesse realmente satisfeito em me ver.

Depois de vários segundos sorrindo como um tolo, sua testa franziu, e ele estalou os dedos de novo, como se tentasse se lembrar quem eu era ou onde ele tinha me visto antes. Deve ter vindo para ele, porque ele estalou os dedos uma última vez, muito mais alto do que antes, e apontou o dedo indicador para mim.

— Gin Blanco, certo? — Ele disse com a mesma voz embargada.

Eu mostrei minhas facas ensanguentadas para ele. — A primeira e única.

Rivera assentiu e sorriu novamente, feliz por ele ter descoberto quem eu era. — Então, é você que tem causado tantos problemas ultimamente. — Ele balançou a cabeça. — Você está realmente começando a irritar Mason. E deixe-me contar a você por experiência pessoal, isso não é algo que você queira fazer.

Meus olhos se estreitaram. Mason? Quem era Mason?

Ele era – ele poderia ser – ele era o *líder* do Círculo?

Minha respiração ficou presa na minha garganta, mas me obriguei a conter meu choque e surpresa. Em vez disso, aumentei meu aperto em minhas facas e lentamente me aproximei de Rivera, não querendo assustá-lo em seu estado obviamente bêbado.

— Gin? — Desta vez, a voz de Bria estava no meu ouvido. — O que está acontecendo? Por que você está demorando tanto? Você está com algum tipo de problema?

— Rivera está aqui — eu murmurei. — E ele parece estar com um humor tagarela. Vou fazer-lhe algumas perguntas. Eu estarei aí em um minuto.

— Você precisa sair daí — disse ela em uma voz preocupada. — Silvio disse que mais três SUVs estão encostando na frente da mansão. Qualquer que seja o alarme que você acionou, convocou muito mais homens.

Eu estava tão focada em derrubar os guardas que eu não tinha notado que o alarme estridente finalmente tinha parado. As luzes da mansão também pararam de piscar. Alguém tinha desligado o sistema de alerta. Eu me perguntei por que, mas esta era uma oportunidade boa demais para deixar passar.

— Tudo que eu preciso é de mais um minuto — eu disse.

— E eu estou te dizendo que você não tem mais um minuto. Saia daí, Gin. Saia daí agora! — Bria gritou para mim.

Mas eu não podia ir. Ainda não. Eu tinha estragado o meu disfarce com Rivera e não podia deixá-lo vivo para contar a Hugh Tucker que eu estive aqui e havia matado os seus homens. Tucker perceberia que eu havia identificado Rivera como um dos membros do Círculo, e o resto deles começaria a fechar fileiras. Então, eu devia ficar e obter as respostas que eu queria – *precisava* – sobre o Círculo.

Valia a pena o risco.

— Conte-me sobre Mason — falei enquanto me aproximava de Rivera. — Ele é seu chefe? É ele quem lidera o Círculo?

Rivera me deu outro sorriso desleixado, mas seus olhos ficaram afiados, me dizendo que ele não estava tão bêbado como eu pensava. — Você adoraria saber, não? — Ele franziu a testa, como se algum pensamento

estranho tivesse acabado de cruzar sua mente. — Embora eu esteja me perguntando como você descobriu que eu era um membro do Círculo. Isso é muito perturbador. — Ele fez uma pausa. — Não é, Porter?

Porter. Eu tinha me esquecido completamente sobre Bruce Porter, mas ele tinha levado Rivera para o banco, o que significava que ele tinha voltado para a mansão com seu chefe.

Uma sombra se moveu pelo canto do meu olho, e Porter saiu correndo de trás de um arbusto, me pegando no peito e nos levando para o chão. Minhas facas voaram das minhas mãos, mas eu canalizei minha magia de Pedra em meus punhos, tornando-os duros e pesados como blocos de concreto, e comecei a socar Porter.

Mas ele era um anão e um duro nisso. Porter grunhiu sob meus golpes, mas eles não fizeram muito mais do que ferir seu couro espesso.

Então, foi sua vez de bater em mim.

Thwack-thwack-thwack.

O anão me bateu de novo e de novo. Meu colete silverstone levou o pior dos golpes, mas eu ainda sentia cada soco duro e contundente. Eu tentei me esquivar por baixo dele, mas ele trancou seus braços em meu corpo e me virou, de modo que suas costas estavam pressionando no chão e eu estava deitada em cima ele, meus braços e pernas erguidos no ar como uma tartaruga que estava de cabeça para baixo em seu casco e não conseguia se endireitar. Eu não conseguia nem chegar longe o suficiente para tocá-lo e explodi-lo com minha magia de Gelo.

Isso já era ruim o suficiente, mas a vista não me deixou mais feliz. A essa altura, os guardas que Bria me avisou haviam chegado ao lado da mansão e até aqui atrás. Mais e mais homens passaram correndo por Rivera para cercar Porter e eu, com as armas apontadas para minha cabeça.

Fletcher tinha um ditado: *a arrogância vai te pegar, toda vez.* Eu deveria ter escutado Bria e saído enquanto tive a chance, mas eu pensei que poderia obter minhas respostas e fugir também. E o que minha arrogância me trouxe? Nada além de ser capturada.

— Atire nela com a arma de choque! — Porter gritou, ainda me segurando, enquanto eu lutava contra ele. — Rápido... eu posso aguentar!

Uh-oh

Eu alcancei a minha magia de Pedra, pronta para mandá-la correndo pelo meu corpo inteiro e endurecer a minha pele novamente, mas um dos homens foi mais rápido. Ele se jogou no chão e mirou uma arma de choque no meu lado. A eletricidade subiu pelo meu corpo, quente e cáustica, chamuscando cada uma das minhas terminações nervosas e me fazendo gritar e gritar.

Em um instante, minha visão ficou branca, depois cinza, depois totalmente negra.

Capítulo 24

Fui para o cânion, correndo o mais rápido que me atrevi pela floresta escura.

À minha direita, a mansão da família Snow continuava a queimar, mas as chamas estavam lentamente enfraquecendo e levando sua preciosa luz vermelha alaranjada junto com elas. Logo eu não seria capaz de ver nada à frente. Com a pouca luz que havia, eu continuava tropeçando em pedras e raízes de árvores, e meus pés descalços eram uma bagunça ensanguentada e machucada que latejava a cada passo.

Outra pedra apunhalou meu dedão do pé, fazendo-me chiar de dor e finalmente forçando-me a desacelerar para uma caminhada rápida. Eu olhei para trás por cima do meu ombro, mas não vi o gigante atrás de mim, nem mesmo o feixe amarelo de sua lanterna varrendo as árvores. Eu dei outro passo para frente e coloquei meu pé no chão.

Mas não havia nada lá para me segurar.

Minha cabeça estalou ao redor, e eu vi o abismo escuro e escancarado na minha frente. No último segundo, consegui enrolar meus braços e me afastar da borda. Meu coração bateu e suor frio deslizou pela minha espinha, quando percebi o quão perto eu tinha chegado de cair para a minha morte.

Eu cuidadosamente inclinei-me para a frente e olhei para o cânion. Mas a luz do fogo distante não conseguia penetrar nas sombras negras lá embaixo, e tudo que eu pude discernir foram as formas vagas e sombrias das pedras abaixo.

Eu me concentrei, tentando lembrar como era o cânion à luz do dia. Largo e profundo, com pedaços escorregadios e irregulares de rochas cobertas de musgo que corriam pelos lados e revestiam o fundo como se fossem estacas. Mas será que a queda e as pedras bastariam para matar o gigante? Eu não sabia. Eu simplesmente não sabia...

Crack.

Um ramo estalou atrás de mim. Eu me virei, meus olhos arregalados, minha respiração presa na garganta.

Crack.

Outro ramo estalou, seguido por uma maldição murmurada, e um feixe de luz brilhante cortou as árvores, vindo rapidamente nessa direção. O gigante devia estar seguindo a trilha que eu deixei.

Eu me virei e olhei para o cânion novamente. Claro, eu quase pisei fora da borda, mas eu não estava vendo para onde estava indo. Então, como eu poderia enganar o gigante para fazer o mesmo? Especialmente quando ele tinha uma lanterna?

Pense, Gin, pense! *Eu silenciosamente gritei para mim novamente, mudando de um lado para o outro nos meus pés, meus dedos torcendo no tecido arruinado e esfarrapado da minha camisola...*

Minhas mãos pararam e olhei para baixo. Apesar da escuridão misteriosa, eu ainda podia ver minha camisola, já que o tecido era muito mais claro do que o resto da floresta. Que cor era? Branco? Azul? Eu não conseguia me lembrar. Mas se eu podia vê-lo, o gigante também poderia, e talvez, apenas talvez, isso pudesse me ajudar a enganá-lo.

Eu me abaixei, peguei o fundo da minha camisola e arranquei uma longa e fina tira dele. Pelo menos eu tentei. O tecido não queria ceder, e uma nova dor queimou nas minhas mãos queimadas, mas eu continuei puxando-o. Lágrimas escorriam pelo meu rosto, e eu tive que ranger os dentes para não gritar, mas eventualmente, consegui arrancar um pedaço da parte de baixo da camisola.

Crack-crack. Crack-crack.

Atrás de mim, eu podia ouvir o gigante chegando cada vez mais perto. Não havia tempo para ser exigente, então eu prendi o tecido em um arbusto que estava ao lado da borda do cânion, organizando-o de modo que parecia que eu

estava me escondendo atrás dos galhos grossos. Depois, me afastei da queda íngreme, corri ao redor de uma árvore e me agachei nas sombras mais escuras que pude encontrar.

Eu tinha acabado de me acomodar quando o gigante apareceu. Ele varreu a lanterna de um lado para o outro e a luz amarela atingiu o pedaço de tecido que eu tinha enroscado no mato. O gigante o avistou imediatamente.

— Aí está você! — Ele rosnou.

Ele avançou, bem perto do meu esconderijo, e se inclinou para baixo, como se fosse agarrar aquele pedaço de tecido e eu junto com ele.

Ele nunca teve uma chance.

— O que... Ahh!

O gigante correu para fora da beira do cânion, quase como um personagem de desenho animado faria, e ele gritou durante todo o caminho para baixo. Alguns segundos depois, outro estalo doentio soou, mais alto do que todos os anteriores. Eu estremeci e envolvi meus braços em volta de mim, esperando, mas o gigante não fez outro som, nem mesmo um gemido, e eu sabia que ele estava morto, seus ossos quebrados pela queda e as pedras abaixo.

Mas ainda havia outras pessoas na floresta.

Antes que eu pudesse pensar em me mover, mais gritos soaram, e as pessoas se chocaram com a vegetação rasteira, vindo nessa direção. Eu me agachei ainda mais, colocando folhas e sujando minha camisola para esconder sua cor pálida e me fazendo tão pequena e invisível quanto possível.

Menos de um minuto depois, outra lanterna apareceu, subindo e descendo pelas árvores, e um homem saiu das sombras – Hugh, o vampiro.

Ao contrário do gigante, ele foi cuidadoso enquanto avançava, varrendo lentamente a lanterna de um lado para o outro no chão. Ele também notou a tira de tecido presa ao arbusto, mas ele percebeu que havia uma queda íngreme, ele andou até a borda e parou, iluminando a queda abaixo. Depois de alguns segundos, Hugh se agachou e arrancou o tecido do arbusto, examinando-o com a luz. Sua boca enrugou em pensamento, mas ele não se moveu ou murmurou nada para si mesmo.

Ele não estava sozinho.

Estalos mais leves soaram, e outra pessoa atravessou a floresta nessa direção – a Elemental de Fogo. Através das árvores, eu podia ver o brilho vermelho alaranjado de sua magia cintilando ao redor da mão dela, já que ela estava usando seu poder como sua própria lanterna pessoal.

— Hugh? — Ela gritou, vindo nessa direção. — O que está acontecendo?

O vampiro ficou de pé, colocou a tira de tecido no bolso e afastou-se do cânion. Ele avançou, encontrando a Elemental de Fogo no meio do caminho, a cerca de nove metros de onde eu ainda estava me escondendo. Eu apertei os olhos, mas não consegui distinguir suas feições, apenas o brilho ardente ainda piscando em sua mão.

— O que aconteceu? — Ela exigiu.

— O que você acha que aconteceu? — Hugh estalou. — Seu guarda-costas idiota caiu de um penhasco. Ele está deitado no fundo, esmagado como um inseto.

— Tem certeza de que ele está morto? — Ela começou a passar por ele.

Hugh deu um passo para o lado, bloqueando-a. — Tenho certeza. Você já perdeu um homem aqui. Ligue para os outros voltarem, e vamos embora. Estou cansado de andar pela floresta no meio da noite. Confie em mim. Não há ninguém aqui fora, exceto nós. Eu os teria visto.

A Elemental de Fogo bufou, não gostando dele lhe dizendo o que fazer, mas partiu na direção oposta, voltando para a mansão. Eu pensei que o vampiro iria segui-la, mas ao invés disso ele se virou, esquadrinhando a floresta, seus olhos se estreitando em fendas e seu nariz se contraindo, quase como se ele estivesse cheirando o ar como um cachorro. Eu me lembrei do que minha mãe me contou sobre vampiros, sobre como o sangue que eles bebiam dava-lhes sentidos aprimorados. Ele poderia ser capaz de me ver afinal de contas, talvez até me cheirar também, mesmo aqui na floresta profunda e escura. Eu prendi a respiração, não me atrevendo a mover um único músculo...

E foi quando senti a aranha rastejar na minha mão.

Assustada, olhei para baixo. Eu não sabia que tipo de aranha era, mas era uma grande bola negra na minha mão, movendo-se lentamente, subindo ao longo da minha pele com suas pernas peludas e espinhosas, explorando

cuidadosamente este território novo e estranho. Deveria ter estado construindo uma teia ou talvez até ter um ninho nas folhas que eu tinha perturbado.

Por mais que eu quisesse gritar e afastá-la, eu cerrei meus dentes novamente e deixei-a rastejar ao redor, esperando que não fosse venenosa e que não me picasse. Depois do que pareceu uma eternidade, a aranha desceu pela minha mão, rastejou até a ponta do meu dedo indicador e deslizou de volta para as folhas. Eu tirei minha mão do chão e a embalei contra o meu peito. Eu olhei para cima, me perguntando se eu estava sozinha ainda...

O vampiro estava olhando diretamente para mim.

Eu congelei novamente, meu coração martelando na minha garganta. Nossos olhos se encontraram à distância. Nenhuma dúvida sobre isso. Ele tinha me visto. A qualquer momento, ele gritaria que tinha me encontrado e eu teria que fugir mais uma vez, correr, correr, correr pela minha vida...

— Hugh! — A Elemental de Fogo falou, sua voz sedosa ecoando através das árvores. — Foi sua ideia sair daqui, então vamos logo!

Em vez de se mover, ele ficou me encarando. Eu olhei de volta para ele, nos encaramos em um olhar silencioso.

— Hugh! — Ela chamou novamente.

Ele olhou para mim por mais um momento, depois fez a coisa mais estranha. Ele tirou algo do bolso de suas calças e deixou cair no chão. Um segundo depois, ele se virou e foi para a floresta.

Eu fiquei congelada no lugar, ainda prendendo a respiração, não me atrevendo a mover um único músculo, pensando que era algum tipo de truque. Tinha que ser um truque, certo? Ele não ia simplesmente sair e fingir que não tinha me visto... ele iria? Por que ele faria isso? Especialmente quando a Elemental do Fogo queria me matar assim como ela fez com o resto da minha família?

Mas os segundos se passaram e ninguém pulou das sombras até mim. Nem o vampiro, nem a Elemental de Fogo, ninguém. Mas eu ainda achava que era um truque, então comecei a contar os segundos na minha cabeça, esperando por eles.

Cinco minutos se passaram. Pelo menos, foi quanto tempo pensei, embora não tivesse como saber de verdade. Ainda assim, ninguém se

*aproximou de mim, e a floresta permaneceu totalmente e estranhamente quieta. Então eu finalmente me senti segura o suficiente para deixar meu esconderijo, inclinei para frente e vi o que o vampi*ro *havia deixado cair.*

Uma nota de cem dólares.

Não apenas uma, mas uma pilha delas enroladas juntas.

Eu fiz uma careta. O vampiro tinha me visto. Eu sabia que ele tinha. Então, por que ele não contou a Elemental de Fogo? E por que deixar esse dinheiro para trás? Ele estava... tentando me ajudar*? Por que ele faria isso?*

Eu não sabia, mas não ia deixar passar. Eu peguei o dinheiro do chão. Depois, eu fiquei de pé e voltei para a fogueira minguante da mansão. Meu plano era o mesmo de antes. Assim que eu tivesse certeza de que todos tinham ido embora, eu caminharia até a estrada e começaria a ir em direção à cidade. Depois que eu chegasse em Ashland, bem, eu não sabia para onde iria ou o que faria, mas uma coisa era certa. Eu não podia ficar aqui por mais tempo.

Então, eu abaixei minha cabeça e comecei a andar. Eu consegui voltar para a mansão sem problemas. A Elemental de Fogo e seus homens tinham ido embora, junto com Hugh, quem quer que ele realmente fosse.

Deixei escapar um suspiro de alívio, saí da floresta e me dirigi para a estrada, me forçando a continuar avançando, em vez de olhar para as ruínas do meu mundo inteiro. Mas eu não pude escapar disso. Não com as cinzas ainda flutuando no ar como a neve e o cheiro acre de fumaça cobrindo tudo, inclusive eu...

O mau cheiro me acordou. Era um odor químico áspero, mas estranhamente reconfortante de certa forma, como se eu já tivesse sentido esse mesmo perfume centenas de vezes antes e o tivesse associado a um lugar específico. Algum lugar quente e convidativo. Algum lugar seguro. Eu respirei fundo, tentando descobrir por que parecia tão familiar. Quase cheirava a uma espécie de... tintura para cabelo.

Eu relaxei. Owen e os outros devem ter voltado para me buscar na mansão de Rivera. Eles devem ter aberto caminho através de todos aqueles guardas e me tiraram de lá. Eu abri meus olhos, esperando ver os confins quentes e aconchegantes do salão de beleza de Jo-Jo.

Mas no que eu acordei foi outro pesadelo.

Eu estava amarrada a uma cadeira, meus pulsos e tornozelos amarrados com tanta força na madeira que eu não conseguia movê-los, não importando o quanto eu tentasse. E eu definitivamente tentei, esforçando-me e esforçando-me com todas as minhas forças. Eu apenas parei quando as cordas começaram a cavar dolorosamente na minha pele, causando queimaduras feias, e percebi que eu não podia escapar delas. Pelo menos não dessa maneira.

Eu ainda estava usando minhas roupas pretas de assassina, junto com minhas botas, mas todas as minhas facas tinham sumido. As duas nas minhas mangas, as duas enfiadas nos lados das minhas botas e a das minhas costas. Então olhei em volta, procurando minhas armas.

Eu estava em outra cabana, embora não fosse a casa de caseiro de Bruce Porter, desde que o chão de pedra aqui ainda estava intacto. Eu estava sentada no meio de um grande escritório, a meio caminho entre uma lareira de pedra e um sofá de couro verde escuro. Vários pedaços de madeira estavam dispostos na lareira, prontos para serem acesos, com outros troncos mais grossos empilhados em uma cesta próxima.

Eu olhei ao redor do resto do cômodo. Tapetes de cores vivas, mesas de cabeceira, uma estante cheia com livros de bolso. A mobília era boa o suficiente, embora obviamente estivesse aqui há algum tempo, dado quão desgastada e antiquada parecia.

À primeira vista, tudo parecia normal. Exceto por, você sabe, eu estar amarrada a uma cadeira. Infelizmente, essa não era minha primeira vez nessa situação em particular, então segui em frente. Eu virei minha cabeça, olhando a área de cozinha na parte de trás da cabana, ainda procurando as minhas facas.

E foi aí que as coisas começaram a ficar muito, muito estranhas.

Uma mesa romântica para dois estava montada no meio da cozinha. Toalha de mesa branca, duas velas acesas, um vaso de cristal cheio de rosas vermelhas, porcelana fina, uma garrafa de champanhe gelada em um balde. Alguém realmente foi com tudo.

Eu respirei fundo. Além da tintura de cabelo, senti um leve cheiro da comida que já tinha sido servida nos dois pratos sobre a mesa. Frango com

limão e pimenta, se eu tivesse que adivinhar, junto com cenouras com mel e purê de batatas. Uma refeição simples e elegante.

Ainda assim, quanto mais eu olhava para a mesa com a sua imagem perfeita, mais meu estômago se agitava. Isto me lembrou do jantar romântico que Owen havia me surpreendido um par de dias atrás. Mas aqui não havia romance – apenas a morte.

Eu escutei, mas não ouvi nada além do leve assobio do vento girando em torno da casa. E as pedras, é claro. Elas gritavam com as mesmas notas de sangue, violência, dor e morte que a casa de caseiro, me dizendo que eu estava sentada bem no meio do covil do Dollmaker. Este era o lugar onde ele trouxe todas as outras mulheres que ele sequestrou, e foi aqui que ele as matou, quando elas não viveram de acordo com a fantasia distorcida que ele tão cuidadosamente criou.

Eu me perguntei como funcionava exatamente. Se ele as cumprimentava por quão bonitas estavam. Se ele esperava que elas fizessem um bate-papo educado. Se ele as forçava a comerem o jantar enquanto ainda estavam amarradas. Se ele ficava raiva, quando elas olhavam para ele com medo e horror. Se ele finalmente começava a bater nelas quando percebia que a culpa era dele mesmo em vez delas.

Eu não queria ficar por perto para descobrir.

Cortinas brancas de renda cobriam as janelas, então eu não sabia onde estava, embora estivesse escuro lá fora. Dada a falta de ruído, a cabana provavelmente estava isolada, o que significava que eu precisava sair daqui antes que Rivera voltasse. Então eu comecei a lutar contra as minhas cordas novamente, mais forte do que antes. E, tal como antes, eu não consegui absolutamente nada.

Algo se moveu no canto do meu olho, e virei minha cabeça, percebendo outro móvel, um espelho de corpo inteiro apoiado no canto junto à lareira.

Por um momento, não entendi exatamente o que estava vendo no espelho. Quem era aquela mulher estranha no espelho?

Mas então percebi que era *eu*.

Aquele fedor químico? Era tintura de cabelo, bem como eu pensava. E agora eu percebi porque o cheiro era tão forte. Foi usada em *mim*.

Em vez de seu tom marrom escuro normal, meu cabelo agora era um loiro brilhante, platinado e sedoso que tinha sido enrolado em ondas soltas que descansavam contra os meus ombros. Ele até teve tempo para fazer as minhas raízes, para que eu parecesse uma loira natural. Eu não sabia se devia admirar o esforço dele ou ficar enojada com quão longe ele iria para me fazer lembrar a mulher dos seus sonhos.

Sim, nojo venceu.

Mas a pior parte foi o fato de que meu rosto tinha sido cuidadosamente maquiado – e meus lábios estavam pintados naquela cor familiar.

Heartbreaker vermelho.

• • •

Eu pisquei e pisquei, olhando-me no espelho como se eu pudesse de alguma forma mudar o meu próprio reflexo horrível. Meu estômago revirou novamente, e bile quente e azeda subiu na minha garganta. De todas as coisas a que eu tinha sido submetida ao longo dos anos, todos os espancamentos, todas as lutas, todos os duelos mortais, esta foi uma das piores coisas que eu já tinha experimentado.

Eu me senti *violada* de uma maneira que nunca senti antes.

Eu não era Gin Blanco agora. Eu não era a assassina, a Aranha. Eu não era mais uma *pessoa*. Eu era uma tela, uma boneca, um brinquedo, enfeitada e pintada, de acordo com as especificações exatas de Damian Rivera.

Bile subiu na minha garganta novamente, mas eu engoli tudo, junto com o grito primitivo de raiva o acompanhou. Eu podia ter resgatado Elissa, mas era óbvio que Rivera estava determinado a me fazer sua próxima vítima. E desde que ele já tinha me transformado em sua mulher perfeita, não parecia que ele iria me manter por tanto tempo quanto ele manteve as outras. Essa sou eu, Gin Blanco, tipicamente superando as expectativas, sempre no caminho mais rápido para a morte.

Eu tinha que sair daqui antes que ele voltasse. Desde que eu não conseguia romper as cordas, eu olhei ao redor da casa de novo, mas minhas facas não estavam aqui, e eu não vi mais nada que eu poderia usar para cortar

através das cordas grossas e pesadas. Mesmo se eu pudesse ter me espreitado até o fim do sofá e até a mesa da cozinha, a porcelana parecia velha e delicada demais para ter alguma utilidade. Provavelmente iria desfazer-se em pó se eu a quebrasse.

Bem, se eu não podia cortar as cordas, então eu iria quebrar a maldita cadeira e sair daqui dessa maneira. Então eu comecei a balançar para frente e para trás, tentando julgar exatamente o quão resistente a cadeira era.

A madeira era grossa, mas rangia e rangia com cada movimento que eu fazia, me dizendo que iria quebrar se eu colocasse força suficiente. Agora, como fazer isso? Eu poderia usar minha magia de Gelo para congelar e quebrar a madeira, ou eu poderia tentar me levantar, cambalear até a lareira e bater a lateral da cadeira contra a pedra.

Eu decidi pela segunda opção, não querendo gastar minha magia em algo tão simples como sair de uma cadeira. Eu tinha planos muito melhores para o meu poder esta noite.

Eu usei um pouco da minha magia para apagar os guardas da mansão, mas Rivera tinha deixado o meu anel de runa de aranha no meu dedo, e meu pingente correspondente ainda pendia do meu pescoço, brilhando contra o tecido preto do meu colete. Ele não era um Elemental, então não sentiu as reservas de poderes de Gelo e Pedra ondulando através das joias de silverstone.

Esse erro ia lhe custar caro. Eu ia usar cada gota de magia que eu tinha para matá-lo.

Mas primeiro, eu tinha que sair da cadeira, então eu respirei e tencionei meus músculos, me preparando para me levantar...

Um raio de luz atravessou uma das janelas. Minha cabeça estalou naquela direção, e eu olhei para a janela, pensando se eu tinha imaginado a luz. Mas eu não tinha imaginado. Um segundo depois, outro raio de luz apareceu, e vários conjuntos de passos pesados bateram no que parecia ser um velho alpendre de madeira rangente ligado à frente da casa.

Os passos chicoteavam para frente e para trás, para a frente e para trás, de um lado do alpendre para o outro, quase como se alguém lá fora estivesse afastando sua raiva, ansiedade e frustração.

— ... cadela matou todos os meus homens...

— ... não posso acreditar que você a capturou...

— ... dando a ela exatamente o que ela merece...

Vozes abafadas soaram do lado de fora, abafadas pelo assobio do vento do inverno. Eu não consegui entender todas as palavras, mas reconheci uma das vozes como pertencente a Rivera. Claro que ele estava do lado de fora. Ele tinha passado muito tempo e esforço me transformando em seu brinquedo bonito para não querer terminar sua fantasia delirante.

As vozes pararam, a maçaneta girou na porta da frente e Rivera entrou na cabana. Ele ainda estava usando o mesmo terno caro que ele usava antes, e ele parecia tão bonito como sempre, com um restolho escurecendo sua mandíbula.

Ele me estudou da cabeça aos pés, suas sobrancelhas negras se arqueando em seu rosto, como se o que ele viu o surpreendesse. Depois de alguns segundos, ele puxou um pequeno frasco prateado do bolso do paletó, desatarraxou a tampa e tomou um gole longo e saudável do conteúdo. Eu podia sentir o cheiro da queimadura cáustica de álcool por toda a sala, ainda mais forte do que a tintura de cabelo.

— Bem — ele resmungou. — Eu vejo que você esteve ocupado. Você só a teve, pelo que, três horas? E você já a deixou toda arrumada do jeito que você gosta. Isso é um trabalho rápido. Mesmo para você.

Eu fiz uma careta, imaginando com quem ele estava falando. As coisas que ele dizia quase faziam parecer... como se ele *não* tivesse feito isso comigo. Como se não tivesse sido ele quem tingiu o meu cabelo, pintou o meu rosto e me amarrou.

Eu pensei sobre tudo o que aconteceu nos últimos dias e todas as pistas que tinham apontado para Rivera – o batom, os homens que ele enviara para a casa de Jade, as ameaças que Tucker fizera contra ele sobre como lidar com seu misterioso problema. E percebi que, enquanto essas pistas apontavam para Rivera, elas também levavam a outra pessoa. Alguém que também tinha acesso a todas essas coisas.

O tempo todo, eu pensei que essa coisa era como dois quebra-cabeças separados, mas conectados que eu estava tentando montar ao mesmo tempo.

Bem, todas as peças tinham acabado de se encaixar, e meu coração caiu quando percebi quão errada eu estava sobre o Dollmaker.

Rivera se virou para a porta aberta. — Você não vai entrar e admirar sua obra?

Uma sombra apareceu na porta, e um homem entrou lentamente. A pessoa que era o verdadeiro Dollmaker.

Bruce Porter.

Capítulo 25

De repente, tudo fez sentido. Por que é que o cartão de crédito de Rivera foi usado para comprar o batom Heartbreaker. Por que não havia nenhum vestígio de Elissa no escritório ou no quarto de Rivera. Por que as pedras da casa de caseiro – a casa de Porter – tinham gritado e lamentado com uma agonia tão violenta em vez da mansão de Rivera.

Não foi Damian Rivera quem sequestrou Elissa e matou todas as outras mulheres. Tinha sido Bruce Porter o tempo todo. Ele apenas usou o dinheiro, os recursos, os cartões de crédito e a mão de obra do seu chefe para ajudá-lo a fazer isso e depois cobrir os seus rastros após o fato.

A única coisa que eu ainda não entendia, porém, era Porter e as suas motivações. Mas era óbvio que ele era o Dollmaker e que Rivera estava permitindo isso, encobrindo sua bagunça, assim como Porter havia encoberto os desastres de Rivera por tantos anos. Não era nem mesmo uma verdadeira parceria, pois os dois pareciam ser codependentes de uma maneira desesperada e doentia, cada um incapaz de funcionar sem o outro.

— Aw, não seja tímido, Bruce. — Rivera tomou outro golpe de seu frasco e se afastou para que Porter pudesse se aproximar de mim. — Você certamente não estava quando a estava fazendo parecer *assim*. Você estava sorrindo o tempo todo. Bem, exceto por todos os resmungos sobre ter que tingir o cabelo dela. Eu te falei que você deveria ter apenas colocado uma peruca nela e acabado com isso.

Eu tremi com o pensamento do anão se inclinando sobre mim, seus dedos no meu cabelo, tocando meu rosto, ele cuidadosamente pintando meus

lábios do jeito que ele tinha feito com tantas outras mulheres antes de as matar.

Porter cruzou os braços sobre o peito e me olhou, decepção piscando em seu olhar azul pálido. — Uma peruca não teria sido a mesma coisa. — Ele balançou a cabeça. — A tintura também não é o mesmo. Você sabe que elas têm que ser loiras naturais.

— Sinto muito por desapontar — eu rosnei. — Embora eu pense que posso dizer com segurança, neste caso, que loiras não se divertem mais.

Seus olhos brilharam com uma luz dura e irritada. — Eu tinha uma boa garota escolhida, e você tinha que vir e arruinar tudo.

Eu mostrei meus dentes para ele. — O que posso dizer? Eu sou uma vadia do mal desse jeito.

— Sim, sim, você é — uma terceira voz familiar falou.

Mais passos soaram e Hugh Tucker entrou na cabana.

Pela primeira vez, fiquei quase feliz em vê-lo. O vampiro podia ser um assassino de sangue frio, mas ele não era a pior coisa na sala. Nem de longe. Rivera e Porter estavam empatados nessa qualidade duvidosa.

Tucker foi até a lareira, longe dos outros dois homens, criando uma clara divisão entre ele e a doença combinada que era Damian Rivera e Bruce Porter. Não poderia culpá-lo por isso. Por outro lado, Tucker era o seu próprio tipo especial de doença.

Enquanto eu estudava o vampiro, mais uma vez pensei sobre tudo o que aconteceu nos últimos dias, e outra pequena peça do quebra-cabeça se encaixou em minha mente, uma que fez tudo entrar em foco. Uma raiva incandescente crepitou através de mim, e eu agarrei aquele calor ardente, montando a onda de emoção ardente e lentamente deixando esfriar, congelar e endurecer em um bloco gelado de raiva, ódio e determinação no meu coração.

Tucker sacudiu a cabeça. — Você tem sempre que interferir, não é, Gin?

— Eu poderia dizer exatamente a mesma coisa sobre você.

Seus olhos negros se estreitaram, mas eu não disse mais nada para preencher o verdadeiro significado por trás das minhas palavras. Depois de alguns segundos, Tucker estalou os dedos para os outros dois homens.

— Deixe-nos — ele ordenou.

Rivera endireitou-se a toda a sua altura e olhou para o vampiro, embora sua oscilação bêbada arruinou sua tentativa de intimidação. — Você não pode me dar ordens, Hugh.

O vampiro deu-lhe um sorriso frio e fino. — Oh, eu posso esta noite, Damian, quando você trouxe tanta atenção indesejada para o grupo. Ele não está feliz com você, deixando seu assistente andar pela cidade e assassinar todas aquelas mulheres inocentes. E ele especialmente não está feliz que vocês dois foram idiotas o suficiente para serem pegos e ele teve que enviar homens para salvá-los.

Suas palavras me fizeram pensar nos três SUVs cheios de homens que apareceram na propriedade de Rivera, os que aparentemente surgiram do nada, já que não faziam parte de sua equipe de segurança regular. O alarme que eu tinha acionado na cabana de Porter havia sinalizado outro alarme na mansão. E o segundo alarme deve ter acionado algum tipo de protocolo de segurança do Círculo. Era daí que todos os homens extras tinham vindo. Eu tinha certeza disso. Mas o conhecimento não poderia me ajudar neste momento, então eu arquivei a informação para outra hora.

Rivera acenou com a mão, descartando as preocupações de Tucker. — Mason vai superar isso. Ele sempre faz, assim que eu encher os bolsos dele com mais dinheiro da minha mãe.

Mais uma vez, meus ouvidos se animaram com esse nome. Mason tinha que ser o chefe, o homem por trás disso, o líder do Círculo. Por um momento, saboreei o fato de que finalmente – *finalmente* – tinha um nome. Nos contos de fada, os nomes geralmente tinham grande poder, como a filha do moleiro salvando seu filho adivinhando o nome de Rumpelstiltskin. Bem, nomes tinham poder em Ashland também. Nomes levavam a registros e registros levavam a casas, contas bancárias e empresas, o que acabaria por levar a uma pessoa real que eu poderia encontrar, arrastar para a luz e matar.

Mas quanto mais eu pensava nisso, mais o nome Mason me incomodava. Um pequeno sino de aviso soava na parte de trás da minha mente. Eu já tinha ouvido esse nome antes. Eu *sabia* que eu tinha. Mas onde? Quando? Era ele algum chefe de Ashland que Fletcher havia mencionado para mim? Algum figurão com quem minha mãe tinha feito negócios? Ou alguém ainda mais próximo e mais pessoal do que isso?

Por mais que tentasse, não conseguia encontrar a resposta nos resíduos da minha mente, então deixei passar – por enquanto. Além disso, no momento, eu tinha o problema um pouco mais urgente envolvendo sair dessa casa viva.

Rivera acenou com a mão novamente, como se fosse continuar falando sobre o misterioso Mason, mas Tucker olhou para o outro homem. O vampiro não olhou para mim, mas seus lábios pressionaram em uma linha dura e infeliz. Ele percebeu o quão desleixado Rivera acabara de ser, dizendo em voz alta o nome de seu chefe para mim.

— Saia — Tucker retrucou. — Agora.

Rivera abriu a boca para protestar, mas Porter colocou uma mão de advertência em seu ombro, e os dois homens saíram da cabana, fechando a porta atrás deles. Tucker inclinou a cabeça para o lado, ouvindo os sons de seus passos na varanda. Eu pensei na memória que eu tinha dele na floresta na noite que Mab matou a minha mãe, como ele tinha sido capaz de ver e me ouvir mesmo no escuro. Ele parecia ter os sentidos mais afiados e ajustados do que qualquer outro vampiro que eu já conheci. Eu me perguntei se era uma capacidade natural ou se vinha de todo o sangue que ele bebia. Ou talvez era uma combinação dos dois.

Rivera e Porter devem ter se afastado da cabana, porque o som de passos e de conversa abafada desapareceu completamente. Só então Tucker olhou para mim. Eu o encarei.

Eu pensei que ele faria alguns comentários desdenhosos e cortantes, mas em vez disso, ele me estudou cuidadosamente, como se me comparasse com alguma outra imagem em sua mente. O escrutínio silencioso prolongado me deixou desconfortável, embora não tenha me assustado tanto quanto o exame de Porter. Por outro lado, Tucker apenas matava pessoas. Eu podia

entender isso. Mas o ritual sádico de Porter? Isso era tão estranho para mim como pequenos alienígenas verdes caindo do céu.

Depois de alguns segundos, Tucker sacudiu a cabeça, como se tentasse afastar uma lembrança ruim – ou um fantasma que ainda o assombrava. Mas eu sabia por experiência própria que os fantasmas não desapareciam facilmente, e ele não pôde evitar olhar para o meu cabelo loiro tingido de novo.

— Eu realmente nunca notei antes, mas você se parece com Eira. Ainda mais do que a Bria, de certa forma. — Ele tentou tornar sua voz baixa e sem emoção, mas ele não teve sucesso.

Eu pensei no que eu tinha ouvido, como Damian tinha zombado do vampiro sobre seus sentimentos por minha mãe. Eu decidi torcer essa faca ainda mais fundo.

— Bem — eu disse lentamente. — Você deveria saber, já que estava aparentemente apaixonado por ela.

Mais uma vez, os lábios de Tucker se pressionaram naquela linha fina e infeliz após eu expor um dos seus profundos e escuros segredos, mas ele não me perguntou como eu tinha descoberto sobre seus sentimentos por minha mãe. Eu não me importei com o seu silêncio, no entanto. Foi apenas mais uma confirmação sobre o que realmente estava acontecendo aqui.

E eu percebi outra coisa. Damian Rivera estava certo. Não importa o que tenha acontecido entre eles, não importa que ela tenha sido assassinada anos atrás, Tucker ainda estava apaixonado por minha mãe. Eu queria saber a razão e exatamente o que se passou entre eles. Mas mais do que isso, agora, eu queria machucá-lo da mesma maneira que ele me machucou por não salvá-la.

Eu olhei para o espelho novamente, meu olhar fixo no meu cabelo loiro artificial. — Você está certo. Eu pareço com ela. — Eu me virei para ele. — Embora eu não me lembre da minha mãe assim. Você sabe do que eu lembro sobre como ela parecia? A única coisa que se destaca em minha mente acima de todas as outras?

— O que é? — Tucker perguntou, genuinamente curioso.

Eu o encarei diretamente nos olhos. — Seu corpo morto e carbonizado na noite em que Mab a queimou até a morte. É assim que eu lembro como minha mãe parecia, seu filho da puta.

Tucker se encolheu e realmente balançou em seus pés um pouco, como se eu tivesse lhe dado um tapa na cara e, em seguida, dado um soco no intestino para complementar. Eu ansiava por fazer as duas coisas e muito mais. Muito *mais*, incluindo acertar uma das minhas facas em linha reta através de seu coração negro de novo e de novo, até que não restasse mais nada além de minúsculas tiras ensanguentadas.

— Minha mãe era uma mulher bonita — eu disse. — Longos cabelos loiros, olhos azuis, feições bonitas. Então você pode imaginar como foi horrível ver tudo isso reduzido a cinzas em um instante. Seu cabelo, olhos, rosto, tudo se foi, sendo substituído por pele enegrecida e pedaços carbonizados de ossos. Mas você sabe o que foi pior? A única coisa que ainda me persegue até hoje? A única coisa que ainda aparece nos meus pesadelos repetidamente?

Por um momento, pensei que Tucker não iria me fazer a pergunta inevitável, mas ele molhou lentamente seus lábios, e tive a sensação de que ele simplesmente não conseguia se conter. — O quê?

— O fedor carbonizado de sua pele queimada e empolada. O aroma de cinzas que substituiu seu doce perfume. As nuvens sufocantes de fumaça que deslizavam pela minha garganta e cobriam meus pulmões. Você não pode nem *imaginar* isso. Como um matadouro que pegou fogo e queimou até o chão com todos os animais presos lá dentro.

Minha voz era trivial e sem emoção, mas Tucker realmente estremeceu e se virou, como se de repente ele não aguentasse mais me ver parecendo minha mãe. Aquela raiva fria no meu coração vibrava de satisfação. Pela primeira vez, eu realmente coloquei uma rachadura na armadura fria de Tucker.

Eu olhei para o espelho, que estava inclinado de modo que eu ainda podia ver seu rosto. Ele abaixou a cabeça e fechou os olhos, como se tentasse banir as imagens horríveis que minhas palavras criaram em sua mente. Mas ele esteve lá naquela noite. Ele pode não ter visto o corpo de minha mãe, mas ele testemunhou o resultado do Fogo de Mab queimando a mansão.

Eu queria que ele se lembrasse. Eu queria que ele pensasse sobre isso. Eu queria que as memórias assombrassem o bastardo da mesma maneira que elas me assombravam.

Um longo silêncio se seguiu. Nenhum de nós falou. Se eu tivesse uma das minhas facas, eu teria cortado as minhas cordas, levantado da cadeira e o apunhalado pelas costas.

Mas se os desejos fossem cavalos, eu teria um quintal cheio de pôneis empinando agora.

Finalmente, Tucker abriu os olhos, limpou a garganta e me encarou novamente. — Eu tentei salvar sua mãe. Realmente, eu tentei. Eu dei a ela todas as oportunidades.

— Para fazer o quê? Entrar na linha com o resto de seus amigos do Círculo? Fazer todas as coisas horríveis que eles ordenassem que ela fizesse? Ser seu cachorrinho, assim como você? — Eu soltei uma risada severa e sem graça. — Não parece uma grande *oportunidade* para mim. Mais como uma prisão. Mas então você saberia, não é, Tuck?

Minhas palavras cruéis finalmente o tiraram de suas memórias e dos seus sentimentos suaves, quaisquer que fossem, e seu rosto se endureceu novamente na sua máscara fria usual.

— Você é a única que está amarrada a uma cadeira, Gin. Eu não. Eu diria que você é a prisioneira aqui.

Eu balancei a cabeça, deliberadamente fazendo o meu cabelo loiro recém-tingido agitar em volta dos meus ombros. — Não. Eu não sou uma prisioneira. Eu não recebo ordens de ninguém; você não pode dizer o mesmo. Eu sou dona de mim mesma, mas você nunca mais será isso.

Os olhos de Tucker brilharam e eu vi o silencioso acordo em seu olhar negro. Ele encolheu os ombros, não descartando minhas palavras. — De qualquer forma, uma coisa boa saiu de tudo isso.

— O que foi?

Ele me deu um sorriso, mostrando as presas que brilhavam em sua boca. — Você não será mais um espinho no meu pé.

Eu dei a ele um olhar divertido. — Por quê? Por que você acha que Rivera e Porter vão realmente me matar? Pense de novo, amigo.

Seu sorriso se alargou, e seus olhos negros se aqueceram apenas um pouquinho. — Você tem a confiança da sua mãe e sua teimosia também.

Foi de longe a coisa mais legal que ele já me disse, mas a raiva disparou através de mim por causa das suas palavras. Ele fez soar como uma espécie de deficiência da parte dela, e minha também. — Eu sei.

— Sim, você sabe, não é? — Ele murmurou. — E, infelizmente, pequena Genevieve, isso vai ser sua morte, assim como foi para ela.

Comecei a perguntar a ele o que quis dizer com isso, mas Tucker me deu outro longo olhar, depois abriu a porta e me deixou para trás.

• • •

Tucker entrou na varanda e saiu da minha linha de visão, embora tenha deixado a porta aberta atrás dele. Alguns segundos depois, mais passos rangeram na madeira. Rivera e Porter devem ter voltado de onde quer que tenham ido e se juntaram ao vampiro na varanda.

— Matem-na — Tucker ordenou em uma voz clara e forte que chegou até a cabana. — E tentem fazer certo desta vez. Estou cansado de limpar sua bagunça, Damian.

Eu ouvi mais passos, indo para o final da varanda. Depois de alguns segundos, os passos desapareceram, como se Tucker tivesse saído da varanda e para qualquer paisagem que estivesse além. E eu percebi que o vampiro estava indo embora. Ele estava indo embora sem me matar.

Tucker não era bobo. Eu não era uma garotinha assustada tropeçando pela floresta como se tinha sido na noite do assassinato da minha mãe. Ele sabia exatamente quão perigosa eu era e que iria lutar até o meu último suspiro. Mas, em vez de acabar comigo, ele foi embora e deixou o trabalho para Rivera e Porter. E se havia uma coisa que eu sabia sobre Tucker, era que ele sempre tinha uma razão para as suas ações, não importa quão retorcidas elas fossem. Humm.

Os outros dois homens voltaram para dentro.

Rivera olhou para mim, certificando-se de que eu ainda estava amarrada, e deu outro longo golpe em seu frasco prateado. Ele segurou-o perto

do ouvido e sacudiu-o, mas o recipiente estava vazio. Suas narinas flamejaram com raiva porque sua preciosa bebida já havia acabado.

— Eu preciso de um refil — ele rosnou. — Você ouviu Tucker. Mate-a. E seja rápido sobre isso. Não vai demorar muito até que os amigos dela percebam que ela ainda está na propriedade e voltem à procura dela.

Ainda na propriedade? Então ainda estávamos na propriedade de Rivera. Mas onde? Eu tinha examinado cada centímetro do lugar quando eu estava planejando invadir o escritório de Rivera, e casa de caseiro de Porter era a única claramente marcada na propriedade. Então, onde esta segunda casa estava localizada? Eu não sabia, mas uma nova esperança me encheu. Tudo o que eu tinha que fazer era sair das minhas restrições e sair da casa. Uma vez que eu estivesse do lado de fora, eu conseguiria descobrir exatamente onde estava e fugir. Então eu encontraria meus amigos e nós sairíamos daqui juntos, terminaríamos o que tínhamos começado e acabaríamos com esses bastardos para sempre.

— É claro — murmurou Porter em tom neutro, mais do que acostumado a lidar com as demandas de um Rivera bêbado.

Rivera revirou os olhos, sabendo que ele estava sendo manipulado. Ele saiu da cabana e fechou a porta atrás dele. Ele cruzou a varanda e o som de seus passos cambaleantes desapareceu. Sem dúvida, Rivera estava voltando para sua mansão para obter o tão necessário refil e beber o resto da noite.

Isso me deixou sozinha com Bruce Porter.

Eu pensei que ele poderia vir imediatamente e começar a me bater, como Tucker e Rivera tinham mandado. Eu fiquei tensa, pronta para pegar minhas magias de Gelo e de Pedra e usá-las para me tirarem da minha cadeira e das cordas ainda me amarrando.

Mas Porter tinha outros planos. Ele pegou uma das cadeiras da mesa da cozinha, trouxe-a, e colocou-a diretamente na minha frente. Ele se sentou, recostou-se e se acomodou. Uma vez que ele estava sentado, ele olhou para mim e sorriu.

E assim, o Dollmaker finalmente revelou seu verdadeiro eu.

Oh, Porter parecia exatamente o mesmo de antes. Cabelos grisalhos e cinza-escuros cortados rente ao crânio, pálidos olhos azuis, linhas profundas

sulcadas em sua pele avermelhada, corpo forte, compacto e musculoso em um terno escuro.

Mas de um segundo para o outro, todo o seu comportamento mudou.

A expressão séria e severa de chefe de segurança desapareceu, o homem que permanecia quieto ao fundo e esperava que os outros lhe dissessem o que fazer. Agora seus olhos estavam mais brilhantes, seu sorriso mais largo, sua postura distante mais natural e relaxada. Ele parecia... feliz.

Não, eu percebi, não feliz. Inebriado porque ele estava prestes a representar seu sonho sádico novamente.

Bem, eu esperava que ele estivesse gostando, porque o sonho dele rapidamente se tornaria na porra do pior pesadelo da sua vida.

— Agora podemos finalmente começar — disse Porter em uma voz alta, quase maníaca que era completamente diferente de seu tom suave habitual. — Faz tanto tempo desde que eu tive um convidado especial aqui. Você pode imaginar como estou animado.

— Oh, sim — eu disse lentamente. — Faz menos de uma semana desde que você sequestrou uma mulher, a embonecou, trouxe-a aqui, a espancou e estrangulou até a morte. Não consigo imaginar como você durou tanto tempo sem tudo *isso*.

A raiva surgiu nos olhos do anão porque eu não estava jogando junto com ele, mas ele se forçou a relevar. Ele teve muito trabalho nisso para já me matar. Seu olhar foi para a lareira, e vi uma foto apoiada no suporte da lareira, uma de Maria Rivera.

Era exatamente a mesma foto que eu tinha visto no escritório de Damian, a dele em pé com Maria e o seu pai, Richard. Pelo menos, costumava ser a mesma foto. Alguém havia cortado Damian e seu pai da foto, deixando apenas Maria, com Porter agora de pé ao lado dela em vez de à distância, como ele estava na foto original. Então eu estava certa quando pensei que isso tudo era sobre Maria. Eu apenas associei ao homem errado.

— Então, isso é tudo sobre ela? — Eu perguntei. — Você sequestrou e matou todas aquelas mulheres tentando encontrar uma substituta para Maria? Deixe-me adivinhar. Você estava apaixonada por ela e não acabou bem.

Porter ficou olhando para aquela foto, sua expressão suavizando com boas lembranças. — Meu pai trabalhava para o pai dela, e minha família morava aqui nesta cabana. Nós dois crescemos juntos. Eu a amei desde o primeiro momento em que a vi, desde que éramos crianças. Ela sempre foi tão bonita, tão elegante, tão charmosa. Ninguém tinha tanta classe como Maria.

— Então, o que aconteceu?

Eu estava tentando mantê-lo falando por tempo suficiente para eu descobrir alguma maneira de sair daqui. Mesmo com a minha magia, ainda levaria preciosos segundos para me libertar da minha cadeira e das cordas que me amarravam. Dada a sua força de anão, Porter poderia facilmente me matar com um golpe se ele me acertasse no ponto certo. Eu precisava encontrar um jeito de incapacitá-lo primeiro. Então eu poderia trabalhar em sair da minha cadeira.

Porter ficou olhando a foto de Maria. — Quando tínhamos dezoito anos, contei como me sentia por ela e pediu-lhe para fugir comigo. — Seu sorriso desapareceu, e a luz feliz foi apagada de seus olhos. — Mas ela não queria fugir. Ela disse que não queria deixar seus pais para trás.

Mais provavelmente, ela não queria deixar sua enorme fortuna para trás, mas eu mantive minha boca fechada, ainda analisando a minha situação. Por mais forte que eu fosse, minha magia de Gelo era inútil agora. Uma adaga de Gelo não iria me ajudar a cortar minhas cordas, e desde que minhas mãos estavam amarradas, eu não podia nem levantar meu pulso e enviar um spray delas na direção de Porter.

— Então você amava Maria, mas ela não quis ir com você — eu disse, apenas para manter a conversa, apenas para mantê-lo tagarelando sobre o passado. — E, eventualmente, ela se casou com Richard Rivera.

— Não foi culpa dela — ele rosnou. — Foram os pais dela. Eles nunca gostaram de mim.

Não consegui imaginar o porquê.

— Eles fizeram com que ela se casasse com Richard. Mas ele não a amava. Ele não gostava dela. Não como eu. Richard estava mais interessado em beber e ter casos e gastar seu dinheiro. Ele quebrou o coração de Maria de

novo e de novo. — Porter encolheu os ombros. — Então, eu finalmente o matei quando Damian era adolescente. Fiz parecer um acidente de carro.

Isso chamou minha atenção e eu olhei para ele novamente. — Damian sabe que você matou o pai dele?

Ele acenou com a mão suavemente da mesma forma que Damian havia feito antes, descartando seu próprio ato maligno. — Claro que não. Eu cobri meus rastros muito bem. Eu sempre faço. Além disso, o menino estava melhor sem ele.

— Então você matou o pai de Damian e teve Maria só para você novamente.

Porter assentiu, sorrindo amplamente de novo. — Por um tempo, tudo foi maravilhoso. Claro, eu dei a Maria muito tempo para ficar de luto. Eu não sou completamente um monstro.

Ah, não. Não é completamente um monstro.

Mas eu segurei minha língua e voltei para o meu próprio problema de como escapar. Desde que descartei usar minha magia de Gelo, eu me concentrei no meu poder de Pedra. Mas isso não me ajudaria a cortar minhas cordas mais do que a minha magia de Gelo faria. Por isso eu fiz mais algumas perguntas, tentando ganhar um pouco mais de tempo para descobrir isso.

— E quanto a Damian? O que ele pensa sobre sua obsessão com a mãe morta e todas as mulheres que você matou no lugar dela?

Porter bufou de desgosto. — Damian sempre esteve muito interessado em sua bebida e em mulheres para pensar sobre qualquer outra coisa, incluindo a mãe dele. Ele é como o pai dele nisso. Enquanto eu o mantiver feliz e encobrir suas bebedeiras, ele me deixa fazer o que eu quiser. Ele entende que eu sei o que é melhor para ele.

Eu me perguntei se Damian era realmente egocêntrico e indiferente como Porter pensava. Ou talvez Damian percebeu que se ele não concordasse com o anão, ele acabaria morto em um suposto acidente de carro, assim como o seu pai.

— Mas finalmente, cansei de esperar por Maria, e eu disse a ela que agora que os pais dela tinham ido embora e Richard estava morto, finalmente

tinha chegado a hora de estarmos juntos. — Porter sacudiu a cabeça. — Mas ela não reagiu do jeito que eu esperava. De modo nenhum.

Desta vez, eu não consegui manter a boca fechada ou manter o sarcasmo longe da minha voz. — Deixe-me adivinhar. Maria disse que só pensava em você como um amigo. Que ela simplesmente não te amava e que vocês dois nunca iriam ficar juntos do jeito que você queria. Talvez ela até tenha tentado dizer isso para você gentilmente, mas foi quando você finalmente quebrou.

Algo mais me ocorreu, algo que eu li na informação que Finn e Silvio tinham compilado para mim sobre a família Rivera. — Maria morreu em um acidente de carro também, não foi? Vários anos atrás. Deixe-me adivinhar. Mais do seu trabalho.

Porter sacudiu a cabeça. — Eu não *queria* bater nela. Apenas *aconteceu*. Ela me deixou tão zangado, dizendo que ela nunca poderia estar comigo. Que eu era apenas um amigo. Que ela apreciava meu serviço e minha lealdade, mas nunca poderia haver mais nada entre nós. Por que ela não podia ver o quanto eu a amava? Por que ela teve que me obrigar a matá-la? Por quê…

Ele continuou falando, mas eu o ignorei, muito mais interessada no que as pedras da cabana de repente tinham a dizer. Ao redor de nós, elas começaram a murmurar, respondendo a raiva escura de Porter.

Sangue, violência, dor, morte... sangue, violência, dor, morte... sangue, violência, dor, morte...

Os gritos eram ainda mais fortes aqui do que na casa de caseiro, as notas agonizantes tão nítidas e altas que parecia que as vibrações emocionais estavam lentamente rasgando as pedras, uma molécula uma de cada vez. Claro, isso não estava realmente acontecendo, desde que emoções, não importando o quão fortes e intensas fossem, não conseguiam quebrar pedra sólida.

Mas *eu* podia.

Eu precisava incapacitar Porter, e que melhor maneira de fazer isso do que usando minha magia de Pedra para derrubar sua própria casa de horrores bem em cima de sua cabeça? Isso seria alguma justiça poética, ao estilo Aranha. Então eu me concentrei em todos aqueles gritos e gemidos queixosos,

ouvindo os murmúrios e usando os sons para procurar os pontos mais fracos nas pedras que compunham a cabana.

Lá... bem *ali*.

Os murmúrios eram particularmente fortes e altos na parte superior da lareira, logo acima da cornija de lareira, onde Porter colocara aquela foto adulterada dele e de Maria. Claro, as vibrações emocionais se concentrariam ali, já que Maria era o ponto focal da obsessão de Porter. Até melhor, eu podia ver um fraco padrão de rachaduras de teia de aranha começando a partir daquele ponto na lareira e correndo todo o caminho até o teto.

Eu olhei das rachaduras para Porter e de volta, calculando distâncias e ângulos. Eu precisava fazer ele se mover um pouco mais perto de mim, de modo que ele estaria diretamente na linha de fogo, por assim dizer. Mas isso seria fácil de realizar. Tudo o que eu tinha que fazer era atacá-lo com palavras da mesma maneira que eu fiz com Tucker. Então, eu fixei minha atenção naquele ponto fraco na lareira e comecei a reunir minha magia de Pedra. Eu só tinha uma chance e precisava fazer valer a pena.

— E você sabe qual foi a pior parte? — Disse Porter, continuando seu discurso. — Maria estava pronta para seguir adiante. Ela me disse que já tinha feito planos com outra pessoa e que ela estava a caminho de se encontrar com ele. Eu fiquei lá e observei ela enrolar o cabelo e colocar a maquiagem enquanto ela me contava tudo sobre isso.

Bem, isso explicava a maquiagem. Ele estava tentando recriar aquele momento fatídico, apenas com o resultado que ele queria, em vez do que realmente aconteceu.

— Ela colocou o batom por último, depois olhou para mim no espelho e sorriu, pedindo que eu ficasse *feliz* ela. — Porter rosnou. — Como se eu pudesse ser feliz quando ela estava com outra pessoa. Por que ela teve que fazer isso? Por que ela não podia simplesmente me amar tanto quanto eu a amava?

— Oh, eu não sei — eu disse, minha voz pingando de veneno. — Talvez porque ela tenha percebido quão obcecado você estava por ela. Talvez porque ela estava cansada de você sempre a observando, para não mencionar seguindo-a o tempo todo. Ou talvez ela só quisesse que você fosse embora e

desse a ela a porra de um momento de *paz*. Você já pensou que você era o problema, não ela?

Porter piscou e piscou, como se esses pensamentos perturbadores nunca tivessem lhe ocorrido antes. — Mas... mas eu a *amava*.

Eu soltei uma risada rouca e zombeteira. — Você não a *amava*. Você a *espreitava*, você a *perseguia*. E quando ela não entrou no jogo, quando ela não deu o que você queria, você finalmente a *matou*. Maria se foi, e você não tem ninguém para culpar a não ser você mesmo. E agora você continua tentando recriar esses sentimentos que você tinha por ela com outras mulheres. Bem, adivinhe, Bruce? Nenhuma das pobres garotas que você trouxe aqui e assassinou também te amou. E Maria? Imagino que ela tenha tido pena de você mais do que qualquer outra coisa.

Eu parei, me preparando para torcer minha faca verbal ainda mais fundo, assim como eu fiz com Tucker. Enquanto isso, eu continuei reunindo minha magia de Pedra, me preparando para machucar Porter com ela ainda mais do que eu estava machucando-o com minhas palavras afiadas e insultantes.

— Não — eu disse. — Maria nem teve pena de você. Ela acabou tirando *sarro* de você. Ela provavelmente riu e riu de você pelas costas com todas as suas amigas esnobes e ricas.

— Cala a boca — rosnou Porter. — Maria nunca fez nada disso. Ela nunca seria tão cruel.

— Ela teria sido *exatamente* tão cruel — eu retruquei. — Como ela poderia não rir de você? O pequeno servo bobo que achava que realmente tinha uma chance com a princesa rica e bonita? Só de ouvir sua história estúpida me dá vontade de rir.

Eu o encarei bem nos olhos e comecei a rir, fazendo os sons tão baixos, duros e zombeteiros quanto possível. Tentando fazê-lo esquecer de tudo, exceto como ele estava com raiva de mim.

E funcionou.

Os olhos azuis de Porter se estreitaram em fendas, um rubor avermelhado subiu por seu pescoço e suas mãos se cerraram em punhos. E eu sabia que estava vendo exatamente o que todas aquelas outras mulheres

haviam visto antes de ele matá-las. Elas disseram a coisa errada, elas arruinaram sua fantasia, e ele ficou furioso e as matou, apenas como ele matou Maria quando ela finalmente o rejeitou.

Eu deixei minhas risadas desaparecerem. — Encare isso, Bruce. Maria nunca se importou com você, nem um pouquinho...

Desta vez, fui eu quem fez um desabafo. Mais e mais palavras odiosas passaram pelos meus lábios, cada uma mais venenosa do que a anterior, mesmo enquanto eu recolhia mais e mais da minha magia de Pedra, me preparando para o que estava por vir. Minhas palavras e poder se misturavam, cada um alimentando o outro.

Aquele rubor rastejou até as bochechas de Porter, manchando-as com uma raiva vermelha escura e assassina que brilhava nos olhos dele. Seu corpo inteiro ficou tenso, e suas mãos estavam juntas com tanta força que seus dedos ficaram brancos de tensão. Mas eu continuei falando, provocando-o.

— E você sabe o que mais? — Eu disse. — Você não trouxe todas aquelas mulheres aqui porque você pensou que as amava. Não realmente. Você as trouxe aqui porque queria machucá-las da mesma maneira que Maria te machucou. Porque no fundo, você *gosta* de machucar mulheres. Porque você queria toda a merda do *poder* sobre elas, que você nunca teve sobre ela...

E ele finalmente estalou, como um elástico esticado até o ponto de ruptura.

Bruce Porter soltou um áspero grito primal, levantou-se da cadeira e se jogou em cima de mim.

E foi quando finalmente soltei minha magia.

Capítulo 26

Minha magia de Pedra rugiu para fora do meu corpo como um relâmpago invisível, e eu concentrei todo o meu poder, toda a minha energia, naquele ponto fraco acima da foto adulterada de Maria e Porter no suporte da lareira. Assim que minha magia atingiu todas aquelas minúsculas rachaduras de teia de aranha, as pedras explodiram da lareira como mísseis, todas apontadas diretamente para Bruce Porter.

As pedras bateram no anão, afastando-o de mim e derrubando-o no chão. Porter gritou de surpresa e tentou se levantar, e eu usei minha magia para explodir outra onda de pedras da lareira e diretamente para ele, derrubando-o de volta ao chão. Ele gritou de novo, mas ao invés de tentar se levantar, ele se enrolou em uma bola para se proteger dos pesados pedaços de pedras e estilhaços afiados voando.

Eu tinha conseguido derrubar Porter, pelo menos por alguns minutos, por isso eu olhei para a lareira novamente, desta vez, concentrando-me em uma pedra muito mais abaixo na parede.

— Vamos, querida — eu murmurei. — Venha para o Gin.

Meu coração palpitava, o suor escorria pelo meu rosto e os tremores balançavam meu corpo da cabeça aos pés por me concentrar tão forte e por tanto tempo naquele ponto. Mesmo que eu tenha praticado usar minha magia de Pedra apenas com este tipo de precisão, fazendo uma única pedra disparar de uma parede *e* ir exatamente onde eu queria que acertasse com o meu grande poder elemental. Mas essa era a minha melhor e única chance de

escapar, então limpei minha mente, me concentrei ainda mais intensamente naquele ponto na parede, e soltei outra forte onda de magia.

CRACK!

Aquela única pedra saiu da parede, atravessou a sala e bateu diretamente na lateral da minha cadeira. A rocha pesada perfurou a madeira, quebrando todo o lado esquerdo da cadeira. O golpe brutal me derrubou, e minha cabeça bateu no chão, fazendo-me ver estrelas brancas. Mas agora minha mão esquerda estava livre, por isso eu afastei a dor, agarrei um longo pedaço de pedra irregular do chão, e usei-o para serrar através das cordas no meu pulso direito e meus tornozelos.

E bem na hora.

Porter finalmente percebeu que eu não estava mais mirando nele, se levantou sobre as mãos e joelhos e sacudiu as pedras que haviam caído em cima dele, como um cachorro tirando água do pelo. Ele tinha um grande roxo na testa, e vários cortes ensanguentados riscavam a lateral do rosto, mas ele não estava de forma alguma fora da luta e nem sequer perto de estar morto.

Eu cambaleei para os meus pés e Porter fez o mesmo. Sua cabeça chicoteou para a esquerda e para a direita, absorvendo minha destruição da sua preciosa cabana. Por esta altura, a lareira era pouco mais do que uma pilha desintegrada de pedras, e rachaduras profundas e feias ziguezagueavam por todo o teto e desciam para as paredes. Pó cinza cobria tudo, inclusive aquela foto dele e de Maria. Estava nos escombros em frente a lareira, a moldura prateada partida, o vidro estilhaçado, e fotografia reduzida a farrapos.

— Sua puta! — Ele gritou. — Você estragou tudo! Você arruinou *tudo*!

— Pode ter certeza de que eu fiz — eu rosnei.

Porter me atacou novamente, mas eu levantei minha mão e enviei um spray de adagas de Gelo na direção dele. Ele cambaleou para fora do caminho, mas tropeçou nos escombros rochosos e caiu de volta no chão. Mas até mesmo isso teve pouco impacto, dada sua musculatura de anão grossa e forte, e ele soltou um grunhido alto e começou a levantar novamente.

Eu não podia deixá-lo colocar as mãos em mim, então eu passei por ele, abri a porta da cabana e corri para fora. Um alpendre de madeira estava

preso na frente da casa, como eu pensava, e corri através dele, desci os degraus e corri para a escuridão além. Mas eu não fui longe.

— Volte aqui! — Porter gritou.

Em vez de responder, eu virei de volta para que eu estivesse de frente para a casa de novo, levantei minhas mãos, e soltei outra onda da minha magia de Pedra.

E desta vez, eu desmoronei a porra toda da casa bem em cima dele.

A casa poderia ter estado perfeitamente intocada e preservada no interior, mas o exterior era antigo, velho, desmoronando, e coberto de videiras kudzu mortas. Eu martelei a estrutura novamente e novamente, quebrando as paredes e o teto com minha magia de Pedra e forçando meu poder de Gelo em todos aqueles espaços abertos. Então, eu usei minhas magias de Pedra e de Gelo para ampliar essas rachaduras e quebrar pedaços ainda maiores de pedras. Esqueça a delicadeza. Eu golpeei a estrutura o mais forte e rápido que pude com o meu poder e, trinta segundos depois, fui finalmente recompensada.

Crack!

Crack! Crack!

Crack! Crack! Crack!

A parede da frente explodiu, como se tivesse sido explodida por uma série de bombas. Sem esse apoio, o telhado desmoronou, e as outras paredes também sob o peso subitamente desequilibrado. Menos de dez segundos mais tarde, a casa inteira se desabou como um castelo de cartas em cima de Bruce Porter. Mas eu continuei desencadeando onda após onda de magia, esmagando cada pedra que pude e enterrando o anão neste lugar horrível onde ele matou tantas mulheres inocentes.

Finalmente, quando a casa era apenas uma pilha de escombros empoeirados e rochosos, deixei minha magia cair e abaixei as minhas mãos. Eu limpei o suor do meu rosto e respirei fundo, profundamente, tentando acalmar a batida do meu coração. Todo o tempo, olhei para a cabana, olhando e ouvindo por qualquer sinal de vida. Mas os únicos sons eram a continuação do *crack-crack-crack* e *scrape-scrape-scrape* das rochas quebrando e deslizando, enquanto o que restou da casa lentamente se estabelecia. Eu

estendi minha magia novamente, desta vez escutando as próprias pedras, mas seus murmúrios estavam mais aliviados do que agonizantes agora, como se elas estivessem contentes que ninguém mais teria que sofrer dentro de suas paredes quebradas. Os sons me confortaram.

Agora que eu tinha enterrado Porter, era hora de descobrir exatamente onde eu estava, então eu olhei para a escuridão. Eu não tinha ideia de que horas eram, e não havia lua nem luz das estrelas para me ajudar. Nuvens grossas e pesadas cobriam o céu noturno e nevou em algum momento enquanto eu estava inconsciente. Uma camada de flocos de neve cobria o chão, iluminando a paisagem um pouco. Enquanto eu estava lá, mais e mais flocos começaram a cair, e eu até pensei que ouvi um estrondo de trovão ao longe. Eu me lembrei do que Jo-Jo disse sobre nuvens de tempestade estarem no meu futuro. Eu estremeci... e não inteiramente do frio.

Rivera havia dito que ainda estávamos em sua propriedade, e pensei nos mapas de propriedade que eu analisei quando estava explorando sua mansão. Algum ruído soou à distância, e eu inclinei a cabeça para o lado, tentando descobrir o que era. Demorei alguns segundos para perceber que era o Rio Aneirin. De repente, eu sabia exatamente onde eu estava. Quando Finn e eu estivemos aqui, eu notei uma velha casinha desmoronando na floresta à distância – a cabana que eu acabara de reduzir a escombros.

Pensei no que sabia do resto da área. Se eu me dirigisse para o som da água, eu acabaria chegando às falésias que davam para o rio. De lá, eu poderia me orientar melhor e sair dos bosques circundantes. Depois disso, tudo que eu tinha que fazer era chegar a uma estrada ou a um telefone, e eu poderia avisar aos outros onde eu estava...

Um corpo bateu em mim por trás, me derrubando no chão. Mãos ásperas me jogaram de costas, e Bruce Porter trancou as mãos em volta da minha garganta.

O anão parecia, bem, como se uma casa tivesse caído em cima dele. Pó cinza e sujeira cobriam-no da cabeça aos pés, seu terno estava em farrapos rasgados em seu corpo, e os cortes em seu rosto, mãos e os braços pingavam sangue. Ele parecia um fantasma irado voltando para se vingar de mim.

Suas mãos apertaram em volta do meu pescoço e eu rapidamente agarrei minha magia de Pedra novamente, endurecendo minha pele para que ele não pudesse cortar meu ar mais do que ele já tinha feito.

— Sua puta! — Porter rosnou. — Você acha que pode fugir de *mim*? Você acha que pode *me* rejeitar? Eu amo você! Eu sempre te amei! Por que você não pode me amar? Por quê?

Ele não estava mais falando comigo. Ele nem estava tentando me matar mais. Não realmente. Para Porter, isso ainda era tudo sobre Maria, e eu tive a infelicidade de ser sua última substituta.

Como eu não tinha minhas facas, peguei minha magia de Gelo, criei uma adaga afiada e apunhalei-o no bíceps com ela, apenas tentando fazê-lo afrouxar o aperto na minha garganta. Ele grunhiu de dor, mas não soltou, então eu explodi a ferida com o meu poder, dirigindo centenas de minúsculas agulhas de Gelo até o fundo de seus músculos.

Isso foi finalmente o suficiente para fazê-lo perder o controle, pelo menos com aquela mão. Eu bati meu cotovelo em seu rosto, quebrando o seu nariz. Ele grunhiu novamente e saiu de cima de mim. Eu me afastei dele e me levantei.

E Porter também.

Apesar dos cortes ensanguentados em seu rosto, os hematomas cobrindo seu corpo, e as agulhas de Gelo saindo de seu braço como se ele fosse um porco-espinho, o anão se levantou imediatamente. Ainda pior, ele parecia mais forte do que nunca. Ele não balançou, não cambaleou, nem sequer oscilou, nem um pouquinho. Era como se ele nem sentisse nenhum dos seus ferimentos. Talvez ele não o fizesse, dadas as maldições rosnadas que passavam de seus lábios e a raiva determinada brilhando em seus olhos. Ou talvez ele simplesmente não se importasse com outra coisa senão me matar agora.

Eu nunca me importei muito com filmes de zumbis, mas eu estava começando a me sentir como se estivesse presa em um, porque Porter simplesmente não morria. Eu desmoronei uma casa inteira em cima dele, e ele parecia que tinha acabado de ter uma luta de aquecimento para o evento principal. Se eu tivesse minhas facas, eu poderia ter infligido tantas feridas

nele que ele entraria em colapso e morreria por causa da perda de sangue. Mas eu não tinha as minhas facas e eu não tinha uma maneira fácil de matá-lo sem me matar, especialmente considerando o quanto dano ele poderia me causar com as próprias mãos, algo que ele parecia muito ansioso para fazer.

Porter rosnou e atacou novamente, determinado a não me deixar– ou ao fantasma de Maria que eu representava – escapar.

Então, eu fiz a única coisa que pude.

Eu me esquivei dele, me virei e fugi.

• • •

Deixei a clareira em frente a cabana e corri para a floresta como um cervo sendo perseguido por um caçador. Isso é exatamente o que eu era neste momento.

— Volte aqui, sua cadela! — Ele rugiu, correndo através das árvores atrás de mim.

Eu me forcei a correr mais rápido, minhas botas levantando nuvens de neve e escorregando na pista congelada de folhas abaixo. E, claro, eu enganchei meu pé em uma raiz nodosa e tropecei direto em uma árvore. Eu consegui virar meu corpo para que apenas meu ombro esquerdo batesse no tronco grosso e sólido, em vez do meu rosto, mas o golpe duro ainda enviou uma onda de dor que percorreu todo esse lado do meu corpo. Eu ignorei a dor, soltei meu pé e continuei.

O tempo todo que eu corri, escorregando e deslizando pelos trechos de neve, tentei pensar em uma maneira que eu poderia matar Porter antes que ele me matasse. Mas sem minhas facas, minhas opções estavam severamente limitadas. Eu tinha esgotado minha magia de Gelo com aquela última explosão de agulhas em seu braço. Até as reservas frias guardadas em meu pingente e anel de runa de aranha se foram. Tudo o que me restava agora era o meu poder de Pedra, e muito pouco dele, mas essa magia não me faria realmente acabar com Porter.

Outra raiz de árvore agarrou minha bota, me fazendo tropeçar de novo, e eu me forcei a desacelerar antes que eu caísse e quebrasse meu tornozelo. Se isso acontecesse, eu estaria realmente acabada.

Um ponto latejava no meu lado esquerdo e eu parei e me abaixei atrás de uma árvore. Eu limpei o suor frio da minha testa e suguei respiração após respiração, tentando diminuir meu coração acelerado. Depois de um minuto, eu me forcei a respirar pelo nariz para poder ouvir e tentar descobrir onde Porter estava. Mas eu não o ouvi batendo nas árvores atrás de mim, e apenas a corrida constante do rio quebrou o silêncio da neve.

Eu me concentrei no som da água correndo. Era muito mais alto aqui do que fora da cabana, e eu me afastei da árvore, tentando descobrir quão perto eu poderia estar do Rio Aneirin. Um minuto depois, saí da floresta. Cerca de cinquenta metros à minha frente, o chão terminava completamente, e percebi que estava olhando para as falésias que margeavam o rio, as mesmas que Finn e eu nos deparamos duas noites atrás.

E de repente eu percebi como eu poderia matar Porter de uma vez por todas – ou pelo menos levá-lo comigo.

Em vez de voltar para a floresta, deixei as árvores para trás e caminhei para frente até estar de pé na beira do penhasco. Eu olhei para baixo, mas parecia o mesmo de antes. Uma queda de trinta metros, com uma costa rochosa abaixo e a faixa escura do rio correndo ao lado dela.

Mais neve começou a cair, transformando-se em uma chuva constante. Eu me afastei da borda, olhando para a direita e esquerda através dos flocos espessos e redemoinhos, mas este ponto era tão bom quanto qualquer outro para fazer a minha última tentativa, então me virei e encarei a floresta novamente. E então eu fiquei lá e esperei, apenas esperei que Porter me encontrasse.

Não demorou muito, já que ele conhecia a área melhor do que eu. Três minutos depois, ele correu para fora da floresta até a clareira coberta de neve na minha frente.

— Maria, aí está você — ele gritou. — Eu sabia que você não poderia ficar longe de mim.

Em vez de oferecer uma provocação nova e cruel, balancei a cabeça, de modo que meu cabelo loiro tingido caiu para frente, cobrindo a maior parte do meu rosto, incluindo minha maquiagem suja e escorrendo. Eu também estendi a mão e comecei a enrolar uma mecha ao redor do meu dedo várias vezes, brincando com a fantasia de Porter e dando-lhe algo para se fixar.

— Por que eu fugiria de você, Bruce? — Eu sussurrei. — Eu estava esperando aqui por você. Há tanto tempo que eu não te vejo.

Eu não tinha ideia de como era a voz de Maria Rivera, então deixei meu tom baixo e ofegante, sem um traço de malícia ou sarcasmo. Era o mesmo tom que eu ouvi Finn usar quando ele estava cortejando um novo cliente. E na verdade pareceu funcionar, porque Porter assentiu, concordando comigo.

— Eu sei agora que nós pertencemos um ao outro — eu disse com a mesma voz ofegante. — Sinto muito que me levou tanto tempo para perceber isso. Eu fui tão idiota.

Por um momento, a confusão encheu o rosto de Porter, e eu me perguntei se eu tinha ido longe demais, se eu tinha me desviado muito de suas memórias de Maria e como ela o rejeitou. Mas então seu rosto ensanguentado e empoeirado se dividiu em um sorriso largo, e ele caminhou para frente.

— Você não sabe quanto tempo eu esperei para ouvir você dizer isso — disse ele, sua voz assumindo a mesma nota alta e alegre que ele usou na cabana mais cedo.

Eu sorri para ele e lentamente levantei meus braços para os lados, como se estivesse convidando-o a vir e me dar um abraço. Isso era *exatamente* o que eu queria que ele fizesse.

— Eu sei, querido — eu sussurrei novamente. — E eu sinto muito. Eu estive errada sobre tantas coisas, Incluindo você. *Especialmente* você.

Porter assentiu. — Você esteve, Maria. Como você esteve.

— Bem, por que você não vem aqui e me deixa fazer as pazes com você? Eu prometo que vou fazer valer a pena. — Eu soltei uma risada suave e bati meus cílios para ele, como se eu realmente estivesse tentando seduzi-lo. O pensamento me deixou doente, e eu tive que apertar meus dentes para segurar um sorriso falso meu rosto.

Ele andou um pouco mais perto de mim e depois um pouco mais perto ainda, seus sapatos esmagando a neve. Os sons me lembravam de ossos quebrando, mas me forcei a continuar sorrindo e mantendo meus braços levantados, mesmo que eu estivesse me deixando totalmente aberta e exposta a ele.

Porter parou bem na minha frente, e eu olhei para ele através da tela de cabelos loiros que ainda escondia a maior parte do meu rosto. Ele sorriu para mim por um segundo a mais, depois se lançou para frente e trancou as mãos em volta da minha garganta.

— Você realmente acha que eu iria confundi-la com *ela*? — Ele rosnou, apertando ainda mais. — Ela foi o amor da minha vida. Você? Você não é nada além de um maldito *incômodo*.

Eu ri na cara dele, embora tenha saído mais como um som sufocado e ofegante.

— O que é tão engraçado? — Ele rosnou. — Por que você está rindo de mim de novo? Por quê?

Em vez de tentar tirar seus dedos do meu pescoço, me abaixei e o puxei para mais perto. — Eu posso ser um incômodo, mas eu sou o incômodo que acabou de matar você, seu filho da puta doente.

Ele franziu a testa, se perguntando o que eu estava fazendo, mas eu joguei minha cabeça para trás e gritei tão alto quanto pude. O som agudo e súbito fez com que ele estremecesse, e ele se mexeu, apenas um pouquinho. Eu bati minha bota em seu tornozelo, desequilibrando-o. Porter cambaleou para frente e eu usei o seu próprio impulso para me ajudar a recuar, arrastando-o junto comigo. Ele amaldiçoou, percebendo o que eu estava fazendo, mas já era tarde demais.

A gravidade é uma cadela e eu também sou.

Com uma explosão final de força, eu nos joguei ao longo da borda do penhasco.

Capítulo 27

Quando caímos, agarrei cada fragmento de magia de Pedra que eu tinha sobrando, cada grama de poder que ainda estava dentro do meu corpo, mais o que estava guardado no meu pingente e anel de runa de aranha. Em um instante, eu enviei aquela magia através de todo o meu corpo, usando-a para endurecer cada parte, dos meus cabelos tingidos de loiro na minha cabeça até os braços, peito, pernas e pés. Eu também me virei no ar, para que Porter estivesse para baixo em nossa queda livre.

— O que... que... aaah! — As palavras do anão se dissolveram em um sólido e interminável grito.

Sorri e segurei-o ainda mais apertado.

Parecemos cair para sempre, mas menos de cinco segundos depois, chegamos ao fundo.

Crunch Crunch.

Porter bateu no chão primeiro. Um instante depois, eu bati nele. O peso do meu corpo, muito mais pesado pela minha magia de Pedra, levou o seu muito mais fundo no chão, mesmo em cima de todas aquelas pedras pontiagudas que se alinhavam na margem do rio.

Porter bateu nas rochas como um balão de água. *Splat*. Eu ouvi o os seus ossos quebrando, junto com uma série barulhenta de estalos, como se todas as vértebras em sua espinha estivessem explodindo uma após a outra.

Eu também senti cada pedaço do impacto brutal, e a dor súbita e aguda no meu peito me disse que eu provavelmente tinha um par de costelas quebradas. Meu cérebro sacudiu ao redor do meu crânio, o que significa que

provavelmente eu também tinha uma concussão séria. Mas ainda assim, eu faria essa viagem com Porter qualquer dia.

Eu podia não ter minhas facas, mas eu fiz do meu próprio corpo uma arma, e Porter estava morrendo como um resultado disso.

Por um minuto, talvez dois, nós ficamos muito atordoados para nos mover, então ficamos onde havíamos pousado, ele nas rochas e eu em cima dele, meus dedos ainda em punhos em seu paletó esfarrapado. Finalmente, Porter tossiu, espalhando sangue por toda parte. As gotas respingaram meu rosto com seu calor molhado e chocante, e ainda mais delas encharcaram meu falso cabelo loiro. O cheiro forte e acobreado afogou o odor químico da tintura de cabelo.

Eu gemi e lentamente sai de cima dele, caindo em uma pequena poça de lama nevada. Pedras cortaram no meu lado e nas costas, tirando sangue e fazendo-me assobiar, mas acolhi a dor. Ela me disse que eu ainda estava viva.

Por outro minuto, eu fiquei lá, surfando as ondas de dor até que elas se tornassem um nível gerenciável. Então, bem lentamente, eu me empurrei para o meu cotovelo. Demorei mais um minuto para recuperar o fôlego o suficiente para me sentar e outro minuto ainda antes que eu fosse capaz de olhar para o anão, mesmo que ele estivesse ao meu lado.

Porter parecia que havia quebrado todos os ossos do corpo dele. Seus braços e pernas estavam presos em ângulos impossíveis do resto do seu torso, e pedaços duros se projetavam contra a pele de onde ossos quebrados foram forçados a ficarem fora do lugar. Sua espinha deve ter sido esmagada também, porque parecia que ele não conseguia mover um único músculo, nem mesmo a cabeça para olhar para mim.

Mas acredite ou não, ele ainda estava vivo.

Seus olhos ainda estavam abertos e piscando, então me inclinei para onde ele pudesse me ver. Lentamente, seu olhar azul focou no meu cinza. Ele tossiu novamente, mais sangue borbulhando de sua boca, embora o resto do seu corpo não se moveu com ele.

— Você sabe o quê, Porter? Você realmente acertou em uma coisa— eu disse, minhas palavras um pouco lentas por causa da concussão.

— O que é... isso? — ele murmurou.

Inclinei-me para que meu rosto preenchesse sua visão inteira. — Loiras realmente se divertem mais.

Um som baixo e rouco saiu de sua garganta. Quase soou como uma risada de concordância. Depois ele tossiu novamente, e um familiar brilho vítreo cobriu seus olhos.

Eu me sentei ali e assisti Bruce Porter, o Dollmaker, morrer.

• • •

Apesar do fato de que eu estava mais ou menos inteira, eu não tinha força ou energia para tentar ficar de pé, muito menos encontrar uma saída daqui. Então vasculhei os bolsos de Porter, esperando que ele estivesse com o telefone dele e que de alguma forma tivesse sobrevivido à queda. Meus dedos enrolaram-se em um plástico duro, e meu coração acelerou. Eu puxei para fora do bolso da calça dele e segurei-o onde eu podia ver. A tela estava rachada em três lugares, mas o telefone ligou.

Precisei de várias tentativas, e cortei meus dedos no vidro quebrado, mas finalmente consegui discar um número no telefone. E quando realmente começou a tocar? Eu vou admitir isso. Um par de lágrimas caiu do meu rosto que não tinha nada a ver com minha concussão ou costelas quebradas.

— Gin? — Owen respondeu no primeiro toque, sua voz afiada de preocupação. — É você?

— Sim, sou eu.

Eu disse a ele onde eu estava – ou pelo menos onde eu pensava que estava – na propriedade de Rivera. Depois disso, não havia nada a fazer a não ser esperar.

Owen ficou no telefone comigo o tempo todo, falando comigo, me dizendo que ele e os outros estavam a caminho e tudo ficaria bem. Mas o telefone estava em suas últimas e sua voz ficou falhando, então desisti de tentar falar com ele. Além disso, meu cérebro parecia que estava recheado de algodão molhado, e tudo parecia distante.

Eventualmente, eu estava cansada demais para ficar sentada, então me deitei de costas na lama fria e pedras com o telefone encostado no meu

ouvido, ouvindo o crepitar da estática. Se nada mais, talvez o telefone permanecesse tempo suficiente para Finn e Silvio rastreá-lo até mim.

Por muito tempo, entrei e sai da consciência. Concussão e costelas quebradas de lado, não foi tão ruim assim. Porter podia ser uma bagunça sangrenta e quebrada, mas seu corpo estava quente o suficiente ao lado do meu para me impedir de congelar até a morte antes que Owen e os outros me encontrassem. Além disso, estava quieto aqui, e o único som era a corrida constante do rio a poucos metros de distância. Eu nem me importei com a picada fria dos flocos de neve batendo nas minhas bochechas um após o outro.

Eu não sabia quanto tempo passou, se eu dormi ou desmaiei, mas eventualmente, eu me encontrei olhando para o céu noturno. As nuvens de tempestade ainda estavam lá em cima, mas a neve tinha diminuído para rajadas.

Essa foi a única razão pela qual eu pude ver o homem parado em cima de mim.

Ele estava empacotado e vestido todo de preto, da toca ao cachecol enrolado no rosto, até o seu longo casaco e botas. Uma pequena bolsa preta pendia de sua mão direita, lembrando-me de uma mochila. Algo sobre como ele estava vestido parecia familiar, embora minha cabeça estivesse doendo muito para eu descobrir o que era agora.

— Owen? — Eu murmurei, pensando que ele finalmente tinha chegado.

Mas o homem não me respondeu. Um mal-estar frio escorreu pela minha espinha. Owen já teria me abraçado forte, me dizendo que tudo ia ficar bem, mas esse homem manteve o seu silêncio e a sua distância. Eu não sabia quem ele era ou o que ele queria, mas se ele achava que eu era um alvo fácil apenas porque eu pulei de um penhasco, bem, eu mostraria a ele o quão errado ele estava.

O homem continuou olhando para mim, e eu movi minha mão pela lama fria, procurando por uma rocha solta ou um pedaço quebrado de tronco que eu poderia usar como arma.

O homem se abaixou. Por um segundo, pensei que ele iria se inclinar bem ao meu lado, mas ele manteve a distância. Um barulho de estalo familiar

soou, como metal raspando contra metal. Depois ele endireitou-se e olhou para mim novamente.

Eu pisquei e, de repente, o homem se foi. Eu rolei minha cabeça de um lado para o outro, olhando para a escuridão, mas eu não o vi em lugar nenhum. Eu teria pensado que ele era uma invenção da minha imaginação exceto por uma coisa: a mochila preta agora colocada no chão ao meu lado.

Eu ainda não tinha forças para me sentar, mas eu vasculhei a lama até conseguir alcançar, pegar a mochila e arrastá-la para o meu lado. Meus dedos estavam tão frios e duros que me levou um par de tentativas para soltar o fecho. Mas eu finalmente consegui, me abaixei, enrolei na bolsa e tirei...

Uma faca.

Eu olhei para a arma na minha mão. Ela ficou borrada e fora de foco, mas eu conhecia a forma, o comprimento, o peso. Mais importante, eu podia sentir o símbolo estampado no punho pressionando a minha palma: um pequeno círculo rodeado por oito raios finos.

Não apenas qualquer faca – *minha* faca.

Usei a ponta da faca para abrir a mochila. Com certeza, mais barulhos soaram, me dizendo que mais facas estavam na sacola, provavelmente as outras quatro que eu carregava quando fui capturada. Eu me perguntei o que Rivera e Porter tinham feito com minhas facas e especialmente porque o homem de preto trouxe-as para mim. Eu não sabia e agora não me importava.

Eu arrastei a mochila ainda mais perto e prendi meu braço através dos laços, para que eu não a perdesse e ninguém a pudesse tirar de mim. Então, com a faca na minha mão, eu fechei meus olhos e adormeci novamente...

— Gin! — Gritou uma voz. — Gin!

Meus olhos se abriram. Mais uma vez, um homem vestido de preto estava de pé em cima de mim. Mas esse homem caiu de joelhos na lama ao meu lado, e o rosto de Owen entrou em foco bem acima do meu, seus olhos violetas cheios de preocupação.

— Ei — eu disse asperamente. — Não há necessidade de gritar. Minha audição é apenas a única parte de mim que está funcionando corretamente agora.

Ele riu do meu humor negro, depois se inclinou e deu um beijo suave nos meus lábios frios. Ele recuou, e percebi que meus amigos estavam reunidos em volta de mim em um círculo– Owen, Bria, Finn, Silvio e Jo-Jo. Todos estavam olhando para mim, expressões horrorizadas em seus rostos, seus olhares fixos na maquiagem espalhada pelo meu rosto e especialmente no meu cabelo loiro artificial.

— Onde está Jade? — Eu perguntei. — E Elissa?

Jo-Jo se abaixou ao meu lado. — Elas estão no salão, junto com Sophia e o Dr. Colson. Agora nós precisamos te levar para lá também, querida. Eu vou te curar o suficiente para que possamos te mover. — Ela pegou minha mão, simpatia enchendo seus olhos. — Eu não vou mentir, Gin. Isto vai doer.

Eu sorri para ela. — Faça o seu pior. Depois da noite que tive, vai parecer um piquenique.

Ela sorriu para mim, então gentilmente tirou a faca dos meus dedos frios e duros. Ela entregou para Finn. Ele olhou para a sacola, obviamente se perguntando de onde ela tinha vindo, mas ele pegou a arma e colocou a faca na bolsa com as outras.

— Tudo bem, então. Aqui vamos nós, querida — disse Jo-Jo.

Ela sorriu para mim novamente, e então seus olhos começaram a brilhar em um branco leitoso, e sua magia de Ar soprou sobre mim.

Os alfinetes afiados e agudos da magia de Ar da Jo-Jo inundaram meu corpo, preenchendo as fraturas nas minhas costelas, acalmando todos os meus muitos inchaços, cortes e contusões, até mesmo aliviou a pressão e sensação de desconexão na minha cabeça. Ela estava certa. Curar tudo doeu tanto quanto bater no chão, e eu tive que apertar meus dentes para não gritar. Owen segurou minha mão durante a coisa toda. Ele não estremeceu, nem uma vez, apesar da pressão intensa que eu estava colocando em seus dedos.

Finalmente, cerca de dez minutos depois, os olhos de Jo-Jo clarearam e a sensação desconfortável de sua magia de Ar desapareceu. Fiquei deitada na lama mais um minuto, só para recuperar o fôlego. Depois estendi a minha mão, e Owen me ajudou a sentar e, eventualmente, fiquei em pé sozinha. Mas eu balancei tanto que ele me pegou em seus braços. Ainda assim, me senti muito melhor do que antes, e consegui me concentrar novamente.

Eu olhei para Bruce Porter – ou o que restava dele. O anão estava na mesma posição de antes, seu corpo quebrado pela queda e seus olhos cegos olhando para o céu noturno. Mas o que fez meu estômago revirar foi sua boca. Ele tossiu tanto sangue que sua boca era uma mancha vermelha escura contra o resto do rosto, quase como se tivesse pintado os próprios lábios com o batom Heartbreaker.

Eu estremeci e Owen me puxou um pouco mais para perto.

— O que você quer fazer sobre Porter? — Silvio perguntou.

Eu nem precisei pensar sobre isso. — Deixe-o. Aqui fora a céu aberto, assim como ele deixou todas aquelas pobres garotas. O bastardo não merece um enterro adequado.

E foi exatamente isso que fizemos. Um por um, olhamos para o Dollmaker pela última vez, depois viramos e o deixamos para trás, tão ensanguentado, quebrado e morto quanto suas vítimas.

Capítulo 28

Não me lembrei de tudo o que aconteceu depois disso. Apenas pedaços. Owen me carregando junto à margem do rio. Jo-Jo mantendo um olhar atento em mim, certificando-se que eu estava curada o suficiente para ir. Bria, Finn e Silvio me fazendo perguntas. Eu balbuciando, tentando dizer-lhes o que aconteceu. Eu não sabia se eles entendiam tudo o que eu dizia, mas eu achava que eles entendiam a essência do que aconteceu com Tucker, Rivera e Porter.

— Rivera — eu disse em um ponto. — Precisamos voltar para a mansão. Precisamos pegar Rivera antes que ele fuja...

— Não se preocupe com Rivera — disse Bria em uma voz sombria. — Estou trabalhando em um mandado para prender esse filho da puta, e Xavier está observando a mansão. Rivera não vai a lugar algum.

— Mas nós temos que pegá-lo agora...

— Não, querida — Jo-Jo disse em uma voz firme. — Nós temos que tirar você daqui. Rivera pode esperar.

Eu nunca fui capaz de discutir com Jo-Jo, e eu ainda estava um pouco fora de mim, então fiquei em silêncio. Mas minha mente se agitava, traçando a melhor maneira de ir atrás de Rivera o mais rápido possível.

Eventualmente, o penhasco alto e recortado se reduziu a uma pequena colina, e fomos capazes subir de volta para a floresta e deixar a propriedade Rivera longe, muito longe. Owen me colocou em seu carro e quando eu dei por mim, Bria estava me ajudando a entrar no chuveiro, e eu estava subindo na cama em um dos quartos de hóspedes na casa de Jo-Jo. Adormeci quase imediatamente e, por uma vez, nenhum pesadelo me perturbou.

Algum tempo depois, na manhã seguinte, os sons começaram a invadir meu sono tranquilo. Ou seja, a abertura da porta do quarto e alguém na ponta dos pés, tentando ficar quieto, apesar de ter pisado em uma tábua rangente, arruinando totalmente a surpresa. Eu rolei para o meu lado e abri meus olhos para ver Owen em pé ao lado da cama, segurando uma bandeja cheia de comida.

— Ei — eu disse, minha voz ainda grossa de sono.

— Olá. É quase meio-dia, mas achei que você poderia querer um café da manhã.

Pensei na refeição que Bruce Porter tinha servido na mesa da cozinha ontem à noite. — Tudo bem, desde que não seja frango com limão e pimenta.

Owen franziu a testa, sem entender o que eu estava falando. Mas eu não queria estragar o clima alegre, então eu decidi não lhe contar desse detalhe em particular. Pelo menos, ainda não. Eu apoiei algumas almofadas nas minhas costas para que eu pudesse me sentar.

Owen fez uma reverência, depois colocou a bandeja no meu colo e deu um elaborado floreio com a mão. — E o café da manhã está servido, Madame.

— Você tem andado demais com Finn.

Ele sorriu. — Talvez, mas pareceu a coisa apropriada a fazer.

— Só não saia por aí falando sobre você na terceira pessoa. Ou com um sotaque inglês.

— Eu vou tentar me abster disso. — Ele fez uma pausa e acrescentou uma nota suave à sua voz, fazendo a sua melhor imitação de Finn. — Embora seja difícil, considerando quão absolutamente, incrivelmente, adorável eu sou.

— Você é adorável e incrível, especialmente quando você está me trazendo comida — eu provoquei.

Owen piscou e me saudou com a mão. — Feliz por agradar, senhora.

Ele se acomodou na cama ao meu lado, e nós dois comemos o café da manhã que ele preparou. Panquecas de mirtilo, bacon defumado e uma salada de frutas leve e refrescante feita com morangos, uvas brancas, fatias de kiwi, suco de limão e um pouco de mel para doçura extra.

Finalmente, terminamos nossa refeição e Owen se dirigiu ao elefante na sala.

— Você quer falar sobre isso? — Ele perguntou, seu olhar passando rapidamente pelo meu cabelo ainda loiro.

— Não realmente, mas eu acho que deveria.

Owen tirou a bandeja da cama, sentou-se ao meu lado e pôs o braço em volta dos meus ombros. Eu contei a ele tudo o que tinha acontecido na noite passada, muito mais coerente do que eu tinha sido antes, desde acordar na cabana de Porter, usar minha magia de Pedra para escapar, até me jogar e o anão dos penhascos.

— Mas e as suas facas? — Perguntou Owen. — Como você as recuperou? E por que elas estavam naquela mochila preta?

— Não tenho certeza. Essa parte ainda é um pouco confusa.

Eu não estava mentindo. Ainda *estava* um pouco confusa, embora eu achasse que sabia exatamente quem era o homem de preto. Mas eu não tinha como confirmar minhas suspeitas no momento, então mantive minha teoria para mim mesma.

Owen olhou para mim, preocupação enchendo o seu rosto. — Tem certeza de que está tudo bem, Gin? A noite passada, tudo o que Porter disse e fez, isso teve que ser horrível, mesmo para você.

— Ok? — Eu dei de ombros. — Eu não sei sobre isso. Mas estou tão bem quanto se pode esperar. Estou feliz que fomos capazes de salvar Elissa.

— Ela te deve a vida dela — disse Owen.

Eu pisquei para ele. — E eu te devo a minha.

— Não — ele disse, piscando para mim. — Você se salvou, assim como você sempre faz.

Eu me inclinei e coloquei minha cabeça em seu peito, ouvindo seu batimento cardíaco. — Talvez. Mas ainda é bom saber o quanto você se importa.

Owen passou os braços em volta de mim, puxou-me ainda mais perto e pressionou um beijo na minha testa. — Eu sempre irei estar aqui para você, — ele disse em uma voz rouca e áspera. — Quando você estava desaparecida, quando não pudemos te encontrar... meu coração simplesmente... *partiu*.

— Eu sei — eu sussurrei de volta. — Eu sei.

E ficamos assim, abraçados, por muito, muito tempo.

• • •

Demorou um pouco, mas finalmente consegui convencer Owen de que estava bem e que ele deveria ir trabalhar. Ele relutantemente concordou, mas me fez prometer ligar para ele se alguma coisa acontecesse. Mas nada iria acontecer. Pelo menos, não até que eu descobrisse a melhor maneira de chegar perto de Damian Rivera. Sem dúvida, ele tinha dobrado ou triplicado sua segurança nesta altura, mas alguns guardas extras não iam me impedir de finalmente fazer-lhe todas as minhas muitas perguntas sobre o Círculo.

Owen saiu, e eu tomei um longo banho quente para aliviar algumas das dores persistentes nos meus músculos. Então, coloquei roupas limpas e desci as escadas.

Como era sexta-feira, eu esperava que o salão estivesse cheio de clientes, mas apenas quatro pessoas estavam no salão: Jo-Jo e Sophia, junto com Jade e Elissa.

Elissa estava sentada em uma das cadeiras de salão vermelho-cereja. Uma capa rosa choque estava sobre o corpo dela, e seus longos cabelos loiros estavam molhados, lisos e retos contra a cabeça. Jade sentou-se na cadeira ao lado da irmã, enquanto Jo-Jo estava no balcão, vasculhando algumas tesouras, procurando apenas o par certo. Sophia estava relaxada no chão ao lado da cesta de Rosco, acariciando as orelhas longas e macias do basset hound enquanto ele grunhia de prazer.

À primeira vista, tudo parecia normal. Mas o rosto de Elissa estava pálido e tenso, e Jade olhava para a irmã a cada poucos segundos, como se certificando-se de que ela estava realmente aqui e que ela não tinha desaparecido novamente. Jo-Jo estava certa. Damian Rivera podia esperar. Pelo menos por mais uma ou duas horas. Ter certeza de que Elissa estava bem era a coisa mais importante agora.

— O que está acontecendo aqui? — Eu disse lentamente, inclinando-me contra o batente da porta.

As quatro olharam para mim e Rosco soltou um latido alto de saudação. Ele foi o único que não olhou duas vezes para o meu cabelo tingido.

Jade limpou a garganta e gesticulou para a irmã. — Nós ficamos aqui ontem à noite. Nós nos levantamos há pouco tempo, e tomamos o café da manhã. Já que nós estávamos aqui, Elissa queria fazer o cabelo dela antes de voltarmos para casa. Jo-Jo foi legal o suficiente para fechar o salão pelo resto do dia só para nós.

Jo-Jo sorriu para as duas. — Não é nenhum problema, querida. Estou feliz em ajudar de qualquer maneira que puder. — Ela finalmente pegou uma tesoura, junto com um pente de dentes largos, e foi até o lado de Elissa. — Tudo que você tem a fazer é me dizer o que você quer, e eu vou trabalhar a minha magia.

Elissa assentiu, e Jo-Jo virou a cadeira para que Elissa pudesse se ver no espelho sobre o balcão. Ela não estava usando maquiagem, então ela não parecia nada como quando eu a encontrei naquela câmara secreta, mas ela ainda se encolheu, como se doesse olhar para seu próprio reflexo.

— Está tudo bem. — Jade se levantou, foi até o lado de sua irmã e apertou sua mão. — Leve o tempo que precisar.

Elissa ficou olhando-se no espelho. Por um momento, pensei que ela não seria conseguiria fazer as palavras saírem, mas ela respirou fundo e começou a falar.

— Ele... ele gostava de escovar meu cabelo, — Elissa disse em uma voz suave e hesitante. — Ele escovava e escovava e me dizia como era bonito, o quanto ele gostava dele...

Sua voz sumiu e um estremecimento horrorizado percorreu seu corpo. Levou vários segundos antes que ela pudesse se olhar no espelho novamente.

— Eu quero que você o corte — disse ela em uma voz ligeiramente mais forte. — Um estilo cute bob ou algo parecido. Eu só... eu só quero que isso *desapareça*.

Jo-Jo assentiu. — Eu posso fazer isso, querida. Sem problemas. Algo mais?

Elissa olhou para Sophia, que ainda estava acariciando Rosco. Seu olhar focado no cabelo preto da anã gótica. — Posso pintar também? Alguma outra cor? Só por um tempo? — Ela perguntou, olhando para Jade.

Jade segurou a mão da irmã um pouco mais apertada. — Você pode pintar a cor que quiser, querida.

Elissa hesitou. — Podemos fazer algumas mechas também? Talvez rosa choque ou algo parecido? Se não for muito incomodo?

— Rosa choque? Agora você está falando a minha língua. — Jo-Jo piscou para ela pelo espelho. — E querida, nada é demais para você hoje.

Jo-Jo começou a cortar o cabelo de Elissa, conversando com ela sobre suas aulas na faculdade, seus filmes favoritos, e outros tópicos seguros e normais. As respostas de Elissa foram curtas e cortadas no início, mas Jo-Jo poderia fazer qualquer um se sentir em casa, e ela lentamente faz a garota relaxar e se abrir um pouco mais.

— Vou pegar um pouco de água — disse Jade. — Se estiver tudo bem?

Sophia apontou para a porta. — Claro. Garrafas na geladeira.

Jade assentiu e inclinou a cabeça para mim, e eu a segui até a cozinha. Ela pegou uma garrafa de água da geladeira, mas ela não a abriu.

Eu cruzei meus braços sobre o peito e me inclinei contra o balcão. — Como ela está?

— Fisicamente, ela está bem — disse Jade. — Emocionalmente é uma outra história. Eu marquei uma consulta para ela para falar com um terapeuta hoje mais tarde. Mas ela queria fazer o cabelo primeiro. Vou fazer o que for preciso para ela tentar se recuperar disso.

Eu assenti. — Essa é provavelmente a melhor coisa que você pode fazer por ela.

No salão, Jo-Jo manteve um fluxo constante de conversas, ainda conversando com Elissa sobre suas aulas. De vez em quando, Sophia falava com sua voz rouca. Rosco latiu outra vez e Elissa soltou uma risada pequena e hesitante, repreendendo gentilmente o basset hound por se deitar a seus pés com a esperança de ter uma massagem na barriga.

— Ela contou o que aconteceu na noite em que Porter a sequestrou? — perguntei.

Jade soltou um suspiro tenso. — Aconteceu exatamente como você pensou que aconteceu. Ela viu Porter carregando aquela outra garota e foi até a parte de trás da boate para se certificar de que a menina estava bem. Ela

percebeu que algo estava errado e começou a chamar a polícia, mas, nessa altura, Porter a tinha visto, e era também tarde. Elissa disse que a última coisa de que se lembra é que ele lhe deu um soco no rosto. Ela acordou na cabana. Ela disse que Porter escovou os cabelos dela e fez uma maquiagem repetidamente, como se fosse sua própria boneca pessoal. Você pode imaginar o quão aterrorizante isso foi.

Minha mão subiu para o meu próprio cabelo, e eu mexi em uma das madeixas loiras por alguns segundos antes que eu percebesse o que estava fazendo. Eu deixei cair a minha mão de volta para o meu lado. — Sim.

Jade finalmente abriu a água e tomou um longo gole antes de colocá-lo no balcão. Ela brincou com a garrafa por vários segundos, deslizando-a para frente e para trás, antes de empurrá-la para o lado. Ela levantou a cabeça e olhou para mim novamente.

— Bria me contou o que aconteceu. Como você não desistiu de procurar por Elissa. Como você ficou atrás para que Owen e os outros pudessem levá-la para a segurança. O que Porter fez com você depois. — Sua voz caiu num sussurro áspero, e lágrimas escorreram pelo rosto dela. — Mas você fez isso. Você trouxe minha irmã de volta para mim. Isso significa tudo para mim. Mais do que quaisquer favores que pudéssemos negociar, mais do que quaisquer ofertas que poderíamos fazer. Eu estou em dívida com você agora. O que você precisar, Gin. O que eu puder fazer por você é só falar e é seu. Hoje, amanhã, sempre.

Eu poderia ter dito a ela que ela não me devia nada, nem uma única coisa, mas Jade tinha o seu orgulho, e eu sabia o quanto isso era importante para ela.

— Tudo bem, então. Eu vou cobrá-la por isso. Afinal, um favor é um favor, certo?

Eu sorri para ela, e Jade enxugou as lágrimas do rosto. Ela correu ao redor da mesa, me puxou para dentro seus braços, e me deu um abraço forte e feroz. Um pequeno soluço sufocado escapou de sua garganta e seu corpo inteiro tremeu. Ela começou a se afastar, mas eu poderia dizer que ela estava à beira de quebrar completamente, algo que ela não queria que sua irmã visse. Então, eu apertei meus braços ao redor dela, dizendo ela que estava tudo bem

deixar ir, que eu a tinha, que eu estava aqui para ela. Outro soluço balançou seu corpo, e eu senti mais de suas lágrimas em minha camisa.

Eu fiquei ali e segurei Jade, enquanto ela chorava silenciosamente.

• • •

Uma hora depois, as longas madeixas loiras de Elissa haviam se transformado em um corte curto preto e lustroso com mechas rosa-choque, para sua satisfação. Desde que estávamos todas reunidas no salão novamente, eu pedi a Jo-Jo para tingir meu cabelo de volta ao seu castanho escuro natural. Eu não queria me lembrar de Bruce Porter mais do que Elissa.

Jo-Jo terminou comigo, foi até a pia e lavou as mãos, enquanto eu me sentei em uma cadeira com a toalha no meu cabelo molhado. Elissa estava no quintal brincando com Rosco, enquanto Jade estava ao lado das portas duplas, observando sua irmã.

— Você tem certeza de que quer voltar para casa hoje? — Perguntei. — Especialmente dada, ah, bagunça no seu quintal? — Arqueei minhas sobrancelhas, e ela percebeu que eu estava falando sobre os quatro anões mortos.

— Na verdade, Sophia cuidou disso mais cedo — disse Jade.

Eu olhei para a anã gótica, que havia se mudado do chão do salão para um dos sofás e estava agora lendo uma revista em quadrinhos da Karma Girl.

Sophia baixou os quadrinhos e deu de ombros modestamente. — Eu faço um bom trabalho. — Então ela sorriu e voltou a ler.

Voltei-me para Jade. — Mas, e quanto a todos os danos em seu escritório?

— Silvio esteve lá o dia todo trabalhando nisso, junto com Finn e Ryan — disse Jade. — Eu disse a Silvio que eu poderia pedir a uma equipe de limpeza para fazer isso, alguns dos meus próprios funcionários, mas ele insistiu em fazer isso tudo sozinho.

Isso soava como o meu assistente. — Claro que ele fez.

Jade acenou com o celular para mim. — Silvio me mandou uma mensagem alguns minutos atrás, dizendo que todos os arquivos foram

encaixotados e que Ryan estava levando tudo de volta para a delegacia onde eles pertencem. Além disso, eu acho que seria bom para Elissa dormir em sua cama esta noite. Dar a ela uma sensação de normalidade.

Eu assenti. — Se você precisar de alguma coisa, qualquer coisa, você ou Elissa, apenas me ligue.

Ela acenou de volta para mim. — Eu vou, Gin. Obrigada.

Jade bateu em uma das portas e Elissa voltou para dentro com Rosco. As duas embalaram suas coisas, despediram-se e foram para casa.

Elas não tinham saído há cinco minutos quando um carro parou na frente da casa de Jo-Jo. A porta da frente se abriu, e Bria invadiu o salão, um olhar sombrio em seu rosto.

Suspirei e abaixei minha toalha. — Agora, o que há de errado?

— Damian Rivera está morto.

Choque sacudiu através de mim. — O que você quer dizer com ele está morto? Ele estava bem ontem à noite. Bêbado e feliz porque Porter ia me torturar e me matar.

Bria desabou na cadeira ao lado da minha e passou a mão pelo cabelo em frustração. — Xavier e eu recebemos a ligação logo antes do nosso mandado chegar. Rivera foi espancado até a morte dentro de seu escritório. Uma empregada o encontrou quando ela entrou para limpar esta manhã.

— Mas como... — A resposta veio em um instante. — Tucker — eu murmurei. — Ele deve ter percebido que eu sobrevivi. Ele sabia que eu iria atrás de Rivera, então ele voltou e matou Rivera para que eu não conseguisse qualquer coisa dele sobre o Círculo. Droga. Eu sabia que deveria ter ido atrás de Rivera assim que Jo-Jo me curou na noite passada. Droga!

Raiva passou por mim, e eu joguei a minha toalha pela sala. Um pouco comicamente, atingiu as portas do pátio e inofensivamente rebateu, caindo no chão. Jo-Jo me deu uma olhada, mas Sophia continuou concentrada na leitura de sua revista em quadrinhos, ignorando minha birra. Rosco abaixou a cabeça e soltou um gemido da sua cesta no canto.

Eu caí de volta na minha cadeira de salão. Toda vez que eu pensava que estava chegando perto de descobrir mais sobre o Círculo, Tucker estava

ali para me cortar novamente. E ele disse que eu era um espinho no seu pé. Desgraçado.

— Não se culpe, Gin — disse Bria. — Não há nada que você poderia ter feito. Rivera morreu em algum momento durante a noite, não esta manhã.

— Durante a noite? Que horas?

Ela encolheu os ombros. — Ryan não vai saber com certeza até fazer a autópsia, mas ele estima que em algum momento por volta da meia-noite.

— E a que horas vocês me encontraram na beira do rio?

— Antes disso. Por volta das onze horas, — Jo-Jo entrou na conversa. — Por que você pergunta?

Eu balancei a cabeça. — Nenhum motivo em especial.

Mas minha mente se agitou, pensando em tudo. Dado o tempo estimado da morte, Tucker tinha matado Rivera depois que eu lutei com Porter. O vampiro deve ter estado escondido em algum lugar na floresta e percebeu que ainda estava viva e que Porter estava morto. Eu não estava em forma para ir atrás de Rivera então, mas Tucker saberia que eu caçaria Rivera na primeira chance que eu tivesse. Tucker poderia facilmente ter dito ao outro homem que deixasse Ashland, mas em vez disso ele foi em frente e matou Rivera.

Por quê? Por que ele faria isso?

Quanto mais eu descobria sobre Hugh Tucker, menos eu o entendia.

— Eu sei que você está chateada, Gin — disse Bria. — Mas não é sua culpa que Rivera esteja morto e nós não podemos questioná-lo sobre o Círculo.

Eu acenei minha mão, cortando-a. — Não. Eu não estou chateada. Não realmente. Desculpe, eu perdi a paciência. eu sei você está certa. Então, vamos olhar para o lado positivo das coisas.

Bria arqueou as sobrancelhas, surpresa com a minha mudança repentina de atitude. — E o que é isso?

Eu sorri abertamente. — Tucker me salvou do trabalho de ir até lá e matar Rivera eu mesma. Bem, você pode até dizer que ele me deu o dia de folga.

Capítulo 29

Dada a minha desagradável queda das falésias, Jo-Jo insistiu em me checar mais uma vez. Ela me deu um atestado de saúde, saí do salão e voltei para a casa de Fletcher.

Finn e Silvio estavam ambos lá à minha espera, sentados na sala, com pilhas e pilhas de papéis espalhadas ao redor deles e cobrindo todas as superfícies disponíveis, desde as almofadas do sofá até a mesa de café, passando pelo espaço aberto em frente à lareira.

— Finalmente! Eu pensei que você *nunca* chegaria aqui. Já estamos trabalhando há *horas* — Finn disse, as palavras saindo de sua boca sem que ele parasse para respirar.

Ele estendeu a mão, pegou uma caneca grande e tomou um longo gole. Eu podia sentir o cheiro forte de café de chicória por todo o escritório. Pelo brilho dos olhos de Finn, parecia que ele tinha tomado pelo menos um pote disso já – talvez mais.

— O que está acontecendo? Eu pensei que vocês tinham guardado todos os arquivos do Dollmaker e os mandado de volta para a Delegacia de Polícia.

— Oh, nós fizemos — disse Silvio, seu comportamento muito mais calmo do que o de Finn. — Mas decidimos começar um novo projeto.

— E o que seria isso?

Finn revirou os olhos e tomou outro gole de café. — Descobrir quem Mason é, claro. Você sabe, o nome que Rivera deixou escapar para você na

noite passada? Aquele que você repetia várias vezes em seu estado desorientado? O cara que é provavelmente o líder do Círculo?

— É disso que se trata tudo isso? — Perguntei.

— É claro — Finn disse. — Não que tenhamos chegado a algum lugar, no entanto. Você sabe quantas pessoas chamadas Mason – primeiro e último nome – existem na área de Ashland? Centenas deles, talvez até milhares. E Mason pode nem ser seu nome verdadeiro.

Ele jogou um maço de papéis para cima com indignação, então olhou para eles enquanto desciam para o chão em torno dele como flocos de neve quadrados.

Silvio pigarreou. — Eu acho que Finn está tentando dizer é que, mesmo com o nome, ainda estamos procurando por uma agulha no palheiro. — Ele gesticulou para todos os papéis. — Um palheiro muito grande.

Eu podia ver isso, mas minha garganta ainda estava fechada por pensar que eles se importavam o suficiente para começar a procurar de qualquer forma, sem que eu sequer lhes pedisse isso. Suavizou um pouco a picada do fato de que Tucker tinha chegado a Damian Rivera antes de mim. Ainda assim, aquele pequeno sino de aviso ressoou no fundo da minha mente novamente.

Mason. De onde eu conhecia esse nome? E por que tinha a sensação de que descobrir a resposta só me causaria mais dor de cabeça?

— Gin? — Silvio perguntou. — Você está bem? Tem algo em mente?

Eu empurrei minhas preocupações e coloquei um sorriso no meu rosto. — Estou bem. Eu só estava pensando que eu tenho a maior fé e confiança em vocês. Se alguém pode rastrear esse cara Mason, são vocês dois.

Finn bufou. — Fé? A fé é tudo muito bom... — Ele deliberadamente deixou sua voz sumir.

Suspirei, sabendo o que viria a seguir. — Mas?

— Mas o jantar realmente ajudaria. Com a sobremesa. — Ele balançou as sobrancelhas. — Muita sobremesa.

Revirei os olhos, me inclinei e baguncei seus cabelos.

— Ei, agora! — Finn alisou seus cabelos castanhos escuros de volta no lugar. — Não mexa com isso.

Eu baguncei o cabelo dele novamente, só porque eu podia. — Vou te dizer o que. Vocês façam uma pausa, vão para a cozinha, e vejam o que está na geladeira que vocês gostariam que eu preparasse. Combinado?

— Combinado! — Finn repetiu, pegando sua caneca e ficando de pé. — Eu preciso de mais café de qualquer maneira.

— Eu duvido disso — Silvio murmurou, mas ele também se levantou, pegou sua própria caneca e se dirigiu para a cozinha atrás do Finn.

Enquanto os dois discutiam sobre quem iria tomar a última xícara de café, eu fui para a lareira e olhei para os desenhos emoldurados sobre os colares das runas da minha mãe e irmã, o floco de neve e a videira da hera, representando a calma gelada e a elegância. Eu também estendi a mão com minha mágica ouvindo as pedras que compunham a lareira e as paredes ao redor. Elas murmuraram de volta para mim, ecoando minha própria raiva, pesar e tristeza por minha família ter sumido, por elas terem sido levadas para longe de mim tão de repente, tão brutalmente, tão cruelmente.

Eu me perguntei quantas vezes Bruce Porter ficou na frente da sua própria lareira, olhando para aquela foto adulterada dele e de Maria e pensando no passado. O fato irônico de que eu estava fazendo mais ou menos a mesma coisa que um serial killer não estava me escapou.

De certo modo, eu supunha que eu era como o Porter, sempre pensando no passado, obcecada com isso até, e ainda capturada em todas as consequências dos atos sombrios de tantas pessoas, inclusive os meus. Mas a minha obsessão era descobrir a verdade, obter respostas, e finalmente fazer as pessoas que tinham assassinado minha família pagar por seus crimes.

— Eu vou encontrar Mason, mais cedo ou mais tarde — eu disse a foto da minha mãe. — Não importa quem ele é ou onde ele está se escondendo. E então eu vou matá-lo pelo que ele fez com você e Annabella. Eu prometo isso a você.

Eu corri meus dedos sobre seu pingente de floco de neve pela última vez, então deixei o escritório e me dirigi para a cozinha para ver o que Finn e Silvio tinham inventado para o jantar.

• • •

Nos próximos dias, as coisas voltaram lentamente ao normal. Eu comandei o Pork Pit durante o dia e procurei informações sobre o Círculo e o misterioso Mason à noite, juntamente com o resto da minha amigos.

Bria e Xavier foram designados para investigar o assassinato de Damian Rivera, mas acabou por ser um caso encerrado. Tucker não tinha apenas matado Rivera. O vampiro astuto tinha, na verdade, deixado um bilhete para trás – e ele tinha culpado Bruce Porter por tudo.

Tucker tinha digitado a nota como se fosse Porter, e nela, ele confessava ser o Dollmaker. Ele alegou que Rivera tinha descoberto o que ele tinha feito e iria entregá-lo para a polícia, então Porter matou seu chefe em vez disso. E aqui estava o melhor de tudo. A nota dizia que Porter estava tão perturbado com o que ele tinha feito a Damian que ele se jogou dos penhascos na beira da propriedade Rivera. Então, de uma só vez, Tucker matou Rivera, culpou Porter por isso, e fechou o caso alegando que Porter havia cometido suicídio.

Eu tinha que admirar a eficiência do vampiro, se nada mais.

Claro, Bria e Xavier fizeram uma pesquisa completa em toda a propriedade de Rivera, incluindo a casa de caseiro de Porter. Eles encontraram uma gaveta secreta no fundo da cômoda de Porter que estava cheia de cachos de cabelos loiros, cada uma amarrada com uma fita de cor diferente e de todas as mulheres que ele tinha assassinado. Eu não gostei do fato de que Tucker havia distorcido a história para atender às suas próprias necessidades, e também as do Círculo, mas pelo menos as famílias das vítimas teriam um fechamento, ao saber que a pessoa que matou seus entes queridos não poderia machucar mais ninguém, nunca mais.

Incluindo Stuart Mosley.

Quatro dias depois da luta na propriedade de Rivera, o anão veio ao Pork Pit por volta das duas da tarde. Ele tirou o longo sobretudo cinzento, pendurou o chapéu e sentou-se em um banquinho no balcão ao lado de Silvio, que estava digitando em seu tablet como de costume, ainda em perseguição do misterioso Mason. Os dois trocaram cumprimentos educados e Silvio voltou ao trabalho.

— Sr. Mosley — eu disse. — Você está muito melhor hoje.

E ele realmente estava. Seus cabelos prateados estavam escovados, seu nariz vermelho Rudolph havia retornado a cor normal, e seus olhos cor de avelã estavam afiados e claros em vez de cansados e lacrimejantes. Além disso, ele estava vestindo um terno em vez do pijama amarrotado que ele tinha usado na última vez que o vi.

Mosley deu uma gargalhada. — Sim, de acordo com Finn, eu não sou mais uma bagunça infestada de micróbios, então isso é uma melhoria definitiva.

Eu ri, puxei meu bloco de pedidos do bolso de trás da minha calça jeans e peguei uma caneta do topo da caixa registradora. — Então, o que eu posso pegar para você?

— Eu não estou aqui para comer.

— Oh?

Mosley olhou ao redor do restaurante, que estava quase vazio, já que a hora do almoço tinha passado. Apenas duas cabines estavam ocupadas.

Jade Jamison sentada em uma mesa em frente ao Dr. Ryan Colson. Dada a maneira como os dois continuavam olhando um para o outro, sorrindo e rindo, eu diria que eles estavam em um encontro não oficial, quer eles percebessem isso ou não. Jade me viu observando-os e eu levantei os polegares para ela. Ela sorriu de volta para mim e um leve rubor coloriu suas bochechas. Ela se inclinou para frente e se concentrou em Ryan novamente.

Eu não fui a única que notou Jade e Ryan juntos. De um cabine próxima, Elissa Daniels olhava para a irmã, um leve sorriso levantando seus lábios.

Jade vinha me ligando todos os dias com atualizações. Elissa estava vendo um terapeuta e tentando lidar da melhor forma possível com tudo o que tinha acontecido. Bria tinha sido capaz de manter Elissa fora da investigação oficial da polícia, então ninguém sabia que ela tinha sido quase a próxima vítima do Dollmaker. A última coisa ela precisava agora era ser perseguida pelos repórteres que estavam cobrindo a história sem parar

Jade havia me dito que Elissa só queria que as coisas voltassem ao normal – ou o mais normal possível... então eu decidi ajudar com isso. Três

outras garotas estavam sentadas na cabine com Elissa: Eva Grayson, a irmã de Owen; Violet Fox, sua melhor amiga; e Catalina Vasquez, sobrinha de Silvio.

Eva, Violet e Catalina passaram por algumas coisas horríveis, e eu pensei que as quatro poderiam se ajudar mutuamente. Que elas poderiam falar sobre coisas entre si, de uma forma que talvez elas não pudessem com as pessoas mais velhas em suas vidas. No mínimo, Eva, Violeta, e Catalina poderiam mostrar a Elissa que isso também acabaria passando, que a dor e o medo iriam diminuir lentamente, e que ainda havia muitas coisas e pessoas boas no mundo, em vez de apenas o pesadelo que ela experimentou.

Pratos de comida estavam espalhadas sobre a mesa, junto com seus laptops e livros escolares. Aparentemente, elas vieram aqui para estudar, embora não parecessem estar fazendo nenhum trabalho. Eva estava falando a maior parte do tempo, jogando as mãos para o ar enquanto contava alguma história, com Violet e Catalina acrescentado algo ocasionalmente. Elissa ficou lá, balançando a cabeça em vez de falar, mas de vez em quando, seus olhos brilhariam e ela sorriria um pouco de alguma coisa que uma das outras garotas dissera. Você não poderia ser mais normal do que tagarelar com algumas novas amigas. Eu só esperava que isso a ajudasse.

Mosley olhou para Elissa. — Ela parece estar bem.

— Assim como pode ser esperado, suponho.

Elissa notou Mosley sentado no balcão. Ela hesitou, depois levantou a mão e acenou para ele. Ele acenou de volta para ela, uma expressão tensa no rosto. Elissa voltou para sua conversa com as outras garotas, e Mosley se virou e me encarou novamente.

— Eu entrei em contato com a Sra. Jamison, assim que Finn me contou o que aconteceu — disse ele. — Jade me disse que elas vinham aqui hoje. Eu não queria me intrometer na recuperação de Elissa, mas eu queria vê-la com os meus próprios olhos. Certificar-me de que ela estava realmente bem. Fisicamente, pelo menos. Eu também criei um fundo fiduciário para pagar o que ela precisar agora e no futuro.

— Muito gentil da sua parte.

Ele balançou sua cabeça. — Não, não é. Não, já que tudo isso é minha culpa.

— Como você pode diz isso?

— Se eu não tivesse ficado doente naquela noite, Elissa estaria no jantar de caridade comigo — Mosley disse. — Ela nunca teria ido para a Northern Aggression, e Bruce Porter nunca teria colocado as mãos nela.

— Não, — eu disse. — Ele teria sequestrado outra pobre garota, alguém cuja irmã não viria até mim pedir ajuda, e talvez nunca a tivéssemos encontrado, e muito menos o impedido para sempre. Acredite em mim, senhor Mosley, estou bem familiarizada com a culpa. Nada disso é culpa sua. É de Porter. Foi ele quem escolheu raptar e matar aquelas mulheres.

— Incluindo minha Joanna. — Sua voz caiu para um sussurro rouco.

Eu não disse nada. Nada que eu pudesse dizer tiraria a dor de Mosley sobre o assassinato de sua neta.

Ele olhou para o balcão por vários segundos, lentamente traçando os dedos para frente e para trás ao longo da superfície lisa e brilhante, perdido em seus próprios pensamentos. Finalmente, ele limpou a garganta e olhou para mim novamente.

— Não há necessidade de manter a formalidade. Você pode me chamar de Stuart. — Sua boca se curvou com um pouco de diversão. — Afinal, você já me viu de pijama.

— Só se você me chamar de Gin.

Ele assentiu e juntou as mãos, finalmente chegando aos negócios. — Ver Elissa não foi a única razão pela qual eu vim aqui hoje. Eu queria que você soubesse o quanto sou grato por tudo que você fez por ela, pela minha neta e por todas as outras vítimas de Porter. Eu só queria ter conseguido colocar minhas mãos nele também.

Por um momento, seu rosto escureceu e uma raiva fria e calculista brilhou em seus olhos cor de avelã. E percebi que Stuart Mosley não era um homem com quem você queria mexer.

Ele olhou para mim novamente. — Eu também vim aqui hoje para lhe dizer que a minha oferta ainda está de pé.

— E que oferta seria essa?

— Qualquer favor que você queira, qualquer benefício ou compensação que você, Finn ou o resto de seus amigos precisarem. Eu não estou sem dinheiro, recursos e influência.

Primeiro Jade, agora Mosley. Eu deveria derrotar serial killers com mais frequência. Todo mundo queria dever favores para mim agora.

Eu não estava prestes a deixar passar esta oportunidade.

— Eu tenho perguntas. Sobre o Fletcher. E o círculo. Ele falou sobre eles?

Mosley assentiu. — Sim. Fletcher não me contou muito sobre o que ele estava fazendo ou sobre o grupo em si, mas ficarei feliz em responder o que puder. Talvez durante o jantar um dia em breve?

— Gostaria disso.

Ele sorriu para mim. — Eu também.

— Mas vamos ao que interessa primeiro. — Eu apontei minha caneta para ele. — Você precisa pedir um pouco de comida. Fletcher nunca me perdoaria se eu deixasse um de seus amigos sair sem uma boa refeição quente.

Mosley riu, pensando que eu estava brincando. Mas quando ele percebeu que eu estava falando sério, pediu um prato de frango assado, juntamente com feijão cozido, uma salada, e uma cesta de rolinhos caseiros de Sourdough de Sophia. Eu também servi uma porção de torta de amora com sorvete de baunilha e mel para a sobremesa.

Mais algumas pessoas entraram para comer, e de repente estávamos lotados novamente. Sophia me ajudou a preparar o pedido de Mosley, e eu tinha acabado de colocá-lo no balcão na frente dele quando o sino da porta da frente soou. Eu olhei para cima para saudar o meu novo cliente, mas as palavras morreram em meus lábios quando percebi quem era.

Hugh Tucker acabara de entrar no Pork Pit.

Capítulo 30

Eu tinha duas facas em minhas mãos antes que Tucker desse outro passo no restaurante. Silvio também se levantou, seu tablet apertado em sua mão como se ele planejasse bater na cabeça do outro vampiro com isso. Sophia estava na extremidade do balcão de uma das estações de cozinha, mas ela tinha um aperto de morte em uma frigideira de ferro fundido, pronta para entrar na briga.

Mosley virou a cabeça, perguntando-se o que havia alarmado nós três. Eu não sabia se ele reconhecia Tucker, mas seus olhos se estreitaram, e ele apertou ainda mais a faca e o garfo em suas mãos. Todos os outros ainda estavam absorvidos em sua comida e conversas, e não notaram a tensão repentina no restaurante.

Tucker levantou as mãos e caminhou lentamente em direção à caixa registradora onde eu estava de pé. — Eu não estou aqui para lutar. Eu só quero ter uma simples conversa.

Eu agarrei minhas facas um pouco mais apertado. — E o que me impede de te derrubar aqui, agora?

Ele olhou ao redor. — Bem, todas essas pessoas legais, ao redor. Você não gostaria de arruinar suas refeições, não é?

Ele estava certo. Mais de duas dúzias de pessoas estavam no restaurante, comendo seu churrasco e acompanhamentos. Eles não tinham vindo aqui para testemunhar um assassinato, e eu não ia sujeitá-los a isso, especialmente não Elissa, depois do que ela tinha acabado de passar. Não importava o quanto eu quisesse matar Tucker.

— Além disso, — ele continuou, — eu tenho alguém parado do lado de fora do restaurante com uma arma apontada diretamente para você. Apenas como um seguro adicional.

Eu olhei através das janelas da frente da loja. Eu não vi ninguém espreitando na calçada, mas isso não significava que eles não estivessem lá fora, talvez sentados em um carro estacionado no meio-fio. Não que uma arma faria muito estrago lá de fora, já que as janelas eram à prova de balas. Mas, se uma briga estourasse dentro do restaurante e meus clientes começassem a fugir pela porta da frente, o atirador poderia decidir atacá-los em vez de mim. Então, por mais que eu odiava isso, eu tinha que jogar junto com Tucker. Além disso, achei que sabia exatamente por que ele estava aqui, e parte de mim queria ver se eu estava certa.

— Tudo bem — eu retruquei. — O que você quer?

Ele inclinou a cabeça para uma cabine vazia no canto de trás do restaurante. — Por que não vamos para lá e discutimos isso? Longe de olhos e ouvidos curiosos?

Ele olhou para Silvio, que deu de ombros para ele. Graças aos seus próprios sentidos vampíricos aprimorados, meu assistente ainda seria capaz de ouvir a nossa conversa, não importando quão suavemente Tucker falasse.

— Lidere o caminho — eu disse.

— Então você pode me esfaquear pelas costas com uma de suas facas? — Tucker riu. — Acho que não. Por que você não guarda isso para que possamos ter uma conversa civilizada como pessoas normais? E eu espero você saiba que não é um pedido.

Ele gesticulou com a mão, e eu não tive escolha a não ser deslizar minhas facas pelas minhas mangas, sair de trás da caixa registradora, e seguir para a cabine. Eu comecei a me sentar, mas Tucker falou atrás de mim.

— Do outro lado, por favor. Eu prefiro me sentar com as costas contra a parede. Além disso, eu não quero a Srta. Deveraux tenha algumas ideias interessantes sobre se esgueirar atrás de mim e bater na minha cabeça com sua linda frigideira.

Eu cerrei meus dentes. Isso era exatamente o que eu esperava que acontecesse, mas olhei sobre o meu ombro para Sophia e balancei a cabeça,

dizendo a ela e a Silvio que se acalmassem. Sophia voltou a cozinhar, enquanto Silvio se sentou em seu banquinho. Mosley relaxou um pouco também, embora ele continuasse olhando nessa direção.

Uma vez que eu tive certeza de que meus amigos iriam manter suas posições, eu fiz como Tucker havia ordenado e me sentei na cabine. Ele desabotoou o paletó azul escuro e deslizou para o lado oposto.

Ele olhou para mim e eu o encarei. Seu olhar focado no meu cabelo, mais uma vez na sua habitual cor marrom escuro e puxado para trás em um rabo de cavalo.

— Você já tingiu seu cabelo de volta.

— Você parece desapontado. Por quê? Por que eu já não me pareço tanto com a minha mãe? Você deve ter cuidado em se debruçar sobre o passado, Tuck. Um dia você pode acordar e estar como Bruce Porter.

Ele arqueou as sobrancelhas, mas ele não respondeu à minha provocação.

Inclinei-me para frente e fixei meu olhar cinza e frio em seu inescrutável preto. — Na verdade, estou feliz que você veio hoje.

— Mesmo? Por quê?

— Porque eu tenho algo que pertence a você.

Comecei a deixar abaixar a mão debaixo da mesa, mas Tucker balançou o dedo para mim. — Ah-ah — ele avisou. — Lentamente, Gin. Lentamente.

Revirei os olhos, mas fiz como ele pediu. Com movimentos lentos e exagerados, eu coloquei meus dedos no bolso do jeans, tirei alguma coisa e coloquei-a na mesa entre nós.

O tubo dourado do batom Heartbreaker brilhou na luz do sol que entrava pelas janelas.

Tucker olhou para o batom por um momento, depois arqueou as sobrancelhas novamente. — E por que você pensaria que isso me pertence? Eu sou muitas coisas, Gin, mas não gosto de maquiagem feminina.

Eu me recostei e cruzei os meus braços sobre o peito. — Porque você armou tudo isso, seu filho da puta sorrateiro.

— Eu não tenho ideia do que você está falando.

Eu bufei. — Oh, isso é *engraçado* vindo de você.

Tucker cruzou os braços sobre o próprio peito, imitando minha postura hostil. — Por favor. Esclareça-me.

— Eu vou admitir que tenho a pior sorte do mundo — eu disse. — Mas eu pensei que era uma coincidência muito estranha ter encontrado o corpo de uma mulher na Northern Aggression na mesma noite em que eu fui lá procurando por uma menina desaparecida. Eu realmente já deveria saber que não há coincidências. Especialmente, quando você está envolvido.

Tucker continuou me encarando.

— Sabe, eu ouvi aquela pequena conversa que você teve com Damian Rivera em seu escritório várias noites atrás. Você estava dizendo a ele para limpar sua bagunça – ou então – mas você não estava falando sobre os hábitos de embriaguez habituais de Rivera, estava? Você estava falando sobre o fato de que Bruce Porter era um serial killer e que a polícia descobriu um padrão para todas aquelas garotas loiras sendo assassinadas e largadas por toda Ashland. Importa-se de me dizer qual dos policiais da sua folha de pagamento deu a dica sobre a investigação do Dollmaker?

Tucker não disse nada e seu rosto permaneceu impassível como sempre, então continuei.

— Mas você sabia que eu estava lá e que eu estava ouvindo cada palavra que você e Rivera diziam, desde que eu deixei a janela aberta ao sair do escritório. Dados seus sentidos vampíricos, você provavelmente também me ouviu no telhado. E Rivera te irritou quando ele zombou de você sendo reduzido ao garoto de recados do Círculo. Mas Rivera estava certo sobre o quão impotente você estava em relação a ele. Você não podia agir contra Rivera. Não abertamente. Não sem a aprovação do resto do Círculo. Então, você decidiu me usar para fazer o seu maldito trabalho sujo para você.

Minha acusação pairou no ar entre nós como uma nuvem de tempestade crepitando com raios, e eu quase pude ver as rodas girando na mente de Tucker enquanto ele pensava em como responder.

— Enquanto eu estou muito lisonjeado por você achar que eu sou algum tipo de mentor do gênio do crime, eu realmente não tenho ideia do que você está falando, Gin. — Tucker bateu os dedos na mesa. — Eu certamente

não disse a Bruce Porter para sequestrar e matar todas aquelas pobres mulheres.

— Não, — eu disse. — Mas foi você quem desenhou as minhas runas de aranha na menina morta que Porter largou na Northern Aggression.

Os dedos de Tucker pararam, e surpresa brilhou em seus olhos antes que ele pudesse escondê-la. Ele não tinha pensado que eu descobriria. Eu estava certa quando senti que estava tentando resolver dois quebra-cabeças separados, mas conectados. Um deles era descobrir que Porter era o Dollmaker. E o outro era sobre Tucker me dar a única pista que me levou diretamente para Rivera.

— Agora, não sei exatamente o que aconteceu. Se você seguiu Porter da mansão naquela noite e percebeu que ele estava despejando um corpo na boate, ou se você descobriu sobre a mulher morta de outro jeito. Mas você queria se livrar de Porter e Rivera, e era uma oportunidade boa demais para deixar passar. Então, você desenhou as minhas runas de aranha nas mãos da menina morta, sabendo que alguém no departamento de polícia ou no escritório do legista reconheceria os símbolos como minha runa pessoal. Você também percebeu que Bria iria descobrir sobre as marcas, mais cedo ou mais tarde, que ela iria me dizer, e que eu ficaria chateada o suficiente para investigar.

Tucker não disse nada, mas sua boca se curvou em um sorriso fraco. Isso foi toda a confirmação que eu precisava.

— Mas você ainda tinha outro problema para resolver. Porter tinha sido muito cuidadoso e nada ligava ele ou Rivera a qualquer uma das vítimas. Você tinha que me apontar nessa direção de alguma forma, então você decidiu deixar uma pequena pista para trás para eu encontrar. — Eu bati minha unha contra o topo do tubo dourado. — Uma marca muito cara de batom que você de alguma forma sabia que Porter usava em seu ritual.

Tucker olhou o batom, mas ainda assim ele não disse nada.

— Mas então você teve *outro* problema. Onde deixar o batom para que eu o encontrasse. Você verificou com suas fontes, provavelmente o mesmo policial que lhe deu uma dica sobre a investigação do Dollmaker, e você ouviu falar sobre Elissa Daniels. Você percebeu que Porter a tinha raptado e ia fazer

dela a sua próxima vítima. Agora, eu não sei se você descobriu que ela era irmã de Jade ou se apenas me seguiu até a casa dela quando a levei para lá depois de sair da delegacia. Mas naquela noite você invadiu a casa de Jade, chegando até a abrir a porta da cozinha. Eu imagino que você ia deixar o batom em algum lugar da casa para eu encontrar. Mas eu ouvi você invadir, e desde que você não podia se dar ao luxo de ser visto, você escapou.

Ele inclinou a cabeça para mim. — Parece que eu não sou o único com boa audição.

Eu ignorei o elogio dele. — Mas você ainda precisava plantar o batom em *algum lugar*. Por isso, eu imagino que você começou a me seguir, esperando por sua chance. De alguma forma você percebeu que eu estava voltando à cena do crime na Northern Aggression. Você conseguiu chegar lá antes de mim e finalmente plantou o batom para que eu o encontrasse. Mas, mais uma vez, eu quase te peguei, e você teve que sair rapidamente. Mas você realmente não se importava, não é? Porque você sabia que eu iria encontrar o batom e que eu o rastrearia até Rivera. Então, uma coisa levaria a outra, e eu provavelmente o mataria e a Porter, e resolveria todos os seus problemas para você.

Um leve sorriso levantou os lábios de Tucker. — Essa foi a ideia, embora Damian quase tenha arruinado tudo ao mandar seus homens para a casa da Sra. Jamison. Eu não percebi que ele tinha suas próprias fontes no departamento de polícia ou que ele seria inteligente o suficiente para enviar seus homens para destruir qualquer arquivo que ela tivesse. Ainda assim, você os matou, e os homens eram outro elo de ligação com Damian, então tudo deu certo para o melhor.

Eu balancei a cabeça. — Eu tenho que reconhecer. Inteligente, Tuck. Muito, muito inteligente.

Ele deu de ombros modestamente. — Eu tento ser eficiente sobre essas coisas.

Raiva branco-quente queimava no meu coração porque ele tinha me usado tão bem, juntamente com mais do que um pouco de constrangimento, especialmente desde que eu não tinha percebido o que realmente estava acontecendo até que eu estava amarrada a uma cadeira na cabana de Porter.

A única graça salvadora foi que eu resgatei Elissa. Mas a verdadeira ironia da situação era que eu provavelmente não teria sido capaz de salvá-la se Tucker não tivesse me manipulado. Sem essa trilha do batom para seguir, eu nunca teria conectado Rivera e Porter ao Dollmaker, e eu nunca teria encontrado Elissa a tempo. Então, por mais que me custasse admitir isso, eu estava em dívida com Tucker.

Pelo menos o suficiente para deixá-lo sair daqui vivo hoje.

— Como está a senhorita Daniels, a propósito? — O olhar negro de Tucker passou por mim, e eu sabia que ele estava olhando para ela do outro lado do restaurante.

— Ela ainda está viva — eu retruquei. — Não que você realmente se importe.

Ele deu de ombros novamente. — Não importa o que você pense de mim, o que Porter fez com essas mulheres foi uma abominação. Eu queria pará-lo quando eu soube disso.

— Então, por que você não o fez?

Sua boca enrugou-se, como se tivesse mordido algo podre. — Vamos apenas dizer política e deixar por isso mesmo.

— Política? Realmente? — Eu bufei. — É por isso que você voltou para a mansão e espancou Rivera até a morte?

Pela primeira vez, um genuíno sorriso apareceu em seu rosto, embora seus olhos negros permanecessem frios. — Ah não. Isso foi apenas *diversão*. Acredite em mim, Damian merecia. Ele atirou muitos insultos no meu caminho ao longo dos anos, quando ele não passava de um bêbado. A única coisa útil sobre ele era sua enorme fortuna familiar e seus problemas estavam começando a superar até mesmo isso.

Eu quase podia simpatizar com ele nisso. Eu teria gostado de machucar Rivera também. Esperei Tucker continuar, mas ele não elaborou, e eu sabia que ele não diria mais nada sobre Rivera. Então, decidi mudar de rumo.

— Diga-me uma coisa — eu disse. — Desde que nós estamos tendo uma conversa tão civilizada.

— O quê?

— Por que você não me matou quando me encontrou deitada ao lado de Porter na beira do rio?

Tucker piscou, como se ele não esperasse que eu me lembrasse disso. Eu tinha pensado que o homem de preto parecia familiar, e mais tarde, depois que Jo-Jo curou minha concussão, eu tinha me lembrado de que ele era parecido com o homem no carro que havia fugido da Northern Aggression. Quando eu percebi que tinha sido Tucker quem plantou o batom na boate, a conexão tinha sido óbvia.

— Eu não acho que te matar quando você não podia revidar seria muito esportivo — ele murmurou. — Além disso, você tinha feito o trabalho duro de matar Porter. Eu imaginei que você merecia um breve alívio.

— Foi também por isso que você levou as minhas facas para mim?

Ele deu de ombros novamente. — Damian me deu as facas depois que Porter as tirou de você. Eu não tinha uso para elas.

— Não, eu suponho que você não tinha — eu disse. — Mas você sabe o que é realmente engraçado? Quantas vezes você tentou me matar contra quantas vezes você me ajudou. Eu diria que elas estão equivalentes agora.

Ele franziu a testa. — O que você quer dizer?

Eu podia não ter uma das minhas facas nas mãos, mas ainda poderia machucá-lo. — Eu estou falando sobre a noite em que Mab queimou a mansão da minha família. Como você me viu na floresta, mas fingiu que não viu. Como você deixou cair algum dinheiro no chão e simplesmente foi embora.

O vampiro se mexeu em seu lado da cabine, parecendo realmente desconfortável, como se eu o tivesse flagrado fazendo algo que ele não queria que ninguém mais soubesse – nunca.

Ao nosso redor, as pessoas comiam sua comida, bebiam suas bebidas e continuavam com suas próprias conversas, mas um silêncio tenso caiu sobre a nossa cabine. Fiquei quieta e esperei, na esperança de que eu tivesse sacudido Tucker o suficiente para fazê-lo começar a falar, mas é claro que eu não o tinha feito. Frustração, raiva e aborrecimento correram através de mim por causa do seu silêncio contínuo.

— Por que você veio aqui? — Eu retruquei, cansada de Tucker e todos os seus malditos jogos mentais. — O que você quer?

Por um momento, pensei que ele não responderia, mas ele finalmente olhou para mim de novo.

— Você estava certa. Eu percebi que você estava nos espionando no escritório de Rivera naquela noite. — Tucker respirou fundo e lentamente soltou, como se ele estivesse temendo o que estava prestes a dizer. — Eu vim aqui porque eu queria explicar sobre a sua mãe.

Eu não poderia ter ficado mais chocada se ele tivesse pulado sobre a mesa e me dado um tapa no rosto. Em um instante, toda a minha frustração, raiva e aborrecimento cristalizaram-se numa raiva fria. No topo de mesa, minhas mãos enrolaram em punhos, minhas unhas cavando as cicatrizes de runas de aranha embutidas nas palmas das minhas mãos.

— Realmente? — Eu rosnei. — Você quer explicar sobre a minha mãe? Bem, talvez você devesse começar dizendo por que não a salvou. Por que você deixou Mab Monroe e o resto do seu precioso Círculo *assassiná-la*.

Pela primeira vez desde que eu o conheci, o rosto de Tucker se contorceu de arrependimento. Mais uma vez, pensei que ele não me responderia, mas para minha surpresa, ele começou a falar em uma voz plana e sem emoção.

— A sociedade de Ashland é um círculo muito coeso, como eu tenho certeza que você sabe — ele começou. — Minha família costumava ser uma das mais ricas e respeitadas de toda a cidade, pelo menos até meu pai apostar e perder tudo. Ele era um bêbado, como Damian Rivera, embora Damian fosse pelo menos esperto o suficiente para não gastar todo o dinheiro da sua mãe.

Ele sorriu, mas era uma expressão sombria e sem humor. — Mas meu pai insistiu que continuássemos a manter as aparências e o mesmo estilo de vida que sempre tivemos, mesmo que isso nos deixasse mais e mais endividados. Ele também era um membro do Círculo, mas sem qualquer dinheiro real em seu nome, ele rapidamente caiu nas fileiras, perdendo todo o seu poder e posição, até que os outros o consideravam como pouco mais do que um animal de estimação. E então, quando ele morreu, *eu* me tornei o animal de estimação deles, forçado a pagar as suas muitas dívidas.

— O servo deles — eu disse.

Ele assentiu, sem se importar em negar isso. — Todos me tratavam assim, exceto a sua mãe. Eira sempre foi gentil comigo, mesmo quando éramos crianças. Ela foi a única pessoa que me tratou como um igual. — Ele fez uma pausa, como se estivesse tendo dificuldade em dizer suas próximas palavras. — Eu a amava por isso e tantas outras coisas.

Eu fiz a pergunta que estava me incomodando há dias. — E ela te amava?

Ele me deu um sorriso triste. — Ela realmente fez, uma vez. Mas meus deveres com o Círculo me afastaram de Ashland. Eu queria ficar, estar com ela, mas é claro, eu não podia dizer exatamente não na minha posição. E quando voltei, ela estava casada com seu pai.

— Então, você perdeu sua chance com ela.

— Eu fiz. Eu me arrependi, é claro, mas ela parecia feliz, então eu segui em frente.

Ele acenou com a mão, mas eu podia ouvir a mentira em sua voz. Ele não tinha superado isso, mais do que eu tinha superado o assassinato dela.

— Então você desejou felicidades à minha mãe em seu casamento, e então, anos depois, você deixou Mab Monroe queimá-la até a morte. Que história de amor.

Tucker realmente se encolheu com as minhas palavras, mas ele rapidamente suavizou suas feições. — Assim que eu percebi o que ia acontecer, eu tentei persuadir Eira a deixar Ashland, a fugir, mas ela não quis saber disso. Ela pensou que poderia enfrentar o Círculo e vencer. Ela estava errada sobre isso. E você também está.

Ele se inclinou para frente, seus olhos negros brilhando em seu rosto. — Você me perguntou por que eu vim aqui. Bem, considere isto um aviso, o único que você obterá de mim. Você está certa. Eu queria Damian e Porter mortos, e você me ajudou a fazer isso acontecer. Então, eu cobri o seu envolvimento em toda esta confusão. Pense nisso como um *quid pro quo*.

Então, foi por isso que ele se deu ao trabalho de escrever a nota falsa de suicídio de Porter. Ele quase conseguiu fazer parecer que ele estava me protegendo. Mas eu sabia melhor. Ele estava protegendo o seu próprio rabo.

— Mas? — Eu fiz a inevitável pergunta.

— Mas se você continuar a sua investigação sobre o Círculo, os outros membros acabarão percebendo, e eles tomarão as medidas apropriadas para lidar com você. E não apenas você, mas seus amigos e familiares também. Owen Grayson, Finnegan Lane, as irmãs Deveraux, Bria. Todo mundo que você ama e se importa. — Ele estalou os dedos. — Eles vão matá-los, num instante, assim como eles mataram a sua mãe e irmã.

— E você será aquele quem conduzirá o ataque, Tuck? — Eu perguntei com uma voz suave.

— Claro. Esse é o meu trabalho. — Sua boca se torceu. — E um bom animal de estimação sempre obedece às ordens do seu mestre.

Desta vez, inclinei-me para frente, deixando-o ver a determinação fria e dura em meus frios olhos cinzentos. — Eu não vou parar. Eu *nunca* vou parar até descobrir quem é cada membro do seu Círculo amaldiçoado. Vou matá-los, um por um, até encontrar o seu chefe. E então eu vou matá-lo também. Considere esse *meu* aviso para *você*.

Ele olhou para mim, um sorriso triste puxando seus lábios. — Você realmente tem a teimosia da sua mãe. Isto vai ser a sua morte, pequena Genevieve. Assim como foi a morte dela.

— Genevieve Snow morreu na noite em que a minha mãe e a minha irmã morreram — eu rosnei.

Ele me deu outro sorriso triste. — E eu também.

Tucker saiu da cabine, levantou-se e abotoou o paletó, colocando a armadura de volta em mais de uma maneira. Ele me deu um profundo e respeitoso aceno, antes de caminhar até a porta da frente, abri-la e sair para o sol frio do inverno.

Capítulo 31

Sentei-me na cabine e observei o vampiro caminhar pela calçada e sumir de vista. No segundo em que Tucker desapareceu, Silvio deixou seu banquinho no balcão e caminhou até mim.

— Você quer que eu o siga? — Ele perguntou. — Tente rastreá-lo ou o carro dele? Ainda consigo alcançá-lo.

Eu balancei a cabeça. — Não. Ele não é meu problema, e ele não é meu inimigo. Não hoje, de qualquer maneira.

Silvio olhou para mim. — Eu ouvi o que ele disse sobre a sua mãe. Sobre os seus... sentimentos por ela. Bria sabe?

Eu balancei a cabeça novamente. — Não. Owen sabe, mas eu não contei a Bria ainda. Mas eu vou. Amanhã. Tucker, o Círculo, procurar por Mason. Tudo voltará ao normal amanhã.

— E hoje? — Silvio perguntou em um tom calmo.

Eu olhei para o restaurante, meu olhar indo de uma pessoa para outra. Sophia em pé perto de um dos fogões, mexendo uma panela de feijões cozidos. Mosley terminando a sua refeição. Jade e Ryan com suas cabeças juntas, conversando e rindo. Elissa, Eva, Violet e Catalina conversando em sua cabine. Todos os outros clientes desfrutando de seu churrasco.

— Hoje? Eu vou aproveitar o que tenho.

Silvio assentiu e voltou para o seu banquinho. Eu fiquei de pé, caminhei até o balcão e fui para trás dele.

Eu precisava fazer mais um pote do molho secreto de churrasco de Fletcher hoje, entre outras coisas, e eu rapidamente me perdi nos ritmos

reconfortantes de cozinhar, limpar e servir clientes. Enquanto isso, no entanto, eu ficava pensando em tudo que eu tinha que fazer a seguir, minha mente girando uma vertente depois da outra, amarrando-as juntas em uma teia de certeza.

Eu disse a Silvio a verdade. Hoje eu apreciaria e ficaria grata por tudo que eu tinha. O restaurante, meus amigos, minha família, Owen.

Mas eu também disse a Tucker a verdade. Eu nunca desistiria da minha busca para descobrir mais sobre a minha mãe e o que levou ao seu assassinato, e eu não recuaria das pessoas poderosas que a tinham levado para longe de mim.

Então, amanhã eu começaria a descobrir uma maneira de manter meus amigos e minha família a salvo durante a minha futura guerra com o Círculo.